

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

André Luis Antonelli

Sintaxe da Posição do Verbo e Mudança Gramatical na História do Português Europeu

Tese apresentada ao Instituto de Estudos
da Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para ob-
tenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Charlotte Marie Chambelland Galves

Campinas

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

An88s

Antonelli, André Luís, 1980-
Sintaxe da Posição do Verbo e Mudança Gramatical
na História do Português Europeu / André Luís Antonelli. --
Campinas, SP : [s.n.], 2011.

Orientador : Charlotte Marie Chambelland Galves.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua portuguesa – Verbo. 2. Princípios e
parâmetros (Linguística). 3. Mudança linguística. I. Galves,
Charlotte, 1950-. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: The Syntax of Verb Position and Grammatical Change in the
History of European Portuguese.

Palavras-chave em inglês:

Portuguese language - Verb

Principles and Parameters (Linguistics)

Linguistic change

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora:

Charlotte Marie Chambelland Galves [Orientador]

Ilza Maria de Oliveira Ribeiro

Maria Aparecida Correa Ribeiro Torres Moraes

Sonia Maria Lazzarini Cyrino

Maria Clara Paixão de Sousa

Data da defesa: 20-12-2011.

Programa de Pós-Graduação: Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Charlotte Marie Chambelland Galves

Ch. Galves

Ilza Maria de Oliveira Ribeiro

Ilza Ribeiro

Maria Aparecida Correa Ribeiro Torres Morais

Maria Aparecida Correa Morais

Sonia Maria Lazzarini Cyrino

Sonia Maria Lazzarini Cyrino

Maria Clara Paixão de Sousa

Maria Clara Paixão de Sousa

Maria Filomena Spatti Sandalo

Aroldo Leal de Andrade

Cristiane Namiuti-Temponi

IEL/UNICAMP
2011

À minha esposa

Agradecimentos

Esta tese se beneficiou do apoio de muitas pessoas e instituições, às quais deixo meu agradecimento aqui.

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, Charlotte Galves. Durante todo o percurso, ela sempre se mostrou paciente com as minhas indecisões. Também sempre soube apontar caminhos interessantes nos momentos em que eu não sabia como encaminhar o trabalho. Com certeza, levarei sua influência não apenas para a minha vida profissional, mas também pessoal.

Também agradeço às professoras que participaram da minha banca de defesa. Ilza Ribeiro e Cida Torres são fontes que consultei de maneira constante, tendo em vista a importância de seus trabalhos para a questão do efeito V2 na história do Português. Maria Clara Paixão de Sousa fez uma leitura muito atenta de uma versão anterior deste trabalho, apontando aspectos que poderiam ser melhor abordados. Sonia Cyrino me impressiona por sempre ter uma referência bibliográfica atualizadíssima sobre qualquer questão. Sem dúvida, o impacto dessas professoras para o meu trabalho é incalculável.

Muitas outras pessoas me ajudaram nesse percurso acadêmico, seja conversando especificamente sobre o meu trabalho, seja atendendo a alguma solicitação de referência bibliográfica. Obrigado a Juanito Avelar, Carlos Felipe, Timothy Gupton, Liliane Haegeman, Mary Kato, Carlos Mito, Garrett Mitchener, Sandra Paoli, Eduardo Raposo, Beatrice Santorini, Ioanna Sitaridou e Juan Uriagereka.

Agradeço ao professor Anthony Kroch por ter me recebido tão bem na Universidade da Pensilvânia. Além de sua hospitalidade, suas aulas foram extremamente valiosas.

A experiência de ter passado tanto tempo na Unicamp foi ainda melhor porque tive a satisfação de conviver com ótimos colegas de pós-graduação: Aroldo de Andrade, Sabrina Casagande, Alba Gibrail, Elisângela Gonçalves, Aline Gravina, Paulo Medeiros Junior, Gilcéia Menezes, Cristiane Namiuti, Marcos Pires, Vivian Meira, Flaviane Fernandes-Svartman e Lilian Teixeira. Dois desses companheiros de vida acadêmica

merecem um destaque especial. Na sala do projeto *Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Linguística*, a companhia do Pablo era sempre muito agradável. Nossas conversas cobriam um variado leque de temas, indo desde modelos linguísticos de aquisição da linguagem até divertidas análises sobre a rodada de futebol do final de semana. Carlos Felipe é uma dessas pessoas extremamente singulares, já que sempre tem uma opinião muito bem definida sobre qualquer tema. Era ótimo apresentar a ele qualquer uma das minhas hipóteses de trabalho, já que eu sabia que ele com certeza teria alguma coisa interessante a dizer.

Durante o meu estágio nos EUA, foi muito bom conviver com a família Shade (Steve, Lani, Abigail e Ethan). Foi como se eu estivesse em minha própria casa.

Nesses cinco anos de pesquisa, sempre tive ótimas condições de trabalho. Isso ocorreu graças à bolsa de doutorado da Fapesp (processo 06/58999-0) e à infra-estrutura oferecida pela Unicamp. A essas duas instituições também destaco o meu muito obrigado.

Quero mencionar o meu carinho e agradecimento especial à minha família, que me apoiou e incentivou independentemente dos meus resultados acadêmicos. Mesmo à distância, meus pais e meu irmão sempre procuraram me ajudar. E quando eu ia a Campestre então, praticamente me carregavam no colo! Também destaco o apoio dos meus sogros, Elcio e Lene, que me recebiam como um filho todas as vezes que eu ia a Jundiaí. E claro, ter concluído essa tese foi menos angustiante porque tive a Ellen sempre do meu lado. Nos momentos de incerteza e ansiedade, o seu amor era um verdadeiro oásis no deserto. Como eu sou feliz por ter uma companheira como você, Ellen!

Por fim, acredito que todas as coisas pelas quais agradei aqui são, em última instância, um presente do meu querido Pai celestial. Que esse trabalho seja para a honra e glória dEle!

“Até os jovens se cansam e ficam exaustos,
e os moços tropeçam e caem; mas aqueles
que esperam no SENHOR renovam as suas
forças. Voam alto como águias; correm
e não ficam exaustos, andam e não se
cansam.”

Isaías 40:30 e 31

Resumo

O objetivo desta tese é investigar a relação entre a sintaxe da posição do verbo e as propriedades de fronteamto de sintagmas na história do Português Europeu, olhando especificamente para o período de tempo que se estende do século 16 ao 19. Para a realização dessa pesquisa, o quadro teórico adotado será a versão minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros (cf. Chomsky 1995 e trabalhos subsequentes), usando como base para as idéias de estrutura oracional as propostas do projeto cartográfico, especificamente as que se referem à periferia à esquerda da sentença (cf., em particular, Rizzi 1997). Como também se trata de um estudo diacrônico que discutirá questões de mudança linguística, utilizaremos como arcabouço teórico para esse fim os trabalhos de Kroch (1989, 1994, 2000) e Lightfoot (1991, 1999, 2006). Apresentaremos evidências de que, até o fim do século 17, o Português manifestava um comportamento semelhante ao de línguas V2 no que diz respeito à propriedade de movimento do verbo, porém bastante diferenciado com relação às possibilidades de fronteamto de XP's. Argumentaremos que a natureza V2 bastante particular desse período é resultante do modo como a sintaxe da posição do verbo se relaciona com requerimentos da periferia da sentença, em particular no que diz respeito à maneira como o EPP associado aos traços *phi* do núcleo Fin são checados. Para os séculos 18 e 19, mostraremos que o Português já instancia a sintaxe da língua moderna, sem apresentar as propriedades de uma língua V2. Esse resultado vai ao encontro de diversos trabalhos, os quais, investigando outros aspectos sintáticos da diacronia do Português Europeu, mostram que a passagem do século 17 para o 18 marca o início do sistema gramatical contemporâneo.

Palavras-chave: Língua portuguesa – Verbo; Princípios e parâmetros (Linguística); Mudança Linguística.

Abstract

The goal of this dissertation is to investigate the relation between the syntax of verb position and the properties of XP fronting in the history of European Portuguese, looking specifically at the period of time which goes from the 16th up to the 19th century. The framework adopted is the minimalist version of the Principles and Parameters Theory (see Chomsky 1995 and subsequent works), using the ideas of the cartographic project as a basis for the proposals of clause structure, in special those concerning to the left periphery of the sentence (see, in particular, Rizzi 1997). Since this dissertation also deals with aspects of linguistic change, we will follow theoretical assumptions presented in Kroch (1989, 1994, 2000) and Lightfoot (1991, 1999, 2006). We will present evidences that, until the end of the 17th century, Portuguese manifested a behavior similar to that of Verb Second (V2) languages concerning the property of verb movement, but with striking differences in relation to the possibilities of XP fronting. In our analysis, this derives from the way the syntax of verb position relates to the requirements of the periphery of the sentence, in particular those concerning the checking of the EPP associated to the *phi* features of the Fin head. As for the 18th and the 19th centuries, we will show that Portuguese already instantiated the syntax of the modern language, without presenting the properties of a V2 language. This result is in line with different works, which, investigating other syntactic aspects of the diachrony of European Portuguese, show that, from the 18th on, there is the beginning of the contemporary grammatical system.

Keywords: Portuguese language – Verb; Principles and Parameters (Linguistics); Linguistic change.

Sumário

Apresentação	1
1 Pressupostos Teóricos	5
1.1 Introdução	5
1.2 Aspectos Relativos à Teoria Sintática	5
1.2.1 O Desenvolvimento da Categoria CP	5
1.2.2 O CP Cindido	7
1.2.3 O Programa Minimalista	13
1.3 Teoria da Mudança Linguística e Periodização do Português Europeu	16
1.3.1 Aspectos da Teoria da Mudança Linguística	16
1.3.2 Olhando para a Periodização do Português Europeu	18
1.4 Sumário	30
2 O Efeito V2 nas Línguas Naturais	31
2.1 Introdução	31
Parte I: O Efeito V2 nas Línguas Germânicas	32
2.2 Os Dados	32
2.3 Explicando o Fenômeno V2	38
2.3.1 A Hipótese CP-V2	39
2.3.2 A Hipótese IP-V2	47
2.3.3 O Fenômeno V2 sob uma Perspectiva Cartográfica	54
2.3.3.1 A Análise de Roberts (2004)	55
2.3.3.2 Uma Análise Alternativa	62
2.4 Sumário	66
Parte II: O Debate sobre o Efeito V2 na História do Português	67
2.5 O Problema	67
2.6 Propostas V2	67

2.7	Propostas não V2	76
2.8	Sumário	81
3	Material, Métodos e Descrição dos Dados	83
3.1	Introdução	83
3.2	O Corpus	83
3.3	Metodologia de Coleta e Descrição dos Dados	87
3.4	Descrição dos Dados	90
3.4.1	Introdução Geral	90
3.4.2	Panorama das Construções V1	94
3.4.2.1	Construções V1 nos Séculos 16 e 17	98
3.4.2.2	Construções V1 nos Séculos 18 e 19	105
3.4.3	Panorama das Construções V2	110
3.4.3.1	Construções V2 nos Séculos 16 e 17	113
3.4.3.2	Construções V2 nos Séculos 18 e 19	121
3.4.4	Panorama das Construções V3	127
3.4.4.1	Construções V3 nos Séculos 16 e 17	131
3.4.4.2	Construções V3 nos Séculos 18 e 19	141
3.5	Sumário	147
4	Posição do Verbo, Efeito V2 e Mudança no Português	149
4.1	Introdução	149
4.2	A Sintaxe do Português Médio	150
4.2.1	A Sintaxe da Posição do Verbo	151
4.2.1.1	A Posição do Verbo em Orações Matrizes	151
4.2.1.2	A Posição do Verbo em Orações Subordinadas	160
4.2.2	EPP, Ordem Linear V2 e Violações	172
4.2.2.1	Fronteamento no PM: Violando a Ordem V2	172
4.2.2.2	Reanalizando a Sintaxe de Fronteamento no PM	179
4.2.2.3	Algumas Previsões	184
4.2.2.4	Uma Comparação Trans-linguística	187
4.3	A Sintaxe do Português dos Séculos 18 e 19	193
4.3.1	A Posição do Verbo no PE Atual	194
4.3.2	A Posição do Verbo no PE dos Séculos 18 e 19	200
4.3.3	Algumas Previsões	206

4.4 Sumário	208
Conclusão	211
Referências Bibliográficas	215
Apêndice – Buscas Sintáticas	229

Apresentação

No âmbito dos estudos gerativistas sobre as línguas românicas, uma questão amplamente discutida é se, em estágios passados, tais línguas manifestavam o fenômeno V2, isto é, a restrição na ordem de palavras determinando que, em orações matrizes, o verbo finito apareça necessariamente em segunda posição, sendo precedido por um sintagma inicial de qualquer natureza sintática. Por exemplo, na linha do que Thiersch (1978) propõe para as línguas V2 germânicas, Adams (1987) defende que o Francês Antigo se caracteriza por apresentar, em orações declarativas matrizes, as duas propriedades básicas de línguas V2: movimento do verbo para a periferia da sentença e deslocamento de um XP qualquer para uma posição pré-verbal periférica. Na análise de Adams, isso corresponde a dizer que o verbo se move para o núcleo C e um XP qualquer é deslocado para SpecCP (cf. também Vance 1989). Propostas similares, embora apresentando às vezes variações na análise estrutural da ordem V2, são defendidas também para o Espanhol Antigo (cf. Fontana 1993; Pinto 2011) e para dialetos medievais da Itália (cf. Benincà 2006; Ledgeway 2008). Essa idéia, porém, não é unânime, já que diversos trabalhos questionam a hipotética natureza V2 das línguas românicas em estágios passados (cf., por exemplo, Kaiser 2002; Cruschina & Sitaridou 2009; Rinke & Meisel 2009).

Em relação ao Português, um debate semelhante tem ocorrido desde os anos 90. Trabalhos como os de Ribeiro (1995), Torres Morais (1995), Paixão de Sousa (2004) e Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005), entre outros, já propuseram que, em estágios anteriores, o Português Europeu se comportava como uma língua V2. Por exemplo, à semelhança do que Adams (1987) propõe para o Francês Antigo, Ribeiro argumenta que, no Português dos séculos 13 a 16, as orações declarativas matrizes também se caracterizavam por instanciar movimento do verbo para C e preenchimento de SpecCP por um XP de qualquer natureza sintática, de modo similar ao que ocorreria numa língua V2 como o Alemão. No entanto, hipóteses como as de Ribeiro também têm sido questionadas, como assim o fazem, entre outros, Kaiser (1999) e Rinke (2009). Na

proposta de Rinke, por exemplo, o Português dos séculos 13 e 14 apresenta, em orações declarativas matrizes, uma sintaxe da posição do verbo semelhante à do Português Europeu Moderno, com alçamento do constituinte verbal apenas até o núcleo T. Ou seja, para essa autora, ao menos em relação à propriedade de movimento do verbo, o Português nunca apresentou um paradigma de língua V2 como o Alemão, o que, evidentemente, lança dúvidas sobre a hipotética natureza V2 do Português em fases passadas.

Considerando esse debate, o objetivo do presente trabalho é investigar se, ao longo do seu desenvolvimento, o Português Europeu realmente se caracterizou como um sistema gramatical V2. Investigando o período de tempo que se estende do século 16 ao 19, olharemos para questões relacionadas à sintaxe da posição do verbo e às possibilidades de fracionamento de XP's para a periferia da sentença. Mostraremos que, em relação à propriedade de movimento do verbo, o Português dos séculos 16 e 17 apresenta um comportamento idêntico ao de línguas V2, ainda que manifestando diferenças substanciais no que diz respeito à sintaxe de fracionamento de XP's. Argumentaremos que a natureza V2 bastante particular desse período é resultante do modo como a sintaxe da posição do verbo se relaciona com requerimentos da periferia da sentença. Para os séculos 18 e 19, defenderemos que o Português já não mais instancia propriedades de línguas V2. Esse resultado vai ao encontro de diversos trabalhos, os quais, investigando outros aspectos sintáticos da diacronia do Português Europeu, mostram que a passagem do século 17 para o 18 marca o início do sistema gramatical contemporâneo (cf., entre outros, Paixão de Sousa 2004; Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005; Cavalcante 2006; Floripi 2008; Namiuti 2008; Andrade 2010; Gibrail 2010; Trannin 2010).

Para a realização dessa pesquisa, o quadro teórico adotado será a versão minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros (cf. Chomsky 1995 e trabalhos subsequentes), usando como base para as idéias de estrutura oracional as propostas do projeto cartográfico, especificamente as que se referem à periferia à esquerda da sentença (cf., em particular, Rizzi 1997). Como também se trata de uma pesquisa que abordará questões diacrônicas, utilizaremos como arcabouço teórico para esse fim os trabalhos de Kroch (1989, 1994, 2000) e Lightfoot (1991, 1999, 2006).

Esta tese encontra-se organizada em quatro capítulos. No primeiro deles, faremos uma apresentação dos pressupostos teóricos que serão assumidos no trabalho. Em particular, abordaremos aspectos relativos à teoria sintática e à teoria da mudança linguística. Ainda no capítulo 1, apresentaremos também uma proposta de periodização do Português. No capítulo dois, discutiremos a questão do fenômeno V2 nas línguas

naturais. Na primeira parte desse capítulo, o enfoque será sobre a ocorrência desse fenômeno nas línguas germânicas. Na segunda parte, faremos uma revisão do debate existente a respeito da hipotética natureza V2 do Português em estágios passados. O terceiro capítulo se propõe a introduzir o corpus de nossa pesquisa, discutir questões relativas à coleta e descrição dos dados e apresentar os padrões de ordem de palavras atestados em nosso material de investigação. Por fim, no quarto capítulo, apresentaremos a nossa análise para o material linguístico que nos propusemos a estudar.

Capítulo 1

Pressupostos Teóricos

1.1 Introdução

Neste capítulo, o objetivo é apresentar um conjunto de pressupostos teóricos que servirão de base para as discussões nos próximos capítulos. Inicialmente, na seção 1.2, apresentaremos aspectos relativos à teoria sintática. Num primeiro instante, centraremos nosso foco em considerações sobre a periferia à esquerda da sentença, com uma atenção para os desenvolvimentos realizados dentro da hipótese do CP cindido (cf. Rizzi 1997). Em adição a isso, faremos também uma rápida introdução a alguns pontos do Programa Minimalista (cf. Chomsky 1995, 2000, 2001, 2004). Na seção 1.3, apresentaremos questões de diacronia, focalizando alguns aspectos teóricos relativos à mudança linguística. Dois pontos principais serão discutidos: i) a idéia de que o processo de aquisição da linguagem subjaz à mudança linguística (cf. Lightfoot 1991, 1999, 2006); e ii) a idéia de gramáticas em competição dentro de um mesmo indivíduo (cf. Kroch 1989, 1994, 2000). Na sequência, esses dois pontos serão articulados com a questão da periodização do Português Europeu.

1.2 Aspectos Relativos à Teoria Sintática

1.2.1 O Desenvolvimento da Categoria CP

O desenvolvimento da categoria funcional CP (*Complementizer Phrase*) tem as suas bases lançadas com o trabalho pioneiro de Rosenbaum (1967), que é considerado o primeiro autor a introduzir na literatura linguística o termo “complementizador”. Em sua caracterização inicial, Rosenbaum define os complementizadores como constituintes

pertencentes a um grupo específico de elementos que introduzem predicados com a função sintática de complemento. Dentro dessa classe, são incluídos elementos como *that* e *for* do Inglês, ilustrados com os exemplos a seguir (Rosenbaum 1967:24).

- (1) a. I think that Fords are too expensive.
 b. I should like very much for you to reconsider your refusal.

No âmbito da teoria gerativa, é a partir de Bresnan (1970) que os complementizadores adquirem o *status* de categoria sintática. Nesse trabalho, tais elementos passam a ser inseridos nas regras de estrutura sintática como COMP. Para Bresnan, todas as sentenças que fazem uso de um complementizador teriam uma representação estrutural tal como a esquematizada em (2).

- (2) [s' COMP [s XYZ]]

Além disso, Bresnan nota que essa nova categoria não é esvaziada de conteúdo semântico, como defendiam então certos estudos (cf., por exemplo, Kajita 1967). De fato, seguindo trabalhos como o de Anscombe (1967), a autora argumenta que cada complementizador tem um conteúdo semântico particular atrelado a si, o que, em conexão com as propriedades de um elemento regente (seja um verbo ou um adjetivo, por exemplo), podem desencadear diferentes interpretações.

Nos final dos anos 70, com o desenvolvimento da teoria X-barrá (cf. Jackendoff 1977), a descrição estrutural das categorias sintáticas passa a ser regulada por um sistema invariável de representação. Em síntese, a teoria X-barrá considera que uma projeção sintagmática plena (XP) consiste de um núcleo (X), o qual, em combinação com seu complemento, projeta um nível intermediário (X'). Propõe-se também que especificadores são adicionados ao nível X', dando forma então a uma projeção plena (XP). Essa nova proposta de descrição estrutural é esquematizada em (3), onde os constituintes YP e ZP representam, respectivamente, o complemento de um núcleo X qualquer e o elemento no especificador de XP.

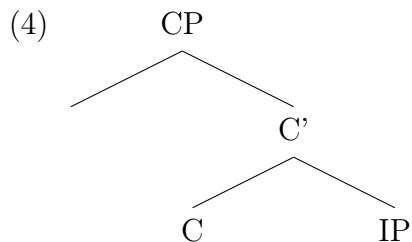
- (3)
-
- ```

graph TD
 XP --> ZP
 XP --> Xp[X']
 Xp --> X
 Xp --> YP

```



Em vista dos pressupostos da teoria X-barra, a categoria COMP passa a ser entendida como uma camada estrutural formada por um núcleo C (*Complementizer*) que projeta um nível máximo designado de CP (*Complementizer Phrase*) (cf. Chomsky 1986a). Essa nova camada disponibilizaria um especificador e estaria, hierarquicamente, acima da projeção funcional IP (*Inflectional Phrase*). Em (4), apresentamos uma representação arbórea dessa reformulada concepção de COMP.



No novo formato X-barra para a categoria sintática COMP, o núcleo C é caracterizado como uma posição onde os complementizadores propriamente ditos são inseridos.<sup>1</sup> Já a posição SpecCP se torna o *locus* padrão para onde podem se mover sintagmas fronteados, tais como elementos *wh*.

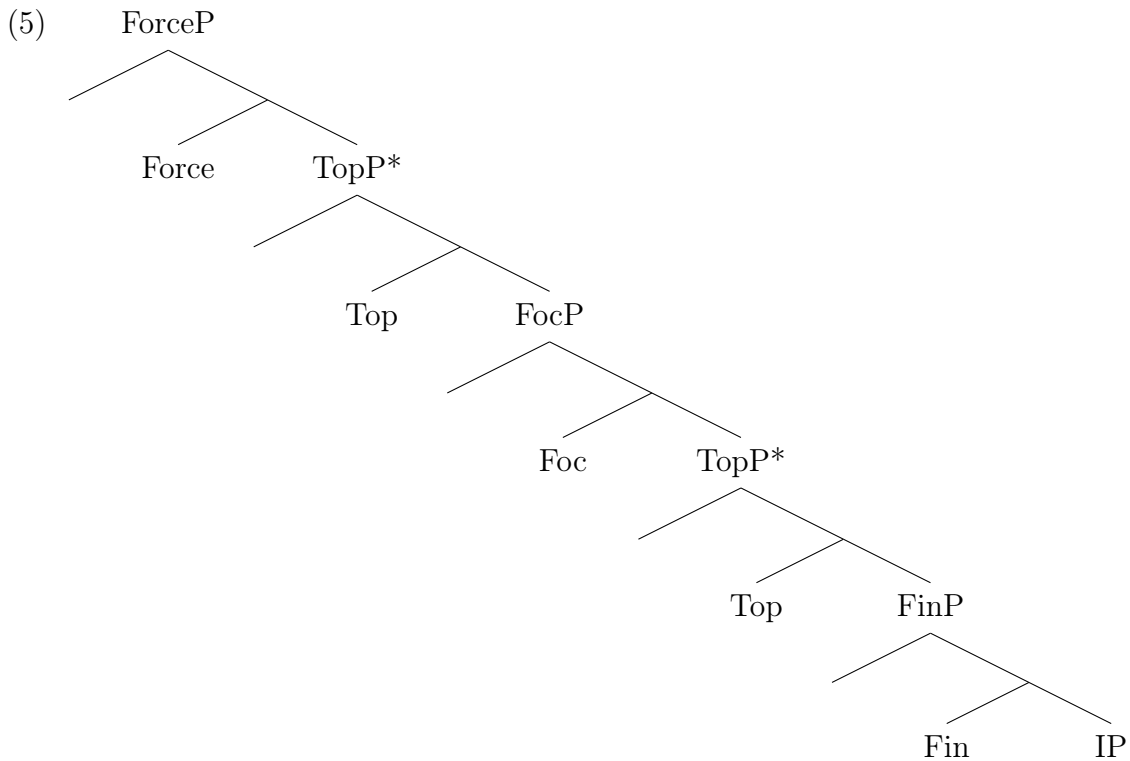
### 1.2.2 O CP Cindido

Investigando aspectos relativos à periferia da sentença, Rizzi (1997) propõe uma cisão para a categoria funcional CP. Em sua proposta, a periferia à esquerda da oração apresentaria uma estrutura tal como a esquematizada em (5).<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup>É importante destacar, no entanto, que, com o aumento de trabalhos comparativos, viu-se que não apenas complementizadores podem ocupar o núcleo C. Vincent (1993) aponta que, em Finlandês e Latim, o núcleo de CP pode ser ocupado por um elemento de negação. A esses exemplos podemos juntar os casos de movimento do verbo para C em orações interrogativas de línguas como o Inglês (cf. Rizzi 1996), que também seriam ilustrativos da capacidade de o núcleo C abrigar não apenas complementizadores. De fato, a partir do próximo capítulo, discutiremos a questão do movimento do verbo para C, mais especificamente em línguas que mostram a propriedade V2 em orações declarativas, o que é considerado também um caso clássico no qual o núcleo de CP não é ocupado por um complementizador (cf. den Besten 1983).

<sup>2</sup>O asterisco nas duas projeções de TopP indica a possibilidade de recursividade de cada uma delas.



Em (5), a periferia à esquerda da sentença é decomposta em quatro projeções distintas, cada uma delas com um importe estrutural ou semântico/pragmático específico, conforme proposto por Rizzi. ForceP e FinP seriam responsáveis por colocar o sistema CP em relação com a estrutura superior e inferior, respectivamente. Quanto às projeções TopP e FocP, a função de cada uma delas seria articular, respectivamente, informações do tipo tópico(-comentário) e foco(-pressuposição).

A motivação teórica para a existência das categorias sintáticas ForceP e FinP, a primeira na extremidade superior e a segunda na extremidade inferior da periferia da oração, está relacionada ao fato de que um dos papéis do sistema CP é entrar em relação tanto com a estrutura acima da sentença (isto é, uma oração superior ou, no caso de sentenças matrizes, a articulação do discurso) como também com a estrutura abaixo de C (isto é, o conteúdo proposicional expresso por IP). No caso do primeiro tipo de relação, sabe-se que complementizadores podem expressar, entre outras coisas, o tipo de oração por eles encabeçada (isto é, informar se a sentença dependente é declarativa, interrogativa, exclamativa etc), e, como tais, podem ser selecionados por um constituinte acima deles. Para Rizzi, informação dessa natureza é codificada no núcleo de ForceP. No Português Brasileiro, por exemplo, isso fica evidente nos usos dos

complementizadores *que* e *se*, como mostram os contrastes em (6).

- (6) a. O João disse **que** / \***se** a carta já chegou.  
 b. O João perguntou \***que** / **se** a carta já chegou.

O exemplo (6a) mostra que um verbo regente como *dizer* não pode selecionar o complementizador interrogativo *se*, mas apenas o complementizador declarativo *que*. Por outro lado, o exemplo (6b) mostra uma situação oposta. Um verbo regente como *perguntar* seleciona o complementizador *se*, e não o complementizador *que*. No caso desses exemplos, fica claro que o sistema CP, enquanto representado pelos complementizadores *que* e *se*, deve estabelecer uma conexão com a estrutura acima, o que corrobora, em termos teóricos, a existência de uma categoria como ForceP.

Quanto ao segundo tipo de relação estabelecida no sistema CP, isto é, a conexão com o conteúdo proposicional expresso por IP, trata-se de uma observação tradicional o fato de que a escolha do complementizador reflete determinadas propriedades do sistema verbal da sentença. O Inglês é um típico exemplo dessa conexão, dado que o complementizador *that* co-ocorre com um verbo finito, ao passo que o complementizador *for* está associado a um verbo na forma infinitiva (cf. os exemplos em (1)). Na proposta de Rizzi, essas informações relativas à finitude da sentença são expressas na periferia da oração por meio do núcleo de FinP.

Como evidência empírica para a existência das categorias ForceP e FinP na estrutura oracional, Rizzi apresenta dados do Italiano. O autor mostra que, em relação às possibilidades de ordenamento linear, há um tipo de assimetria entre o complementizador *che*, utilizado em sentenças finitas, e o complementizador *di*, utilizado em sentenças infinitivas. O primeiro deles sempre precede elementos frontados (cf. o contraste em (7)), ao passo que o segundo deles é sempre antecedido por constituintes deslocados (cf. o contraste em (8)) (Rizzi 1997:288).

- (7) a. Credo che **il tuo libro**, loro lo apprezzerebbero molto.  
*I-believe that your book they it would appreciate a lot*  
 ‘I believe that your book, they would appreciate it a lot.’  
 b. \*Credo, **il tuo libro**, che loro lo apprezzerebbero molto.  
*I-believe your book that they it would-appreciate a lot*
- (8) a. \*Credo di **il tuo libro**, apprezzarlo molto.  
*I-believe ‘of’ your book to-appreciate-it a lot*

- b. Credo, **il tuo libro**, di apprezzarlo molto.  
*I-believe your book ‘of’ to-appreciate-it a lot*

Rizzi argumenta que, caso se assuma apenas uma projeção na periferia à esquerda da sentença, os fatos ilustrados pelos complementizadores *che* e *di* são completamente inesperados. Por outro lado, eles podem ser coerentemente analisados caso se assuma que o complementizador *che* é a realização fonética do núcleo Force, ao passo que o complementizador *di* é a manifestação do núcleo Fin, o que explicaria os lados opostos em que os dois aparecem em relação a sintagmas fronteados.

Além dessas relações de seleção entre o sistema CP e os sistemas estruturais superior e inferior, outras funções independentes de restrições de seleção também podem ser expressas na periferia à esquerda da sentença, tais como as noções discursivas de tópico(-comentário) e foco(-pressuposição). Na proposta de Rizzi, a codificação dessas noções também envolveria a presença de uma projeção sintática específica, e não a criação de uma estrutura de adjunção: tópicos ocupariam o especificador de uma das possíveis projeções de tópico, ao passo que constituintes focalizados ocupariam SpecFocP.

Em Aboh (2004), são apresentadas evidências sintáticas que parecem corroborar a hipótese de que a periferia da sentença disponibiliza projeções específicas para constituintes topicalizados e focalizados. Na língua Gungbe, um constituinte topicalizado é sempre acompanhado do morfema *yà*, específico de sentenças com tópicos, como ilustrado em (9) (Aboh 2004:291).

- (9) *dàn ló yà, Kòfí hù-ì*  
*snake Spf<sub>+def</sub> Top Kofi kill-Perf-3sg*  
 ‘As for the specific snake, Kofi killed it.’

Aboh mostra também que nenhum outro constituinte pode aparecer entre o sintagma topicalizado e o morfema de tópico, como se vê em (10) (Aboh 2004:300).

- (10) \**Kòfí égbé yà é nyàn àzónwàtó cé lé kpó*  
*Kofi today Top 3sg chase-Perf workers my Num all*  
 ‘As for Kofi, he fired all my workers today.’

O autor interpreta esses dados assumindo que o tópico ocupa o especificador de uma categoria exclusiva para elementos topicalizados (TopP, na terminologia de Rizzi

1997), devendo estabelecer uma relação *Spec-Head* com o núcleo dessa projeção. No caso da língua em questão, tal núcleo seria realizado através da marca morfológica *yà*.

Em relação à projeção FocP, tem-se um tipo de evidência semelhante. Aboh mostra que, na língua Gungbe, um elemento focalizado na periferia da sentença também é acompanhado de um marcador morfológico específico, no caso a partícula *wè*, como ilustra o exemplo (11) (Aboh 2004:242).

- (11) *xwé wè Rèmí gbá*  
*house Foc Remi build-Perf*  
 ‘Remi built A HOUSE.’

É importante notar, como destaca Aboh, que nenhum outro constituinte pode aparecer entre o sintagma focalizado e o morfema de foco. Isso é exemplificado em (12) (Aboh 2004:242).

- (12) \**xwé ló sò wè Rèmí ná fó*  
*house Spf<sub>def</sub> tomorrow Foc Remi Fut finish*  
 ‘Remi will finish THE HOUSE tomorrow.’

Tal como em relação às estruturas com tópico, Aboh interpreta os dados envolvendo construções com foco como uma evidência de que o sintagma focalizado ocupa uma projeção específica para constituintes dessa natureza (FocP, também seguindo a terminologia de Rizzi 1997). Para essas estruturas, Aboh igualmente defende que o XP portando o traço de foco estabelece uma relação *Spec-Head* com o núcleo de FocP, que, no caso da língua Gungbe, seria realizado morfológicamente através da partícula *wè*.

É importante observar, porém, que, para Rizzi, as categorias TopP e FocP são projetadas na estrutura da oração apenas se necessárias. Em outras palavras, tais categorias estarão presentes na estrutura oracional unicamente se houver um determinado elemento especificado com traços de tópico ou foco, já que tal elemento precisará que esse tipo de traço seja checado dentro de uma relação *Spec-Head* na categoria apropriada da periferia da sentença.

Quanto às evidências para a ordem estrutural de FocP em relação às categorias de tópico, Rizzi apresenta os seguintes dados do italiano (Rizzi 1997:295-296).

- (13) (a) Credo che a Gianni, QUESTO, domani, gli dovremmo dire  
                                   Top                  Foc                  Top                  IP  
 ‘I believe that to Gianni, THIS, tomorrow we should say’

- (b) Credo che domani, QUESTO, a Gianni, gli dovremmo dire  
                   Top          Foc          Top          IP
- (c) Credo che domani, a Gianni, QUESTO gli dovremmo dire  
                   Top          Top          Foc          IP
- (d) Credo che a Gianni, domani, QUESTO gli dovremmo dire  
                   Top          Top          Foc          IP
- (e) Credo che QUESTO, a Gianni, domani, gli dovremmo dire  
                   Foc          Top          Top          IP
- (f) Credo che QUESTO, domani, a Gianni, gli dovremmo dire  
                   Foc          Top          Top          IP

Como se vê nos exemplos em (13), uma seqüência de tópicos pode ser seguida por um constituinte focalizado, que, por sua vez, pode ser seguido por uma seqüência de tópicos. Assumindo que se pode ter apenas um foco na periferia da sentença (cf. (14) a seguir; Rizzi 1997:290), em contraposição à propriedade de recursividade de tópicos, Rizzi tira a seguinte conclusão: o fato de um elemento com a função discursiva de foco poder ser precedido e seguido por uma seqüência de tópicos evidencia que a projeção FocP encontra-se hierarquicamente entre duas projeções TopP, as quais podem ser recursivas.

- (14) \*A GIANNI IL LIBRO darò (non a Piero, l'articolo)  
       *To John the book I'll give (not to Piero, the article)*

Nos últimos anos, essa proposta inicial de Rizzi para o sistema CP tem sido revista por diferentes trabalhos. Benincà (2001), por exemplo, mostra que as projeções de tópico não são recursivas, como previamente defendido em Rizzi (1997). De fato, essa autora propõe que aquilo que poderia ser tomado como um indício da recursividade de TopP na realidade é a manifestação de projeções TopP distintas, cada uma com um valor semântico-discursivo particular. Seguindo essas descobertas de Benincà (2001), Benincà & Poletto (2004) mostram que os constituintes ocupando as possíveis projeções de tópico abaixo de FocP apresentam as características de elementos focalizados. Para elas, a categoria FocP deve se entendida como um espaço estrutural que abriga diferentes projeções especializadas para focos. O próprio Rizzi revisa o seu trabalho inicial, mostrando a necessidade de haver duas posições distintas para elementos interrogativos (Rizzi 2001). Com base em dados do Italiano, é proposto que constituintes *wh*, tais como *che cosa* “o que”, *chi* “quem” e *dove* “onde” ocupam SpecFocP, ao passo

que *perchè* “por que”, por exemplo, ocupa o especificador de uma projeção mais alta, que Rizzi chama de Int(errogative)P. Para os propósitos de nossa tese, entretanto, a despeito das reformulações pelas quais a hipótese do CP cindido tem passado, será suficiente a proposta estrutural delineada em Rizzi (1997) para a periferia à esquerda da sentença.<sup>3</sup>

### 1.2.3 O Programa Minimalista

Além da visão de periferia à esquerda da sentença que assumimos aqui, apresentaremos agora algumas das idéias do Programa Minimalista, tal como desenvolvido a partir da década de 90 (cf., por exemplo, Chomsky 1995, 2000, 2001, 2004), e que serão pressupostas ao longo dessa tese. Enquanto um desdobramento da Teoria de Princípios e Parâmetros (cf. Chomsky 1981 e trabalhos subsequentes), o Programa Minimalista assume a idéia de que a espécie humana é dotada de uma faculdade da linguagem, isto é, um conjunto de traços e capacidades cognitivas que fazem parte da mente/cérebro de cada indivíduo. Essa faculdade compreende um estado inicial, determinado geneticamente e comum a todos os seres humanos, que passa por um processo de desenvolvimento até atingir um estado final, que reflete a habilidade do falante em avaliar expressões linguísticas da língua adquirida. O estado inicial corresponde ao que se tem designado de Gramática Universal (GU): o núcleo da faculdade da linguagem que engloba propriedades universais das línguas. O estado final alcançado, que corresponde à gramática de uma língua específica, resulta da interação do estado inicial com a experiência ante a qual o falante, no processo de aquisição da linguagem, é exposto. Ou seja, a idéia é que todas as crianças nasçam com os mesmos princípios universais de gramática, os quais correspondem às propriedades invariáveis entre as línguas, já que a GU é algo inato à espécie. Entretanto, além desse arcabouço comum, a GU de cada falante também apresentaria um conjunto específico de parâmetros linguísticos, os quais, durante o processo de aquisição da linguagem, teriam seus valores fixados pela criança conforme o *input* recebido, explicando assim o que é particular de cada língua.

---

<sup>3</sup>A proposta do CP cindido, tal como acabamos de expor, insere-se em uma linha de trabalhos que, fortemente influenciados por estudos pioneiros que propuseram cisões para as categorias sintáticas tradicionais (por exemplo, Abney 1987 para a categoria NP e Pollock 1989 para o domínio de IP), têm procurado traçar um mapa detalhado das estruturas funcionais da oração (cf. Cinque 1999, 2002, 2006; Rizzi 1997, 2001, 2004; Belletti 2004b). Este empreendimento, conhecido como *Projeto Cartográfico*, tem contribuído para a identificação de um articulado e rico conjunto de projeções nos mais diversos níveis da estrutura oracional. Para uma apresentação do desenvolvimento histórico dessa linha de pesquisa, incluindo suas bases metodológicas, cf. Cinque & Rizzi (2008).

O Programa Minimalista também propõe que a faculdade da linguagem é composta de um léxico e de um sistema computacional. O léxico corresponde a um repositório que armazena todo o material lexical e funcional de uma determinada língua. O sistema computacional é uma maquinaria mental que gera as expressões linguísticas. Léxico e sistema computacional estão interligados na medida em que, a partir da numeração, isto é, um processo de seleção de elementos do léxico que farão parte de uma determinada derivação sintática, o sistema computacional é abastecido a fim de gerar as expressões que serão enviadas ao sistema conceptual-intencional através de uma interface semântica (*Logical Form*) e ao sistema articulatorio-perceptual através de uma interface fonética (*Phonological Form*).

No processo de derivação sintática realizada pelo sistema computacional, as sentenças são construídas a partir de duas operações básicas. Uma delas é a operação de concatenação (*merge*), que é responsável por combinar dois objetos sintáticos para formar uma estrutura binária (nos moldes da teoria X-barra). A operação de concatenação é de natureza recursiva, já que pode ser aplicada sobre o *output* de uma operação anterior de concatenação. A outra operação básica é designada de movimento (*move*), que, inicialmente, foi definida como um mecanismo que desloca os elementos sintáticos de uma posição para outra no transcorrer da derivação computacional (cf. Chomsky 1995). Mais recentemente, a idéia de movimento tem sido compreendida como o resultado da aplicação de dois mecanismos distintos: uma operação de duplicação de uma certa expressão linguística (*copy*) e sua posterior concatenação em uma nova posição (cf., por exemplo, Nunes 2004). Todas essas operações pelas quais os objetos linguísticos são submetidos ao longo da derivação devem obedecer a princípios rígidos de economia, como por exemplo a idéia de que um movimento ocorre apenas quando motivado (*last resort*) e a idéia de que a operação de concatenação tem preferência sobre a operação de movimento (*merge over move*).

Os itens do léxico que são selecionados para fazer parte da derivação sintática apresentam-se na forma de traços, representando informações de natureza fonológica, semântica e estritamente formais. Assim, um objeto linguístico qualquer corresponderá a uma combinação de traços semânticos, que codificam as informações legíveis no sistema conceptual-intencional, de traços fonológicos, que codificam as informações legíveis no sistema articulatorio-perceptual, e de traços morfosintáticos, que codificam informações puramente gramaticais relevantes na composição estrutural de um objeto.

Em Chomsky (2001, 2004), assume-se também que, ao longo da derivação computacional, os traços especificados nos itens lexicais precisam ser valorados. A operação de



valoração de traços ocorre mediante uma relação de c-comando à distância entre uma sonda (*probe*) e um alvo (*goal*). Um alvo é acessível a uma determinada sonda se ambos compartilham os traços relevantes para a valoração e se não houver nenhum elemento intervindo estruturalmente entre os dois no domínio de c-comando da sonda. Mais especificamente, entende-se que uma sonda é um núcleo sintático com um determinado traço não valorado. Um alvo é um objeto sintático que, além de estar no domínio de c-comando de uma sonda, compartilha do mesmo valor de traço da sonda, podendo, desse modo, valorá-lo.

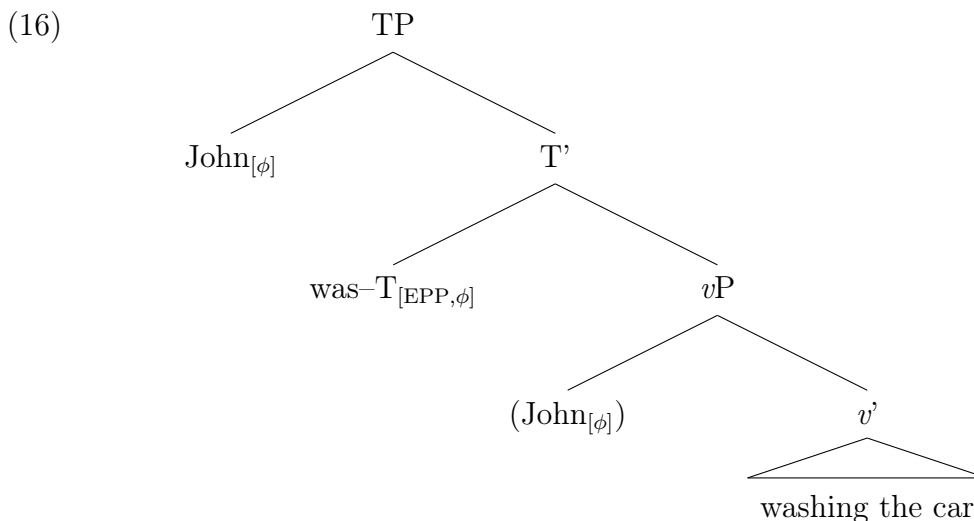
No âmbito dessa teoria de valoração de traços, assume-se que o movimento sintático é motivado sempre que uma sonda vem especificada com o EPP, o qual é entendido como um requerimento estrutural demandando o movimento de um determinado alvo para a posição de especificador da sonda.<sup>4</sup> Ou seja, o movimento sintático ocorre se, entre uma sonda e um alvo que estabelecem uma relação de valoração de traços, há também a propriedade EPP na sonda determinando que o alvo se desloque até o especificador da sonda. A título de exemplificação, vejamos como essa motivação para o movimento sintático acontece numa sentença como (15) do Inglês.

(15) John was washing the car.

Em certo momento da derivação, o núcleo T onde se encontra o verbo *was* seria inserido na estrutura sintática, com o DP sujeito *John* ainda em sua posição base SpecvP. O núcleo T viria especificado com traços  $\phi$ , assim como *John*. Por conta disso, os dois estabeleceriam uma relação de valoração de traços. Como um aspecto adicional, porém, o núcleo T no Inglês também apresentaria a propriedade EPP, o que demandaria o movimento de *John* para a posição SpecTP. Essa derivação é ilustrada em (16).

---

<sup>4</sup>A idéia de EPP na teoria minimalista é uma evolução teórica do Princípio de Projeção Extendida (*Extended Projection Principle - EPP*) de Chomsky (1982), o qual determinava que todas as sentenças apresentassem um sujeito sintático.



Com relação ao movimento de núcleos, uma hipótese aceita é a de que isso não ocorre na sintaxe visível. Na realidade, como sugere Chomsky (2001), o movimento de núcleos seria a manifestação de requerimentos do componente fonético, não apresentando nenhuma relação com o movimento de sintagmas plenos, como, por exemplo, o deslocamento de um XP para a posição SpecTP no Inglês. Nesta tese, porém, assumiremos que o movimento de núcleos é um tipo de operação que ocorre na sintaxe visível, e não apenas um reflexo de requerimentos da interface fonológica da gramática (cf., por exemplo, Branigan 2011).

Em linhas gerais, esses são os pressupostos do Programa Minimalista que teremos em mente no decorrer do nosso trabalho. Na sequência, abordaremos questões de diacronia, focalizando alguns pontos teóricos relativos à mudança linguística, com ênfase em aspectos da evolução do Português Europeu.

## 1.3 Teoria da Mudança Linguística e Periodização do Português Europeu

### 1.3.1 Aspectos da Teoria da Mudança Linguística

Dentro da perspectiva gerativista, estudar a gramática de uma língua qualquer corresponde a investigar a gramática internalizada do falante, aquilo que Chomsky (1986b) designa de *Língua-I*. Especificamente no âmbito da Teoria de Princípios e Parâmetros,

como já apontamos, essa gramática internalizada emerge em cada indivíduo como o resultado da interação entre os princípios da GU (inatos e universais) e os dados linguísticos aos quais o falante é exposto, guiando-o assim no processo de fixação dos parâmetros de sua gramática mental. No âmbito desse arcabouço teórico, entende-se que a mudança linguística ocorre no processo de aquisição da linguagem, com uma geração de falantes fixando os parâmetros de sua gramática internalizada de uma forma diferente da que foi realizada pela geração anterior (cf. Lightfoot 1991, 1999, 2006). Em outras palavras, se a criança fixa os parâmetros de acordo com a geração anterior, a língua permanece estável; caso contrário, a língua muda.

Um estudo diacrônico gerativista se depara com uma série de questões muito particulares. Em primeiro lugar, cabe destacar que, ao olhar para a diacronia de uma língua, teremos acesso simplesmente a amostras da *Língua-E*, isto é, aquilo que as pessoas usam na sua comunicação, o que, numa perspectiva diacrônica, equivale ao material linguístico presente nos textos escritos. Ou seja, não se tem acesso direto à gramática mental dos falantes. Na realidade, esse é um problema que os estudos sincrônicos também enfrentam. No entanto, ao contrário destes, os estudos diacrônicos não podem recorrer à intuição dos falantes para confirmar ou não as suas hipóteses a respeito de uma gramática interna em particular. Ao pesquisador diacrônico encontra-se disponível apenas o texto escrito, com o agravante de que essa fonte de investigação é limitada, por natureza, pelas contingências históricas. Isto é, só teremos acesso aos textos que, pelas mais diferentes razões, conseguiram sobreviver à ação do tempo.

Além disso, uma outra questão importante se coloca. Como se sabe, os dados documentados de mudança se apresentam nos documentos escritos, usualmente, como dados de variação entre formas linguísticas antigas e formas linguísticas novas. Mas, se a mudança ocorre através da aquisição da linguagem, o que, por hipótese, é um processo abrupto das opções disponibilizadas por qualquer parâmetro (cf. Lightfoot 1999), como explicar então a variação de formas linguísticas coexistentes?

Para resolver o problema da variação observado nos textos, Kroch (1989, 1994, 2000) desenvolve o conceito de competição de gramáticas. A idéia central é que, embora na mente do falante a fixação paramétrica que resulta na mudança linguística seja um acontecimento abrupto, a mudança tal como vista superficialmente nos textos ao longo do tempo reflete um processo gradual. O autor reconcilia a idéia de fixação abrupta com um processo gradual argumentando que, uma vez fixado o parâmetro de uma nova gramática, as crianças em processo de aquisição da linguagem também podem instanciar a gramática antiga (devido a questões normativas, por exemplo). Nesse

sentido então, os falantes poderiam ser considerados indivíduos bilíngues em razão do fato de terem internalizado em sua mente os parâmetros de duas gramáticas distintas, embora, na maioria dos casos, muito parecidas entre si superficialmente. Assim, a mudança gradual que usualmente se vê nos textos é um subproduto de um processo de competição de gramáticas que pode acontecer na mente do falante, processo este que, à medida que o tempo passa, tende a substituir a gramática antiga até o seu completo desaparecimento.

A proposta de competição de gramáticas tem um peso importante sobre a questão relacionada ao momento de instanciação da mudança linguística. Como é bem documentado na literatura, os dados de variação entre formas linguísticas antigas e novas sempre projetam um formato de curva em S no plano temporal (cf. Weinreich, Labov & Herzog 1968; Bailey 1973). Muitos trabalhos defendem que, nesse ambiente em que os dados se mostram em variação, a mudança ocorre no final da curva em S, quando as formas linguísticas antigas desaparecem totalmente do repertório dos falantes (cf., por exemplo, Roberts 1993). Entretanto, se assumirmos que, na mente dos falantes, podem coexistir gramáticas distintas, é natural pensar que a emergência de uma nova gramática internalizada ocorre a partir do momento em que as formas linguísticas novas passam a ser produzidas. Ou seja, a mudança ocorre no início da curva em S, quando as formas linguísticas novas de fato aparecem no ambiente linguístico, ainda que em taxas menos elevadas do que as formas antigas. Ao longo do tempo, em decorrência do processo de competição de gramáticas, apenas uma das formas em variação é que permanecerá no repertório linguístico dos falantes. Como veremos, essa maneira particular que a noção de competição de gramáticas oferece para determinar o início da mudança será relevante na exposição que faremos na sequência a respeito da periodização do Português Europeu.

### **1.3.2 Olhando para a Periodização do Português Europeu**

Seja com base em fatores externos (isto é, os aspectos do contexto histórico em que são produzidos os textos), seja com base em fatores internos (isto é, as características linguísticas que são atestadas nas fontes escritas), a periodização da língua portuguesa tem sido tradicionalmente dividida em três etapas: i) uma primeira, que corresponderia ao Português Arcaico, isto é, a língua de que se tem registro a partir dos primeiros documentos até o final da Idade Média; ii) uma segunda, usualmente designada de Português Clássico, que seria representada por textos quinhentistas tardios, textos seiscentistas e

textos setecentistas; e iii) uma terceira fase, designada de Português Europeu Moderno, que se estenderia até a atualidade (cf., Teyssier 1982; Huber 1986). No âmbito da teoria gerativa, uma série de trabalhos que se debruça sobre a diacronia do Português também segue de perto essa periodização tradicional (cf., entre outros, Martins 1994; Ribeiro 1995; Torres Morais 1995).

Uma alternativa a essa visão tradicional é desenvolvida em Galves, Namiuti & Paixão de Sousa (2006). Nesse trabalho, a partir de pesquisas anteriores que focalizaram o fenômeno da colocação de clíticos ao longo da história do Português Europeu (cf. Martins 1994; Ribeiro 1995; Parcero 1999, Paixão de Sousa 2004; Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005; Namiuti *em curso*),<sup>5</sup> defende-se também a existência de três fases na periodização da língua portuguesa. A diferença, porém, em relação à proposta tradicional está no entendimento de quando ocorrem as mudanças de uma fase para outra. Na sequência, apresentamos os pontos principais da proposta de Galves, Namiuti & Paixão de Sousa (GNPS, doravante).

Dois aspectos relacionados à colocação de clíticos são explorados por GNPS. O primeiro deles é a questão da interpolação, isto é, a ordem de palavras em que o clítico pronominal não aparece contíguo ao verbo, como ilustrado no exemplo (17).

- (17) E não faltou quem murmurasse de António de Almeida, havendo que vinha peitado dos Castelhanos, porque trazia peças, e brincos, que **lhe** êles **deram**.

A segunda questão explorada por GNPS diz respeito à alternância ênclise/próclise, isto é, a possibilidade de se ter o clítico ou seguindo ou precedendo o verbo. Na diacronia do Português, as ordens enclítica e proclítica apresentam-se em variação em determinados contextos nos quais, no Português Europeu Moderno, a ênclise é a colocação categórica do clítico. Basicamente, esses contextos são formados por sentenças raízes afirmativas em que o verbo finito é precedido ou por um sujeito referencial, ou por um sintagma preposicional ou por certos advérbios.<sup>6</sup> Como exemplo dessa alternância, apresentamos os dados em (18).

- (18) a. eu **acho me** bem em caminhos chãos,  
b. Ele **me disse** que pasmava como lhe abastava o que tinha

---

<sup>5</sup>Por ocasião da publicação do texto de Galves, Namiuti & Paixão de Sousa (2006), o trabalho de Namiuti (em curso) era o desenvolvimento de sua tese de doutorado. Esse trabalho aparece numa forma final em Namiuti (2008).

<sup>6</sup>Cf. Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) para uma apresentação detalhada desses contextos de variação ao longo da história do Português Europeu.

Apresentando primeiramente a questão da interpolação, GNPS destacam que esse fenômeno é bastante produtivo entre os anos 1200 e 1400, tornando-se, porém, já bastante marginal nos textos seiscentistas e completamente obsoleto no Português Europeu Moderno. Seguindo os trabalhos de Martins (1994), Ribeiro (1995) e Torres Morais (1995), entre outros, GNPS observam que diferentes tipos de elementos podem ocorrer interpolados entre o clítico e o verbo nos documentos produzidos entre os séculos 13 e 16. Na sequência, listamos alguns exemplos de Martins (1994) que são apresentados por GNPS.

- (19) a. o advérbio de negação: “que **me** nom **nẽ ebram**”  
 b. o sujeito: “Isto que **lhes** eu **mãdo**”  
 c. um sintagma preposicional: “asi como **a** atá áqui **dero**”

Porém, como investigado em Namiuti (em curso), em textos dos séculos 16 ao 19 que se encontram presentes no *Corpus Tycho Brahe*,<sup>7</sup> o advérbio de negação *não* continua sendo interpolado, ao passo que a interpolação de outros constituintes é atestada de maneira muito marginal, e apenas nos textos de autores nascidos no século 16. Reunindo os resultados de Martins (1994), Parcerro (1999) e do *Corpus Tycho Brahe*, tal como coletados por Namiuti (em curso), GNPS apresentam dois gráficos que registram a frequência da interpolação desde o século 13 até o século 19 (cf. os gráficos 1.1 e 1.2).<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup>O *Corpus Tycho Brahe* é um corpus histórico do Português acessível na rede mundial de computadores através do seguinte endereço: [www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/index.html](http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/index.html).

<sup>8</sup>GNPS salientam que existem duas diferenças com relação às datas consideradas relevantes nos diferentes *corpora* por elas apresentados: i) Martins (1994) e Parcerro (1999) consideram a data de produção dos textos, enquanto que no *Corpus Tycho Brahe* é considerada a data de nascimento do autor; e ii) nos trabalhos de Martins (1994) e Parcerro (1999), os textos são agrupados por século ou meio século, ao passo que no *Corpus Tycho Brahe* os dados são agrupados individualmente por textos. Nos gráficos 1.1 e 1.2, GNPS procuram tornar os três *corpora* comparáveis considerando, em todos eles, as datas de produção dos textos.

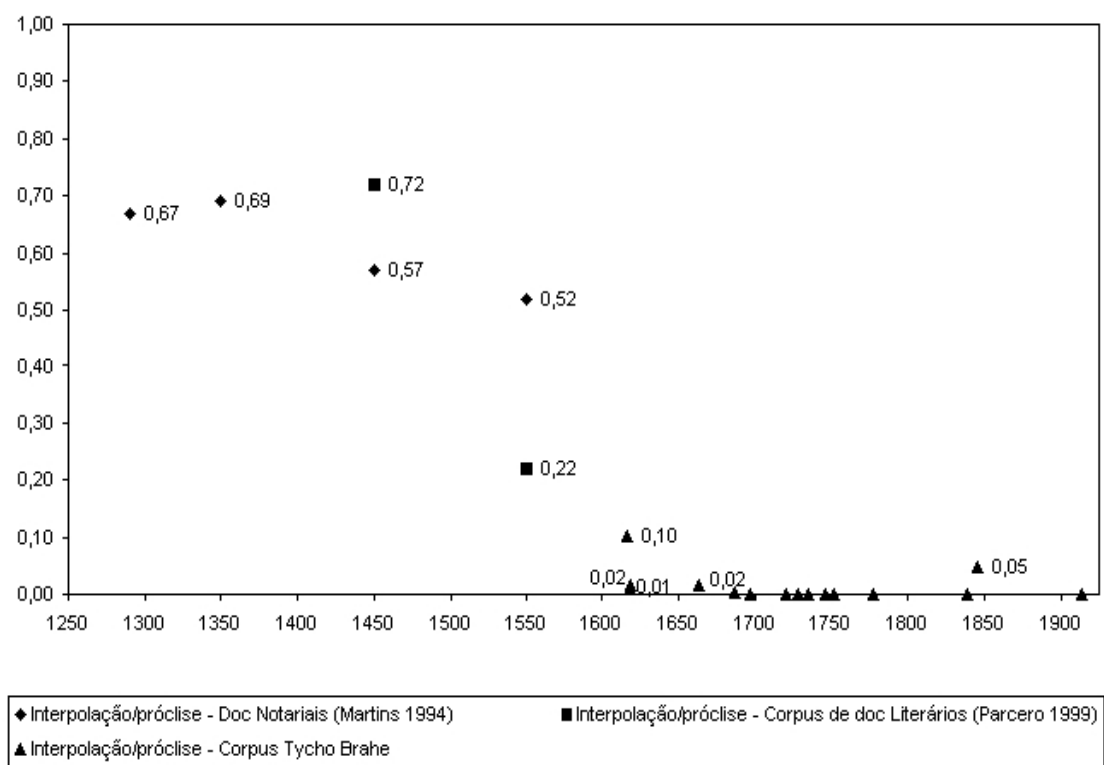


Gráfico 1.1: A interpolação de constituintes generalizados do predicado (gráfico 1 de Galves, Namiuti & Paixão de Sousa 2006).

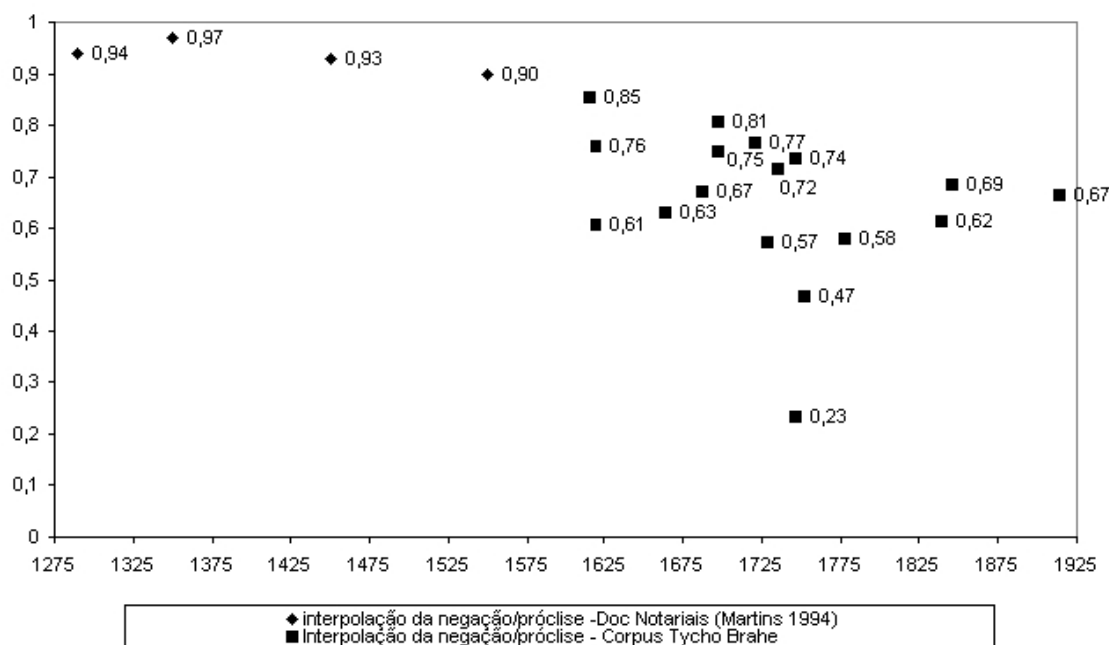


Gráfico 1.2: A interpolação da negação (gráfico 2 de Galves, Namiuti & Paixão de Sousa 2006).

GNPS sintetizam os resultados dos gráficos 1.1 e 1.2 apontando que, nos textos produzidos entre os séculos 13 e 15, o fenômeno da interpolação com qualquer tipo de constituinte (seja o advérbio de negação *não*, sejam outros elementos) é registrado de maneira robusta. Em contraposição a esse quadro, as autoras sinalizam que, a partir do século 16, enquanto o advérbio *não* continua sendo interpolado, a interpolação dos demais constituintes desaparece gradualmente dos textos.

Dois pontos são então levantadas por GNPS em relação ao fenômeno da interpolação. O primeiro deles está relacionado ao fato de que a interpolação da negação, enquanto um fenômeno exclusivo de orações dependentes nos séculos 13 e 14, passa a ser um fenômeno registrado também em orações matrizes a partir do final do século 15. Em (20) é apresentado um exemplo de interpolação da negação em oração dependente, ao passo que em (21) é apresentado um exemplo desse fenômeno em oração matriz.

(20) que **me** nom **n~e**bram

(21) Dom Manoel de Lima **o** não **quiz** ouvir naquele negócio

O outro ponto levantado por GNPS diz respeito à ausência de contiguidade entre



o pronome clítico e a conjunção subordinante em orações dependentes. GNPS lembram, citando os trabalhos de Martins (1994) e Mattos e Silva (1989), que, no período arcaico do Português, há um padrão de contiguidade entre o clítico e o conectivo subordinante, como ilustrado em (22).<sup>9</sup>

(22) que **lhe** êle não **quiz** dar

Com base nos resultados de Namiuti (em curso), GNPS destacam, porém, que, no *Corpus Tycho Brahe*, já se observa um padrão de não-contiguidade entre o elemento subordinante e o clítico, como exemplificado em (23).

(23) Que, na verdade, **me** não **maravilha** pouco

Com relação à questão da adjacência entre o clítico e o elemento subordinante, GNPS apresentam os resultados quantitativos de uma comparação da frequência da ordem de palavras “*conectivo/subordinativo-cl-XP-neg-V*” com a frequência da ordem de palavras “*conectivo/subordinativo-XP-cl-neg-V*” (cf. “e certo que **se** **lhe** ElRei não **mandára** sucessor” versus “que até o Prior dos Agostinhos, seu Confessor, **o** não **pôde** sofrer”), como se vê no gráfico 1.3 logo a seguir.

---

<sup>9</sup>Ilza Ribeiro (c.p.) aponta, porém, a existência de exemplos que mostram a não contiguidade, como se vê no exemplo (i) extraído da obra trecentista *Diálogos de São Gregório*.

(i) Vira que todos **os** pesseguiam (DSG.2.3.56)

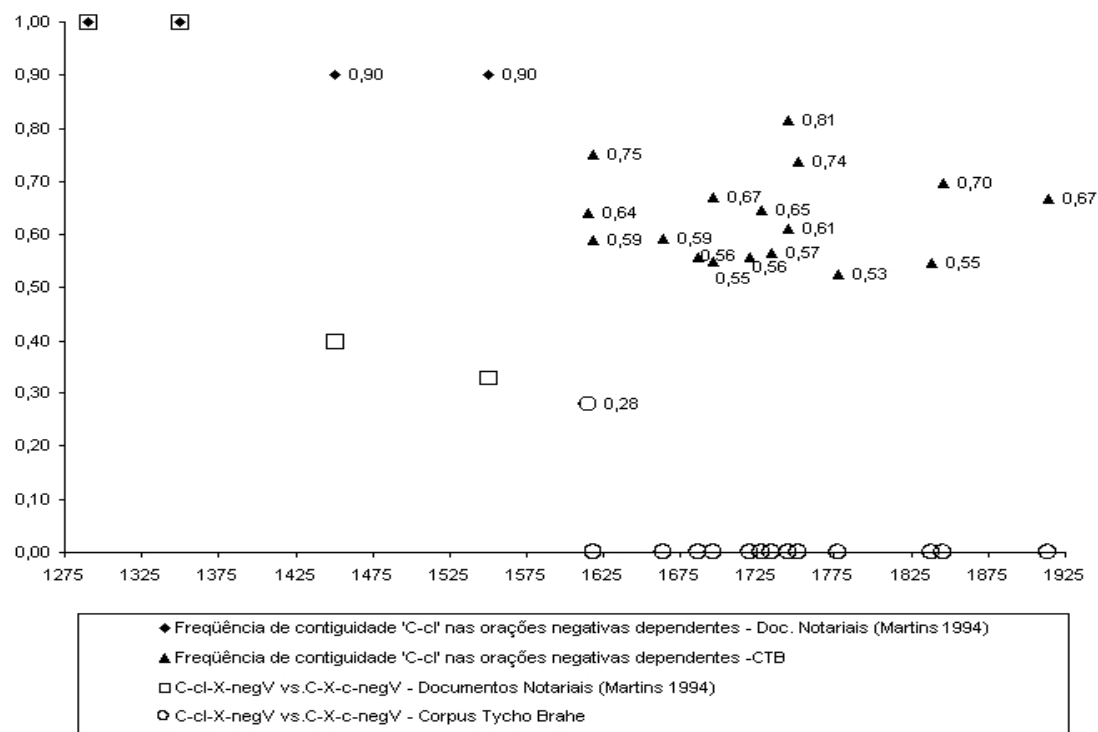


Gráfico 1.3: Frequência de contiguidade do clítico ao elemento subordinante em estruturas com interpolação (gráfico 3 de Galves, Namiuti & Paixão de Sousa 2006).

Em relação ao gráfico 1.3, o que GNPS destacam é que a ordem de palavras com o clítico adjacente ao elemento subordinante deixa de ser categórica nos documentos produzidos a partir dos anos 1400, passando a apresentar um constante declínio. GNPS argumentam ainda que, se considerarmos que o elemento de negação *não*, dada a sua natureza clítica, se diferencia dos demais elementos que podem se interpolar entre o clítico e o verbo, as sequências lineares “*conectivo/subordinativo-cl-neg-V*” são ambíguas entre uma gramática que determina a adjacência entre o clítico e a conjunção e uma gramática que não mais determina essa adjacência.

A partir desse conjunto de fatos e observações, GNPS salientam a seguinte relação: a emergência de um padrão de não-contiguidade entre o clítico e o elemento subordinante e os primeiros registros de interpolação da negação em orações raízes, estes dois fatos tendo o seu início no século 15, coincidem no eixo do tempo com o momento em que a interpolação generalizada de constituintes do sintagma verbal começa a declinar em termos de produtividade. Seguindo as idéias de Kroch (1989, 1994, 2000) no que diz respeito ao momento de implementação da mudança e à maneira como a mudança se espalha ao longo do tempo, essa relação é interpretada pela autoras como uma evidência de que, a partir dos 1400, é instanciada uma nova gramática. Ou seja, nos séculos 13 e 14 haveria uma gramática em que a interpolação generalizada dos constituintes do sintagma verbal é própria das orações dependentes, sempre mostrando a contiguidade entre o elemento subordinante e o clítico. Essa gramática seria a do Português Arcaico. Do século 15 em diante, porém, haveria o instanciamento de uma nova gramática, que GNPS designam de Português Médio. Nessa nova gramática, o novo padrão de ordem de palavras seria aquele em que não se tem contiguidade entre o clítico e o elemento subordinante. Os poucos casos que se atestam nos textos até o início do século 16 seriam resquícios da gramática antiga, resultantes de uma dinâmica de competição de gramáticas.

No que diz respeito à interpolação da negação, GNPS argumentam que esse fenômeno é decorrente do caráter clítico do elemento *não* em relação ao verbo. Para as autoras, isso se aplica tanto à gramática do Português Antigo quanto à gramática do Português Médio. Na realidade, segundo GNPS, a emergência desse fenômeno em orações matrizes seria uma evidência da natureza particular da interpolação da negação. A idéia é que a natureza clítica do elemento de negação *não* teria sido o fator responsável por ainda permitir a interpolação da negação de maneira robusta na gramática do Português Médio, ao contrário do que ocorre com a interpolação generalizada de

constituintes do sintagma verbal.<sup>10</sup>

Partindo para a questão da alternância ênclise/próclise, GNPS apresentam os resultados de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005), que, a partir de textos presentes no *Corpus Tycho Brahe*, documentam essa alternância do século 16 ao 19, como registrado no gráfico 1.4.

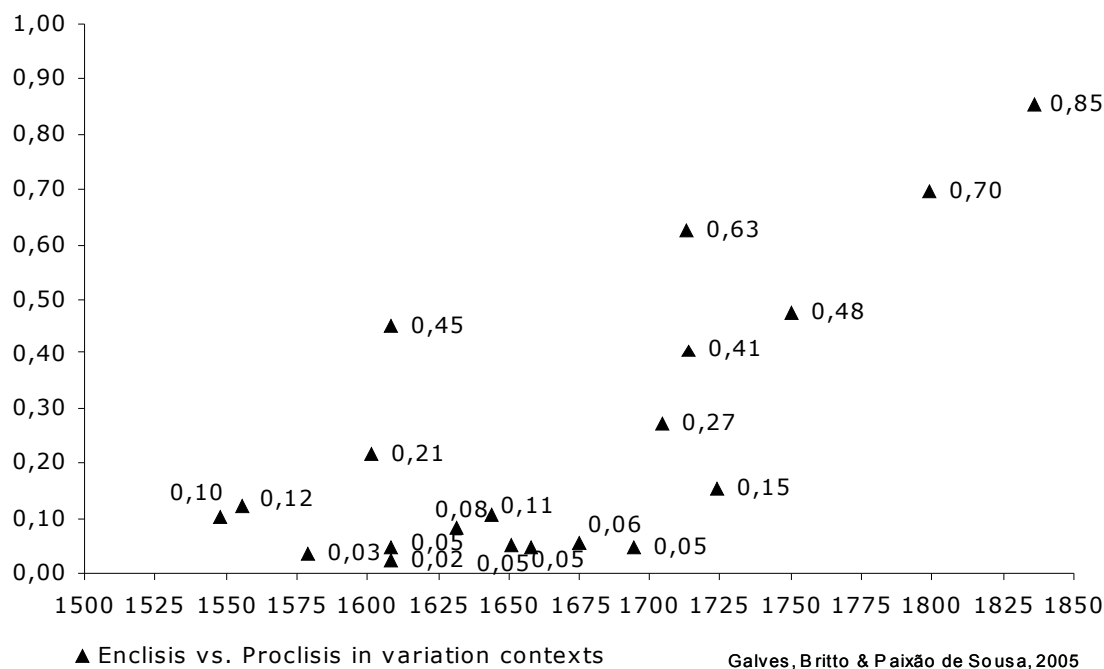


Gráfico 1.4: Ênclise versus Próclise em contextos de variação (gráfico 4 de Galves, Namiuti & Paixão de Sousa 2006).

GNPS destacam que, durante os séculos 16 e 17, a colocação proclítica é a opção mais empregada. De fato, como enfatizam as autoras, o percentual de ênclise, em geral, não ultrapassa a casa dos 15%. A exceção a esse padrão seriam os textos de Manuel da Costa (nascido em 1601), com 21% de ênclise, e os *Sermões* de Vieira (nascido em 1608), com 45% de ênclise. A partir do século 18, entretanto, GNPS salientam que já se pode observar um aumento gradual no uso da ênclise, culminando com um padrão que, no século 19, se mostra muito próximo do que se tem na atualidade, em que a ênclise é a opção categórica nos contextos que outrora admitiam a alternância ênclise/próclise.

<sup>10</sup>Para uma visão detalhada do fenômeno da interpolação na diacronia do Português Europeu, cf. Namiuti (2008).

GNPS trazem então à discussão a polêmica em torno do comportamento enclítico de Vieira em seus *Sermões*. Em Martins (1994), como citado por GNPS, defende-se que, por conta do alto percentual de ênclise nos *Sermões*, já se tem, no século 17, a emergência da gramática do Português Europeu Moderno. Essa visão, porém, não é unânime. GNPS citam o trabalho de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005), onde se defende que os condicionamentos da ênclise no século 17 ainda não correspondem aos mesmos condicionamentos da ênclise no Português Europeu Moderno. Basicamente, a idéia é que os casos de colocação enclítica nos textos anteriores ao século 18 ainda não devem ser interpretados, em termos estruturais, como os casos de ênclise na gramática da língua contemporânea.

Muito da idéia de Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005), como destacam GNPS, decorre de uma análise sistemática feita por Galves (2003) a respeito do comportamento enclítico de Vieira em seus *Sermões*. Nesse trabalho, a autora mostra que, de maneira categórica, o padrão de ênclise na escrita do jesuíta resulta de um condicionamento estilístico relacionado à contrastividade. Olhando para os casos de ênclise com sujeito pré-verbal, por exemplo, Galves documenta que, nessas sentenças, o sujeito precedendo o verbo sempre contrasta com algum outro elemento da própria oração ou de um contexto próximo, como exemplificam alguns dados em (24).

- (24) a. Elles **conheciam-se** como homens, Christo **conhecia-os**, como Deus.  
(Elles / Christo)
- b. Deus **julga-nos** a nós por nós; os homens **julgam-nos** a nós por si. (Deus / os homens)

GNPS observam que, a partir dessa constatação de Galves (2003), Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) comparam os *Sermões* de Vieira com as *Cartas* de Alorna (nascida em 1750), ambos apresentando um percentual de ênclise muito semelhante. O que as autoras atestam, como destacado por GNPS, é que, ao contrário do texto de Vieira, os casos de ênclise na autora do século 18 não se mostram condicionados por nenhum fator estilístico. O exemplo (25) seria ilustrativo desse novo padrão, em que se tem um sujeito anafórico que não apresenta nenhum valor de contrastividade (Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005:58).

- (25) Fui imediatamente falar com uma das minhas amigas, a qual me comunicou que, tendo tido a resolução de perguntar a Sua Majestade se meu marido seria nomeado para algum dos lugares, Sua Majestade respondeu que eu ainda não

tinha pedido nenhum. Esta resposta **aclarou-me** e, abolindo todos os meus antigos princípios, conheci que na nossa Côrte é preciso pedir e de pouco ou nada serve merecer.

Ou seja, o que Galves, Britto & Paixão de Sousa mostram, como enfatizam GNPS, é que, embora Vieira e Alorna apresentem taxas compatíveis de ênclise (54% e 51%, respectivamente, para o ambiente de sentenças com um sujeito pré-verbal), há uma diferença significativa quanto à natureza da ênclise nesses dois autores. Em Vieira, as sentenças com ênclise seriam bem delimitadas em termos discursivos, ao passo que, no texto de Alorna, a opção enclítica seria licenciada de maneira generalizada, independentemente do contexto discursivo.

Com base nesses resultados, como apontam GNPS, Galves, Britto & Paixão de Sousa formulam uma proposta que procura explicar a associação entre ênclise e contrastividade, tal como registrado nos *Sermões* de Vieira. As autoras notam que é plausível atribuir uma estrutura de adjunção às construções contrastivas, uma vez que o elemento contrastado pode ser interpretado como um constituinte localizado numa posição externa à frase abstrata. Com isso, GNPS ressaltam que a idéia de Galves, Britto & Paixão de Sousa é analisar, para as construções enclíticas com um elemento pré-verbal contrastivo, o verbo como o constituinte inicial em termos abstratos, e não o sintagma contrastado. GNPS destacam que essa análise estaria em consonância com o fato de que, ao longo da história do Português Europeu, a opção característica das construções verbo-iniciais é a ênclise. Assim, no texto de Vieira (e, por consequência, nos autores que manifestam a mesma gramática), sentenças enclíticas com sujeito pré-verbal apresentariam a estrutura subjacente esquematizada em (26).

(26) S # V-cl (onde # é uma fronteira de frase)

No caso da gramática do Português Europeu Moderno, Galves, Britto & Paixão de Sousa propõem que a mesma ordem de palavras, como destacam GNPS, apresentaria uma estrutura subjacente semelhante à esquematizada em (27).

(27) # S V-cl

GNPS salientam que, a partir da análise de Galves, Britto & Paixão de Sousa, o fato central a ser observado é que, do século 18 em diante, como mostram os textos estudados, já se tem um padrão considerado distintivo do Português Europeu Moderno,

a saber, a ênclise com sujeito pré-verbal neutro (como esquematizado em (27)). Nesse ponto, também seguindo as idéias de Kroch (1989, 1994, 2000), GNPS propõem a emergência da gramática do Português Europeu Moderno a partir do instante em que o novo padrão estrutural de licenciamento da ênclise já pode ser verificado nos textos, isto é, do século 18 em diante. Essa proposta seria diferente, por exemplo, do que defende Martins (1994), onde se argumenta que o início dessa nova gramática ocorre já no século 17. Note-se que proposta de GNPS também difere dos estudos tradicionais que se propuseram a traçar a periodização do Português. Nesses trabalhos, costuma-se identificar o século 19 como o momento de instanciamento da gramática moderna, já que é o momento em que os padrões característicos da fase clássica praticamente não são mais atestados nos textos. Porém, o que para a historiografia tradicional é o início da mudança, GNPS interpretam como o fim de um período de competição entre a gramática do Português Médio e a gramática do Português Europeu Moderno, competição esta que teria se iniciado na passagem do século 17 para o 18.

Em suma, a proposta de periodização de GNPS poderia ser descrita nos seguintes termos. Os primeiros documentos produzidos em Portugal correspondem à gramática do Português Arcaico. Essa gramática se estenderia até a virada entre os séculos 14 e 15. A partir de então emergiria uma gramática intermediária que se estenderia até o fim do século 17. A essa nova fase gramatical GNPS chamam de Português Médio. Por fim, o início do século 18 seria o começo na linha do tempo da gramática do Português Europeu Moderno. É importante notar que, nessa proposta, também são reconhecidos três períodos, como na historiografia tradicional, porém os pontos de mudança diferem. Na perspectiva tradicional, o século 15 ainda é considerado como representativo do Português Arcaico, ao passo que, para GNPS, estaríamos já na fase do Português Médio. Além disso, enquanto essas autoras assumem que o início da gramática moderna se dá no século 18, a tradição historiográfica tende a ver apenas o século 19 como o momento inicial desse novo período. Essas diferenças, como notam GNPS, se devem, basicamente, ao fato de que, para elas, o início de uma nova fase ocorre a partir do momento em que surgem as novas formas linguísticas (na linha de Kroch 1989, 1994, 2000), ao passo que, nos estudos mais tradicionais, o fato importante que marca o início de uma nova etapa é o desaparecimento por completo das formas linguísticas antigas.

## 1.4 Sumário

Neste capítulo, apresentamos um conjunto de pressupostos teóricos que servirão de base para as discussões nos próximos capítulos. Inicialmente, discutimos o desenvolvimento conceitual da noção de periferia da sentença dentro da tradição gerativista, até as análises mais recentes do Projeto Cartográfico para o sistema CP. Junto a essa discussão relativa à periferia à esquerda da sentença, apresentamos também alguns pontos do Programa Minimalista. Na sequência, fizemos uma apresentação de questões diacrônicas dentro de uma perspectiva gerativista. Em particular, destacamos duas idéias, a saber: i) a hipótese de que o processo de aquisição da linguagem subjaz à mudança linguística; e ii) a proposta de gramáticas em competição dentro de um mesmo indivíduo. Esses dois pontos foram, posteriormente, articulados com a questão da periodização do Português, tal como apresentado em Galves, Namiuti & Paixão de Sousa (2006). Essa apresentação da periodização do Português foi importante, porém, não apenas por exemplificar as questões de diacronia que havíamos apresentado. Na realidade, uma vez que o nosso trabalho se propõe a investigar aspectos sintáticos do Português a partir de um ponto de vista diacrônico, essa periodização também será importante pois nos ajudará a enquadrar o nosso corpus de investigação dentro de períodos gramaticais bem estabelecidos.



## Capítulo 2

# O Efeito V2 nas Línguas Naturais

### 2.1 Introdução

O objetivo deste capítulo, que se divide em duas partes, é falar sobre o efeito V2 nas línguas naturais. Na parte I, nosso foco é realizar uma apresentação desse fenômeno no grupo das línguas germânicas, já que se trata do ramo linguístico no qual melhor se pode observar a existência dessa propriedade. Inicialmente, faremos uma apresentação geral dos dados, destacando as principais propriedades do fenômeno V2 nas línguas germânicas em que esse efeito é atestado. Na sequência, discutiremos três tipos de propostas que procuram explicar esse fenômeno: a hipótese CP-V2, a hipótese IP-V2 e, em último lugar, a hipótese cartográfica de Roberts (2004). Em relação a essa última proposta, faremos algumas reformulações de tal modo que a tomaremos como base para as discussões que serão realizadas no capítulo 4 a respeito do corpus de nossa pesquisa.

Na parte II do capítulo, a idéia é apresentar o debate existente a respeito da hipotética natureza V2 do Português em fases passadas. Num primeiro instante, apresentaremos os principais argumentos de um conjunto de análises a favor da hipótese V2 em momentos passados da história do Português. Como veremos, embora esses trabalhos nem sempre olhem para os mesmos textos nem para as mesmas épocas, o fato em comum é que todos eles apontam para a existência de algum tipo de efeito V2 ao longo do desenvolvimento diacrônico do Português Europeu. Na sequência, apresentaremos argumentos de um ponto de vista contrastante, a saber, a hipótese de que o Português, em nenhum momento de sua evolução gramatical, se caracterizou como um sistema V2.

# Parte I: O Efeito V2 nas Línguas Germânicas

## 2.2 Os Dados

Com exceção do Inglês, todas as línguas germânicas modernas manifestam o fenômeno V2 em orações declarativas matrizes. Em termos puramente descritivos, esse fenômeno caracteriza-se como uma restrição de ordem de palavras determinando que o verbo finito seja necessariamente precedido por apenas um XP de qualquer natureza sintática. Os exemplos em (1) ilustram a manifestação de tal fenômeno em orações declarativas matrizes do Alemão (Roberts 1993:5).

- (1) a. Ich **habe** schon letztes Jahr diesen Roman gelesen  
      *I have already last year this book read*  
      ‘I read this novel last year already’  
      b. Diesen Roman **habe** ich schon letztes Jahr gelesen  
      c. Schon letztes Jahr **habe** ich diesen Roman gelesen  
      d. \*Schon letztes Jahr ich **habe** diesen Roman gelesen

Os exemplos em (1) mostram que, no Alemão, diferentes tipos de constituintes podem preceder o verbo finito em orações declarativas raízes, tais como o sujeito (1a), um argumento não sujeito (1b) ou um adjunto (1c). Embora não haja nenhuma restrição quanto ao tipo de sintagma que antecede o verbo, observa-se que a violação à sequência linear V2 resulta em agramaticalidade, como, por exemplo, no caso de uma sentença com mais de um sintagma precedendo o verbo finito (1d). Destacamos ainda que, como decorrência dessa restrição determinando que o verbo finito seja o segundo constituinte em ordem linear, sempre que o sujeito não aparece em primeira posição, tem-se necessariamente uma sequência de palavras com o sujeito posposto ao verbo, como exemplificado em (1b) e (1c).

Um fato importante a ser ressaltado é que, no Alemão, a restrição V2 manifesta-se unicamente em orações raízes. Desconsiderando o complementizador para a contagem da ordem linear V2, observa-se que, no contexto de orações subordinadas, o verbo finito não mais aparece em segunda posição, mas sim em posição final. O exemplo (2) a seguir ilustra esse fato com uma sentença subordinada introduzida pelo complementizador *daß*, resultando na ordem de palavras em que o verbo finito *muß* aparece linearmente em posição final na oração (Harbert 2007:400).

- (2) Seine Mutter sagt, [ daß er zu Hause bleiben **muß**  
*his mother says that he at home stay must*

Esse contraste entre orações raízes e orações subordinadas no que diz respeito à ordem linear do verbo finito é bastante evidente no Alemão por conta da natureza verbo-final dessa língua no contexto de sentenças encaixadas. Uma assimetria similar é observada no Holandês, que também se caracteriza por ser uma língua verbo-final em orações subordinadas, como comprova o contraste a seguir entre (3a), um exemplo de sentença principal V2, e (3b), um exemplo de sentença subordinada (Zwart 1997:191-192).

- (3) a. Jan **kust** Marie  
*John kisses Mary*  
 b. ... dat Jan Marie **kust**  
*that John Mary kisses*

No Dinamarquês, que não se caracteriza como uma língua verbo-final em orações subordinadas, observa-se também uma assimetria entre orações raízes e orações dependentes no que diz respeito à ordem linear do verbo finito, ainda que de maneira um pouco mais sutil. Vejamos os exemplos em (4) e (5), extraídos de Vikner (1995:47).

- (4) Peter **har** ofte drukket kaffe om morgenen  
*Peter has often drunk coffee in morning-the*  
 (5) ... at Peter ofte **har** drukket kaffe om morgenen  
*that Peter often has drunk coffee in morning-the*

No exemplo (4), ilustrativo de uma oração matriz, temos a ordem de palavras V2 com o sujeito em posição inicial. Um fato a ser destacado é que o verbo finito precede o advérbio medial *ofte*. No exemplo (5), ilustrativo de uma oração subordinada, embora o sujeito também apareça em posição pré-verbal, vemos que o verbo finito é precedido pelo advérbio medial. Ou seja, no Dinamarquês, a assimetria matriz/subordinada fica evidente olhando-se para a posição do verbo em relação a advérbios mediais. Em outras palavras, nas matrizes, o verbo finito precede essa classe de advérbios, ao passo que, nas subordinadas, é o advérbio quem precede o verbo finito. Um padrão semelhante de assimetria é observado no Sueco e no Norueguês, tomando-se também como base a posição do verbo em relação a advérbios mediais ou ao elemento de negação.

(6) Sueco (Platzack 1986:27 e 46)

- a. Erik **hade** verkligen köpt boken  
*Erik had really bought the-book*
- b. ... att Erik verkligen **hade** blivit fet  
*that Erik really had grown fat*

(7) Norueguês (Taraldsen 1986:7-8)

- a. Jens **skjønte** ikke dette spørsmålet  
*Jens understood not this question*
- b. ... at Jens ikke **skjønte** dette spørsmålet  
*that Jens not understood this question*

É importante destacar, no entanto, que, dentro do ramo germânico, o efeito V2 apresenta algumas nuances adicionais. Por exemplo, no Alemão, a ordem de palavras V2 é possível em sentenças subordinadas desde que o complementizador não esteja presente, como confirmam os exemplos a seguir (Vikner 1995:66).

- (8) a. Er sagt, [ daß die Kinder diesen Film gesehen **haben**  
*he says that the children this film seen have*
- b. Er sagt, [ die Kinder **haben** diesen Film gesehen  
*he says the children have this film seen*
- c. Er sagt, [ diesen Film **habe** die Kinder gesehen  
*he says this film have the children seen*

Em (8a) vemos novamente que, estando o complementizador presente, o verbo finito da oração subordinada aparece necessariamente em posição final. Por outro lado, na ausência do complementizador, a ordem V2 é licenciada, com o verbo finito aparecendo em segunda posição e sendo precedido por um XP de qualquer natureza sintática, como confirmam os exemplos (8b) e (8c). Cabe destacar que a ausência do complementizador depende do tipo de verbo da oração principal.<sup>1</sup> Verbos como *sagen* ‘dizer’ e *glauben* ‘pensar’, usualmente designados de verbos ponte, podem selecionar uma oração encaixada sem o complementizador e, conseqüentemente, licenciar uma sentença V2 encaixada, ao passo que um verbo como *beweisen* ‘provar’ nunca admite

---

<sup>1</sup>O Holandês, embora também seja uma língua verbo-final como o Alemão, parece não permitir a ordem V2 sob nenhuma circunstância. Para uma discussão detalhada das possibilidades de licenciamento do efeito V2 nessa língua, cf. Zwart (1997).

a ausência do complementizador, não permitindo, portanto, uma oração V2 encaixada como complemento, conforme ilustrado a seguir (Vikner 1995:71).<sup>2</sup>

- (9) a. Holmes **bewies**, [ daß Moriarty nur das Geld gestohlen **hatte**  
*Holmes proved that Moriarty only the money stolen had*
- b. \*Holmes **bewies**, [ dieses Geld **hatte** Moriarty gestohlen  
*Holmes proved this money had Moriarty stolen*

Nas línguas escandinavas continentais, orações subordinadas V2 também são possíveis quando selecionadas por um verbo ponte. Diferentemente do Alemão, porém, ordem V2 e presença do complementizador não se excluem nesse grupo de línguas. A seguir, apresentamos exemplos do Norueguês confirmando esse fato (Wilklund *et al.* 2009:1918).

- (10) a. Han **sa** [ at han **kunne** ikke synge i bryllupet  
*he said that he could not sing in wedding-the*  
 ‘He said that he could not sing at the wedding.’
- b. Han **sa** [ at denne sangen **kunne** han synge i bryllupet  
*he said that this song-the could he sing in wedding-the*  
 ‘He said that this song he could not sing at the wedding.’

Em (10a), sabemos que a oração subordinada apresenta um padrão V2 de ordem de palavras dado que o verbo finito precede o elemento de negação *ikke*, tal como em sentenças raízes. Em (10b), ainda que não haja o elemento de negação ou um advérbio medial para determinar se a ordem do verbo finito da oração encaixada é a mesma de orações raízes, temos um padrão de inversão verbo-sujeito típico de sentenças V2 principais. O fato a ser destacado desses dois exemplos é que, para ser licenciada uma sentença V2 encaixada, a presença do complementizador não é um impedimento.

A respeito da possibilidade de ordem V2 em orações subordinadas, são necessárias também algumas considerações a respeito do Islandês. Essa língua germânica, tal como o Alemão e as línguas escandinavas continentais, caracteriza-se por apresentar a restrição V2 em orações declarativas raízes. Nesse tipo de oração, como confirmam os exemplos a seguir, o Islandês também manifesta o verbo finito necessariamente em segunda posição linear, com diferentes tipos de sintagma podendo preceder o verbo, tais como o sujeito semântico (11a), um objeto direto deslocado (11b) ou mesmo um XP expletivo (11c) (Thráinsson 1986:192).

---

<sup>2</sup>Para listas dos verbos regentes que admitem uma oração complemento V2 encaixada, cf., entre outros, Haider (1986:53) e Vikner (1995:71).

- (11) a. Einhver **keypti** bókina í gaer  
*somebody bought the-book yesterday*
- b. Bókina **keypti** einhver í gaer  
*the-book bought somebody yesterday*
- c. Það **keypti** einhver bókina í gaer  
*there bought somebody the-book yesterday*  
 ‘Somebody bought the book yesterday’

É interessante observar que, no Islandês, a ordem V2 também é licenciada em orações subordinadas. No exemplo a seguir, temos uma sentença subordinada que é selecionada por um verbo ponte. De uma forma similar ao que é atestado em orações raízes (cf. (11b) em particular), o exemplo (12) mostra que um objeto direto deslocado aparece precedendo imediatamente o verbo finito da oração subordinada, caracterizando-se assim como uma sentença V2. É importante destacar ainda que, à semelhança das línguas escandinavas continentais, a ordem linear V2 nesse tipo de sentença se mostra compatível com a presença de um complementizador (Wilklund *et al.* 2009:1918).

- (12) Hann **saði** [ að þetta lag **gæti** hann ekki sungið í brúðkaupinu  
*he said that this song could he not sung in wedding-the*  
 ‘He said that this song he could not sing at the wedding.’

Entretanto, ao contrário do Alemão ou das línguas escandinavas continentais, que, em orações subordinadas, só licenciam a ordem V2 quando o verbo regente é um verbo ponte, o Islandês apresenta uma flexibilidade maior. De fato, ordens V2 em sentenças subordinadas são licenciadas também mesmo quando o verbo regente não é um verbo ponte. Por exemplo, no Alemão e numa língua escandinava continental como o Dinamarquês, verbos factivos não selecionam complementos sentenciais com ordem linear V2. Isso é ilustrado em (13) e (14) para o Alemão e o Dinamarquês, respectivamente, com verbos factivos regentes que significam ‘lamentar’ (Vikner 1995:72).

- (13) \*Johan **bedauert**, [ dieses Buch **habe** ich gelesen  
*John regrets this book have I read*  
 ‘John regrets that I have read this book’
- (14) \*Johan **beklager** [ at denne bog **har** jeg læst  
*John regrets that this book have I read*  
 ‘John regrets that I have read this book’

No Islandês, porém, um exemplo equivalente à sentença (13) no Alemão ou à sentença (14) no Dinamarquês é perfeitamente possível, como aponta o dado a seguir (Rögnvaldsson & Thráinsson 1990:23).

- (15) Jón **harmar** [ að þessa bók **skuli** ég hafa lesið  
*John regrets that this book shall I have read*  
 ‘John regrets that I have read this book’

Cabe destacar que o Islandês não é a única língua germânica a apresentar a ordem V2 de maneira mais generalizada em orações subordinadas, e não apenas em sentenças complemento selecionadas por um verbo ponte. De fato, como apontado em diferentes trabalhos, o Iídiche manifesta um comportamento similar ao do Islandês (cf., entre outros, Diesing 1990; Santorini 1992; Vikner 1995). No exemplo (16) a seguir, vemos que, no Iídiche, um verbo factivo também pode selecionar um complemento oracional com ordem linear V2, ao contrário do que vimos para o Alemão e as línguas escandinavas continentais (Vikner 1995:72).

- (16) Jonas **bedoyert** [ az dos bukh **hob** ikh geleyent  
*John regrets that this book have I read*  
 ‘John regrets that I have read this book’

Essa apresentação do fenômeno V2 em orações subordinadas nos mostra que, até certo ponto, todas as línguas germânicas que licenciam a ordem V2 em sentenças raízes também o fazem em sentenças subordinadas. No Alemão e nas línguas escandinavas continentais, entretanto, o efeito V2 em orações encaixadas depende do tipo de verbo regente, já que apenas um subgrupo de verbos, designados de verbos ponte, pode selecionar um complemento oracional com a ordem de palavras V2. Ou seja, nessas línguas, o efeito V2 no contexto de orações dependentes pode ser considerado um fenômeno limitado. Na literatura especializada, essas línguas são conhecidas como línguas assimétricas, justamente em razão das restrições observadas para o licenciamento da ordem V2 em orações subordinadas. Já no Islandês e no Iídiche, a sequência V2 em sentenças subordinadas não se restringe aos casos de complementos oracionais selecionados por um verbo ponte regente, já que essa ordem de palavras pode ser licenciada com qualquer tipo de verbo que seleciona uma oração dependente como complemento. Ou seja, nessas duas línguas, pode-se dizer que o efeito V2 em orações subordinadas tem um escopo generalizado. Na literatura especializada, línguas V2 como o Islandês e o Iídiche são designadas de línguas simétricas, já que não parecem mostrar restrições para o licenciamento da ordem V2 em sentenças encaixadas.

## 2.3 Explicando o Fenômeno V2

Dada a apresentação que fizemos na seção anterior a respeito do fenômeno V2 nas línguas germânicas, algumas questões teóricas podem ser levantadas. Uma delas diz respeito à posição estrutural onde se encontra o verbo finito nas línguas V2, tanto em orações raízes quanto em orações subordinadas. Tendo em conta a existência de línguas assimétricas e simétricas no que diz respeito à ordem linear V2, a questão da posição do verbo também nos leva a indagar se, entre as línguas que manifestam essa restrição de ordem de palavras, tal fenômeno pode ser caracterizado de maneira uniforme em termos estruturais. Uma terceira questão diz respeito à motivação do efeito V2. Ou seja, interessa-nos saber o que desencadeia a ordem V2 e como as particularidades de cada língua podem ser parametrizadas.

Com a extensão do sistema X-barra aos núcleos COMP e Infl, de modo a incluir as respectivas projeções máximas CP e IP (Chomsky 1986a), as questões acima envolvendo o fenômeno V2 passaram a ser explicadas por ao menos duas vertentes distintas. Numa delas, motivada especialmente por dados de línguas assimétricas (Alemão, Holandês e línguas escandinavas continentais), a restrição V2 é entendida, em termos estruturais, como decorrente de operações que acontecem no domínio de CP (cf., entre outros, Holmberg & Platzack 1995; Vikner 1995). Na literatura especializada, tais análises ficaram conhecidas como análises CP-V2. Uma outra vertente explica o fenômeno V2, particularmente em línguas simétricas (Islandês e Iídiche), como o resultado de operações que acontecem não em CP, mas no domínio de IP (cf., entre outros, Diesing 1990; Santorini 1992). Na literatura especializada, as análises dessa outra vertente ficaram conhecidas como análises IP-V2. Nas subseções 2.3.1 e 2.3.2, respectivamente, apresentaremos em mais detalhes as análises CP-V2 e IP-V2.

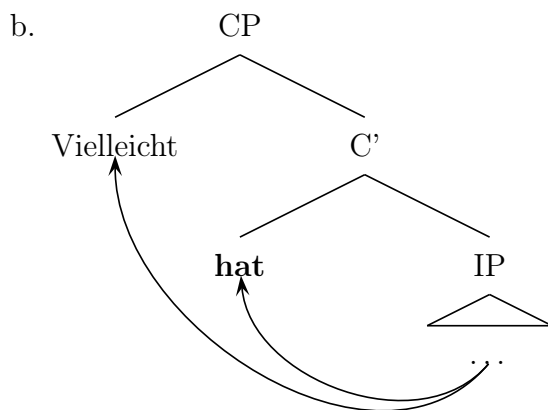
É importante destacar, porém, que, com o estabelecimento do projeto cartográfico para a periferia à esquerda da sentença (Rizzi 1997 e trabalhos subsequentes), viu-se o desenvolvimento de análises que procuram interpretar o fenômeno V2 exclusivamente a partir de operações que acontecem dentro do sistema CP (cf., por exemplo, Laenzlinger 1998; Roberts 2004). A diferença em relação às análises CP-V2 é que, dentro da perspectiva cartográfica, o nível de CP é muito mais enriquecido, disponibilizando assim um espaço estrutural abrangente o suficiente para explicar de maneira uniforme o fenômeno V2 não apenas nas línguas assimétricas, mas também nas simétricas. Na seção 2.3.3, apresentaremos uma discussão do fenômeno V2 a partir dessa nova vertente interpretativa.



### 2.3.1 A Hipótese CP-V2

A partir de idéias formuladas de maneira pioneira em Thiersch (1978) e den Besten (1983), muitos trabalhos procuraram explicar a ordem de palavras V2 em termos de movimento do verbo para C e fronteamto de um XP qualquer para SpecCP (cf. Tomaselli 1989; Roberts 1993; Holmberg & Platzack 1995; Vikner 1995). A sentença (17a) a seguir, extraída de Vikner (1995:39) e ilustrativa de uma típica oração matriz V2 com o sujeito em posição pós-verbal no Alemão, pode ser estruturalmente representada tal como em (17b).

- (17) a. Vielleicht **hat** Peter dieses Buch gelesen  
           *maybe has Peter this book read*



Vikner (1995) apresenta uma série de evidências em favor da hipótese de que o verbo, em orações com ordem linear V2, ocupa o núcleo C, a posição canônica de um complementizador. Uma dessas evidências é decorrente do fato de que tanto o verbo em segunda posição quanto o complementizador em orações subordinadas não V2 precedem imediatamente o sujeito.<sup>3</sup> Os exemplos em (18) e (19) confirmam esse fato no Alemão e no Dinamarquês, respectivamente (Vikner 1995:43).

- (18) a. Diesen Film **haben** die Kinder gesehen  
           *this film have the children seen*

- b. Er sagt, **daß** die Kinder diesen Film gesehen haben  
           *he says that the children this film seen have*

<sup>3</sup>Evidentemente, no caso de sentenças com o verbo finito em segunda posição, isso ocorre apenas se o sujeito não é o primeiro elemento da oração.

- (19) a. Denne film **har** børnene set  
           *this film have children-the seen*
- b. Han siger **at** børnene har set denne film  
           *he says that children-the have seen this film*

Um outro tipo de evidência diz respeito a orações condicionais. No Alemão ou no Dinamarquês, por exemplo, há dois tipos de orações condicionais em variação livre, uma com um complementizador (cf. (20a) e (21a)) e outra com o verbo finito precedendo o sujeito (cf. (20b) e (21b)) (Vikner 1995:43).

- (20) Alemão
- a. **Wenn** ich mehr Zeit gehabt hätte, ...  
       *if I more time had had*
- b. **Hätte** ich mehr Zeit gehabt, ...  
       *had I more time had*
- (21) Dinamarquês
- a. **Hvis** jeg havde haft mere tid, ...  
       *if I had had more time*
- b. **Havde** jeg haft mere tid, ...  
       *had I had more time*

Vikner destaca que, se o complementizador em (20a) e (21a) e o verbo em (20b) e (21b) ocupam a mesma posição, é possível explicar de maneira simples por que o complementizador e o verbo não podem preceder simultaneamente o sujeito, como exemplificado em (22) para o Alemão e em (23) para o Dinamarquês (Vikner 1995:43). A idéia básica é que apenas uma posição à esquerda do sujeito estaria disponível para o complementizador e o verbo, isto é, o núcleo C.

- (22) Alemão
- a. \***Wenn** **hätte** ich mehr Zeit gehabt, ...  
       *if had I more time had*
- b. \***Hätte** **wenn** ich mehr Zeit gehabt, ...  
       *had if I more time had*
- (23) Dinamarquês
- a. \***Hvis** **havde** jeg haft mere tid, ...  
       *if had I had more time*

- b. \***Havde hvis** jeg haft mere tid, ...  
*had if I had more time*

Outra evidência vem de orações subordinadas do tipo *as if* ‘como se’. Vikner mostra que, em orações desse tipo, o complementizador precede linearmente o sujeito (cf. (24a) para o Alemão e (25a) para o Dinamarquês) do mesmo modo que o verbo assim o faz nos casos em que o complementizador não está presente (cf. (24b) para o Alemão e (25b) para o Dinamarquês) (Vikner 1995:44).

(24) Alemão

Sie schaute ihn an, ...  
*She looked him at*

- a. ... als **ob** er ein großes Verbrechen begangen **hätte**  
*as if he a big crime committed had*
- b. ... als **hätte** er ein großes Verbrechen begangen  
*as had he a big crime committed*

(25) Dinamarquês

Hun så på ham, ...  
*she looked at him*

- a. ... som **om** han **havde** begået en stor forbrydelse  
*as if he had committed a big crime*
- b. ... som **havde** han begået en stor forbrydelse  
*as had he committed a big crime*

O autor argumenta que, ante a hipótese de que o complementizador em (24a) e (25a) e o verbo em (24b) e (25b) ocupam o núcleo C, pode-se explicar também a razão de não ser possível o complementizador e o verbo finito precederem simultaneamente o sujeito nesse tipo específico de oração subordinada, como ilustram os exemplos a seguir (Vikner 1995:44).

(26) Alemão

- a. \*... als **ob** **hätte** er ein großes Verbrechen begangen  
*as if had he a big crime committed*
- b. \*... als **hätte** **ob** er ein großes Verbrechen begangen  
*as had if he a big crime committed*

(27) Dinamarquês

- a. \*... som **om** **havde** han begået en stor forbrydelse  
           *as if had he committed a big crime*
- b. \*... som **havde** **om** han begået en stor forbrydelse  
           *as had if he committed a big crime*

Vikner apresenta um outro argumento a favor da idéia de que o verbo, em orações com ordem linear V2, ocupa o núcleo C. O autor assume que, além do verbo finito em orações com ordem linear V2 e do complementizador em orações com ordem linear não V2, outros elementos podem ocupar a posição C. No Sueco, por exemplo, um caso ilustrativo disso seria o advérbio *kanske* ‘talvez’, assim como, no Dinamarquês, o elemento adverbial *mon*, que pode ser traduzido como ‘me pergunto’.<sup>4</sup> Vikner destaca que, quando estes elementos ocorrem numa sentença, o verbo não é capaz de preceder o sujeito, como mostra o contraste em (28) para o Sueco e o contraste em (29) para o Dinamarquês (Vikner 1995:45-46).

(28) Sueco

- a. Igår **kanske** Lena **köpte** en ny bok  
           *yesterday maybe Lena bought a new book*
- b. \*Igår **kanske** **köpte** Lena en ny bok  
           *yesterday maybe bought Lena a new book*

(29) Dinamarquês

- a. Hvilken film **mon** børnene **har** set?  
           *which film I-wonder children-the have seen*
- b. \*Hvilken film **mon** **har** børnene set?  
           *which film I-wonder have children-the seen*

Os dados em (28) e (29) poderiam ser tomados como evidência de que, pelo fato de o núcleo C já estar preenchido pelos elementos adverbiais, o alçamento do verbo para a periferia da sentença seria bloqueado. Ou seja, a idéia é que, quando o verbo precede o sujeito, como em sentenças com ordem linear V2, a posição estrutural do verbo seja a mesma em que ocorrem os elementos *kanske* e *mon*, isto é, o núcleo C. De fato, como ressalta o autor, essa situação é similar à que se tem nos casos em que o verbo finito

---

<sup>4</sup>Para mais detalhes a respeito de *kanske* no Sueco, cf. Platzack (1986:33); em relação ao elemento *mon* no Dinamarquês, cf. Vikner (1991:118-119).

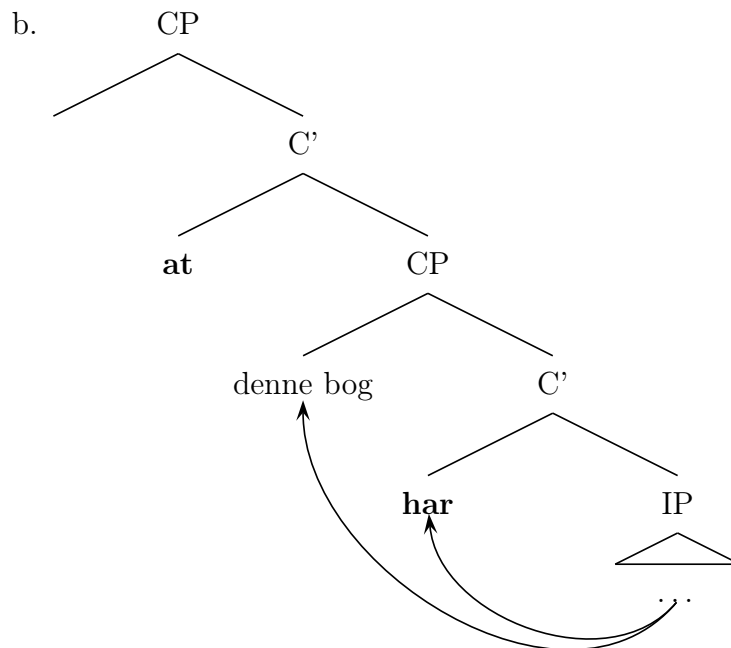
não pode preceder o sujeito quando um complementizador condicional está presente (cf. novamente os exemplos (20), (22), (24) e (26) para o Alemão e os exemplos (21), (23), (25) e (27) para o Dinamarquês).

Uma vantagem evidente da hipótese CP-V2 é que ela explica de modo elegante a assimetria observada em algumas línguas V2 no que diz respeito à ordem linear do verbo. Como vimos, certas línguas manifestam o verbo em segunda posição no contexto de orações matrizes, mas não manifestam essa restrição em orações subordinadas. No Alemão e no Holandês, por exemplo, o verbo finito em orações subordinadas aparece linearmente em posição final. Nas línguas escandinavas continentais, embora o verbo não seja superficializado em posição final, sabe-se que em sentenças subordinadas sua posição é diferente da posição onde é superficializado em orações matrizes, em razão da posição linear do verbo em relação a advérbios mediais, por exemplo: nas matrizes, o verbo precede esses constituintes, ao passo que, nas subordinadas, o verbo é antecedido por essa classe de advérbios. Dentro da hipótese CP-V2, esse tipo de assimetria decorre da idéia de que, quando possível, o verbo se move para o núcleo da categoria CP. Nas orações matrizes, essa posição estaria disponível para o alçamento do verbo. Já nas orações subordinadas, com a presença do complementizador, o movimento do verbo para C é bloqueado. Consequentemente, conclui-se que, no contexto de orações encaixadas, a posição estrutural ocupada pelo verbo não é a mesma que ele ocupa em orações matrizes, o que explicaria a assimetria entre sentenças matrizes e sentenças subordinadas no que diz respeito à ordem linear do verbo finito.

Talvez o maior problema para a hipótese CP-V2 seja como explicar a ordem de palavras V2 em orações subordinadas. No Alemão, essa dificuldade não se coloca, pois, em sentenças V2 subordinadas, o complementizador não pode estar presente. Assim, é natural pensar que, justamente pela ausência do complementizador, a ordem V2 é derivada, já que nada impediria o movimento do verbo para C. Entretanto, nas línguas escandinavas continentais, no Islandês e no Iídiche, observa-se que a ordem V2 em orações subordinadas é licenciada mesmo com um complementizador introduzindo a sentença. No caso das línguas escandinavas continentais, vimos que isso pode ocorrer em orações subordinadas selecionadas por um verbo ponte. Já no Islandês e no Iídiche, isso ocorre de maneira mais generalizada, não se restringindo a orações subordinadas selecionadas por um verbo ponte. Independentemente disso, o problema é o mesmo tanto para as línguas escandinavas continentais como também para o Islandês e o Iídiche: como conciliar a idéia de movimento do verbo para C mesmo com a presença de um complementizador, que, por hipótese, ocupa o núcleo C?

Uma solução para esse problema é a idéia de que a categoria CP pode ser recursiva. Vikner (1995), por exemplo, considera que uma sentença V2 introduzida por um complementizador é um caso em que dois CP's subordinados são projetados. Numa oração encaixada V2 como a apresentada em (30a) com um exemplo do Dinamarquês, a representação estrutural da sentença subordinada é esquematizada em (30b) (Vikner 1995:67).<sup>5</sup>

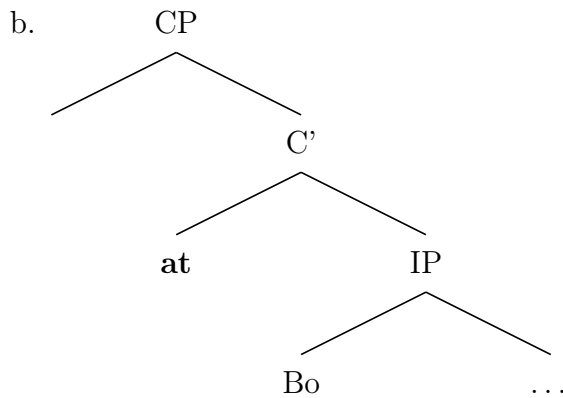
- (30) a. Vi ved [ **at** denne bog **har** Bo ikke læst  
           *we know that this book has Bo not read*



Em (30), o complementizador está no núcleo C mais alto, ao passo que o verbo finito é deslocado para o núcleo C mais baixo. Já no caso de uma sentença subordinada não V2, a diferença seria a presença de apenas um CP, como representado em (31b) para o exemplo (31a) (Vikner 1995:67).

- (31) a. Vi ved [ **at** Bo ikke **har** læst denne bog  
           *we know that Bo not has read this book*

<sup>5</sup>Propostas semelhantes são defendidas em Holmberg & Platzack (1995) para as línguas escandinavas continentais e em Iatridou & Kroch (1992) para o Dinamarquês.



Esse tipo de proposta, porém, enfrenta algumas objeções. Cardinaletti & Roberts (2002), por exemplo, colocam que a proposta de CP recursivo não tem como impedir que a propriedade de recursividade ocorra de maneira ilimitada, o que seria algo indesejável. De fato, embora os esquemas em (32a) e (32b) sejam aceitáveis numa proposta como a de Vikner, já que o primeiro seria o caso de uma sentença subordinada não V2 e o segundo representa o caso de uma sentença subordinada V2, como impedir a ocorrência de uma estrutura como (32c), com três CP's?

- (32) a. ... [ CP Spec C [ IP ... ] ]  
 b. ... [ CP Spec C [ CP Spec C [ IP ... ] ] ]  
 c. ... [ CP Spec C [ CP Spec C [ CP Spec C [ IP ... ] ] ] ]

Um outro problema tem a ver com a possibilidade de extração a partir de uma oração subordinada V2. Nas línguas escandinavas continentais, isso é completamente inaceitável, como ilustra o exemplo (33) no Dinamarquês (Vikner 1995:115).

- (33) \*Hvilken film sagde hun [ **at** i skolen **havde** børnene  
*which film said she that in school-the had children-the*  
 allerede set?  
*already seen*  
 'Which film did she say that the children had already seen in the school?'

No Iídiche, por outro lado, extração a partir de uma oração subordinada V2 é perfeitamente aceitável, como se vê em (34) (Diesing 1990:62).

- (34) Vemen hot er nit gevolt [ **az** ot di bikher **zoln** mir gebn?  
*who-DAT has he not wanted that PRT the books should we give*  
 'To whom did he not want us to give the books?'

Ou seja, nas línguas escandinavas continentais, uma oração subordinada V2 funciona como uma ilha que bloqueia extração, enquanto que, no Iídiche, isso não ocorre. Se nos dois casos a sentença V2 subordinada é o resultado da instanciação de um CP-recursivo, como assim defende Vikner (1995), por exemplo, o que impediria o processo de extração em uma língua e não em outra? Diesing (1990) explica essa diferença assumindo que, nas línguas escandinavas continentais, de fato há uma estrutura de CP-recursivo, de modo que o CP adicional constitui uma barreira para extração. No caso do Iídiche, porém, Diesing assume que haja apenas um CP, o que permitiria a extração de elementos a partir da oração subordinada V2. Ou seja, no Iídiche, não haveria uma estrutura de CP recursivo.<sup>6</sup> Caso aceitemos a interpretação de Diesing, a idéia de um CP recursivo pode ser mantida, na melhor das hipóteses, para um conjunto de línguas que manifestam o efeito V2 em orações subordinadas, mas não para todas. Isto é, sentenças subordinadas V2 nas línguas escandinavas continentais instanciaríamos um CP recursivo, ao passo que, numa língua como o Iídiche, isso não ocorreria.

A diferença estrutural proposta por Diesing entre as línguas escandinavas continentais e o Iídiche no que diz respeito às orações subordinadas V2 poderia nos remeter a uma diferença tipológica já apresentada entre esses dois grupos de línguas. No primeiro grupo, vimos que o fenômeno V2 em orações encaixadas é restrito a sentenças selecionadas por um grupo reduzido de verbos, ao passo que, no Iídiche, o efeito V2 em orações subordinadas é mais generalizado. De alguma maneira, tal diferença poderia ter a sua raiz na possibilidade ou não de projetar uma estrutura com CP recursivo. Entretanto, um argumento nessa linha de raciocínio se depara com um problema empírico colocado pelo Islandês. Nessa língua, extração a partir de uma sentença subordinada V2 é um fenômeno agramatical, como exemplificado em (35) (Rögnvaldsson & Thráinsson 1990:32).

- (35) \*Maríu veit ég [ **að** þessum hring **lofaði** Ólafur  
*Mary know I that this ring promised Olaf*  
 ‘I know that Olaf promised this ring to Mary.’

O que se vê é que, com relação à possibilidade de extração a partir de uma oração subordinada V2, o Islandês se comporta como as línguas escandinavas continentais, e não como o Iídiche. Se seguirmos a argumentação de Diesing, o Islandês poderia ser entendido como uma língua que permite a instanciação de um CP recursivo. Ou seja,

---

<sup>6</sup>Para Diesing, o elemento pré-verbal em sentenças V2 do Iídiche se desloca para SpecIP, e não para SpecCP. Quando apresentarmos a hipótese IP-V2, daremos mais detalhes dessa proposta.

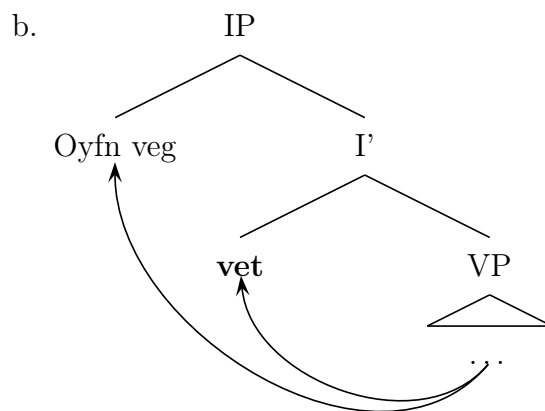


em termos estruturais, o Islandês seria semelhante às línguas escandinavas continentais, e não ao Lídiche. Essa conclusão, entretanto, esbarra no fato de que, ao contrário das línguas escandinavas continentais mas à semelhança do Lídiche, o Islandês é uma língua que licencia o efeito V2 em orações subordinadas de maneira generalizada. Nesse sentido, é de se esperar então que, em termos estruturais, as duas línguas sejam similares, o que não é previsto na análise de Diesing. Assim, a idéia de que a categoria CP possa ser recursiva, ainda que aplicada de maneira parcial, já que apenas algumas línguas instanciarão essa possibilidade, parece ser um mecanismo insatisfatório para a questão da ordem V2 em orações subordinadas.

### 2.3.2 A Hipótese IP-V2

Uma hipótese alternativa à proposta CP-V2 é a de que a restrição V2, ao menos em línguas como o Islandês e o Lídiche, resulta de movimento do verbo para o núcleo de IP e fronteamento de um XP qualquer para SpecIP (cf., entre outros, Diesing 1990; Santorini 1992, 1995). Dentro dessa hipótese, que chamaremos aqui de IP-V2, a sentença (36a) a seguir, extraída de Santorini (1995) e ilustrativa de uma típica oração matriz V2 com o sujeito em posição pós-verbal no Lídiche, poderia ser estruturalmente representada tal como em (36b) (Santorini 1995:54).

- (36) a. Oyfn veg **vet** dos yingl zen a kats  
*on-the way will the boy see a cat*  
 ‘On the way, the boy will see a cat.’



Na literatura, diversos argumentos já foram apresentados a favor da idéia de que, em orações com ordem linear V2 no Islandês e no Lídiche, o verbo se move para Infl. O principal argumento é extraído do fato de que, nessas duas línguas, como já dito em

momentos anteriores, parece não haver nenhum tipo de assimetria matriz/subordinada no que diz respeito à ordem linear do verbo finito. Ou seja, a mesma ordem de palavras V2 licenciada em sentenças matrizes é atestada também de maneira generalizada em sentenças subordinadas. Essa simetria é ilustrada novamente em (37) com exemplos do Islandês (Rögnvaldsson & Thráinsson 1990:12 e 23) e em (38) com exemplos do Iídiche (Diesing 1990:44; Vikner 1995:72).

- (37) a. Maríu **hef** ég aldrei hitt  
*Mary have I never met*  
 ‘I have never met Mary.’
- b. Jón harmar | að þessa bók **skuli** ég hafa lesið  
*John regrets that this book shall I have read*  
 ‘John regrets that I have read this book’
- (38) a. Dos bukh **hot** Max geleyent  
*the book has Max read*  
 ‘Max read the book.’
- b. Jonas bedoyert | az dos bukh **hob** ikh geleyent  
*John regrets that this book have I read*  
 ‘John regrets that I have read this book’

Diesing (1990), discutindo especificamente o caso do Iídiche, argumenta que, pelo fato de a ordem V2 ser compatível de maneira generalizada com a presença de um complementizador, não é possível assumir que o verbo esteja em C nas orações subordinadas V2. A idéia básica é que, tanto em orações matrizes quanto em orações subordinadas, o verbo se move para uma posição mais baixa, a saber, o núcleo de IP. Aceitando que SpecIP seja a posição para onde o XP pré-verbal é deslocado, essa proposta explica a razão de não haver assimetria em línguas como o Iídiche e o Islandês no que diz respeito à ordem linear do verbo finito.

Um outro argumento a favor da hipótese IP-V2 pode ser extraído olhando-se para as possibilidades de ordem linear do expletivo *það* no Islandês. Muitos autores já sugeriram que este elemento é gerado diretamente na mesma posição para onde se desloca o XP pré-verbal de sentenças matrizes V2 (cf. Zaenen 1980; Platzack 1983; Thráinsson 1986). De fato, em orações matrizes, o expletivo *það* aparece apenas em posição pré-verbal, como mostra o contraste em (39) (Mohr 2004:126). Ante a hipótese de que esse tipo de expletivo é gerado na mesma posição para onde é frontado o

XP-pré-verbal de sentenças V2, a agramaticalidade de (39b) passa a ser perfeitamente compreensível, dado que a posição do elemento *það* já estaria ocupada por um outro constituinte, a saber, o XP adverbial fronteado.

- (39) a. *það var dansað*  
*Expl was danced*  
 ‘There was dancing / People were dancing.’
- b. \**Í gaer var það dansað*  
*yesterday was Expl danced*  
 ‘Yesterday, there was dancing / Yesterday, people were dancing.’

Dentro da hipótese CP-V2, SpecCP é a posição onde o expletivo *það* é gerado. Já dentro da hipótese IP-V2, a posição base do expletivo é o especificador da projeção IP. Rögnvaldsson & Thráinsson (1990) apontam que essas duas hipóteses fazem previsões diferentes a respeito da possibilidade de licenciamento do expletivo *það* em orações subordinadas. Caso se assuma que a ordem V2 no Islandês seja o resultado de operações no domínio de CP, espera-se que *það* não possa ser licenciado em orações subordinadas, já que, nesse contexto, o complementizador bloquearia tanto o movimento do verbo para C quanto a presença de qualquer tipo de XP em SpecCP.<sup>7</sup> Caso se assuma que a ordem V2 no Islandês decorra de operações no domínio de IP, a previsão que se faz é que o elemento *það* possa ser licenciado em orações subordinadas, já que a presença do complementizador não bloquearia nem o movimento do verbo para Infl nem a presença de um XP em SpecIP. Como o exemplo (40) mostra, o expletivo *það* é possível em sentenças subordinadas, o que confirmaria a previsão da hipótese IP-V2 (Rögnvaldsson & Thráinsson 1990:30).

- (40) *Ég veit [ að það hefur enginn lesið bókina*  
*I know that Expl has no one read the-book*  
 ‘I know that no one has read the book.’

É interessante observar que, no Alemão, que poderia ser classificado como uma língua CP-V2, já que é o exemplo clássico de língua V2 assimétrica, tem-se um quadro distinto. Nessa língua, nota-se que o expletivo *es*, equivalente ao elemento *það* no Islandês, também é possível em orações matrizes apenas em posição pré-verbal, como se vê em (41) (Mohr 2004:125).

---

<sup>7</sup>Isso só se justifica, evidentemente, caso desconsideremos a hipótese de um CP recursivo.

- (41) a. Es **wurde** getanzt  
*Expl was danced*  
 ‘There was dancing / People were dancing.’
- b. \*Gestern **wurde** es getanzt  
*yesterday was Expl danced*  
 ‘Yesterday, there was dancing / Yesterday, people were dancing’

Em orações subordinadas, entretanto, ao contrário do Islandês, a presença do expletivo *es* torna a sentença completamente agramatical, como ilustrado em (47) (Mohr 2004:125).

- (42) ... daß (\*es) getanzt wurde  
*that Expl danced was*  
 ‘...that there was dancing / ...that people were dancing’

Ante a idéia de que o Islandês é uma língua IP-V2, ao passo que o Alemão seria uma língua CP-V2, poderíamos ter uma explicação satisfatória para as diferenças entre essas duas línguas no que diz respeito à disponibilidade do expletivo em orações subordinadas. No Islandês, o expletivo *það* seria gerado em SpecIP. Consequentemente, mesmo com um complementizador inserido diretamente em C no caso de uma oração subordinada, a presença do expletivo seria licenciada, dado que o complementizador não bloquearia a ativação da posição SpecIP. Já no Alemão, o expletivo *es* seria gerado em SpecCP, assumindo-se a hipótese plausível de que, tal como no Islandês, o expletivo é gerado na mesma posição para onde se desloca qualquer XP-pré-verbal em sentenças V2. Consequentemente, no contexto de orações subordinadas, a presença de *es* seria algo impossível, já que, em razão da presença do complementizador em C, a posição SpecCP estaria indisponível para qualquer tipo de constituinte.

É importante ressaltar, porém, que a hipótese IP-V2, ainda que aplicada somente às línguas V2 simétricas como o Islandês e o Iídiche, se depara com alguns contra-argumentos. Vikner (1995), por exemplo, mostra que, em geral, nada impede adjunção de um elemento adverbial à categoria IP, ao passo que adjunção à categoria CP não é aceitável. Os exemplos do Alemão apresentados a seguir ilustram essa restrição a respeito da adjunção de constituintes adverbiais (Vikner 1995:103).

- (43) a. \*Tatsächlich dieses Buch hat der Junge gelesen  
*actually this book has the boy read*

- b. Dieses Buch hat tatsächlich der Junge gelesen  
*this book has actually the boy read*

Em (43a), ante a hipótese de que o Alemão é uma língua CP-V2, deve-se pressupor que o advérbio foi adjungido à categoria CP. Isso se justifica pois, com o verbo finito ocupando o núcleo C, é natural pensar que o objeto direto foi frontado para SpecCP. Já em (43b), se assumirmos que o sujeito pós-verbal está em SpecIP, é plausível imaginar que o advérbio foi adjungido à projeção IP, considerando que tal elemento se encontra estruturalmente abaixo do verbo alçado para o núcleo C.

Vikner argumenta que, caso a impossibilidade de adjunção à projeção CP seja uma restrição universal e não apenas específica do Alemão, é possível testar se, em línguas V2 simétricas, a posição para onde o XP pré-verbal se desloca é de fato SpecIP ou não. A idéia é que, se a posição pré-verbal realmente for SpecIP, como defendem as propostas IP-V2, elementos adverbiais poderão preceder o XP imediatamente pré-verbal, já que isso seria um caso de adjunção à categoria IP. Por outro lado, se a posição pré-verbal de línguas V2 simétricas não for SpecIP, mas sim SpecCP, como nas línguas V2 assimétricas, constituintes adverbiais não poderão preceder o XP imediatamente pré-verbal, já que isso seria, em termos estruturais, um caso de adjunção à projeção CP. No Iídiche, por exemplo, ao contrário do que seria previsto pelas análises IP-V2, tem-se um padrão absolutamente idêntico ao que é observado no Alemão (Vikner 1995:106).

- (44) a. \*Leyder dos bukh hot dos yingl geleyent  
*unfortunately this book has the boy read*  
 b. Dos bukh hot leyder dos yingl geleyent  
*this book has unfortunately the boy read*

Gostaríamos de apresentar agora um outro contra-argumento à hipótese IP-V2. Em orações subordinadas interrogativas do Islandês, é possível a topicalização de um XP, como ilustrado em (45) (Thráinsson 1986:186). Nesse exemplo, se desconsiderarmos o constituinte *wh* para a contagem da ordem linear V2, temos uma sequência de palavras similar às que podem ser licenciadas em orações matrizes V2, isto é, um XP frontado que precede imediatamente o verbo e o sujeito que aparece em posição pós-verbal.

- (45) Ég spurði [ hvar henni **hefðu** flestir aðdáendur gefið blóm  
*I asked where her had most fans given flower*  
 ‘I asked where most fans had given flowers to her’

No Iídiche, exemplos similares ao apresentado em (45) para o Islandês parecem ser possíveis também, como se vê em (46) (Diesing 1990:66).

- (46) Ikh veys nit [ far vos in tsimer **shteyt** di ku.  
*I know not for what in room stands the cow*  
 ‘I don’t know why the cow is in the room.’

Para Rögnvaldsson & Thráinsson (1990), a possibilidade de ordem V2 em orações subordinadas interrogativas de línguas V2 simétricas decorre de sua natureza IP-V2. Olhando especificamente para o Islandês, esses autores assumem que o constituinte *wh* está localizado no núcleo C. Segundo eles, uma evidência a favor dessa idéia vem da impossibilidade de ocorrerem simultaneamente numa sentença encaixada um sintagma interrogativo e um complementizador, como exemplificado em (47) (Rögnvaldsson & Thráinsson 1990:16).

- (47) \*Ég veit ekki [ hver **að** hefur skrifað þetta.  
*I know not who that has written this*  
 ‘I do not know who has written this.’

Ante a hipótese de que, em línguas V2 simétricas, o verbo se move apenas até Infl e o XP imediatamente pré-verbal se move para SpecIP, Rögnvaldsson & Thráinsson argumentam que é de se esperar então que a ordem de palavras V2 seja possível em orações subordinadas interrogativas. Isso ocorreria pois, estando o elemento *wh* em C, nada impediria o movimento do verbo para Infl e o fronteamto de um XP qualquer para SpecIP.

Uma análise similar é defendida por Diesing (1990) para o Iídiche. A única diferença em relação à proposta de Rögnvaldsson & Thráinsson é que, para ela, o sintagma *wh* de orações subordinadas interrogativas do Iídiche está na posição SpecCP, estabelecendo uma relação *Spec-Head* com um complementizador nulo no núcleo C.<sup>8</sup> De qualquer forma, a análise de Diesing igualmente prevê o licenciamento da ordem de palavras V2 nesse contexto, já que, para essa autora também, línguas V2 como o Iídiche derivam essa ordem de palavras a partir do resultado de operações no domínio de IP, e não de CP. Assim, a presença de um elemento *wh* em SpecCP e a de um complementizador nulo em C não impediriam o movimento do verbo finito para Infl e o alçamento de um XP qualquer para SpecIP.

---

<sup>8</sup>Diesing argumenta que a hipótese de um complementizador nulo em C se sustenta pelo fato de que, em orações subordinadas interrogativas de algumas línguas escandinavas, o complementizador aparece de forma visível (Holmberg 1986).

A análise desses autores para as orações subordinadas interrogativas do Islandês e do Iídiche é interessante pois ela poderia explicar de maneira elegante o porquê de não ser licenciada a ordem V2 em sentenças similares do Alemão, como o contraste em (48) mostra (Vikner 1995:73-74).

- (48) a. \*Ich weiß nicht [ warum im Zimmer **ist** die Kuh gestanden  
           *I know not why in the room has the cow stood*
- b. Ich weiß nicht [ warum die Kuh im Zimmer gestanden **ist**  
           *I know not why the cow in the room stood has*

Para o Alemão, como já dissemos, a idéia tradicional é a de que a ordem V2 seja o resultado de movimento do verbo para C e de frenteamento de algum XP para SpecCP. Ou seja, essa língua seria um sistema CP-V2, e não IP-V2. Se assumirmos que, em orações subordinadas interrogativas, ou o próprio sintagma *wh* está em C ou um complementizador nulo ocupa essa posição, é de se esperar então que, no Alemão, a ordem V2 não seja licenciada nesse tipo específico de sentença. A idéia é que, seja por conta da presença do elemento *wh*, seja por conta da presença de um complementizador nulo, o movimento do verbo para C seria bloqueado, forçando o verbo a aparecer em posição final. No Islandês e no Iídiche, a ordem V2 seria licenciada pois a presença de sintagma *wh* ou de um complementizador nulo no núcleo C em nada afetaria o movimento do verbo para Infl e o frenteamento de um XP para SpecCP.

Gostaríamos de testar agora uma previsão que as análises de Rögnvaldsson & Thráinsson e de Diesing fazem. Para esses autores, em orações subordinadas interrogativas, o constituinte *wh* frenteado ocupa uma posição no domínio de CP da sentença encaixada: para Rögnvaldsson & Thráinsson, essa posição é o núcleo C, ao passo que, para Diesing, essa posição é SpecCP. Assumamos então a hipótese plausível de que, em orações interrogativas matrizes, o constituinte *wh* também ocupa uma posição no domínio de CP, tal como no contexto de sentenças encaixadas. Ante tal pressuposto, tanto a análise de Rögnvaldsson & Thráinsson quanto a análise de Diesing prevêm que, em orações interrogativas matrizes, também seja possível a topicalização de um XP mesmo diante da presença de um elemento *wh* no início da sentença. Essa previsão, porém, não se confirma, como se vê em (49) para o Islandês (Rögnvaldsson & Thráinsson 1990:14) e em (50) para o Iídiche (Diesing 1990:50).

- (49) Hvern                **hefur** María kysst?  
       *whom (ACC) has Mary kissed*

- (50) \*Ver dos broyt **hot** gegesn?  
       *who the bread has eaten*

Para manter a uniformidade da análise IP-V2 em línguas simétricas, Rögnvaldsson & Thráinsson propõem que, em orações interrogativas matrizes do Islandês, o constituinte *wh* ocupa a posição SpecIP. Solução similar é apresentada por Diesing para dar conta da agramaticalidade do exemplo (50) no Iídiche. Segundo esses autores, isso explicaria por que a topicalização V2 não é licenciada em orações interrogativas matrizes com um sintagma *wh* precedendo o verbo, já que a presença do elemento interrogativo em SpecIP bloquearia o alçamento de qualquer outro constituinte para essa posição. Se a posição pré-verbal para um constituinte frontado em línguas V2 simétricas for realmente SpecIP, tem-se uma explicação para a incompatibilidade de sintagmas *wh* com um XP deslocado em orações interrogativas matrizes. A crítica que se pode fazer a essa solução, entretanto, é que, fora a tentativa de manter a uniformidade da análise IP-V2, não nos parece haver nenhuma outra motivação independente que permita dizer que sintagmas *wh* ocupem, em orações matrizes, uma posição estrutural distinta da que ocupam em orações subordinadas, o que, em nossa opinião, enfraquece consideravelmente a capacidade explicativa da hipótese IP-V2.

### 2.3.3 O Fenômeno V2 sob uma Perspectiva Cartográfica

Como apresentado no capítulo 1, diversos trabalhos mostram que o sistema CP deve ser entendido não como uma projeção única que manifesta um núcleo e um especificador, mas sim como um espaço estrutural composto por um conjunto de projeções funcionais distintas, cada uma delas tendo uma motivação semântico/pragmática específica (cf., entre outros, Rizzi 1997, 2001; Benincà & Poletto 2004). Ante essa perspectiva cartográfica, um desafio interessante se coloca para qualquer tentativa de explicar o efeito V2, em particular se for seguida a idéia de que essa restrição de ordem de palavras é decorrente de operações no domínio de CP, e não de IP. Esse desafio é bem sintetizado na seguinte citação:

“If the CP layer has to be conceived as a number of distinct functional projections, each hosting a different type of element and checking distinct semantic features, the traditional account of the linear restriction in terms



of V to C movement is no longer valid and we need to reformulate it in the new perspective” (Poletto 2002:2).<sup>9</sup>

No que se segue, apresentaremos uma análise representativa que, a partir de uma perspectiva cartográfica, procurara explicar o efeito V2 observado em línguas germânicas. Por fim, desenvolveremos uma análise alternativa, que utilizaremos como base para as discussões que serão realizadas no capítulo 4 a respeito da sintaxe da posição do verbo na história do Português Europeu.

### 2.3.3.1 A Análise de Roberts (2004)

Seguindo a proposta cartográfica de Rizzi (1997) para o sistema CP (cf. a seção 1.2.2 do capítulo 1), Roberts (2004) argumenta que, em línguas V2, o núcleo Fin deve apresentar necessariamente uma realização lexical (Fin\*, na terminologia de Roberts). Em orações matrizes, esse requerimento seria satisfeito via movimento do verbo para Fin\*. Em orações subordinadas, particularmente nas línguas V2 assimétricas como o Alemão, o requerimento fonético de Fin\* seria satisfeito por meio da concatenação direta do complementizador. Na análise de Roberts, em razão do princípio *merge over move* (Chomsky 1995), o complementizador tem a preferência em relação ao verbo para satisfazer o requerimento de Fin\* nas subordinadas, já que isso representaria um caso de concatenação, e não de movimento. Já nas matrizes, como o complementizador não está disponível na numeração sintática, a realização lexical de Fin\* deve ser satisfeita através de movimento, dado que o deslocamento do verbo finito seria a única forma de satisfazer tal requerimento fonético. Dessa forma, Roberts explica a assimetria observada no Alemão, por exemplo, entre orações matrizes e subordinadas no que diz respeito à ordem linear do verbo finito, como já destacamos em momentos anteriores.

Roberts procura oferecer também uma motivação teórica para a presença de um XP em posição pré-verbal no caso de sentenças com ordem linear V2. Em sua análise, isso decorreria de uma outra propriedade de Fin\*, a saber, a presença de um traço EPP nesse núcleo. Por EPP, o autor entende o requerimento que um núcleo pode manifestar determinando que o seu especificador seja preenchido por um XP apropriado (cf. Chomsky 2004). Assim, em razão do EPP, Fin\* deve apresentar um sintagma em

---

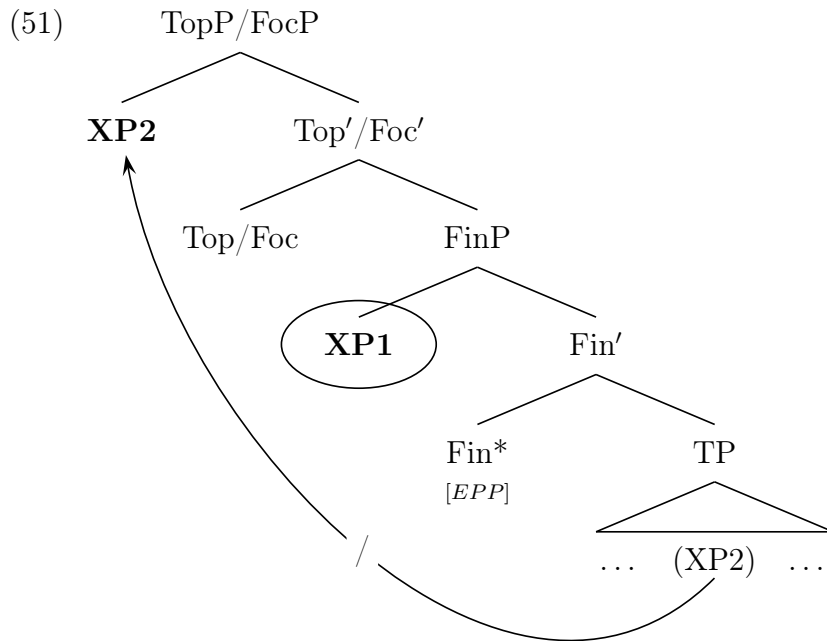
<sup>9</sup> “Se a camada CP tiver que ser concebida como várias projeções funcionais distintas, cada uma delas hospedando um tipo diferente de elemento e checando traços semânticos distintos, a explicação tradicional da restrição linear em termos de movimento de V para C não é mais válida, sendo necessária reformulá-la no âmbito da nova perspectiva” (tradução nossa).

SpecFinP.<sup>10</sup> Nessa explicação, a maneira como línguas V2 têm o traço EPP de Fin\* satisfeito e a maneira como o Inglês satisfaz o EPP de Agr (ou T, numa perspectiva mais minimalista) apresenta um paralelo interessante. Nos dois casos, um determinado especificador deve ser preenchido. Entretanto, haveria uma diferença: ao contrário de Agr, Fin\* não precisa ter seu traço EPP checado necessariamente por um DP, já que qualquer tipo de XP poderia ocupar SpecFinP. Para Roberts, isso se deve ao fato de que, diferentemente de Agr, Fin\* não é um elemento D (cf. também Roberts & Roussou 2002).

Evidentemente, sob uma perspectiva cartográfica, é importante explicar também por que não é possível mais de um constituinte em posição pré-verbal, dado que, estruturalmente, outros especificadores acima de FinP encontram-se disponíveis. Como, em línguas V2, o movimento de um sintagma para SpecFinP seria motivado apenas pelo traço EPP de Fin\*, Roberts propõe que, para efeitos de minimalidade relativizada (cf. Rizzi 2000), o XP movido pode ser caracterizado como pertencendo a nenhuma classe particular na tipologia de potenciais barreiras. Por conta disso, o sintagma em SpecFinP seria capaz de bloquear o alçamento de qualquer outro XP para especificadores mais acima na estrutura oracional. Em outras palavras, a idéia básica é que, uma vez que SpecFinP é preenchido por um XP, isso bloquearia o movimento de outro sintagma para qualquer especificador que venha a estar disponível acima de SpecFinP. Essa proposta é ilustrada no esquema em (51).

---

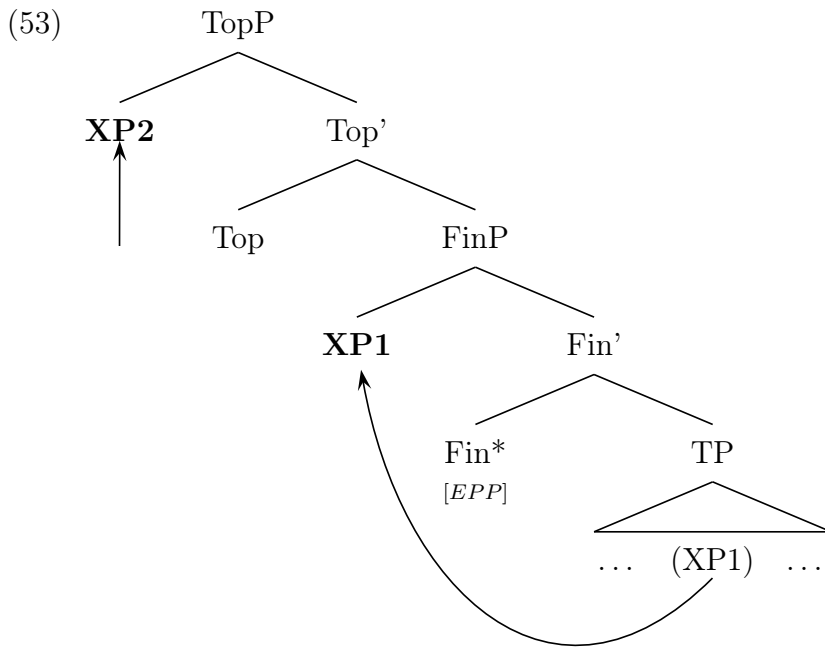
<sup>10</sup>Para análises que também lançam mão da idéia de um traço EPP para explicar o requerimento determinando o fronteamto de um XP para a periferia da sentença nas ordens lineares V2, cf., entre outros, Haegeman (1996), Laenzlinger (1998) e Roberts & Roussou (2002).



O autor destaca, porém, que esse tipo de análise não impede a concatenação direta de algum constituinte numa posição de especificador acima de SpecFinP. De fato, ordens de palavras V3 são possíveis em línguas V2. No Alemão, por exemplo, isso ocorre quando o constituinte imediatamente pré-verbal é um pronome D que retoma o XP em primeira posição, como exemplificado em (52) (Roberts 2004:317).

- (52) a. Den Mann, den **habe** ich gesehen  
           *the man him have I see*  
       b. [Den Mann]<sub>XP2</sub> [den]<sub>XP1</sub> **habe** ich gesehen

Para exemplos como o apresentado em (52), Roberts assume que o XP em posição inicial é concatenado diretamente em SpecTop, com o pronome D satisfazendo o EPP de Fin\*. Nesse caso, como não houve movimento de um sintagma cruzando o constituinte que se encontra em SpecFinP, a ordem linear V3 é perfeitamente possível. A estrutura do exemplo (52) é esquematizada em (53).

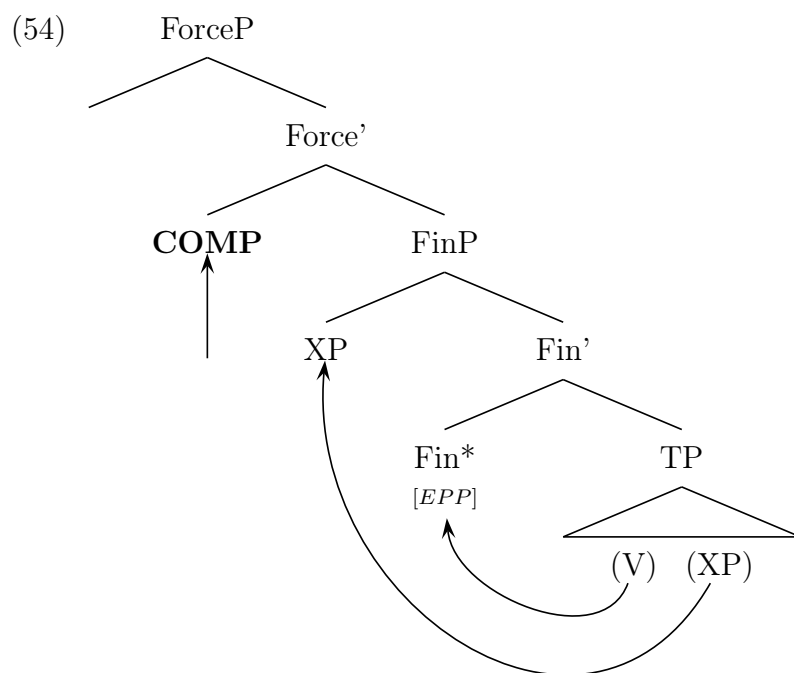


Gostaríamos de destacar ainda a maneira como Roberts explica as possibilidades de ordem V2 em orações subordinadas. Ao fazermos a introdução do fenômeno V2 na seção 2.2, mostramos que existem basicamente dois tipos de línguas V2. Um grupo é o das línguas assimétricas, que, no contexto de orações subordinadas, licenciam a ordem V2 apenas se o verbo regente pertencer à classe dos verbos ponte. O Alemão e as línguas escandinavas continentais são sistemas gramaticais representativos desse grupo de línguas. O Alemão se diferencia das línguas escandinavas continentais apenas no que diz respeito à possibilidade de manifestar um complementizador em orações subordinadas V2. No caso do Alemão, o complementizador não pode estar presente. No caso das línguas escandinavas continentais, a presença do complementizador em sentenças subordinadas V2 é possível. O outro tipo de sistema V2 é o das línguas simétricas, que licenciam a ordem V2 em orações subordinadas de maneira generalizada, independentemente da natureza do verbo regente. O Islandês e o Iídiche são línguas representativas desse segundo grupo. No caso das línguas simétricas, tal como nas línguas escandinavas continentais, a ordem V2 em orações subordinadas é compatível com a presença do complementizador.

Em relação ao Alemão, Roberts argumenta que, nas orações subordinadas selecionadas por um verbo ponte, ao invés do requerimento lexical de Fin\* ser satisfeito com a concatenação do complementizador, haveria a possibilidade de movimento do verbo. Sendo feita a escolha pelo movimento de V, haveria concomitantemente o alçamento de

um XP para SpecFinP. Cabe destacar que, no Alemão em particular, com o verbo realizando lexicalmente o núcleo Fin\* numa oração subordinada, o complementizador não é selecionado na numeração sintática. Ou seja, nesse tipo específico de oração dependente, o processo de derivação da ordem V2 seria similar ao de uma oração declarativa matriz.

No caso das línguas escandinavas continentais, Roberts propõe que, nas orações subordinadas selecionadas por um verbo ponte, ao invés de ser concatenado em Fin\*, o complementizador pode ser inserido diretamente em Force. Quando isso ocorre, o requerimento fonético de Fin\* é satisfeito através de movimento do verbo, já que não haveria um complementizador nessa posição para bloquear o alçamento do constituinte verbal. Com o movimento do verbo para Fin\*, é licenciado também o fronteamento de um XP para SpecFinP, como forma de satisfazer o traço EPP. Ou seja, dada a posição estrutural onde o complementizador é concatenado, entende-se por que a ordem linear V2 é compatível com a presença desse constituinte, como esquematizado em (54).



Em relação a línguas simétricas como o Islandês e o Iídiche, Roberts sugere que o mecanismo de derivação da ordem V2 em orações subordinadas é semelhante ao que ocorre nas encaixadas V2 das línguas escandinavas continentais. Ou seja, o complementizador também é concatenado em Force, resultando, assim, no licenciamento do requerimento fonético de Fin\* através de movimento do verbo. Com o alçamento do

verbo para a periferia da sentença, o fronteamento de um XP qualquer para SpecFinP também ocorreria como forma de satisfazer o EPP de Fin\* (cf. novamente o esquema em (54)). A única diferença em relação às línguas escandinavas continentais é que, em línguas como o Islandês e o Lídiche, o complementizador *serica* concatenado de maneira sistemática em Force, e não apenas em sentenças subordinadas selecionadas por um verbo ponte.

Embora Roberts não discuta, existem evidências de que, ao menos nas línguas escandinavas continentais, o complementizador empregado em orações subordinadas V2 não é o mesmo utilizado em orações subordinadas não V2, apesar de manifestarem uma matriz fonológica idêntica. Por exemplo, em orações encaixadas não V2 do Dinamarquês, o complementizador *at* é opcional, como ilustrado em (55) (Vikner 1995:85).

- (55) a. Hun sagde [ at vi ikke **skulle** købe denne bog  
           *she said that we not should buy this book*
- b. Hun sagde [ vi ikke **skulle** købe denne bog  
           *she said we not should buy this book*

Por outro lado, se a oração subordinada licencia a ordem de palavras V2, a ausência do complementizador deixa de ser possível e se torna agramatical, como exemplificado no contraste entre (56a) e (56b) (Vikner 1995:85).<sup>11</sup>

- (56) a. Hun sagde [ at vi **skulle** ikke købe denne bog  
           *she said that we should not buy this book*
- b. ??Hun sagde [ vi **skulle** ikke købe denne bog  
           *she said we should not buy this book*

Tanto em (56a) quanto em (56b), a oração encaixada apresenta o *status* de sentença V2, já que, nos dois exemplos, o verbo finito precede o elemento de negação. Porém, com a presença do complementizador, como em (56a), a sentença é perfeitamente aceitável, ao passo que, sem o complementizador, como se vê em (56b), a oração subordinada V2 se torna bastante degradada. O comportamento diferenciado de *at* em orações subordinadas não V2 e em orações subordinadas V2 poderia ser tomado como um indício de que, na realidade, estamos diante de dois complementizadores distintos. Se essa hipótese realmente estiver no caminho certo, não nos parece ilógico então imaginar que eles possam ocupar duas posições estruturais distintas. Poderíamos dizer que

---

<sup>11</sup>Para uma apresentação de fatos similares no Sueco, cf. Branigan (2011).

um dos complementizadores *at* é concatenado sempre em  $\text{Fin}^*$ , impedindo a derivação da ordem linear V2. Esse complementizador apresentaria a propriedade de poder ser lexicalmente apagado ou não. O outro complementizador *at*, por sua vez, seria sempre concatenado diretamente em Force, o que permitiria, portanto, o licenciamento da ordem V2. Esse complementizador, ao contrário daquele que é concatenado em  $\text{Fin}^*$ , não apresentaria a propriedade de poder ser apagado fonologicamente. Diante dessa possibilidade de dois complementizadores com a mesma matriz fonológica, mas que ocupam posições estruturais distintas, teríamos assim uma explicação para a idéia de Roberts de que, em orações subordinadas V2 introduzidas por um complementizador, este elemento se encontra numa posição diferente da que é ocupada pelo complementizador em orações não V2.

Como se pode ver, uma análise cartográfica na linha do que Roberts propõe apresenta a vantagem de permitir a derivação da ordem linear V2 de maneira uniforme. Ou seja, não há mais a necessidade de dividir as línguas em sistemas CP-V2 e sistemas IP-V2. Na realidade, tanto em línguas assimétricas quanto em línguas simétricas, a restrição de ordem de palavras V2 passa a ser entendida, de maneira uniforme, como um fenômeno resultante de operações que ocorrem na periferia da sentença. Uma proposta desse tipo evita uma série de pressupostos indesejáveis. Por exemplo, no âmbito das análises IP-V2, muito já se discutiu se SpecIP é uma posição A ou uma posição A-barra. Santorini (1995) assume que o especificador de IP, no Iídiche, é sempre uma posição de tópico, podendo ser classificado de maneira generalizada como uma posição A-barra. Já Diesing (1990) argumenta que, no Islandês, SpecIP pode ser uma posição A quando o sujeito se desloca para lá, ou uma posição A-barra, quando um outro constituinte diferente do sujeito é frontado para SpecIP. Em termos conceituais, entretanto, parece-nos mais elegante assumir um *status* universal para SpecIP, a saber, o de sempre ser uma posição A, como em línguas não V2. Dentro da análise cartográfica de Roberts, essa questão não se coloca, já que, se formos utilizar os termos posição A e posição A-barra, o *status* de SpecIP não é variável, como assume Diesing, ou diferente do *status* de SpecIP em línguas como o Inglês, conforme assumido por Santorini. Na realidade, mesmo em línguas V2 simétricas, o espaço relevante para a derivação da ordem linear V2 é o sistema CP, e não o domínio de IP.

### 2.3.3.2 Uma Análise Alternativa

Neste momento, apresentaremos uma análise alternativa para a derivação do efeito V2 nas línguas germânicas. No geral, seguiremos o espírito da análise de Roberts. Aqui, reconsideraremos apenas dois aspectos: um deles relacionado ao EPP e o outro relacionado à natureza do requerimento fonético determinando a realização lexical de Fin\*.

Como já dissemos, Roberts propõe que, em orações declarativas matrizes, o núcleo Fin\* manifesta o traço EPP, que determina o preenchimento de SpecFinP. No entanto, em orações subordinadas, o núcleo Fin\* parece não vir especificado com esse traço, dado que, em nenhuma língua V2, são encontradas orações encaixadas em que um XP qualquer precede o complementizador, como assim confirma a agramaticalidade do exemplo (57) no Holandês (Zwart 2005:16).

- (57) \*Ik heb gezegd [ gisteren **dat** Jan Marie gekust heeft  
I have said yesterday that John Mary kissed has  
'I said that yesterday John kissed Mary.'

Na análise de Roberts, o EPP é uma propriedade de Fin\* apenas quando este núcleo tem seu requerimento fonético satisfeito via movimento. Assim, a presença de um XP em SpecFinP seria necessária unicamente em orações matrizes (ou nas subordinadas que licenciam a ordem V2), já que é nesse contexto que o requerimento lexical de Fin\* é licenciado mediante movimento, isto é, com o alçamento do verbo. O inconveniente dessa proposta é que Roberts não apresenta nenhuma explicação teórica para tal correlação entre movimento do verbo para Fin\* e presença de um traço EPP. Na realidade, o autor se limita apenas a apontar que a propriedade V2 (isto é, movimento de V para Fin\* e presença de um EPP que desencadeia alçamento de um XP para SpecFinP) é um traço de línguas que apresentam tanto um sistema de concordância muito empobrecido como também a ausência completa de partículas que possam ser concatenadas diretamente na periferia da sentença.

Aqui, propomos uma explicação diferente para a ausência do EPP em orações subordinadas. Nessa análise alternativa, um primeiro aspecto a ser destacado é a proposta de que o núcleo Fin, por *default*, vem especificado com traços  $\phi$ .<sup>12</sup> Em certo sentido, essa hipótese recupera diferentes análises não cartográficas que assumem a

---

<sup>12</sup>Nesta tese, não entraremos numa discussão detalhada da noção de traços  $\phi$ . Para os propósitos do trabalho, seguiremos a concepção tradicional de que esses traços correspondem a um conjunto de propriedades morfológicas que codificam informações relacionadas a pessoa, gênero e número.



idéia de Agr em Comp (cf., por exemplo, Rizzi 1990 para o Inglês e Galves 1997 para o Português Clássico). Uma primeira evidência de que Fin está associado a traços  $\phi$  pode ser encontrada em alguns dialetos do ramo germânico nos quais o complementizador manifesta concordância morfológica com o sujeito da oração encaixada. No Flamengo Ocidental, por exemplo, essa propriedade pode ser claramente vista nos exemplos em (58) (Carstens 2003:393).

- (58) a. Kpeinzen **dan-k** ik morgen goan.  
*I-think that-I I tomorrow go*  
 ‘I think that I’ll go tomorrow.’
- b. Kpeinzen **da-j** gie morgen goat.  
*I-think that-you you tomorrow go*  
 ‘I Think that you’ll go tomorrow.’
- c. kpeinzen **dan** die boeken te diere zyn.  
*I-find that-PL the books too expensive are*  
 ‘I find those books too expensive.’

Ou seja, o fato de o complementizador estabelecer concordância morfológica com o sujeito da oração encaixada, como visto em (58), pode ser tomado como uma evidência de que Fin manifesta traços  $\phi$ . No caso do Flamengo Ocidental, a especificação dos traços  $\phi$  em Fin apresenta uma manifestação morfológica. Nossa hipótese, porém, é que mesmo em línguas V2 que não manifestam concordância de complementizador, como seria o caso, por exemplo, do Alemão e das línguas escandinavas continentais, o núcleo Fin também apresenta traços  $\phi$ , ainda que sem uma realização morfológica.

Outra evidência de que Fin pode estar associado a traços  $\phi$  é extraída do fato de que, no Sueco, orações que manifestam movimento do verbo para Fin admitem um sujeito pronominal posposto ao verbo apenas se o sujeito aparecer linearmente adjacente ao verbo. Em orações interrogativas sim/não, um contexto clássico de movimento do verbo para a periferia da sentença, é possível ver claramente a obrigatoriedade de adjacência entre o verbo e o sujeito pronominal posposto, como mostra o contraste em (59) (Vikner 1995:45).

- (59) a. **Har han** verkligen gjort det här?  
*has he really done this*
- b. \***Har** verkligen **han** gjort det här?

Um padrão semelhante é observado no Holandês. Nessa língua, sujeitos pronominais fracos também devem aparecer imediatamente à direita do verbo em orações interrogativas sim/não, como se vê em (60) (Vikner 1995:44).

- (60) a. **Was ze** gisteren ziek?  
           *was she yesterday sick*  
       b. \***Was** gisteren **ze** ziek?

Seguindo a proposta de Tomaselli (1989), entre outros, uma possível maneira de explicar esse padrão de adjacência seria argumentando que, nessas línguas, os pronomes que aparecem imediatamente à direita do verbo são sujeitos clíticos. Ante a hipótese de que esses elementos devem se cliticizar, na estrutura oracional, ao núcleo mais alto com traços de concordância, poderíamos dizer então que, em sentenças como as apresentadas em (59) e (60), o pronome é cliticizado ao núcleo Fin, sugerindo, portanto, que esse núcleo se encontra associado a traços  $\phi$ .

Em nossa análise, os traços  $\phi$  de Fin em línguas V2 estão sempre associados à propriedade EPP. Isso significa que, após valorar seus traços  $\phi$  mediante uma relação de *Agree*, o núcleo Fin forçaria o movimento de um XP para a posição SpecFinP, nos moldes do que é proposto na teoria minimalista. Essa dinâmica é exatamente o que ocorreria em orações matrizes V2. Na linha do que Roberts propõe, poderíamos dizer que o EPP bloqueia o movimento de outros XP's para posições acima na estrutura oracional, por questões de minimalidade relativizada. No caso de orações subordinadas, nossa proposta é que a concatenação do complementizador em Fin cancelaria os traços  $\phi$  desse núcleo. A idéia é que, para um núcleo permanecer especificado com traços  $\phi$ , ele deve ser V-relacionado. Por *default*, assumiremos que Fin é V-relacionado. No caso de orações matrizes V2, o movimento do verbo não bloquearia essa propriedade de Fin, por razões óbvias. Já no caso de sentenças subordinadas, a propriedade de Fin ser V-relacionado é cancelada possivelmente porque complementizadores manifestam propriedades nominais (cf. Haegeman 1996). Uma vez que os traços  $\phi$  são cancelados, consequentemente não há também mais a propriedade EPP determinando o preenchimento de SpecFinP por um XP qualquer. Com isso, teríamos uma explicação teórica para o porquê de não ser necessária a presença de um sintagma em SpecFinP nos casos em que o complementizador é concatenado em Fin.

Mas, nas configurações em que Fin não está especificado com traços  $\phi$ , algum outro núcleo poderia apresentar essa propriedade? Nossa proposta é que, por *default*, o núcleo T também é V-relacionado e pode estar associado a traços  $\phi$ . Mas, seguindo

a idéia de Chomsky (2004), assumiremos que T herda seus traços  $\phi$  de C. Em nossa análise, isso corresponde a dizer que os traços  $\phi$  de T são herdados do núcleo Fin. Com isso em mente e seguindo a terminologia de Ouali (2008) de que os traços  $\phi$  podem ser conservados, compartilhados ou doados pelo núcleo C (Fin, em nossa proposta), assumiremos que, em línguas V2, os traços  $\phi$  são sempre compartilhados entre o núcleo Fin e T. Ou seja, esses dois núcleos manifestam traços  $\phi$ , os quais demandarão tanto o preenchimento do especificador de FinP quanto o preenchimento do especificador de TP, visto que, como já sugerimos, os traços  $\phi$  sempre estão associados ao EPP. Em orações matrizes, isso pode ser ilustrado com o exemplo a seguir do Dinamarquês, em que o constituinte pré-verbal satisfaz o EPP associado aos traços  $\phi$  de Fin e o expletivo pós-verbal satisfaz o EPP associado aos traços  $\phi$  de T (Vikner 1995:185).

- (61) a. Igår er der kommet en dreng  
*yesterday is there come a boy*  
 b. [<sub>FinP</sub> Igår er [<sub>TP</sub> der kommet en dreng

Nas subordinadas, embora os traços  $\phi$  de Fin sejam cancelados com a presença do complementizador, isso não interferiria na ativação dos traços  $\phi$  de T, como confirma a presença do expletivo na oração encaixada a seguir.

- (62) a. ... at der er kommet en dreng  
*that there is come a boy*  
 b. ...at [<sub>TP</sub> der er kommet en dreng

Gostaríamos de pontuar agora a questão do movimento do verbo para Fin. Na proposta de Roberts, como já apontado, isso decorreria de um requerimento fonético determinando que o núcleo Fin em línguas V2 sempre apresente uma realização lexical. Dentro dessa concepção, a operação de movimento do verbo não é uma propriedade da sintaxe visível, mas é entendida como um reflexo de restrições pós-sintáticas (neste caso em particular, uma restrição do componente fonético). Entretanto, como já dissemos no capítulo 1 desta tese, aqui assumiremos que a operação de movimento de núcleos é um tipo de movimento que, assim como o de sintagmas plenos, também ocorre na sintaxe visível. Aceita essa idéia, é importante descobrir então uma nova motivação para o movimento de V para Fin em línguas V2, motivação esta que não decorra de um requerimento fonético.

Nossa proposta é que o preenchimento de Fin, seja pelo verbo, seja pelo complementizador, é desencadeado pela presença de um traço de finitude [+F] (cf., entre outros

de Haan & Weerman 1986; Haider 1986; Holmberg & Platzack 1995). De fato, efeito V2 e finitude parecem estar relacionados, por pelo menos dois motivos. Primeiro porque a restrição V2 é uma característica de orações finitas. Segundo porque, se não ocorre movimento do verbo para a periferia da sentença, é necessariamente lexicalizado um complementizador finito (cf. de Haan & Weerman 1986). Em vista desses dois aspectos, nada mais natural pensar então que o traço relevante determinando ou o movimento do verbo ou a concatenação de um complementizador é um traço de finitude.

## 2.4 Sumário

Na primeira parte deste capítulo, pudemos apresentar uma caracterização geral do fenômeno V2. Em linhas gerais, vimos que as línguas V2 podem ser classificadas em dois grandes grupos: i) aquelas que apresentam a ordem de palavras V2 apenas em orações matrizes, sendo possível essa sequência em orações subordinadas apenas sob circunstâncias bem específicas, e ii) aquelas que manifestam a ordem linear V2 não apenas em orações raízes, mas também de maneira generalizada em orações subordinadas. Apresentamos também as propostas CP-V2 e IP-V2, discutindo como cada uma delas se propõe a explicar a ordem de palavras V2 nas línguas germânicas.

Diante de algumas questões não resolvidas que esses dois tipos de propostas deixam, apresentamos uma discussão do fenômeno V2 a partir de uma perspectiva cartográfica. Dentro dessa análise interpretativa, tal como desenvolvida em Roberts (2004), vimos que a restrição V2 pode ser explicada de maneira uniforme como um fenômeno que envolve a periferia à esquerda da sentença. Ou seja, tanto em línguas V2 assimétricas quanto em línguas V2 simétricas, a hipótese aqui assumida é que as posições estruturais ocupadas pelo verbo e pelo constituinte pré-verbal são as mesmas nos dois tipos de línguas: Fin para o verbo e SpecFinP para o XP inicial. No caso das línguas que licenciam a ordem V2 em sentenças subordinadas mesmo com a presença de um complementizador, isso ocorreria em razão de o complementizador, sob certas circunstâncias (que não exploramos aqui), ser concatenado não em Fin, mas no núcleo periférico mais alto Force. No que diz respeito à presença de um XP em SpecFinP, isso seria decorrente de um traço EPP em Fin. Na nossa análise, a hipótese assumida é que esse traço estaria relacionado à presença de traços  $\phi$  em Fin. Além disso, assumimos aqui que, ao contrário do que é proposto em Roberts, o movimento do verbo para Fin ou a presença de um complementizador nesse núcleo não decorrem de um requerimento

fonético. Nossa hipótese, seguindo uma longa tradição de trabalhos gerativistas, é que o fator responsável seja a presença de um traço de finitude [+F].

## Parte II: O Debate sobre o Efeito V2 na História do Português

### 2.5 O Problema

Dentro da tradição gerativista, muitos estudos tem argumentado que as línguas românicas, em fases passadas, manifestavam um comportamento sintático similar ao de línguas V2 (cf., por exemplo, Adams 1987 e Vance 1989 para o Francês; Fontana 1993 e Pinto 2011 para o Espanhol; Benincà 2006 e Ledgeway 2008 para dialetos medievais da Itália). Esse tipo de análise, porém, não é unânime, já que diversos trabalhos têm questionado a hipotética natureza V2 das línguas românicas em estágios passados (cf., por exemplo, Kaiser 2002; Cruschina & Sitaridou 2009; Rinke & Meisel 2009). Em relação ao Português, o mesmo debate tem ocorrido. De fato, diversos trabalhos já propuseram que, em estágios anteriores, o Português Europeu comportava-se como uma língua V2 (cf., entre outros, Ribeiro 1995; Torres Morais 1995; Galves 1996, 1997, 2000; Paixão de Sousa 2004; Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005). No entanto, alguns pesquisadores também questionam essa hipótese, como assim o fazem, por exemplo, Kaiser (1999) e Rinke (2009). Em vista desse debate, apresentaremos a partir de agora alguns dos argumentos que têm sido trazidos à discussão para confirmar ou não a natureza V2 do Português em fases passadas. Essa revisão da literatura se mostra pertinente na medida em que servirá de contexto para as discussões que realizaremos a partir do próximo capítulo a respeito da evolução gramatical do Português Europeu do século 16 ao 19.

### 2.6 Propostas V2

Ribeiro (1995) é um dos primeiros trabalhos a defender que o Português, em fases passadas, se caracterizava como uma gramática V2. Em seu trabalho, a autora investiga textos portugueses produzidos entre os séculos 13 e 16, período este que é denominado por ela de Português Arcaico (PA). Basicamente, a idéia central do trabalho de Ribeiro é que, em orações matrizes desse período gramatical, o Português se comportaria tal

como o Alemão, isto é, instanciando tanto movimento do verbo para C quanto deslocamento de um XP qualquer para SpecCP. No que se segue, apresentaremos algumas das evidências que Ribeiro traz à discussão para defender essa hipótese.

Um aspecto destacado pela autora é que, nos textos por ela investigados, são atestados diversos exemplos com a ordem de palavras XV, isto é, sentenças em que o constituinte pré-verbal não é o sujeito, como ilustrado em (63) a seguir (Ribeiro 1995:157).

- (63)
- a. **Com tanta paccença** sofria ela esta enfermidade
  - b. e **daquy** mandou ocapitã a nycolaa coelho
  - c. E **enton** respondeu o abade santo
  - d. **Com estas e outras taaes rrazões** arrefeço el-rrei de sua brava sanha
  - e. E **estes dizimos** quis Nostro Senhur pera as eygreyas fazer

Por exemplo, sintagmas preposicionais ou advérbios são os elementos que precedem o verbo finito nos dados em (63a), (63b), (63c) e (63d). O exemplo em (63e) é representativo de uma sentença com um objeto direto deslocado em posição pré-verbal. Para Ribeiro, se esses elementos todos ocupam a mesma posição pré-verbal nos exemplos apresentados, pode ser dito então que tal posição é capaz de abrigar tanto constituintes argumentos quanto constituintes adjuntos. A autora ressalta também que esses exemplos mostram que o sujeito não é o sintagma privilegiado para ocupar a posição imediatamente pré-verbal, já que, em todos eles, observa-se o sujeito posposto ao verbo, embora sentenças com o sujeito precedendo o verbo finito também sejam possíveis, como exemplificado em (64) (Ribeiro 1995:157).

- (64)
- a. E **o monge** veo depois ao ladron
  - b. **Todo crischao** crea firmemente que huu soo é verdadeyro Deus
  - c. **Este rrei** acrecentou muito nas contias de fidallgos

De acordo com Ribeiro, uma maneira natural de explicar esses fatos, em termos estruturais, seria argumentando que, no PA, o verbo sempre se move para C em orações raízes, movimento este que é acompanhado pelo preenchimento de SpecCP por um constituinte de qualquer natureza, e não necessariamente pelo sujeito, tal como esquematizado em (65) para o exemplo (63a) (Ribeiro 1995:157).

(65) [<sub>CP</sub> Com tanta pazeença<sub>j</sub> [<sub>C'</sub> sofria<sub>i</sub> [<sub>AgrSP</sub> ela t<sub>i</sub> esta enfermidade t<sub>j</sub> ]]]

Um outro argumento diz respeito à posição de sujeitos pronominais. Ribeiro apresenta a hipótese de Vance (1989) de que, quando pós-verbal, um sujeito pronominal está necessariamente em SpecAgrSP. Dentro dessa hipótese, o licenciamento de sujeitos pronominais pós-verbais implica necessariamente em movimento do verbo para C. Como já visto também no exemplo (63a), o PA admitia um sujeito pronominal seguindo imediatamente o verbo finito. Para Ribeiro, esse tipo de dado, portanto, é mais uma evidência de que, nessa fase histórica, o Português seria caracterizado como um sistema gramatical V2, já que instanciaria movimento do verbo para C. Em (66), apresentamos outro exemplo de Ribeiro para a ordem de palavras em que um sujeito pronominal é posposto (Ribeiro 1995:161).

(66) **Ora** às tu teu aver que demandasti

Ribeiro aponta também que diferentes tipos de constituintes podem ser fronteados de uma sentença encaixada para o domínio da oração matriz, desencadeando a inversão verbo-sujeito. Em (67), por exemplo, o DP sujeito da sentença encaixada é fronteado para a oração matriz, e o que se vê é o sujeito da oração matriz aparecendo posposto ao verbo finito (Ribeiro 1995:159).

(67) Padre, [**aqueste por que me tu rogas**]<sub>i</sub> vejo eu que t<sub>i</sub> non he monge

Em (68), o elemento deslocado da oração encaixada é o DP objeto. Nesse exemplo, tal como em (67), a oração matriz também manifesta inversão verbo-sujeito (Ribeiro 1995:159).

(68) E [**estes**]<sub>i</sub> dizia el-rrei que mandava matar t<sub>i</sub> porque forom da parte da rrainha dona Branca

A autora destaca que o padrão de inversão verbo-sujeito de exemplos como (67) e (68) é típico de operações de movimento envolvendo o sistema CP, como o caso de fronteamento de sintagmas *wh*. Em vista disso, Ribeiro argumenta que, em todos esses exemplos, tem-se o verbo finito da oração matriz em C e um constituinte qualquer ocupando SpecCP. Para a autora, se o constituinte topicalizado para SpecCP da oração matriz é um elemento diferente do sujeito, como seria o caso dos exemplos (67) e (68), obrigatoriamente o sujeito da oração matriz será licenciado em posição pós-verbal, a

saber, em SpecAgrSP, de acordo com a terminologia por ela adotada. Ou seja, na análise de Ribeiro, o padrão de inversão verbo-sujeito observado nesses exemplos seria resultante justamente da natureza V2 da gramática do PA.

Torres Morais (1995) apresenta evidências semelhantes às de Ribeiro de que o Português, em fases passadas, caracterizava-se como um sistema V2. Por exemplo, em textos do século 18, período este denominado por Torres Morais de Português Clássico, observa-se também que diferentes tipos de constituintes podem preceder imediatamente o verbo, como vemos nos exemplos a seguir (Torres Morais 1995:224, 243, 244, 245, 248, 249 e 250).

- (69)
- a. Eu **venero** esta Religião doutíssima, por agradecimento e por justiça.
  - b. A desordem dos sentidos **causa** ao amor o mesmo dano.
  - c. e ali **perdeu** Xerxes a sua maior batalha.
  - d. No mesmo instante **fez** o governador o sinal.
  - e. Esta razao **achará** V.P. em alguns livros impressos.
  - f. Ontem **tivemos** aqui o mano ...
  - g. Desta forma **ficarão** fartos e até aborrecidos.
  - h. Duas cartas **recebi** de V.M.cê.

Por exemplo, em (69a) e (69b), o elemento imediatamente pré-verbal é o sujeito. Nos demais exemplos, há casos em que o elemento pré-verbal é um advérbio ((69c) e (69f)), um sintagma preposicional ((69d) e (69g)) ou um objeto direto ((69e) e (69h)). Ou seja, tal como destacado por Ribeiro para o PA, os dados em (69) sugerem que a posição imediatamente pré-verbal no Português do século 18 não é exclusiva do sujeito. Para Torres Morais, isso pode ser tomado como uma evidência de que, nesse período, o Português ainda se comporta como um sistema V2, ou seja, como uma gramática que instancia movimento sistemático do verbo para a periferia da sentença, com o deslocamento de um XP qualquer para a posição pré-verbal.

Particularmente em relação às sentenças com um XP pré-verbal diferente do sujeito, Torres Morais destaca que a maior evidência de que esses exemplos ilustram a ordem V2 está nos casos que manifestam o sujeito após o verbo auxiliar nos complexos verbais. Isso é ilustrado com os dados em (70) (Torres Morais 1995:243-244).

- (70)
- a. E assim **deve** V.P. **estar** preparado para não se admirar de alguns termos novos



b. desta narração **poderás tu concluir** o labirinto em que me acho metido

De fato, os exemplos em (70) são semelhantes ao padrão de inversão verbo-sujeito de línguas V2, em que o sujeito segue imediatamente o verbo auxiliar de um complexo verbal. Esse padrão é exemplificado em (71a) e (71b) com dados do Alemão e do Dinamarquês, respectivamente, ambos já apresentados na parte I deste capítulo (Vikner 1995:43).

- (71) a. Diesen Film **haben** die Kinder **gesehen**  
          *this film have the children seen*
- b. Denne film **har** børnene **set**  
          *this film have children-the seen*

Um outro trabalho que defende a existência de uma gramática V2 na história do Português Europeu é o de Paixão de Sousa (2004). Em seu estudo, a autora investiga a dinâmica de colocação de clíticos na história do Português, particularmente em textos de escritores portugueses nascidos entre os séculos 16 e 19. Uma das questões investigadas por Paixão de Sousa foi a frequência de sentenças com um sujeito nulo, com um sujeito pré-verbal (SV) e com um sujeito pós-verbal (VS) no âmbito de orações matrizes finitas com ordem linear V1, V2 e V3, todas elas manifestando um clítico.<sup>13</sup> No gráfico 2.1, apresentamos um dos resultados obtidos por Paixão de Sousa.

---

<sup>13</sup>Em sua contagem dos dados, Paixão de Sousa desconsidera as sentenças com o clítico *se*. Para uma investigação sobre as particularidades desse pronome na história da colocação de clíticos do Português Europeu, cf. Cavalcante (2006) e Antonelli (2007).

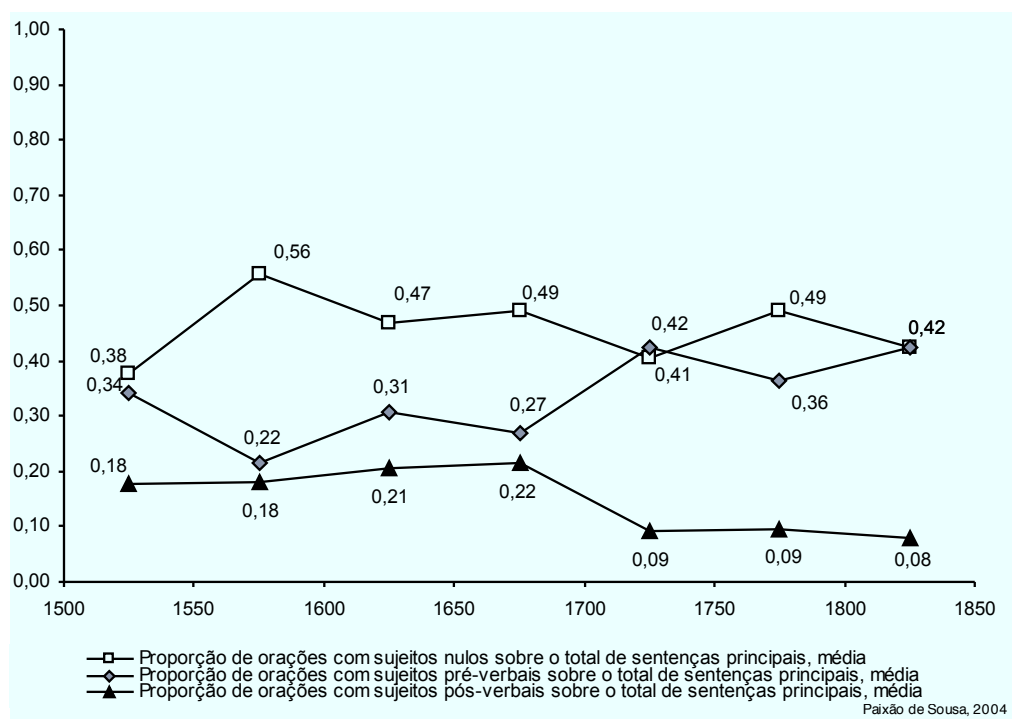


Gráfico 2.1: Sujeitos nulos, pré-verbais e pós-verbais em sentenças principais (gráfico 37 de Paixão de Sousa 2004).

A princípio, atentando em particular para os valores da segunda metade do século 16 até a segunda metade do 17, Paixão de Sousa observa que, nesse período, a maioria das sentenças principais apresenta o sujeito não realizado foneticamente: 56% na segunda metade do século 16, 47% na primeira metade do século 17 e 49% na segunda metade do século 17. Nesse mesmo período de tempo, a segunda opção mais empregada é a dos sujeitos pré-verbais (respectivamente, 22%, 31% e 27%), com os sujeitos pós-verbais representando sempre a terceira opção mais utilizada (respectivamente, 18%, 21% e 22%). Ou seja, nessas três metades de século, como bem enfatiza a autora, a proporção de SV é superior, mas consideravelmente próxima da proporção de VS (nunca mais de 10%), e ambas são superadas pela proporção de nulos.

Com relação ao que se vê a partir do século 18, Paixão de Sousa destaca a existência de um comportamento contrastante. A autora ressalta que, desse momento em diante, a proporção de SV (42%, 36% e 42%) irá oscilar muito próxima da proporção de sujeitos nulos (41%, 49% e 42%), distanciando-se mais da oscilação de sequências VS (9%, 9% e 8%). Ou seja, a partir dos textos do século 18 a proporção de VS será sempre muito inferior à proporção de SV.

Procurando interpretar esses resultados, Paixão de Sousa argumenta que os padrões proporcionais das ordens de palavras SV e VS nos textos dos séculos 16 e 17 parecem indicativos de que, na gramática desse período, a posição imediatamente pré-verbal na estrutura oracional se assemelha à posição pré-verbal de uma língua V2. Isso se justificaria na medida em que os sujeitos lexicais pré-verbais e pós-verbais apresentam proporções mais próximas entre si que os textos depois do século 18. Isto é, a idéia básica é que, até o fim do século 17, a posição canônica do sujeito não é necessariamente a pré-verbal, considerando os índices bastante próximos de frequência entre ordens SV e VS. Já a partir do século 18, a posição canônica do sujeito passaria a ser a posição pré-verbal, considerando a disparidade no índice de frequência entre ordens SV e VS, com um claro predomínio de orações com um sujeito pré-verbal. Para Paixão de Sousa, a gramática dos textos dos séculos 16 e 17 corresponde a um sistema em que a ordem de palavras SV é um subconjunto das ordens XV (em que X representa qualquer tipo de constituinte, e não apenas o sujeito). Nesse sistema, conforme a análise da autora, a posição pré-verbal está disponível para qualquer constituinte de VP. Embora Paixão de Sousa não se comprometa em determinar especificamente a localização dessa posição pré-verbal na estrutura oracional, sua hipótese é que ela possa ser interpretada como a posição pré-verbal de línguas V2.

A análise de Paixão de Sousa vai ao encontro da proposta de Galves, Britto & Pai-

xão de Sousa (2005) para a alternância ênclise/próclise atestada em textos portugueses dos séculos 16 e 17. Como se sabe, no Português Europeu Moderno (PE), a ênclise é obrigatória, em orações matrizes finitas, sempre que se tem o verbo em primeira posição linear (cf. (72)) ou nos casos em que o XP precedendo o verbo é um sujeito referencial (cf. (73)) ou um tópico, retomado ou não por um pronome (cf. (74) e (75)) (Galves 1997:106).<sup>14</sup>

- (72) a. **Parece-me** que choverá amanhã.  
 b. \***Me parece** que choverá amanhã.
- (73) a. A Maria **deu-lhe** esse livro ontem.  
 b. \*A Maria **lhe deu** esse livro ontem.
- (74) a. Essa rapariga, **conheço-a** muito bem.  
 b. \*Essa rapariga, **a conheço** muito bem.
- (75) a. Na semana passada, **encontrei-me** com os meus antigos colegas de escola.  
 b. \*Na semana passada, **me encontrei** com os meus antigos colegas de escola.

A próclise é possível sempre que o verbo finito ao qual se liga o clítico aparece debaixo do escopo de um elemento com natureza de operador, como sintagmas de negação (cf. (76)), complementizadores (cf. (77)), elementos *wh* (cf. (78)), NP's quantificados em posição de sujeito (cf. (79)), sintagmas deslocados com marca de focalização contrastiva (cf. (80)) e certos advérbios em posição pré-verbal (cf. (81)) (Duarte e Matos 2000:118-120).

- (76) a. O João não **o comprou**.  
 b. \*O João não **comprou-o**.
- (77) a. Eles disseram que os amigos **lhes deram** livros.  
 b. \*Eles disseram que os amigos **deram-lhes** livros.
- (78) a. Que mentira **lhe contaste?**  
 b. \*Que mentira **contaste-lhe?**

---

<sup>14</sup>Para uma visão geral da sintaxe de colocação de clíticos no PE, cf., entre outros, Galves (1997, 2000), Barbosa (2000), Duarte & Matos (2000), Raposo (2000) e Raposo & Uriagereka (2005).

- (79) a. Todos os alunos **se riram**.  
 b. \*Todos os alunos **riram-se**.
- (80) a. Até a ele **lhe contaram** (elas) mentiras.  
 b. \*Até a ele **contaram-lhe**(elas) mentiras.
- (81) a. O João já o **comprou**.  
 b. \*O João já comprou-o.  
 c. Ele também **o leu**.  
 d. \*Ele também **leu-o**.

Um fato interessante a respeito da história de colocação de clíticos do Português Europeu é que, até o século 19, tanto a próclise quanto a ênclise eram possíveis nas orações matrizes finitas em que o verbo é precedido por um XP sujeito referencial ou um tópico (seja esse tópico um advérbio ou um sintagma preposicional), configurações estas que, atualmente, requerem obrigatoriamente a ênclise, como já vimos (cf. Martins 1994; Galves 2000; Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005; Paixão de Sousa 2004). Essa dinâmica de alternância é ilustrada a seguir com dados dos séculos 16 e 17 (Paixão de Sousa 2004:72-75).

- (82) Sujeito pré-verbal  
 a. Eu **corro-me** de dizer o que padeço (séc. 17)  
 b. Ele **me disse** que pasmava como lhe abastava o que tinha (séc. 16)
- (83) Sintagma preposicional pré-verbal  
 a. Por isso **mande-me** Vossa Reverência boas novas disto (séc. 16)  
 b. Para os críticos **me deu** Nosso Senhor excelente oração, (séc. 17)
- (84) Advérbio pré-verbal  
 a. Depois **sucedeo-lhe** o Mirão, seu sobrinho, ... (séc. 16)  
 b. Hoje **me parto**. (séc. 17)

Galves, Britto & Paixão de Sousa defendem que, ao menos nos séculos 16 e 17, a ênclise é licenciada exclusivamente nos contextos em que o verbo finito é o primeiro elemento na estrutura prosódica da oração. Nos demais contextos, isto é, nos casos em que o verbo não é o primeiro constituinte dentro do domínio prosódico da oração, a próclise é derivada. A hipótese das autoras é esquematizada em (85) para a derivação da ênclise e em (86) para a derivação da próclise, em que “#” indica a fronteira prosódica da frase.

(85) Ênclise  
# [ V → Vcl

(86) Próclise  
# [ XP V → XPclV

Dentro dessa análise, os elementos pré-verbais em sentenças enclíticas, como em (82a), (83a) e (84a), seriam constituintes adjungidos externamente à fronteira prosódica da oração. Nesses casos, em termos estruturais, o verbo seria o primeiro elemento da oração, ainda que, em termos lineares, haja um XP em posição pré-verbal. Já nas sentenças proclíticas, tais como em (82b), (83b) e (84b), o sintagma imediatamente pré-verbal encontra-se dentro do domínio estrutural da oração. Embora as autoras, assim como Paixão de Sousa, não entrem em detalhes quanto à localização precisa dessa posição pré-verbal interna na estrutura oracional, a idéia é que ela seja capaz de abrigar diferentes tipos de constituintes, nos moldes de uma posição pré-verbal de línguas V2. Nesse sentido, então, a posição pré-verbal da análise de Paixão de Sousa equipara-se à posição pré-verbal que Galves, Britto & Paixão de Sousa sugerem ser a posição que abriga XP’s nos casos de próclise com um sintagma antecedendo o verbo, ainda que, nas duas análises, não haja um detalhamento de qual seja a localização estrutural dessa posição. O que interessa aqui é destacar que, nas duas propostas, o Português dos séculos 16 e 17 se configura, estruturalmente, como uma língua que se assemelha a um sistema gramatical V2, justamente por ter uma posição pré-verbal que é capaz de abrigar diferentes tipos de constituintes.

## 2.7 Propostas não V2

Nesta seção, apresentaremos dois trabalhos que contestam a hipótese de que o Português, em fases passadas, manifestou algum tipo de sistema V2. O primeiro deles é o de

Kaiser (1999), que se propõe a investigar se o PA de fato pode ser caracterizado como uma língua semelhante ao Alemão no que diz respeito à sua sintaxe de movimento do verbo e de fracionamento de XP's para a periferia da sentença, como defende Ribeiro (1995), por exemplo. Para alcançar esse objetivo, Kaiser analisa os três primeiros capítulos do primeiro livro de Samuel do Antigo Testamento, tanto numa versão traduzida para o Português, datada do século 14, quanto numa versão traduzida para o Alemão Moderno. A idéia é comparar a sintaxe da ordem em cada uma das traduções e verificar até que ponto o PA realmente se assemelhava a uma língua V2 prototípica como o Alemão.<sup>15</sup>

Um primeiro ponto ressaltado por Kaiser é que, no PA, a frequência de uso de sentenças verbo-iniciais (V1) em orações matrizes é muito alta em comparação com a frequência dessa ordem linear no Alemão. No PA, o índice de uso de sentenças V1 no corpus investigado por Kaiser é de 65,5%, ao passo que, no Alemão moderno, atesta-se um índice de 20%. O autor destaca que, em línguas V2 como o Alemão, a ordem V1 está restrita a alguns casos muito especiais. Um desses casos é o de orações coordenadas nas quais o sujeito, idêntico ao sujeito da oração precedente, não está realizado. Quando isso ocorre, o verbo finito aparece em primeira posição. No corpus do Alemão que Kaiser investiga, são atestados 37 exemplos desse tipo de ordem V1. Além disso, sentenças verbo-iniciais em Alemão são licenciadas em orações imperativas (16 exemplos), em orações exclamativas (1 exemplo) e em orações interrogativas sim/não (2 exemplos). Para esses casos de ordem V1, costuma-se assumir que um operador nulo ocupa SpecCP, fazendo com que, em termos estruturais, tais sentenças apresentem o formato de uma oração V2 (cf. Roberts 1993).

No corpus do PA, também são encontrados exemplos de ordem V1 similares aos que são atestados no Alemão. Porém, Kaiser mostra que o PA se diferencia por apresentar um tipo a mais de ordem V1, que são as sentenças declarativas verbo-iniciais em que o sujeito é realizado foneticamente e aparece imediatamente após o verbo finito, como exemplificado em (87) (Kaiser 1999:253). No Alemão, exemplos como os apresentados em (87) não são encontrados no corpus investigado por Kaiser.

- (87) a. **Concebeu** Ana  
       b. E **ofereceu** Helcana sacrifício a Deus  
       c. e **foysse** ele a Hely como da primeira

---

<sup>15</sup>Em seu trabalho, Kaiser também faz uma comparação com uma tradução bíblica do Francês Antigo. Aqui, porém, suas considerações a respeito da sintaxe do Francês Antigo não serão apresentadas.

Kaiser cita então a análise de Ribeiro (1995) para as construções V1 do tipo das que são exemplificadas em (87). Para Ribeiro, esses casos seriam semelhantes a um tipo de construção V1 encontrada marginalmente no Alemão coloquial, em que o verbo pode introduzir a frase por motivos discursivos muito especiais e variados. De acordo com a análise de Ribeiro, no PA, sentenças como (87) manifestariam um operador discursivo vazio, que ocuparia a posição SpecCP. Dentro dessa hipótese, tais sentenças poderiam ser interpretadas como casos em que o verbo de fato sobe para a periferia da sentença, com a posição pré-verbal sendo preenchida por um constituinte sem realização fonológica, o que, em termos estruturais, configuraria uma ordem V2. Kaiser, entretanto, critica essa análise de Ribeiro por duas razões. Primeiro porque, em sua opinião, Ribeiro não mostra claramente em seus dados as condições discursivas que determinam o uso de tal operador nulo. Uma segunda crítica é de ordem quantitativa. No texto do PA que Kaiser investiga, sentenças como as exemplificadas em (87) correspondem a 40% dos dados. Para o autor, considerando a alta frequência desse tipo de ordem V1 no PA, sua objeção é que Ribeiro estaria atribuindo uma importância muito grande a um mecanismo pouco claro e bastante excepcional no Alemão moderno. Por conta disso, teríamos um argumento contra a natureza V2 do PA.

Em sua comparação, Kaiser também discute os casos de ordem linear V2. O autor destaca que, no corpus do PA investigado, a grande maioria das sentenças que manifestam a sequência linear V2 não representa evidência para uma sintaxe V2. Por exemplo, orações SV podem ser compatíveis com um sistema não V2, já que poderia ser argumentado que o sujeito se encontra em sua posição canônica, isto é, SpecIP, com o verbo tendo se movido apenas até Infl. Ou seja, não haveria nada intrínseco a esse tipo de dado que motivasse a hipótese de movimento do verbo para C e preenchimento de SpecCP pelo sujeito da sentença, como se costuma propor para as línguas V2 assimétricas. Há também as sentenças XV com um sujeito nulo. Para Kaiser, essas sentenças também não representam evidência de uma sintaxe V2 pois a análise desse tipo de dado dependeria da própria análise da língua. Ou seja, caso se assuma a hipótese de que o PA é uma língua V2, será aceita a premissa de que a posição do sujeito vazio é pós-verbal. Entretanto, caso se siga a hipótese de que a gramática do PA não é uma de natureza V2, será aceita a idéia de que a posição do sujeito nulo é pré-verbal.

Para o autor, o único tipo de sentença com ordem linear V2 que realmente representa uma evidência de sintaxe V2 são as orações XVS, isto é, orações com um XP diferente do sujeito precedendo o verbo e com o sujeito seguindo imediatamente o verbo. Nesse tipo de sentença, hipoteticamente o verbo estaria em C, com um XP diferente do



sujeito sendo deslocado para SpecCP e o sujeito permanecendo no especificador de Infl. Em sua investigação, Kaiser encontra apenas três exemplos dessa ordem de palavras, os quais são apresentados em (88) (Kaiser 1999:254).

- (88) a. Entom lhe **disse** nostro Senhor:  
 b. e depois que o moço foi criado **levou-o** Ana a Sylo, hu estava o tabernaculo de Deus, e levou com ele tres bezzerros  
 c. Quando veo a manhã, **esconjurou** Hely Samuel, que lhe dissesse todo, quanto lhe dissera nostro Senhor, e elle disse-lhe todo.

Esses três casos de ordem linear XVS representam apenas 2,7% de todas as sentenças matrizes do PA investigadas por Kaiser. No corpus do Alemão moderno, o autor registra que mais de 25% das orações matrizes apresentam a sequência linear XVS. Para Kaiser, os poucos exemplos dessa ordem de palavras no PA funcionam como uma evidência muito baixa em defesa da hipótese V2.

Rinke (2009) também contesta a hipótese de que o Português, em fases passadas, manifestou algum tipo de efeito V2. Nesse trabalho, a autora investiga textos jurídicos portugueses datados da segunda metade do século 13 e da primeira metade do século 14. Um aspecto destacado por Rinke é que, no corpus do PA por ela pesquisado, o fracionamento de um XP diferente do sujeito para a periferia da sentença não resulta, necessariamente, na ordem de palavras verbo-sujeito. Em (89), por exemplo, o sujeito nominal precede imediatamente o verbo, sendo ainda precedido por um outro XP (Rinke 2009:319).

- (89) [Quando Paunução dizia estas cousas e outras taaes], [todos aquelles que hy estavõ] **fazyam** planto.

Numa língua V2 típica como o Alemão, o fracionamento de uma sentença adverbial como em (89) resultaria num padrão de inversão do sujeito. Rinke destaca que, em sua amostra de dados do PA, são registrados 119 exemplos de orações matrizes com a ordem de palavras XSV, o que contrasta consideravelmente com o que se vê em línguas V2. Se forem consideradas todos os tipos de ordem de palavras com mais de um constituinte precedendo o verbo, e não apenas as do tipo XSV, o número de sentenças V3 sobe para 173 casos, o que corresponde a 22,3% do total de orações matrizes finitas investigadas por Rinke. A autora lembra que os sintagmas iniciais em tais sentenças V3 não parecem ser restritos a um grupo limitado de elementos, já que diferentes tipos de constituintes

podem encabeçar tais orações, como, por exemplo, orações adjuntas, objetos direto e indireto, adjetivos predicativos e diferentes tipos de advérbios.

Rinke também traz à discussão o caso das sentenças XVS. Em análises como a de Ribeiro (1995), por exemplo, toma-se essa ordem de palavras como um indicativo de que tenha havido movimento do verbo para C e fronteamento de um XP diferente do sujeito para SpecCP. Nessa formulação, como já dissemos, costuma-se assumir que o sujeito está em SpecIP. Com isso, tem-se uma derivação semelhante ao que tem sido proposto para a derivação da ordem XVS em línguas V2 prototípicas. Rinke salienta, porém, que essa não é a única forma de explicar esse padrão de ordem de palavras. De fato, para a autora, uma análise alternativa seria assumir que o sujeito permaneceu em sua posição base, isto é, em SpecvP. Nesse tipo de análise, movimento do verbo apenas até Infl já é suficiente para produzir a ordem de palavras VS. Em vista disso, como destaca Rinke, para termos certeza de que a posposição do sujeito nas sentenças VS resulta de movimento do verbo para C, tal como em línguas V2, é necessário saber onde exatamente se encontra o sujeito pós-verbal.

Para Rinke, haveria evidências de que sujeitos pós-verbais permanecem em sua posição base, o que, em sua análise, seria uma objeção à idéia de que o PA é uma língua V2. Por exemplo, a autora mostra que, em orações subordinadas, a ordem VS é possível, como exemplificado em (90) (Rinke 2009:326).

- (90) q(ue) p(er)ante my Joam iohanes Juyz da Giar (d)e souza fez  
*that in-front-of me Joam Ioanes judge of Aguiar de Souza did*  
**ó Abbade (d)e Cety e o cõuentu** d(e)manda d(e) dous  
*the abbot of Cety and the convent enforcement of two*  
*casáes á Móór eanes ...*  
*claims about Moor Eanes*  
 ‘...that the abbot of Cety and the convent filed two complaints about Moor Eanes in front of me, Joam Ioanes, judge of Aguiar de Souza ...’

Caso se assuma que o complementizador *que* está em C, a única forma de derivar a ordem de palavras VS no exemplo (90) seria argumentando que o verbo está em Infl, com o sujeito posposto permanecendo em sua posição base. Para Rinke, isso pode ser tomado como uma evidência de que, nos casos de sequência VS, não é necessário assumir que haja movimento do verbo para C.

Rinke apresenta também um argumento relacionado a advérbios como *sempre*. Seguindo Martins (2002), Rinke assume que esse tipo de constituinte é adjungido na periferia de vP. Tendo isso mente, argumenta a autora, esse advérbio pode ser utilizado

como um diagnóstico para verificar se o sujeito, em sequências VS, saiu ou não de sua posição base. A idéia é que, caso o sujeito preceda o advérbio *sempre*, tem-se então uma evidência de que o sujeito foi alçado para SpecIP, o que nos obrigaria a aceitar que a ordem VS resulta de movimento do verbo para C. Por outro lado, se o advérbio *sempre* precede o sujeito, nesse caso teremos uma evidência de que o sujeito permaneceu em SpecvP. O resultado disso, de acordo com Rinke, é que não precisaríamos pressupor movimento do verbo para C como um requisito para a derivação da ordem VS, dado que alçamento do verbo apenas até Infl já seria suficiente para alcançar esse resultado. O exemplo (91) a seguir mostra o advérbio precedendo o sujeito, o que sinaliza a favor da hipótese de que o sujeito permaneceu em sua posição base, não demandando, portanto, a operação de movimento do verbo para a periferia da sentença (Rinke 2009:327).

(91) e esta grana sobredita more senpre **un nosso frade** por jur do mosteyro ...

Ou seja, para Rinke, embora o PA apresente uma ordem de palavras típica de línguas V2, a saber, a sequência XVS, isso não significa que, particularmente em relação à posposição do sujeito, os processos sintáticos em operação no PA sejam os mesmos que produzam essa ordem linear em línguas V2. Nestas, como tradicionalmente é argumentado na literatura especializada, a ordem VS deriva de movimento do verbo para a periferia da sentença, já que o sujeito estaria no especificador de Infl. Para o PA, porém, Rinke argumenta que o sujeito posposto permanece em SpecvP. Nesse sentido, como já destacamos, movimento do verbo apenas até Infl já seria suficiente para derivar a sequência VS. Com isso, a ordem de palavras XVS, enquanto um dos indícios básicos para sustentar a hipótese de que o Português, em fases passadas, era uma gramática do tipo V2 torna-se consideravelmente menos evidente.

## 2.8 Sumário

Nesta segunda parte do capítulo, apresentamos o debate que tem ocorrido na literatura em torno da hipotética sintaxe V2 do Português em estágios passados. Pela revisão que fizemos, percebe-se que a questão continua em aberto, já que os dois lados do debate apresentam evidências que comprovariam a sua hipótese. Essa falta de consenso a respeito da existência de um período gramatical V2 na história do Português Europeu por si só nos diz que ainda há espaço para uma investigação adicional a respeito dessas questões na evolução diacrônica do Português. Nos dois capítulos que se seguem, com

base em novas evidências empíricas, daremos a nossa contribuição mostrando que, em termos diacrônicos, o Português realmente se caracterizou como uma gramática do tipo V2 em fases passadas, ainda que apresentando certas particularidades não atestadas em sistemas V2 prototípicos.

## Capítulo 3

# Material, Métodos e Descrição dos Dados

### 3.1 Introdução

Neste capítulo, temos três objetivos. O primeiro deles é apresentar o corpus desta pesquisa, ou seja, o conjunto de textos a partir do qual investigaremos a sintaxe da posição do verbo e as possibilidades de fronteamto de XP's para a periferia da sentença na história do Português Europeu. O segundo objetivo é explicitar aspectos relativos à metodologia de coleta e descrição dos dados. Por fim, como terceira meta, o capítulo se propõe a realizar uma descrição sistemática do material linguístico coletado, procurando destacar não apenas questões qualitativas que se mostrem relevantes, mas também aspectos de natureza quantitativa que possam contribuir para as análises que serão realizadas no próximo capítulo.

No que diz respeito à organização do presente capítulo, vamos dividi-lo da seguinte maneira. Na seção 3.2, apresentaremos informações sobre o corpus desta pesquisa. A seção 3.3 é dedicada a considerações sobre a metodologia empregada para a coleta e descrição dos dados que serão investigados. Na seção 3.4, faremos uma descrição de todo o material linguístico que fundamentará as nossas análises.

### 3.2 O Corpus

Os dados sobre os quais baseamos nosso estudo foram extraídos de 11 textos do *Corpus Tycho Brahe* (CTB).<sup>1</sup> Para o nosso trabalho, escolhemos textos de autores portugueses

---

<sup>1</sup>Cf. [www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/index.html](http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/index.html).

nascidos entre a primeira metade do século 16 e a primeira metade do século 19. Ou seja, nosso foco está direcionado para um período de tempo que, conforme a periodização proposta por Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006), engloba os dois séculos finais do Português Médio (séculos 16 e 17) e os dois séculos iniciais do Português Europeu Moderno (séculos 18 e 19).

A escolha por textos do CTB se deu guiada por alguns fatores. Em primeiro lugar porque esse corpus já disponibiliza uma série de obras que foram escritas por autores nascidos entre os séculos 16 e 19, ou seja, exatamente o recorte temporal que escolhemos para esta pesquisa. Além disso, destacamos que os textos disponíveis no CTB são, em sua totalidade, produções em prosa. Esse aspecto nos pareceu relevante tendo em conta que uma tendência razoavelmente consolidada nos estudos históricos é considerar textos em prosa como um tipo de produção escrita mais próximo da língua falada (cf. Fontana 1993; Ribeiro 1995). Uma das evidências a favor de tal argumento é que, ao contrário da poesia, a linguagem em prosa usualmente se mostra menos regulada por considerações métricas ou exigências de rima, fatores estes que seguramente podem interferir na maneira como os constituintes sintagmáticos são ordenados na sentença.<sup>2</sup> Visto que, para descrever a língua falada em estágios passados, uma pesquisa diacrônica depende exclusivamente dos textos escritos que sobreviveram a contingências históricas, a escolha por obras em prosa se mostra então mais adequada.<sup>3</sup>

Um outro aspecto que nos motivou a escolher textos do CTB decorre do fato de que, nesse corpus, temos acesso a uma quantidade de dados bastante robusta. Em pesquisas diacrônicas, essa segunda razão é particularmente importante pois, quanto maior o conjunto de dados analisados, maior a chance de estarmos diante de uma amostra realmente representativa da língua a ser analisada, já que, dada a própria natureza desse tipo de investigação, o pesquisador não tem acesso à intuição dos falantes para confirmar as suas hipóteses a respeito de estágios passados de uma língua qualquer.

Um último aspecto, mas não menos importante, que foi decisivo na escolha por material presente no CTB está relacionado ao fato de que todos os textos que seleciona-

---

<sup>2</sup>Com isso, não queremos dizer que textos em prosa sejam uma representação fidedigna da língua falada em uma determinada época. De fato, esse tipo de produção escrita também pode ser influenciado por uma série de fatores, como, por exemplo, a tentativa de identificação com modelos de escrita literária já consagrados. O ponto, porém, a ser destacado é que, apesar das limitações que textos em prosa também possam apresentar quando o objetivo é investigar a língua falada de épocas passadas, ainda assim esse tipo de produção escrita talvez se apresente como um padrão mais próximo da linguagem usual.

<sup>3</sup>Para uma discussão detalhada a respeito de questões relativas às fontes para investigação nos trabalhos de linguística histórica, cf. Mattos e Silva (1991).

mos já se encontram anotados sintaticamente. Isso permitiu que, através da ferramenta computacional *Corpus Search*,<sup>4</sup> pudéssemos realizar de maneira automática e rápida uma série de buscas sintáticas das ordens de palavras desejadas, o que conferiu uma agilidade fascinante à investigação do material linguístico com o qual nos deparamos. Quando se trata de um trabalho que tem pela frente uma grande quantidade de dados, como é o caso de nossa pesquisa, poder extrair informações sintáticas de maneira automática e ágil representa um recurso de extrema valia.<sup>5</sup>

A seguir, apresentamos algumas informações sobre cada um dos textos selecionados.

1. *Peregrinação*

Autor: Fernão Mendes Pinto

Data de nascimento: 1510

2. *A Vida de Frei Bertolameu dos Mártires*

Autor: Luis de Sousa

Data de nascimento: 1556

3. *Gazeta*

Autor: Manuel de Galhegos

Data de nascimento: 1597

4. *Sermões*

Autor: Antonio Vieira

Data de nascimento: 1608

5. *Vida e Morte de Madre Helena da Cruz*

Autor: Maria do Céu

Data de nascimento: 1658

---

<sup>4</sup> *Corpus Search* é uma ferramenta em linguagem Java desenvolvida para pesquisas em linguística de corpus. Para mais informações a respeito de todas as funcionalidades dessa ferramenta computacional, cf. <http://corpussearch.sourceforge.net/>.

<sup>5</sup> Ao final desta tese, no apêndice I, disponibilizamos todas as buscas sintáticas que foram utilizadas no trabalho.

6. *Vida do Apostólico Padre Antonio Vieira*

Autor: André de Barros

Data de nascimento: 1675

7. *Cartas*

Autor: Cavaleiro de Oliveira

Data de nascimento: 1702

8. *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*

Autor: Matias Aires

Data de nascimento: 1705

9. *Cartas*

Autor: Marquesa de Alorna

Data de nascimento: 1750

10. *Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna*

Autor: Marquês de Fronteira e d'Alorna

Data de nascimento: 1802

11. *Cartas a Emília*

Autor: Ramalho Ortigão

Data de nascimento: 1836

Para fechar essa apresentação sobre o corpus, salientamos que foi utilizada, de cada uma das obras, a versão anotada sintaticamente tal como disponível no CTB até o dia 05/10/2010.



### 3.3 Metodologia de Coleta e Descrição dos Dados

O trabalho de coleta e descrição dos dados foi pautado por algumas questões metodológicas. Primeiramente, destacamos que o nosso foco se concentrou especificamente em orações finitas, tanto matrizes quanto dependentes. No que diz respeito às orações matrizes, focalizamos as declarativas, deixando de lado, por exemplo, sentenças interrogativas ou imperativas.<sup>6</sup> Em relação às dependentes, direcionamos a nossa atenção apenas para as orações complemento introduzidas pelo complementizador *que*.<sup>7</sup>

Na exposição dos dados, o objetivo é descrever as possíveis ordens de palavras nos contextos sintáticos investigados, destacando especialmente aspectos da posição linear do verbo em relação a outros constituintes sintagmáticos. Dentro dessas preocupações descritivas, dois aspectos serão priorizados: i) quantos constituintes podem aparecer antes do verbo flexionado; e ii) as possibilidades de ordem linear do sujeito em relação ao verbo. No que diz respeito à quantidade de constituintes que podem preceder o verbo finito, esse aspecto é relevante pois permitirá comparar em que medida o Português Europeu, em algum momento ao longo dos séculos 16 a 19, se assemelha ou não a línguas V2 com relação aos padrões de ordem linear do verbo finito. No que diz respeito à preocupação de olhar para o ordenamento linear do verbo em relação ao sujeito, a motivação para o emprego dessa estratégia está no fato de que, em termos estruturais, a posição do sujeito pode ser tomada como um ponto de referência para localizar a posição do verbo na estrutura oracional.

Nesse trabalho de descrição, lançarei mão da terminologia linguística tradicional, usando a letra V para identificar o verbo finito da oração, a letra S para um sujeito realizado foneticamente e a letra X para constituintes sintagmáticos diferentes do sujeito (seja um complemento verbal ou adjuntos da sentença). No caso de orações sem a realização fonética do sujeito, a ausência de um S na representação da sentença indicará esse fato. Aqui, destacamos que nosso olhar será direcionado apenas para sentenças com um sujeito realizado foneticamente ou sentenças com um sujeito nulo referencial. Assim, orações com um sujeito nulo não-referencial, como, por exemplo, aquelas com o verbo *haver* em sua forma impessoal, não serão computadas.

Para o cálculo da ordem linear do verbo na sentença, não serão considerados conectivos de coordenação, tais como *e* e *mas*. Isso se justifica porque, em línguas

---

<sup>6</sup>Uma rápida discussão a respeito de orações interrogativas nos séculos 16 e 17 é realizada, porém, no capítulo 4, em 4.2.2.3.

<sup>7</sup>Cf, porém, no capítulo 4, em 4.2.1.2, uma apresentação sobre orações subordinadas sem o complementizador *que* nos séculos 16 e 17.

prototipicamente V2, elementos de coordenação não impedem a presença de um outro elemento em posição pré-verbal. Ou seja, na determinação da ordem linear V2, a presença ou não de conectivos de coordenação se mostra um aspecto irrelevante.<sup>8</sup> O complementizador *que* também não será computado para o cálculo da ordem linear do verbo finito. A razão para essa escolha metodológica é de natureza teórica, já que, dentro da tradição gerativista, complementizadores costumam ser analisados como elementos nucleares, e não como XP's. Pronomes clíticos e o elemento de negação *não* também serão desconsiderados para a contagem da ordem linear do verbo, em razão do fato de se apresentarem sempre como elementos dependentes de outros constituintes.<sup>9</sup> Nesse ponto, explicitamos que, ao longo do capítulo, o uso de rótulos tais como V1, V2 ou V3, por exemplo, é de natureza puramente descritiva, sem a intenção de denotar qualquer tipo de análise com relação à posição ocupada pelo constituinte verbal na estrutura oracional. Uma análise teórica a respeito da posição do verbo será apresentada no capítulo 4.

Destacamos também que coletamos apenas orações em que haja, pelo menos, um elemento na sentença além do verbo finito. Assim, sentenças como “morreu” ou “saiu” foram descartadas, já que não oferecem evidências para diagnosticar a posição do verbo nem as possibilidades de ordenação dos constituintes.<sup>10</sup>

Na apresentação de cada exemplo, colocaremos entre parênteses duas informações pertinentes à sua identificação. A primeira delas será o sobrenome do autor da obra de onde é extraído o exemplo. A segunda é um código numérico que corresponde à identificação original do exemplo no CTB.

Sobre a maneira como os dados serão agrupados em termos diacrônicos, destacamos que o material coletado será dividido em dois grandes grupos: um primeiro, cobrindo os textos dos autores nascidos nos séculos 16 e 17, e um segundo, abrangendo os textos dos autores nascidos nos séculos 18 e 19. Os textos dos autores nascidos nos séculos 16 e 17 serão tomados como representativos da gramática do Português Médio,

---

<sup>8</sup>Na realidade, essa questão merece um estudo à parte. Conforme apontado por Ilza Ribeiro (c.p.), elementos de coordenação no Português Arcaico podem apresentar um comportamento idêntico ao de elementos adverbiais. Nesses casos, o conectivo é relevante na determinação da ordem linear V2. Embora não investiguemos esse ponto no presente trabalho, seria interessante verificar se, no período temporal aqui investigado, há indícios de um padrão semelhante ao do PA.

<sup>9</sup>Sobre a natureza clítica de *não* no Português, cf. Miotto (1992) e Namiuti (2008).

<sup>10</sup>Aqui, não fizemos uma análise qualitativa dos verbos envolvidos. A razão para isso se deve à grande quantidade de dados investigados: no total, foram coletadas 22220 orações com verbo finito, entre matrizes e subordinadas (cf. as tabelas 3.1 e 3.2 logo adiante). Apesar disso, acreditamos que a discussão mais quantitativa apresentada nesta tese poderá ser um ponto de partida fundamental para pesquisas futuras que tenham um enfoque mais qualitativo.

ao passo que os textos dos autores nascidos nos séculos 18 e 19 serão tidos como já representativos da gramática do Português Europeu Moderno. Nesse sentido, como já dito, estamos seguindo a proposta de periodização desenvolvida em Galves, Namiuti & Paixão de Sousa (2006). De fato, essa divisão está em sintonia com diversos trabalhos que, investigando variados aspectos, apontam para o instanciamento de uma sintaxe diferenciada a partir do século 18.<sup>11</sup> Sobre a razão de organizarmos os textos conforme a data de nascimento dos autores e não com base na data de publicação da obra, por exemplo, acreditamos que tal estratégia é coerente com a concepção gerativista de gramática como uma *Língua-Interna* (Chomsky 1986b). Especialmente dentro do quadro da Teoria de Princípios e Parâmetros, entende-se que os valores paramétricos de uma gramática específica são fixados na mente de uma criança a partir de um estado inicial (a Gramática Universal), com base nos dados aos quais é exposto o falante. A hipótese padrão é a de que essa gramática nunca muda após o fim do processo de aquisição. A partir dessa perspectiva, assumo então que, mesmo em textos escritos, seja possível detectar aspectos da fixação gramatical realizada durante a infância, independentemente do tempo que possa ter havido entre a escrita da obra e o processo de aquisição da linguagem pelo qual passou o seu autor.

Por fim, gostaríamos de realizar algumas considerações a respeito da quantificação dos dados. Em pesquisas diacrônicas, trata-se de uma abordagem bastante empregada investigar determinado fenômeno linguístico não apenas de um ponto de vista qualitativo, mas também quantitativo. Em certa medida, isso se justifica em razão de não ser possível lançar mão de evidência negativa para a confirmação de determinada hipótese, dado que é impossível ao linguista consultar a intuição de falantes de estágios passados de qualquer que seja a língua. Ou seja, pode-se unicamente recorrer a evidências positivas, e, nesse caso, tal limitação significa recorrer ao material linguístico que, pelas mais diferentes razões, sobreviveu às contingências históricas, como já mencionado em momento anterior. Assim, a idéia de olhar para determinado fenômeno linguístico também de uma perspectiva quantitativa constitui uma estratégia complementar para entender a questão a ser investigada, já que os padrões de frequência podem ser interpretados como uma evidência adicional a corroborar ou não qualquer que seja a hipótese para

---

<sup>11</sup>Cf. Paixão de Sousa (2004) e Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) a respeito da alternância ênclise/próclise em orações finitas; Cavalcante (2006) a respeito de orações infinitivas com o clítico *se*; Floripi (2008) a respeito do uso de determinantes com possessivos; Namiuti (2008) a respeito de construções com interpolação; Andrade (2010) a respeito do fenômeno de subida de clíticos; Gibrail (2010) a respeito da sintaxe de topicalização; Trannin (2010) a respeito de estruturas causativas.

onde apontam os dados qualitativos.<sup>12</sup> Em vista disso, no trabalho de descrição dos dados do nosso corpus, apresentaremos em detalhes as frequências das ordens de palavras atestadas, com o objetivo de mostrar as tendências gerais manifestadas ao longo do período histórico investigado. Aqui, a idéia é que tal metodologia possa ser utilizada para conferir robustez às análises que serão desenvolvidas a partir de aspectos qualitativos mais pontuais.

## 3.4 Descrição dos Dados

### 3.4.1 Introdução Geral

A partir de agora, é nosso objetivo fazer uma descrição geral dos dados com os quais trabalhamos. Para o material linguístico referente aos séculos 16 e 17, mostraremos que, conforme a nossa amostra desse período do Português Médio (PM), atestam-se padrões de ordem de palavras que apontam para uma gramática bastante particular em relação ao que se tem demonstrado para línguas V2 tradicionais. Mais especificamente, será mostrado que, embora os dados desse período de tempo apresentem evidências empíricas compatíveis com um sistema V2, eles também manifestam características que se distanciam do que se observa para línguas V2 como as do ramo germânico. Já para o material linguístico referente aos séculos 18 e 19, procuraremos mostrar que, para esse período do Português Europeu Moderno (PE), tem-se o instanciamento de padrões de ordem de palavras bastante diferenciados em relação ao que é registrado para os séculos 16 e 17. Em particular, destacaremos que, em contraposição ao período quinhentista e seiscentista do PM, os nossos dados dos séculos 18 e 19 se mostram compatíveis com um sistema totalmente não V2.

Antes de proceder, porém, a uma inspeção detalhada dos dados, apresentaremos um panorama geral dos valores absolutos e percentuais das diferentes possibilidades de ordem linear do verbo finito, sem considerar a natureza dos demais constituintes da sentença. Nas tabelas 3.1 e 3.2, respectivamente, apresentamos os valores registrados em cada um dos textos no âmbito das orações matrizes e das orações dependentes. Agrupados por séculos, os resultados das tabelas 3.1 e 3.2 são apresentados, respectivamente, nas tabelas 3.3 e 3.4. Por fim, nos gráficos 3.1 e 3.2, apresentamos também

---

<sup>12</sup>Cf. Ribeiro (1995), Torres Morais (1995), Paixão de Sousa (2004), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) e Andrade (2010), entre muitos outros, para trabalhos a respeito da evolução diacrônica do Português que têm aliado descrições qualitativas a descrições quantitativas robustas.

os resultados das tabelas 3.3 e 3.4.

|                  | V1  | %     | V2   | %     | V3  | %     | V4  | %    | V5 | %    | V6 | %    | Total |
|------------------|-----|-------|------|-------|-----|-------|-----|------|----|------|----|------|-------|
| Pinto (1510)     | 153 | 17,17 | 532  | 59,71 | 162 | 18,18 | 34  | 3,82 | 9  | 1,01 | 1  | 0,11 | 891   |
| Sousa (1556)     | 757 | 41,73 | 854  | 47,08 | 167 | 9,21  | 32  | 1,76 | 4  | 0,22 | 0  | 0,00 | 1814  |
| Galhegos (1597)  | 596 | 47,26 | 556  | 44,09 | 95  | 7,53  | 13  | 1,03 | 1  | 0,08 | 0  | 0,00 | 1261  |
| Vieira (1608)    | 371 | 30,14 | 627  | 50,93 | 164 | 13,32 | 58  | 4,71 | 10 | 0,81 | 1  | 0,08 | 1231  |
| Céu (1658)       | 369 | 34,62 | 543  | 50,94 | 122 | 11,44 | 27  | 2,53 | 5  | 0,47 | 0  | 0,00 | 1066  |
| Barros (1675)    | 687 | 40,60 | 776  | 45,86 | 171 | 10,11 | 44  | 2,60 | 10 | 0,59 | 4  | 0,24 | 1692  |
| Cavaleiro (1702) | 772 | 35,99 | 1097 | 51,14 | 243 | 11,33 | 31  | 1,45 | 2  | 0,09 | 0  | 0,00 | 2145  |
| Aires (1705)     | 541 | 16,13 | 1926 | 57,44 | 767 | 22,88 | 106 | 3,16 | 13 | 0,39 | 0  | 0,00 | 3353  |
| Marquesa (1750)  | 365 | 35,68 | 501  | 48,97 | 127 | 12,41 | 25  | 2,44 | 3  | 0,29 | 2  | 0,20 | 1023  |
| Marquês (1802)   | 658 | 29,48 | 1204 | 53,94 | 327 | 14,65 | 42  | 1,88 | 1  | 0,04 | 0  | 0,00 | 2232  |
| Ortigão (1836)   | 585 | 39,31 | 704  | 47,31 | 166 | 11,16 | 29  | 1,95 | 3  | 0,20 | 1  | 0,07 | 1488  |

Tabela 3.1: Ordem linear do verbo finito em orações matrizes de cada um dos textos investigados.

|                  | V1  | %     | V2  | %     | V3 | %     | V4 | %    | V5 | %    | V6 | %    | Total |
|------------------|-----|-------|-----|-------|----|-------|----|------|----|------|----|------|-------|
| Pinto (1510)     | 158 | 43,89 | 171 | 47,50 | 25 | 6,94  | 6  | 1,67 | 0  | 0,00 | 0  | 0,00 | 360   |
| Sousa (1556)     | 252 | 53,16 | 188 | 39,66 | 32 | 6,75  | 2  | 0,42 | 0  | 0,00 | 0  | 0,00 | 474   |
| Galhegos (1597)  | 78  | 36,45 | 118 | 55,14 | 17 | 7,94  | 1  | 0,47 | 0  | 0,00 | 0  | 0,00 | 214   |
| Vieira (1608)    | 158 | 42,47 | 177 | 47,58 | 34 | 9,14  | 2  | 0,54 | 1  | 0,27 | 0  | 0,00 | 372   |
| Céu (1658)       | 27  | 23,48 | 75  | 65,22 | 9  | 7,83  | 4  | 3,48 | 0  | 0,00 | 0  | 0,00 | 115   |
| Barros (1675)    | 72  | 26,87 | 160 | 59,70 | 32 | 11,94 | 3  | 1,12 | 1  | 0,37 | 0  | 0,00 | 268   |
| Cavaleiro (1702) | 398 | 45,02 | 439 | 49,66 | 45 | 5,09  | 1  | 0,11 | 0  | 0,00 | 1  | 0,11 | 884   |
| Aires (1705)     | 133 | 26,44 | 309 | 61,43 | 55 | 10,93 | 6  | 1,19 | 0  | 0,00 | 0  | 0,00 | 503   |
| Marquesa (1750)  | 87  | 29,10 | 179 | 59,87 | 31 | 10,37 | 2  | 0,67 | 0  | 0,00 | 0  | 0,00 | 299   |
| Marquês (1802)   | 128 | 39,51 | 166 | 51,23 | 30 | 9,26  | 0  | 0,00 | 0  | 0,00 | 0  | 0,00 | 324   |
| Ortigão (1836)   | 91  | 43,13 | 92  | 43,60 | 25 | 11,85 | 2  | 0,95 | 1  | 0,47 | 0  | 0,00 | 211   |

Tabela 3.2: Ordem linear do verbo finito em orações dependentes de cada um dos textos investigados.

|         | V1   | %     | V2   | %     | V3   | %     | V4  | %    | V5 | %    | V6 | %    | Total |
|---------|------|-------|------|-------|------|-------|-----|------|----|------|----|------|-------|
| Séc. 16 | 1506 | 37,97 | 1942 | 48,97 | 424  | 10,69 | 79  | 1,99 | 14 | 0,35 | 1  | 0,03 | 3966  |
| Séc. 17 | 1427 | 35,77 | 1946 | 48,78 | 457  | 11,46 | 129 | 3,23 | 25 | 0,63 | 5  | 0,13 | 3989  |
| Séc. 18 | 1678 | 25,73 | 3524 | 54,04 | 1137 | 17,44 | 162 | 2,48 | 18 | 0,28 | 2  | 0,03 | 6521  |
| Séc. 19 | 1243 | 33,41 | 1908 | 51,29 | 493  | 13,25 | 71  | 1,91 | 4  | 0,11 | 1  | 0,03 | 3720  |

Tabela 3.3: Ordem linear do verbo finito no âmbito das orações matrizes do século 16 ao 19.

|         | V1  | %     | V2  | %     | V3  | %     | V4 | %    | V5 | %    | V6 | %    | Total |
|---------|-----|-------|-----|-------|-----|-------|----|------|----|------|----|------|-------|
| Séc. 16 | 488 | 46,56 | 477 | 45,52 | 74  | 7,06  | 9  | 0,86 | 0  | 0,00 | 0  | 0,00 | 1048  |
| Séc. 17 | 257 | 34,04 | 412 | 54,57 | 75  | 9,93  | 9  | 1,19 | 2  | 0,26 | 0  | 0,00 | 755   |
| Séc. 18 | 618 | 36,65 | 927 | 54,98 | 131 | 7,77  | 9  | 0,53 | 0  | 0,00 | 1  | 0,06 | 1686  |
| Séc. 19 | 219 | 40,93 | 258 | 48,22 | 55  | 10,28 | 2  | 0,37 | 1  | 0,19 | 0  | 0,00 | 535   |

Tabela 3.4: Ordem linear do verbo finito no âmbito das orações dependentes do século 16 ao 19.

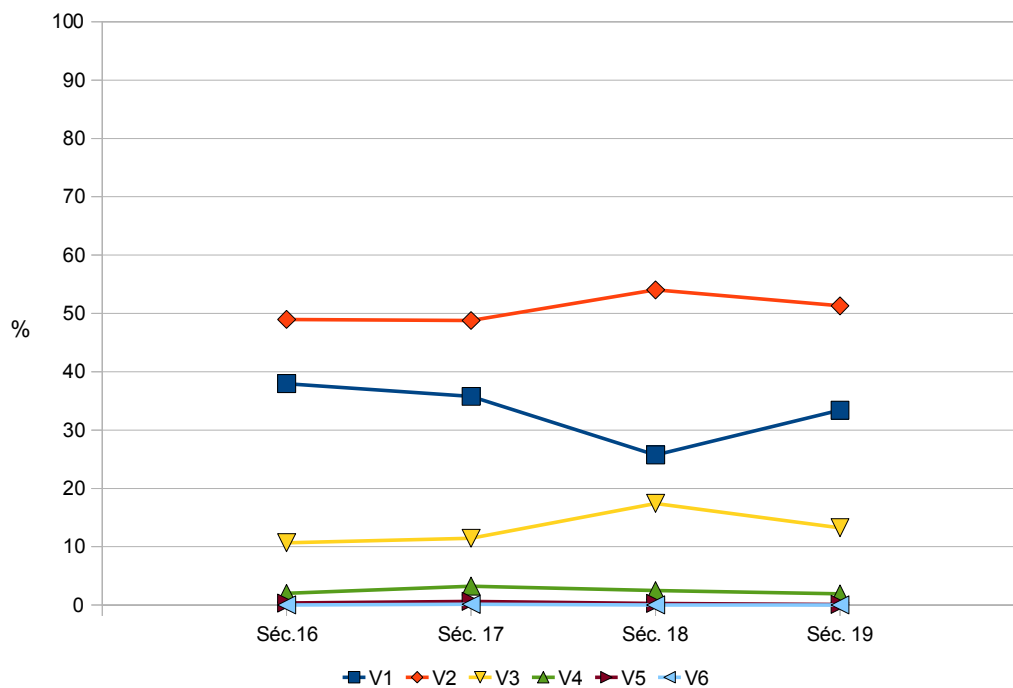


Gráfico 3.1: Ordem linear do verbo finito no âmbito das orações matrizes do século 16 ao 19.

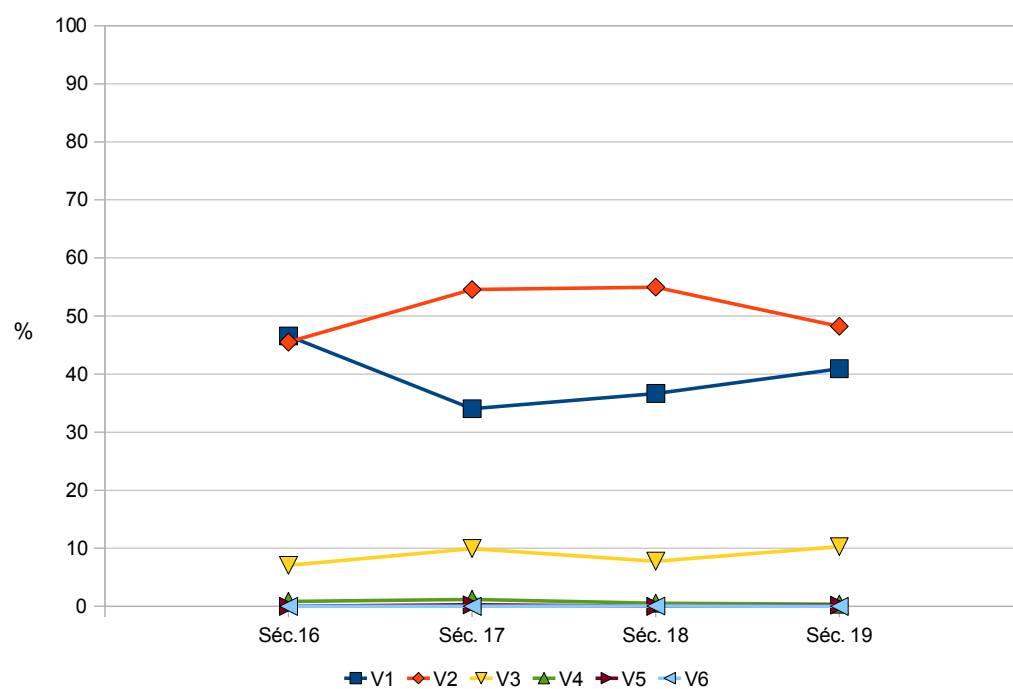


Gráfico 3.2: Ordem linear do verbo finito no âmbito das orações dependentes do século 16 ao 19.

Atentando inicialmente para os séculos 16 e 17, o que se observa é que, ao longo desse período do PM, tanto no âmbito das orações matrizes quanto no âmbito das orações encaixadas, as possibilidades de ordenação linear do verbo finito apresentam uma dinâmica de preferência muito similar. Em orações principais, por exemplo, as três sequências mais empregadas, em ordem decrescente, são as ordens em que o verbo aparece linearmente em segunda posição (V2), em primeira posição (V1) e em terceira posição (V3), seja no século 16 quanto no século 17. Juntas, essas ordens de palavras correspondem a algo em torno de 95% dos dados nos dois séculos, o restante sendo composto por sequências lineares que apresentam em posição pré-verbal três, quatro ou cinco sintagmas, isto é, ordens V4, V5 e V6, respectivamente. Em orações dependentes, observa-se uma dinâmica muito semelhante. De fato, sequências V1, V2 e V3 também correspondem a uma parcela altíssima dos dados (99,14% no século 16 e 98,55% no século 17). Os aspectos que se diferenciam em relação às orações matrizes são os seguintes: ordens V1 são mais empregadas do que ordens V2 no século 16, ordens V5 não são registradas no século 16, e ordens V6 não são encontradas em nenhum texto desses dois séculos em questão.

Com relação aos séculos 18 e 19, observamos que, à semelhança do que foi atestado para o conjunto de dados dos séculos 16 e 17, as ordens de palavras com até dois constituintes em posição pré-verbal representam a grande maioria de sentenças computadas, tanto em orações matrizes (97,21% no século 18 e 97,95% no século 19) quanto em orações dependentes (99,41% no século 18 e 99,44% no século 19). Em termos de preferência de uso, ordens V2 são a sequência sempre mais empregada, seguidas, respectivamente, pelas ordens V1 e V3. Essa dinâmica de uso é similar nos dois contextos sintáticos investigados. Quanto às sequências menos empregadas — isto é, ordens V4, V5 e V6 — não foram documentados, no âmbito de orações dependentes, casos de ordem V5 no século 18 e de ordem V6 no século 19.

Considerando que, em cada um dos séculos pesquisados, é atestada uma baixíssima frequência ou completa ausência das ordens V4, V5 e V6, procederemos no que se segue a uma descrição mais detalhada apenas das sequências lineares V1, V2 e V3.

### **3.4.2 Panorama das Construções V1**

No âmbito das construções V1, descreveremos três subtipos diferentes de ordem linear: i) sequências VX, isto é, orações sem a realização fonética do sujeito; ii) sequências VS(X), isto é, aquelas com o sujeito seguindo imediatamente o verbo finito; e iii) ora-



ções VXS, isto é, sequências com um ou mais elementos intervindo entre o verbo e o sujeito posposto. Nas tabelas 3.5 e 3.6, em relação a orações matrizes e dependentes, respectivamente, apresentamos os valores absolutos e percentuais dos diferentes tipos de ordem V1 em cada um dos textos investigados. Agrupados por séculos, os resultados das tabelas 3.5 e 3.6 são apresentados, respectivamente, nas tabelas 3.7 e 3.8. Por fim, nos gráficos 3.3 e 3.4, apresentamos também os resultados das tabelas 3.7 e 3.8.

|                  | VS(X) | %     | VXS | %     | VX  | %     | Total |
|------------------|-------|-------|-----|-------|-----|-------|-------|
| Pinto (1510)     | 14    | 9,15  | 5   | 3,27  | 134 | 87,58 | 153   |
| Sousa (1556)     | 182   | 24,36 | 91  | 12,18 | 474 | 63,45 | 747   |
| Galhegos (1597)  | 161   | 27,06 | 99  | 16,64 | 335 | 56,30 | 595   |
| Vieira (1608)    | 130   | 35,04 | 37  | 9,97  | 204 | 54,99 | 371   |
| Céu (1658)       | 116   | 31,69 | 34  | 9,29  | 216 | 59,02 | 366   |
| Barros (1675)    | 177   | 25,95 | 203 | 29,77 | 302 | 44,28 | 682   |
| Cavaleiro (1702) | 232   | 30,25 | 45  | 5,87  | 490 | 63,89 | 767   |
| Aires (1705)     | 55    | 10,20 | 53  | 9,83  | 431 | 79,96 | 539   |
| Marquesa (1750)  | 65    | 17,81 | 21  | 5,75  | 279 | 76,44 | 365   |
| Marquês (1802)   | 82    | 12,48 | 52  | 7,91  | 523 | 79,60 | 657   |
| Ortigão (1836)   | 39    | 6,72  | 25  | 4,31  | 516 | 88,97 | 580   |

Tabela 3.5: Tipos de ordem linear V1 no âmbito das orações matrizes de cada um dos textos investigados.

|                  | VS(X) | %     | VXS | %     | VX  | %     | Total |
|------------------|-------|-------|-----|-------|-----|-------|-------|
| Pinto (1510)     | 26    | 16,46 | 6   | 3,80  | 126 | 79,75 | 158   |
| Sousa (1556)     | 39    | 15,48 | 36  | 14,29 | 177 | 70,24 | 252   |
| Galhegos (1597)  | 12    | 15,38 | 10  | 12,82 | 56  | 71,79 | 78    |
| Vieira (1608)    | 33    | 20,89 | 24  | 15,19 | 101 | 63,92 | 158   |
| Céu (1658)       | 3     | 11,11 | 2   | 7,41  | 22  | 81,48 | 27    |
| Barros (1675)    | 12    | 16,67 | 13  | 18,06 | 47  | 65,28 | 72    |
| Cavaleiro (1702) | 29    | 7,29  | 11  | 2,76  | 358 | 89,95 | 398   |
| Aires (1705)     | 17    | 12,78 | 24  | 18,05 | 92  | 69,17 | 133   |
| Marquesa (1750)  | 5     | 5,75  | 9   | 10,34 | 73  | 83,91 | 87    |
| Marquês (1802)   | 13    | 10,16 | 5   | 3,91  | 110 | 85,94 | 128   |
| Ortigão (1836)   | 8     | 8,79  | 13  | 14,29 | 70  | 76,92 | 91    |

Tabela 3.6: Tipos de ordem linear V1 no âmbito das orações dependentes de cada um dos textos investigados.

|         | VS(X) | %     | VXS | %     | VX   | %     | Total |
|---------|-------|-------|-----|-------|------|-------|-------|
| Séc. 16 | 357   | 23,88 | 195 | 13,04 | 943  | 63,08 | 1495  |
| Séc. 17 | 423   | 29,81 | 274 | 19,31 | 722  | 50,88 | 1419  |
| Séc. 18 | 352   | 21,07 | 119 | 7,12  | 1200 | 71,81 | 1671  |
| Séc. 19 | 121   | 9,78  | 77  | 6,22  | 1039 | 83,99 | 1237  |

Tabela 3.7: Tipos de ordem linear V1 no âmbito das orações matrizes do século 16 ao 19.

|         | VS(X) | %     | VXS | %     | VX  | %     | Total |
|---------|-------|-------|-----|-------|-----|-------|-------|
| Séc. 16 | 77    | 15,78 | 52  | 10,66 | 359 | 73,57 | 488   |
| Séc. 17 | 48    | 18,68 | 39  | 15,18 | 170 | 66,15 | 257   |
| Séc. 18 | 51    | 8,25  | 44  | 7,12  | 523 | 84,63 | 618   |
| Séc. 19 | 21    | 9,59  | 18  | 8,22  | 180 | 82,19 | 219   |

Tabela 3.8: Tipos de ordem linear V1 no âmbito das orações dependentes do século 16 ao 19.

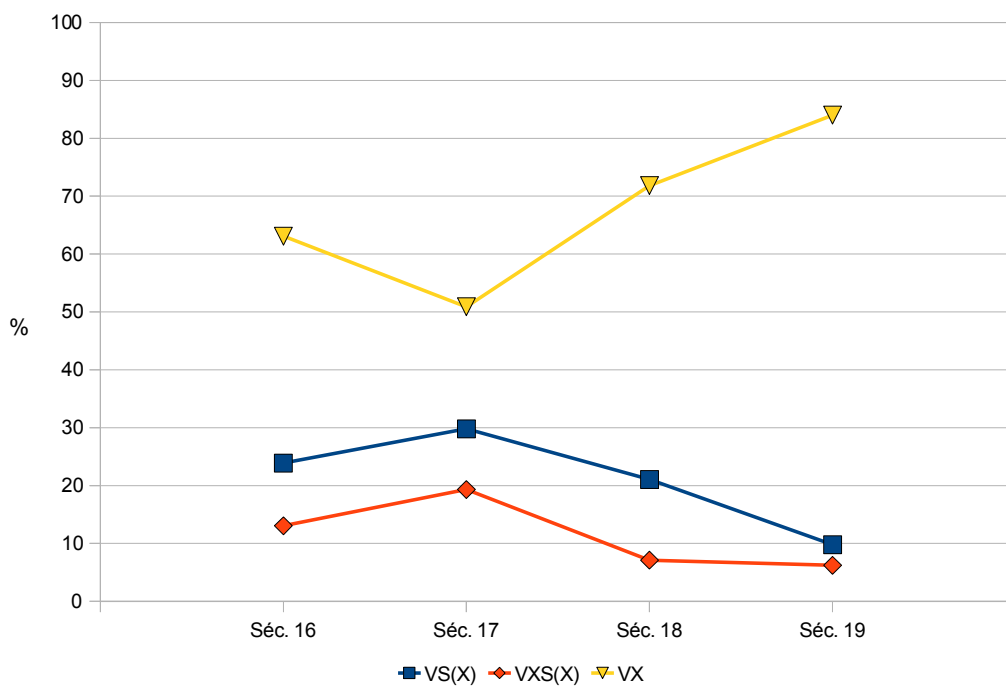


Gráfico 3.3: Tipos de ordem linear V1 no âmbito das orações matrizes do século 16 ao 19.

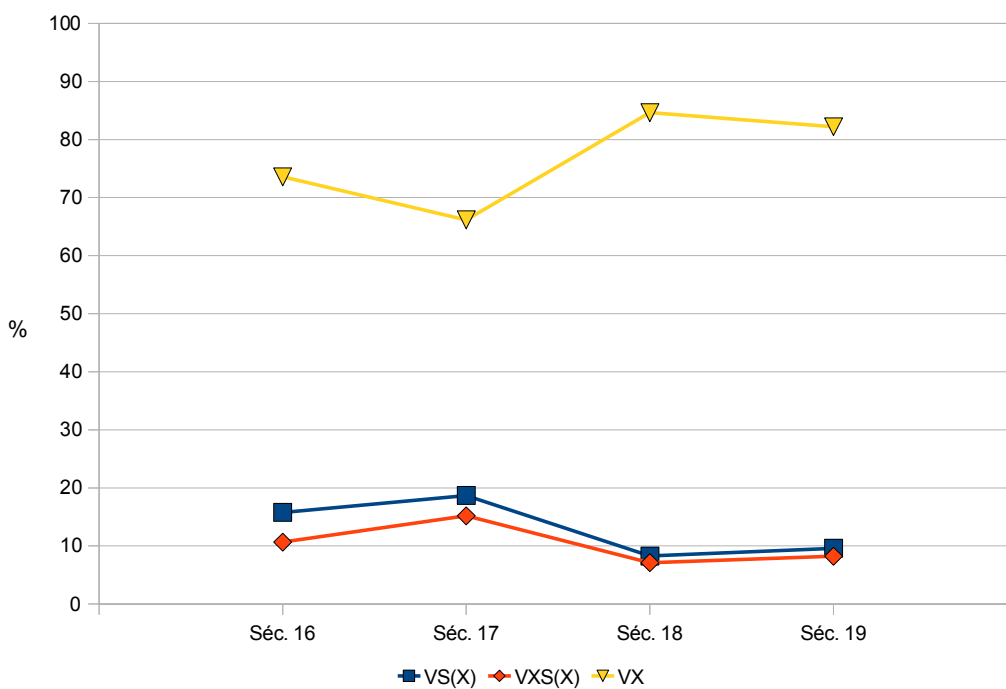


Gráfico 3.4: Tipos de ordem linear V1 no âmbito das orações dependentes do século 16 ao 19.

### 3.4.2.1 Construções V1 nos Séculos 16 e 17

Construções V1 representam um padrão de ordem de palavras muito empregado tanto em orações matrizes quanto em orações dependentes ao longo dos séculos 16 e 17. Como já mostrado anteriormente para esse período de tempo, o percentual de sentenças verbo-iniciais é sempre superior a 30% nos dois contextos sintáticos que investigamos. Esse fato, a saber, o alto índice de construções V1 em nossa amostra de dados, coloca-nos diante do primeiro problema empírico para a hipótese de que o Português desse período era uma língua V2. Isso porque, em línguas que se caracterizam por manifestar a restrição V2, atesta-se o verbo necessariamente em segunda posição, ao menos em orações matrizes declarativas. Na realidade, em uma língua V2 como o Alemão, por exemplo, ordens V1 são até possíveis, mas apenas sob circunstâncias bem estritas, como já mencionado em capítulo anterior. Especificamente em sentenças declarativas do tipo que estamos investigando nesta tese, a ordem V1 em Alemão se restringe a orações coordenadas em que o sujeito da sentença coordenada, idêntico ao da oração precedente, não é realizado foneticamente (cf. Kaiser 1999) ou, de forma muito marginal, ao que tem sido designado de *inversão narrativa*, um tipo de construção verbo-inicial com sujeito posposto, que é utilizada para a abertura de histórias ou piadas, entre outros gêneros de texto narrativo (cf. Koenenman 2000).<sup>13</sup> No que diz respeito às sentenças V1 do Português que registramos em textos quinhentistas e seiscentistas, os exemplos documentados não se restringem apenas a orações coordenadas com sujeito elíptico ou a estruturas verbo-iniciais que marcam o início de narrativas, como mostraremos a seguir. Esse fato aponta para uma diferença significativa em relação a línguas V2 prototípicas. Por outro lado, como também destacaremos, essas mesmas estruturas V1 manifestam uma certa proximidade com as línguas germânicas no que diz respeito às possibilidades de inversão do sujeito, o que, de certa forma, volta a aproximar o Português dos séculos 16 e 17 do padrão de ordem de palavras de línguas V2.

Inicialmente, atentemos para os casos de ordem VX. Os dados em (1), relativos a estruturas raízes, e os dados em (2), relativos a estruturas encaixadas, exemplificam alguns casos de orações verbo-iniciais com sujeito não-realizado foneticamente no âmbito dos textos do PM que investigamos.<sup>14</sup>

<sup>13</sup>Nas línguas germânicas V2, atesta-se a ordem V1 também em interrogativas sim/não, sentenças imperativas e orações condicionais (cf. Haider 1986; Roberts 1993). O ponto em comum entre essas estruturas verbo-iniciais é que elas nunca são expressões declarativas independentes (cf. Zwart 2005). Como o foco desta tese é olhar unicamente para sentenças declarativas, tais estruturas V1 não foram investigadas em nossa amostra de dados do Português.

<sup>14</sup>Ao longo do capítulo, o verbo finito das sentenças sempre será indicado em negrito.

- (1)
  - a. e **levaram** consigo alguns dos nossos (Pinto, 15.22)
  - b. e **houvemos** algum refresco, (Pinto, 18.42)
  - c. **Temos** bem claro exemplo no cuidado e protecção paternal (Sousa, 9.12)
  - d. **Entra** no rio, (Sousa, 12.37)
  - e. **Foi** visto dos inimigos: (Galhegos, 03.42)
  - f. e **ganharam** logo a primeira, e a segunda trincheira; (Galhegos, 03.46)
  - g. **Sabemos** que as estrellas do firmamento, desencaixadas das orbes celestes, hão-de cair: (Vieira, 61.7)
  - h. **Apartava**-o da mulher, dos filhos, dos vassallos, dos amigos, e de tudo o que amava, (Vieira, 77.318)
  - i. Não **digo** que semelhantes avizos se devem estimar como profecias, (Céu, 134.30)
  - j. **creyo**, que este lhe deu o nome assim na pia, como na Religião. (Céu, 135.35)
  - l. **Proponho** ao Mundo um dos maiores homens de Portugal, (Barros, 1.2)
  - m. **Determinou**-se pois a alistar-se na Companhia de JESUS, (Barros, 10.85)
- (2)
  - a. acho que não **tenho** tanta razão de me queixar por todos os males passados, (Pinto, 13.2)
  - b. prove a Nosso Senhor que **chegaram** a salvamento a Moçambique, (Pinto, 16.28)
  - c. soube que **vinha** nelas um bom exército composto de várias nações, (Sousa, 12.31)
  - d. advirtiram ao pai que **ajudasse** a boa inclinação do filho (Sousa, 17.112)
  - e. pediu a El-rei Nosso Senhor que lhe **mudasse** a prisão porquanto estava indisposto: (Galhegos, 01.7)
  - f. e dizem que **quer** restaurar o Palatinado. (Galhegos, 08.130)
  - g. lhes mandou que **esperassem** por sua vinda: (Vieira, 86.502)
  - h. Laines respondeu que **escolheria** ir logo para o céu: (Vieira, 97.733)
  - i. Tambem referia, que lhe **disseraõ** hauerem sido cazadas, (Céu, 153.282)

- j. sabey que **vi** a vosso santo, (Céu, 161.382)
- l. e pediu com repetidas instâncias, que o **houvessem** por escuso de mais graves estudos. (Barros, 15.137)
- m. e pediu ao Padre ANTÓNIO VIEIRA que **propusesse** naquele Congresso a doutrina, (Barros, 125.1004)

Estruturas V1 com sujeito nulo se mostram bastante produtivas nos textos quinhentistas e seiscentistas. De fato, no âmbito das construções V1, a sequência com o sujeito não realizado foneticamente constitui a ordem de palavras mais empregada, tanto nas matrizes quanto nas subordinadas. Em orações matrizes, por exemplo, do conjunto total de sentenças verbo-iniciais, a sequência linear VX apresenta um índice de uso de 63,08% no século 16 e de 50,88% no século 17. Em orações subordinadas, também se considerarmos apenas sentenças verbo-iniciais, obtém-se 73,57% de ordem VX no século 16 e 66,15% no século 17.

Ainda sobre essas estruturas VX, cabe destacar que, no conjunto de sentenças matrizes, são registrados casos de sujeito nulo inclusive em contextos de orações não-coordenadas, ao contrário do que ocorre no Alemão, por exemplo (cf. particularmente os exemplos (1c), (1d), (1e), (1g), (1h), (1i), (1l) e (1m). Esse fato pode ser interpretado como uma evidência de que as condições de apagamento do sujeito no Português dos séculos 16 e 17 não são as mesmas que tornam possível o apagamento do sujeito em estruturas V1 de uma língua V2 como o Alemão, o que nos faz concluir então que os casos de ordem VX no Português talvez não possam ser tratados de maneira similar aos casos de ordem VX de sistemas gramaticais V2.

Mostraremos agora os casos de sentenças verbo-iniciais com sujeito realizado foneticamente. Primeiramente destacaremos as sentenças VS(X). Em (3) e (4), apresentamos exemplos dessa ordem de palavras em orações matrizes e dependentes, respectivamente.<sup>15</sup>

- (3) a. **Durou** *a quietação desta paz* por tempo de só dois meses e meio, (Pinto, 41.242)
- b. **Sabe** *Deus* quão arrependido eu estou disso, (Pinto, 94.699)
- c. mas **foram** *meus pecados* tamanhos que cerraram as orelhas à clemência infinita do Senhor (Pinto, 103.792)

---

<sup>15</sup>Doravante, o sujeito de cada sentença será apresentado em itálico.

- d. **Fundaram** *os estrangeiros* a de Nossa Senhora. (Sousa, 13.51)
- e. **Representava** *a carne* , naquele debuxo, um calo duro e relevado de cor branca, (Sousa, 13.61)
- f. **Acudia**-lhe *o Senhor* com santas inspirações (Sousa, 17.135)
- g. **Pelejou** *a armada de Holanda* com uma esquadra da armada Real de Castela, (Galhegos, 01.2)
- h. **Fizeram** *os inimigos* na retirada algum dano: (Galhegos, 02.27)
- i. **Tinha** *Christo Senhor nosso* prégado o mesmo evangelho, (Vieira, 67.97)
- j. **Ficou** *a serva de Deos* ao cuydado de sua Irmaã mayor, (Céu, 135.38)
- l. **Amotinou-se** *o povo* contra os novos hóspedes; (Barros, 20.174)
- m. **Ouviu** *ElRei* este rumor; (Barros, 25.218)

- (4)
  - a. parecesse que não **tínhamos** *nós* os turcos em conta. (Pinto, 31.164)
  - b. estou persuadido que **será** *esta* de grande utilidade pera todos, (Sousa, 10.15)
  - c. Pareceu a el-Rei e aos seus que lhe **acudia** *o Céu* com socorro. (Sousa, 12.33)
  - d. é contudo servido que **floreça** *esta Religião* com mais e maiores letrados, (Sousa, 23.202)
  - e. sabia que lhe **faltavam** *todas as partes necessárias* pera o cargo. (Sousa, 39.391)
  - f. Dizem que **estão** *quinze mil franceses* sobre Fonte Rabia. (Galhegos, 05.82)
  - g. não se espera mais senão que **venha** *El-rei* para Londres, (Galhegos, 22.325)
  - h. diz a Escripura, que **descançou** *Deus* de tudo o que tinha obrado, (Vieira, 65.50)
  - i. muito é de temer que **fiquem** *muitos* à esquerda. (Vieira, 90.589)
  - j. Là fingirão os poetas que **baixara** *Orpheo* ao abismo, (Céu, 200.877)
  - l. mostra o sucedido, que **sahira** *Lusbel* do Inferno, (Céu, 200.878)
  - m. digno de que **parassem** *as ondas* a escutá-lo. (Barros, 68.536)

As estruturas VS(X) do Português dos séculos 16 e 17, a princípio, se assemelham às construções de inversão narrativa de línguas V2, construções estas que também se caracterizam por apresentar o verbo em posição inicial e seguido imediatamente pelo sujeito. Exemplos de inversão narrativa no Alemão (cf. (5), extraído de Roberts & Roussou 2002:139), no Holandês (cf. (6), extraído de Koeneman 2000:144) e no Islandês (cf. (7), extraído de Thráinsson 1986:172), todas línguas V2, são apresentados a seguir.

(5) **Kommt** *eine Frau* herein und...  
comes a woman in and

(6) **Komt** *een man* de kamer binnen...  
comes the man the room in

(7) **Koma** *þeir nú* að stórum helli...  
come they now to a big cave

Entretanto, cabe destacar algumas diferenças significativas entre os casos de ordem VS(X) no Português e os casos de inversão narrativa em línguas V2. Primeiro, inversão narrativa é um fenômeno exclusivo de orações raízes, dada a própria natureza discursiva desse tipo de construção (cf. Cardinaletti & Roberts 2002). Como já dissemos, esse tipo de sentença é apropriado em início de histórias ou piadas, por exemplo. Em nossa amostra de dados referentes aos séculos 16 e 17 do Português, ainda que os exemplos das orações principais venham a ser interpretados como ilustrativos de inversão narrativa, os exemplos das orações encaixadas, porém, não encontrariam um paralelo claro em línguas V2. Além disso, há uma segunda diferença de ordem mais quantitativa. Diversos estudos mostram que o fenômeno de inversão narrativa, por ser discursivamente marcado, apresenta um índice de produtividade consideravelmente baixo (cf. Kaiser 1999; Koeneman 2000). Nos dados do Português dos séculos 16 e 17, porém, o que se vê é algo um tanto diferente. Por exemplo, no âmbito das estruturas matrizes verbo-iniciais, sentenças VS(X) correspondem a 23,88% no século 16 e a 29,81% no século 17, números bem expressivos para o que seria uma construção de natureza marginal. Se considerarmos o universo total de sentenças matrizes, e não apenas o âmbito de sentenças V1, os percentuais da ordem VS(X) evidentemente diminuem, mas ainda assim representam 9,25% e 11,07% dos dados nos séculos 16 e 17, respectivamente. Ou seja, não nos parece que estamos diante de números que possam ser interpretados como algo marginal. Desse modo, se de fato interpretarmos as sentenças VS(X) do nosso corpus como casos de inversão narrativa, é bem provável que



estejamos supervalorizando uma estrutura discursiva que, em línguas nas quais ela é de fato atestada, caracteriza-se como um fenômeno de natureza bastante excepcional.

Passemos agora para a ordem de palavras VXS. Exemplos dessa sequência linear em orações matrizes e dependentes são apresentados, respectivamente, em (8) e (9).

- (8)
- a. **Foram** sempre tamanhos *os desejos que tive de vingar a morte de El-rei meu marido*, (Pinto, 83.597)
  - b. mas **podem** estar certos *os leitores* (Sousa, 10.16)
  - c. **Pregavam** naquela freguesia *os religiosos de São Domingos*, (Sousa, 16.101)
  - d. **Notaram** isto *os religiosos*, (Sousa, 17.111)
  - e. **Vinham** atrás destes cavaleiros *trezentos infantes*, (Galhegos, 04.67)
  - f. **Estão** nomeados por mestre-de-campo *Cristóvão de Melo filho do monteiro-mor do reino, e Dom Sancho Manoel*. (Galhegos, 05.77)
  - g. **Chegou** a este porto *uma caravela*, (Galhegos, 05.83)
  - h. E **considerou** discretamente *Santo Agostinho*, (Vieira, 78.325)
  - i. **fazia**-lhe companhia *um menino*, (Céu, 171.508)
  - j. **contava** já muytos annos *esta freira*, (Céu, 176.566)
  - l. **saíram** contra ele *os melhores*, (Barros, 7.71)
  - m. e **adquiriu** com o comércio novos espíritos *o Reino*. (Barros, 26.245)
- (9)
- a. entendi que não **tinham** contradição *suas queixas*, (Pinto, 66.458)
  - b. e persuadia-se que não **corria** noutros anos tão vagaroso *o sol*, (Sousa, 20.174)
  - c. Digo que **estudava** muito *Frei Bertolameu* (Sousa, 22.197)
  - d. e dava licença que **entrassem** a ela *todos os negoceantes e requerentes que o buscavam*. (Sousa, 60.660)
  - e. diz que **é** partida *uma frota com algumas naus de guerra*, (Galhegos, 07.114)
  - f. se sabe que **fugiram** para Castela *dezessete soldados estrangeiros*, (Galhegos, 28.424)

- g. Parece-vos, christãos, que **farão** bem *estes homens* naquelle caso, (Vieira, 87.524)
- h. A segunda conveniencia d'este trocado modo de pretender é, que **viverão** mais descansados *os benemeritos*. (Vieira, 211.2024)
- i. signal de que **acabara** em graça *aquella ditosa predestinada*; (Céu, 180.619)
- j. sentiu que lhe **arraiava** naquela mais nobre região da alma *uma nova luz dissipadora das trevas*, (Barros, 7.65)
- l. Apenas se soube nela, que **vinha** ali *o Grande VIEIRA*, (Barros, 71.559)
- m. e impedir, que não **corresse** tão desenfreado *o veneno*, (Barros, 148.1201)

Das construções verbo-iniciais registradas nos textos dos séculos 16 e 17, a ordem VXS é a menos representativa. Em orações matrizes, do total de sentenças V1, sequências VXS correspondem a 13,04% dos dados no século 16 e a 19,31% no século 17. Em orações encaixadas, também considerando apenas as sentenças V1, obtivemos o índice de 10,66% no século 16 e de 15,18% no século 17.

Tendo apresentado os dois tipos de posposição do sujeito em ordens de palavras V1, gostaríamos de tecer algumas considerações comparativas entre as sequências VS(X) e VXS. Inicialmente, destacamos que, apesar de a ordem VS(X) ser sempre mais frequente do que a ordem VXS, independentemente do contexto sintático, a diferença percentual de uso entre essas duas sequências de palavras se mostra mais acentuada em orações matrizes. De fato, se compararmos o índice de estruturas VS(X) em relação ao índice de estruturas VXS no âmbito de sentenças V1 matrizes, tanto no período quinhentista quanto no período seiscentista a diferença entre essas duas possibilidades de posposição do sujeito gira em torno de 10% (10,84% no século 16 e 10,50% no século 17). Fazendo-se a mesma comparação no âmbito das sentenças dependentes, nota-se que a diferença nos dois períodos em questão cai para algo em torno de 5% (5,12% no século 16 e 3,5% no século 17). Isso nos mostra que, em comparação ao que ocorre no universo de sentenças dependentes V1, o universo de sentenças matrizes verbo-iniciais apresenta uma diferença de uso mais acentuada entre as ordens VS(X) e VXS.

Há ainda um outro aspecto comparativo que pode ser interessante em nossa análise posterior sobre a sintaxe da posição do verbo no PM. A inversão do tipo VS(X) é a que se observa em línguas germânicas, daí ser também designada de inversão germânica. A inversão do tipo VXS é característica de línguas românicas modernas, particularmente as de sujeito nulo, daí também ser designada de inversão românica. Assim, numa língua

germânica como o Inglês, por exemplo, sempre que o sujeito é pós-verbal, como no caso de perguntas *wh* em que o elemento interrogado não é o sujeito, o padrão categórico atestado é aquele em que o sujeito segue imediatamente o verbo finito, como se vê em (10) (cf. Rizzi 1996:63). Esse é também o padrão de inversão do sujeito em orações matrizes de línguas V2 (cf. a discussão no capítulo 2). Já numa língua românica como o Italiano, por exemplo, havendo posposição do sujeito, o padrão licenciado é aquele em que um sintagma se interpõe entre o verbo finito e o sujeito posposto, como se vê em (11) (cf. Belletti 2001:61-62).

- (10) a. What **has** *Mary* said?  
 b. \*What **has** said *Mary*?
- (11) a. **Capirà** tutto *Maria*  
*will understand everything Maria*  
 b. \***Capirà** *Maria* tutto  
*will understand Maria everything*

Conforme já apontado, quando falamos da questão quantitativa das estruturas verbo-iniciais com posposição do sujeito, o Português dos séculos 16 e 17 apresenta uma preferência pela ordem VS(X) em relação à ordem VXS. Tendo em conta as considerações acima sobre a tipologia de cada uma dessas construções de inversão, podemos dizer então que, com relação à dinâmica de posposição do sujeito em estruturas verbo-iniciais, o nosso corpus do PM se distancia daquilo que é observado em línguas românicas modernas como o Italiano e se aproxima mais do grupo das línguas germânicas.

### 3.4.2.2 Construções V1 nos Séculos 18 e 19

Em nossa amostra do Português dos séculos 18 e 19, as possibilidades de ordem V1 são as mesmas que já registramos para os séculos 16 e 17. A diferença que se destaca, porém, é a dinâmica de frequência de uso de cada ordem de palavras específica. Para começar, apresentamos exemplos da ordem VX, isto é, sentenças verbo-iniciais com sujeito nulo. Em (12), mostramos exemplos de orações matrizes, ao passo que em (13) apresentamos exemplos de orações dependentes.

- (12) a. **Vivem** no mundo como se o mundo não fosse feito para eles. (Cavaleiro, 06.102)  
 b. e **forma** o retrato do objeto em um instante. (Cavaleiro, 07.115)

- c. **Declamei** contra a vaidade, (Aires, 03.3)
  - d. mas **confesso** que consenti sem repugnância, (Aires, 07.49)
  - e. e **estimei** a que me pertencia como tal, (Marquesa, 03.9)
  - f. **Vejo** o gosto que Vossa Excelência faz do meu divertimento nos oiteiros.  
(Marquesa, 04.22)
  - g. **Darei** princípio a estas minhas memórias por a minha genealogia.  
(Marquês, 03.1)
  - h. **Esteve** em 1515 em a tomada de Azamor (Marquês, 03.3)
  - i. **Jantei** como te disse com o Luiz de Mello no domingo, (Ortigão, 45.3)
  - j. Não **imaginas** o efeito deste grande lago (Ortigão, 45.11)
- (13)
- a. pode ser que **encontrásseis** em vós mesma as circunstâncias necessárias para formar o seu original, (Cavaleiro, 01.4)
  - b. Cuidei que **fazia** o original (Cavaleiro, 08.137)
  - c. elas mostram que não **foram** aprendidas, (Aires, 04.27)
  - d. mas confesso que **consenti** sem repugnância, (Aires, 07.49)
  - e. seria fácil que não **excitasse** demasiada curiosidade (Marquesa, 06.30)
  - f. dizem que **possue** a arte poética e o conhecimento dos bons poetas na última perfeição. (Marquesa, 06.35)
  - g. persuadido de que **levava** o corpo de delito da Associação, (Marquês, 16.184)
  - h. dizia que **queria** sair às 5 da manhã, (Marquês, 22.291)
  - i. Parecia-me que **tinha** voltado aos 18 anos, (Ortigão, 46.23)
  - j. tinha dito à Piedade que não **contasse** comigo para jantar, (Ortigão, 49.66)

No nosso corpus dos séculos 18 e 19, a ordem VX continua sendo a mais empregada no âmbito de estruturas com verbo finito em posição inicial, tanto no universo de orações raízes quanto no universo de orações encaixadas. No primeiro grupo, sentenças V1 com sujeito nulo representam 71,81% das orações verbo-iniciais no século 18 e 83,99%. No segundo grupo, também considerando apenas as sentenças V1, a ordem VX corresponde a 84,63% no século 18 e a 82,19% no século 19.

Para as estruturas V1 com sujeito realizado foneticamente, destacamos primeiramente as orações que manifestam inversão germânica, isto é, os casos de ordem VS(X). Em (14) e (15), são apresentados exemplos dessa ordem de palavras em orações matrizes e subordinadas, respectivamente.

- (14) a. **Cuidei** *eu* que Vossa Senhoria sabia (Cavaleiro, 09.171)  
 b. e **deixaria** *o Amor* de ser monarca (Cavaleiro, 13.243)  
 c. **Têm** *os homens* em si mesmos um espelho fiel, (Aires, 03.7)  
 d. **Sente** *a razão* o que a vaidade sente, (Aires, 18.262)  
 e. **Pode** *Vossa Excelência* satisfazer-se bem com êle, (Marquesa, 22.313)  
 f. **disse** *tôda pessoa* o seu parecer livremente (Marquesa, 24.333)  
 g. não **tinha** *eu* completado ainda a idade de cinco anos. (Marquês, 06.46)  
 h. **Principiavam** *elas* pela sua equipagem, (Marquês, 20.283)  
 i. e **estavam** *todas as lojas* fechadas. (Ortigão, 78.449)  
 j. **Vêm-lhe fúrias** à mesa pelo mínimo pretexto (Ortigão, 88.604)
- (15) a. Cremos muitas vezes que nos **faltam** *as qualidades* para merecer a correspondência da pessoa amada (Cavaleiro, 38.647)  
 b. ordenou Olímpia que **viesse** *a dita moça* à sua presença, (Cavaleiro, 72.1042)  
 c. parece que **respira** *a vaidade*, como livre de um peso insuportável: (Aires, 41.764)  
 d. parece que **resulta** *uma indução forte* a favor da Nobreza originária; (Aires, 171.3927)  
 e. e disse-lhe polidamente que **quisesse** *Sua Excelência* retirar-se, (Marquesa, 67.904)  
 f. Sei, porém, que **ficámos**, *eu, êle e Dona M A*, muito tempo comentando a multidão de intrigas (Marquesa, 69.920)  
 g. sustentava que **desejariam** *os frades de São Domingos de Bemfica* pregar como meu irmão! (Marquês, 125.1977)

Em termos quantitativos, as sentenças VS(X) apresentam um decréscimo em sua frequência de uso nos contextos investigados. No âmbito das orações matrizes V1, a ordem de palavras VS(X) alcança o índice de 21,07% no século 18 e 9,78% no século 19. Nas subordinadas V1, obtivemos o valor de 8,25% no século 18 e 9,59% no século 19. Note-se que, em relação aos dois primeiros séculos que já descrevemos, o decréscimo no uso de estruturas VS(X) é, em orações matrizes, mais nitidamente observado no século 19, ao passo que, nas orações subordinadas, isso já é perceptível no século 18. Cabe destacar ainda que, em particular no século 19, o percentual de frequência dessas sentenças com inversão germânica é praticamente o mesmo nos dois contextos que analisamos.

Apresentamos agora, as orações VXS, que representam os casos de ordem V1 com inversão românica do sujeito. Exemplos dessa ordem de palavras em orações raízes e encaixadas são apresentados, respectivamente, em (16) e (17).

- (16)
- a. **Perguntou**-me ultimamente *a princesa Pórcia* com que é que se pareciam os pés das senhoras alemãs. (Cavaleiro, 29.499)
  - b. Não **pode** chegar a maior crueldade *o ciúme* quando chega a converter em ódio o próprio amor. (Cavaleiro, 45.726)
  - c. **é** pequeno *este volume*, (Aires, 07.56)
  - d. **tem** malícia *quem descobre o mal para o evitar*; (Aires, 18.250)
  - e. **Vêm** também *as cartas de Tancrede*, (Marquesa, 03.7)
  - f. **Tem** ido *um grande motim de prognósticos e de parvoíces*, (Marquesa, 07.48)
  - g. **Faltaram** a este jantar *os dois ajudantes de campo de meu tio, os Coronéis Lecor e Boucachar*, (Marquês, 46.690)
  - h. **Devia** ser majestoso *o panorama que se gozava das minhas janelas*. (Marquês, 59.880)
  - i. mas **regressaram** já *todas as famílias que estavam fora*. (Ortigão, 62.226)
  - j. **Precede** este prato *uma sopa* (Ortigão, 143.1311)
- (17)
- a. imagino que **devem** ser *os sentimentos deste suavíssimo comércio*. (Cavaleiro, 05.82)
  - b. sabendo que se **acha** na sua mesa *o barão Polaco*. (Cavaleiro, 55.845)

- c. promete, que **há**-de acabar *a tirania*, (Aires, 30.508)
- d. o ódio nos segura que **vem** chegando *o dia da vingança*; (Aires, 30.509)
- e. dizer-se, que **vive** no escuro *aquele de quem se não fala*; (Aires, 30.514)
- f. Mandou que **fôsse** lá *Inácio P* para ajustar esses negócios, (Marquesa, 15.162)
- g. Queira Deus que **suceda** a Vossa Excelência *outro tanto*. (Marquesa, 15.173)
- h. basta dizer que **tínhamos** tempo, *eu e meu irmão*, (Marquês, 109.1698)
- i. é preciso que **escreva** sempre *alguém* para me não pôr em grandes cuidados. (Ortigão, 63.232)
- j. Dize ao Jeco que **está** lavrado *o diploma do Keller*. (Ortigão, 154.1498)

Em nossa amostra dos séculos 18 e 19, a ordem de palavras VXS é a sequência menos empregada no universo de sentenças V1, seja em orações raízes seja em orações dependentes. Nas matrizes, apenas do universo de estruturas verbo-iniciais, sentenças com inversão românica do sujeito correspondem a 7,12% no século 18 e a 6,22% no século 19. Nas subordinadas, também apenas considerando as estruturas V1, a ordem VXS corresponde a 7,12% no século 18 e a 8,22% no século 19. Ou seja, tanto em orações matrizes quanto em orações subordinadas, observa-se uma dinâmica de frequência de uso muito próxima para as construções VXS. Cabe destacar ainda que, nos dois contextos, há um decréscimo em relação aos índices de uso observados para os séculos 16 e 17.

Em relação às duas possibilidades de posposição do sujeito em estruturas verbo-iniciais, vemos que a frequência de uso de ambas passa a ser muito similar. Por exemplo, em orações raízes do século 18, embora a diferença entre a ordem VS(X) e a ordem VXS seja de 13,95%, ou seja, algo comparável ao que se atesta nos períodos quinhentista e seiscentista, observa-se que essa diferença, no século 19, cai para 3,56%. Em orações dependentes, a diferença entre essas duas ordens de palavras é de 1,13% no século 18 e de 1,37 no século 19. Ou seja, particularmente no século 19, a diferença de frequência entre as ordens VS(X) e VXS apresenta índices muito próximo nos dois contextos sintáticos que investigamos. Essa dinâmica de frequência apresenta um nítido contraste em relação ao que atestamos para os períodos quinhentista e seiscentista. Como apontado anteriormente, em orações matrizes V1 dos dois primeiros séculos considerados,

sentenças VS(X) eram empregadas em torno de 10% a mais do que sentenças VXS. Em orações encaixadas, essa diferença caía para algo em torno de 5%. Ou seja, as diferenças entre as duas ordens apresentavam dinâmicas diferentes em orações matrizes e dependentes, com as matrizes favorecendo visivelmente a sequência linear com inversão germânica. Em relação aos séculos 18 e 19, porém, isso não mais se coloca, já que não se nota mais uma destacada preferência pela ordem VS(X) em orações matrizes.

### 3.4.3 Panorama das Construções V2

No âmbito das sentenças com o verbo finito em segunda posição linear, quatro diferentes ordens de palavras serão apresentadas: i) sequências SV, isto é, orações em que o constituinte inicial é um sujeito realizado foneticamente; ii) sequências XV, em que não há a realização fonética do sujeito; iii) sequências XVS(X), em que o sujeito aparece imediatamente após o verbo; e iv) sequências XVXS, em que um constituinte qualquer se interpõe entre o verbo finito e o sujeito posposto. Nas tabelas 3.9 e 3.10, em relação a orações matrizes e dependentes, apresentamos os valores absolutos e percentuais dos diferentes tipos de ordem linear V2 em cada um dos textos investigados. Agrupados por séculos, os resultados das tabelas 3.9 e 3.10 são apresentados, respectivamente, nas tabelas 3.11 e 3.12. Por fim, nos gráficos 3.5 e 3.6, apresentamos também os resultados das tabelas 3.11 e 3.12.



|                  | SV   | %     | XVS(X) | %     | XVXS | %     | XV  | %     | Total |
|------------------|------|-------|--------|-------|------|-------|-----|-------|-------|
| Pinto (1510)     | 87   | 16,35 | 60     | 11,28 | 25   | 4,70  | 360 | 67,67 | 532   |
| Sousa (1556)     | 180  | 21,08 | 124    | 14,52 | 42   | 4,92  | 508 | 59,48 | 854   |
| Galhegos (1597)  | 194  | 34,89 | 127    | 22,84 | 41   | 7,37  | 194 | 34,89 | 556   |
| Vieira (1608)    | 279  | 44,50 | 152    | 24,24 | 50   | 7,97  | 146 | 23,29 | 627   |
| Céu (1658)       | 112  | 20,63 | 118    | 21,73 | 29   | 5,34  | 284 | 52,30 | 543   |
| Barros (1675)    | 151  | 19,46 | 184    | 23,71 | 151  | 19,46 | 290 | 37,37 | 776   |
| Cavaleiro (1702) | 562  | 51,23 | 101    | 9,21  | 22   | 2,01  | 412 | 37,56 | 1097  |
| Aires (1705)     | 1230 | 63,86 | 183    | 9,50  | 99   | 5,14  | 414 | 21,50 | 1926  |
| Marquesa (1750)  | 296  | 59,08 | 44     | 8,78  | 17   | 3,39  | 144 | 28,74 | 501   |
| Marquês (1802)   | 724  | 60,13 | 94     | 7,81  | 46   | 3,82  | 340 | 28,24 | 1204  |
| Ortigão (1836)   | 416  | 59,09 | 35     | 4,97  | 29   | 4,12  | 224 | 31,82 | 704   |

Tabela 3.9: Tipos de ordem linear V2 no âmbito das orações matrizes de cada um dos textos investigados.

|                  | SV  | %     | XVS(X) | %     | XVXS | %     | XV | %     | Total |
|------------------|-----|-------|--------|-------|------|-------|----|-------|-------|
| Pinto (1510)     | 63  | 36,84 | 20     | 11,70 | 9    | 5,26  | 79 | 46,20 | 171   |
| Sousa (1556)     | 76  | 40,43 | 21     | 11,17 | 17   | 9,04  | 74 | 39,36 | 188   |
| Galhegos (1597)  | 77  | 65,25 | 12     | 10,17 | 12   | 10,17 | 17 | 14,41 | 118   |
| Vieira (1608)    | 116 | 65,54 | 21     | 11,86 | 16   | 9,04  | 24 | 13,56 | 177   |
| Céu (1658)       | 37  | 49,33 | 9      | 12,00 | 2    | 2,67  | 27 | 36,00 | 75    |
| Barros (1675)    | 89  | 55,63 | 16     | 10,00 | 17   | 10,63 | 38 | 23,75 | 160   |
| Cavaleiro (1702) | 317 | 72,21 | 24     | 5,47  | 14   | 3,19  | 84 | 19,13 | 439   |
| Aires (1705)     | 239 | 77,35 | 16     | 5,18  | 13   | 4,21  | 41 | 13,27 | 309   |
| Marquesa (1750)  | 134 | 74,86 | 14     | 7,82  | 5    | 2,79  | 26 | 14,53 | 179   |
| Marquês (1802)   | 129 | 77,71 | 4      | 2,41  | 2    | 1,20  | 31 | 18,67 | 166   |
| Ortigão (1836)   | 76  | 82,61 | 3      | 3,26  | 1    | 1,09  | 12 | 13,04 | 92    |

Tabela 3.10: Tipos de ordem linear V2 no âmbito das orações dependentes de cada um dos textos investigados.

|         | SV   | %     | XVS(X) | %     | XVXS | %     | XV   | %     | Total |
|---------|------|-------|--------|-------|------|-------|------|-------|-------|
| Séc. 16 | 461  | 23,74 | 311    | 16,01 | 108  | 5,56  | 1062 | 54,69 | 1942  |
| Séc. 17 | 542  | 27,85 | 454    | 23,33 | 230  | 11,82 | 720  | 37,00 | 1946  |
| Séc. 18 | 2088 | 59,25 | 328    | 9,31  | 138  | 3,92  | 970  | 27,53 | 3524  |
| Séc. 19 | 1140 | 59,75 | 129    | 6,76  | 75   | 3,93  | 564  | 29,56 | 1908  |

Tabela 3.11: Tipos de ordem linear V2 no âmbito das orações matrizes do século 16 ao 19.

|         | SV  | %     | XVS(X) | %     | XVXS | %    | XV  | %     | Total |
|---------|-----|-------|--------|-------|------|------|-----|-------|-------|
| Séc. 16 | 216 | 45,28 | 53     | 11,11 | 38   | 7,97 | 170 | 35,64 | 477   |
| Séc. 17 | 242 | 58,74 | 46     | 11,17 | 35   | 8,50 | 89  | 21,60 | 412   |
| Séc. 18 | 690 | 74,43 | 54     | 5,83  | 32   | 3,45 | 151 | 16,29 | 927   |
| Séc. 19 | 205 | 79,46 | 7      | 2,71  | 3    | 1,16 | 43  | 16,67 | 258   |

Tabela 3.12: Tipos de ordem linear V2 no âmbito das orações subordinadas do século 16 ao 19.

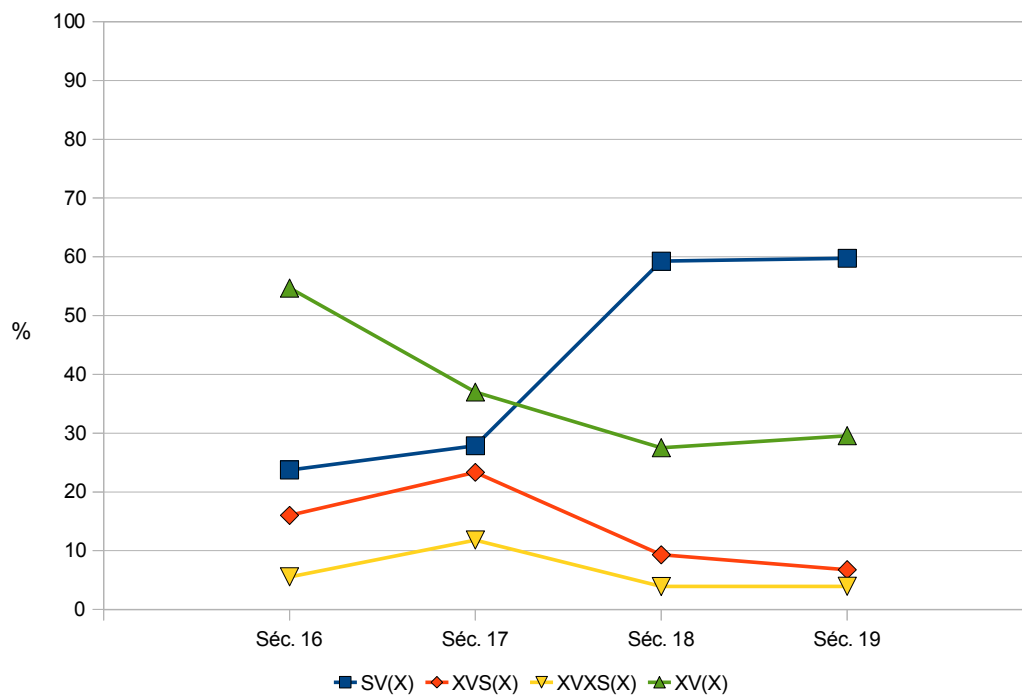


Gráfico 3.5: Tipos de ordem linear V2 no âmbito das orações matrizes do século 16 ao 19.

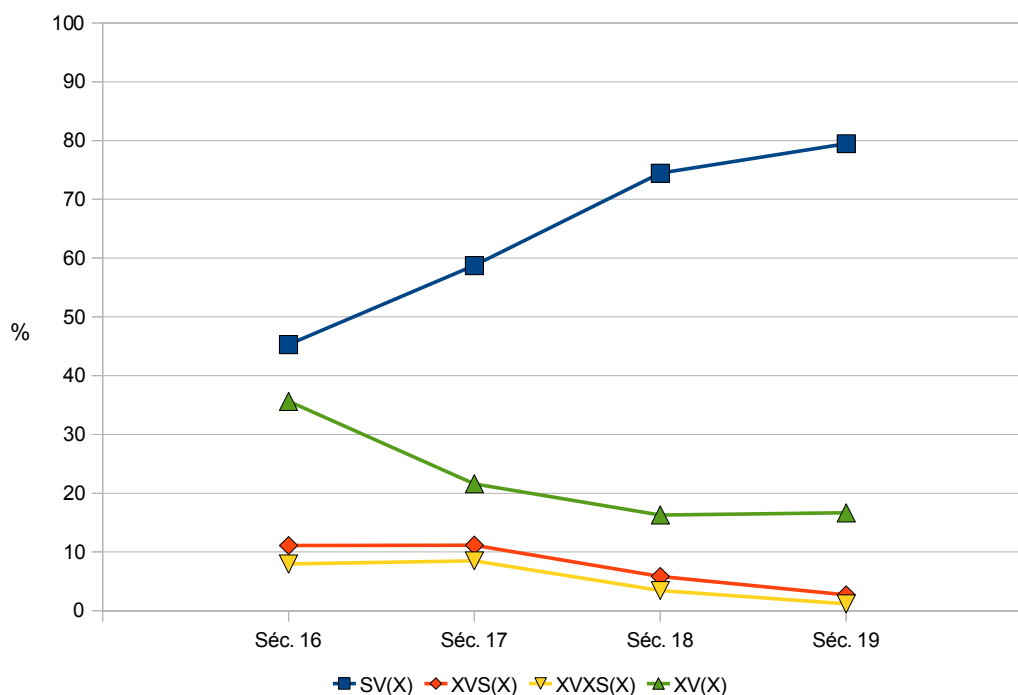


Gráfico 3.6: Tipos de ordem linear V2 no âmbito das orações dependentes do século 16 ao 19.

### 3.4.3.1 Construções V2 nos Séculos 16 e 17

A respeito de nossa amostra de dados do PM, já destacamos que construções com o verbo em segunda posição linear representam quase sempre a ordem de palavras mais empregada. De fato, apenas no século 16, em orações dependentes, e por uma diferença percentual muito pequena em relação a estruturas V1, é que as orações V2 não correspondem à ordem linear mais empregada. No que se segue, caracterizaremos em mais detalhes essas sentenças com verbo em segunda posição.

Inicialmente mostraremos exemplos da ordem de palavras SV. Em (18), apresentamos exemplos registrados em orações matrizes, ao passo que em (19) apresentamos exemplos da sequência SV em orações dependentes.

- (18) a. e *ela* se **partiu** logo, (Pinto, 14.12)  
 b. e o *Vasco Martins de Seixas* **trouxe** um presente rico de muitas peças de ouro (Pinto, 22.92)  
 c. A *desesperação* **criava** forças e esforço nos cercados: (Sousa, 12.41)

- d. *O seu jejum* **era** mais estreito, (Sousa, 19.160)
  - e. *e os inimigos* se **retiraram** a uma igreja, (Galhegos, 03.49)
  - f. *Onze homens de Castro Lobeiro que estavam na trincheira* **viram** no campo doze cavalheiros castelhanos (Galhegos, 04.63)
  - g. *Christo Senhor nosso*, **disse** a seus Discipulos, (Vieira, 67.71)
  - h. *uns* **veem** a este mundo, (Vieira, 74.230)
  - i. *O coro, Paraizo das Religiosas*, lhe **parecia** purgatorio, (Céu, 136.54)
  - j. *O Reyno de Deos* **padesse** força, (Céu, 145.178)
  - l. *A pátria* lhe **deu** o título de Grande, (Barros, 2.5)
  - m. *O sucesso* **passou** assim. (Barros, 5.51)
- (19)
- a. determinou por todos que *as três naus que eram de El-rei* **fossem** a Diu como a provisão mandava, (Pinto, 16.31)
  - b. vieram a concertar que *o capitão da nossa nau* lhe **desse** doze homens dos quinze (Pinto, 30.154)
  - c. parece que *nem o mais aturado estudante desta Ordem* **pode** dizer que estuda muito. (Sousa, 22.195)
  - d. dizia que *Deus* **dera** à sagrada Ordem dos Pregadores, (Sousa, 26.235)
  - e. sabendo que *o inimigo* **estava** em Valverde prevenindo-se para dar em Olivença, (Galhegos, 03.39)
  - f. escreveu que *o Sumo Pontífice* **esperava** com grande alvoroço pelo bispo embaixador de Portugal (Galhegos, 05.91)
  - g. Sabemos que *o mar* **ha**-de sahir furiosamente de si, (Vieira, 61.9)
  - h. sabemos que *a lei da natureza* **durou** dois mil annos, (Vieira, 66.57)
  - i. creyo, que *este* lhe **deu** o nome assim na pia, (Céu, 135.35)
  - j. Dizia ella que *o ar do dia* lhe **parecia** escuro, (Céu, 136.52)
  - l. logo determinou, que *o Padre ANTÓNIO VIEIRA* não **voltasse** para o Brasil. (Barros, 21.189)
  - m. julgar, que *o Padre ANTÓNIO VIEIRA* **intentava** com o Soberano introduzir novidades na Companhia de JESUS, (Barros, 25.214)

Em orações matrizes, do conjunto total de sentenças com ordem linear V2, estruturas SV representam 23,74% dos dados no período quinhentista e 27,85% no período seiscentista. Em orações dependentes, os índices de uso de sentenças SV são mais expressivos, dado que, nos séculos 16 e 17, respectivamente, registramos 45,28% e 58,74% de estruturas com sujeito pré-verbal no âmbito total de sequências lineares V2. Ou seja, os números apontam para uma dinâmica distinta entre orações matrizes e orações encaixadas no que diz respeito à frequência de uso de sujeitos pré-verbais. A diferença permanece se considerarmos apenas as orações com ordem V2 que manifestam um sujeito realizado foneticamente (em posição pré ou pós-verbal). No âmbito das orações matrizes, o índice de estruturas SV varia entre 52,39% no século 16 e 44,21% no século 17. Já no âmbito de orações dependentes completivas com ordem linear V2, considerando-se também apenas aquelas com sujeito visível, registramos que, em nossa amostra de dados, o percentual de sequências SV corresponde a 70,36% no século 16 e a 74,92% no século 17.

Tendo em conta essas considerações sobre a dinâmica de frequência das sentenças SV nos períodos quinhentista e seiscentista de nossa amostra do PM, gostaríamos de documentar agora as sentenças com ordem linear V2 que não apresentam em posição pré-verbal um sujeito realizado foneticamente. Dessas sentenças sem um sujeito precedendo o verbo finito, uma das possibilidades é aquela em que não há realização fonética do sujeito, isto é, a ordem XV. Em (20) e (21), são apresentados alguns exemplos dessa sequência linear em orações raízes e encaixadas, respectivamente.

- (20)
- a. e da outra coisa mais antiga deste reino me não **lembro**. (Pinto, 14.7)
  - b. e ali **fizemos** nossa aguada, (Pinto, 18.41)
  - c. Assi **soube** unir em um mesmo sujeito a pontifical grandeza com a humildade religiosa. (Sousa, 10.13)
  - d. e, quando menos era esperado, **entra** pola comarca de Lisboa, (Sousa, 11.26)
  - e. e com a sua prisão **mudaram** de intento, (Galhegos, 02.23)
  - f. e arrimando escadas, **entraram** na vila, (Galhegos, 03.47)
  - g. Muitas coisas **sabemos** deste grande dia, (Vieira, 61.3)
  - h. Estas duas coisas tão ignoradas, **quero** que leveis hoje sabidas: (Vieira, 64.32)

- i. também **teue** hum Irmaão ao qual cortou a morte o fio da vida, (Céu, 134.25)
  - j. as virtudes que exercitou Religiosa, **veneramos**; (Céu, 135.33)
  - l. Desde este ponto **ficou** com aquela clareza de entendimento, (Barros, 7.68)
  - m. reconhecendo em si uma aptidão mui nova, **disse** ao Mestre, (Barros, 7.70)
- (21)
- a. diziam que sempre **fora** muito inclinada, (Pinto, 22.82)
  - b. receoso ele que por ser insofrível **perdesse** o que dera por mim, (Pinto, 27.133)
  - c. Mandou-lhe o Provincial que sem sua expressa licença se não **saísse** de Lisboa (Sousa, 42.427)
  - d. avisar que tal não **fizessem**; (Sousa, 83.960)
  - e. Pedimos que no governo temporal **sejamos** governados pelo vice-rei, (Galhegos, 72.1101)
  - f. dizem que sem dúvida se lhe **entregara**. (Galhegos, 07.121)
  - g. intenda, que perseverando, **ha**-de cahir sem duvida para a mão direita. (Vieira, 95.689)
  - h. aconselhára eu a Acab que, nas circumstancias presentes, **fizesse** a guerra, (Vieira, 193.1559)
  - i. dizer-me que de todas as que lia nas Vidas dos Santos **hia** fazer proua; (Céu, 147.207)
  - j. mandando-lhe que logo **despisse** o habito, (Céu, 152.270)
  - l. recluir, que com a vida **perdesse** a alma. (Barros, 38.347)
  - m. respondeu, que as delRei não **queria** guardar, (Barros, 144.1169)

A respeito dessa ordem de palavras específica, gostaríamos de destacar alguns pontos. O primeiro deles é que, seja em orações matrizes seja em orações dependentes, diferentes tipos de sintagmas podem aparecer em posição inicial. Temos, por exemplo, sintagmas preposicionados (cf. (20a), (20e), (20l), (21c), (21e), (21f), (21h), (21i), (21l)), advérbios (cf. (20b), (20c), (20i), (20a), (21j)), orações encaixadas (cf. (20d), (20f), (20m), (21b), (21g)) e objetos diretos (cf. (20g), (20h), (20j), (21d), (21m)). Um segundo ponto é de natureza quantitativa. Em orações não dependentes com ordem

linear V2, sequências XV correspondem ao subgrupo mais empregado, com um índice de 54,69% no século 16 e 37% no século 17. No âmbito de orações dependentes, por sua vez, registramos um quadro distinto. Considerando apenas aquelas com ordem linear V2, a ordem XV representa 35,64% dos dados no século 16 e 21,60% no século 17. Com esses valores, a sequência XV em orações encaixadas corresponde à segunda ordem de palavras mais empregada nos dois séculos em questão, sendo superada pela sequência linear SV. Sobre a grande variação nas subordinadas, cabe aqui um rápido comentário. A flutuação observada entre os séculos 16 e 17 no que diz respeito à frequência da ordem de palavras XV parece ser devida ao comportamento individual dos autores. Em relação ao século 16, há uma flutuação que vai de 14,41% no texto de Galhegos a 46,20% no texto de Pinto, com Sousa apresentando uma frequência de 39,36%. Em relação ao século 17, há uma flutuação, que vai de 13,56% em Vieira até 36% em Céu, com Barros apresentado uma frequência de 23,75%. Ou seja, nos dois séculos há uma grande flutuação em termos individuais. A diferença é que, no século 16, o autor intermediário apresenta um índice mais próximo da extremidade superior, ao passo que, no século 17, o autor intermediário apresenta um índice mais próximo da extremidade inferior. Caso tivéssemos mais textos para cada século, provavelmente a média geral não ficaria tão sujeita a variações individuais.

Outra possibilidade de ordem linear V2 com um constituinte pré-verbal diferente do sujeito é a sequência XVS(X), isto é, sentenças que manifestam inversão germânica do sujeito. Alguns dados relativos a orações raízes e dependentes são apresentados em (22) e (23), respectivamente.

- (22)
- a. Com a primeira vista destas suas fanfarrices **ficamos** *nós* algum tanto embaraçados. (Pinto, 19.48)
  - b. Depois de isto assim ordenado se **partiu** *o vice-rei* desta barra de Goa (Pinto, 39.220)
  - c. Dada a esmola, **disse** *o pobre* à mãe que criasse com muito cuidado aquele minino (Sousa, 15.80)
  - d. Enfim, **teve** *o ano* fim (Sousa, 21.177)
  - e. A São Tomé **chegou** *nova deste sucesso* por dois barcos de Angola: (Galhegos, 17.247)
  - f. mas nem por isso **deixou** *o povo* de se alvoroçar; (Galhegos, 48.696)
  - g. De uma parte **estará** *a esperança* alentando, (Vieira, 63.19)

- h. Finalmente, **vão** *os bons* para o céu, (Vieira, 67.93)
  - i. Esta bem disposta materia para o fogo do amor de Deos, **previa** *o inimigo* como Anjo, que foy, (Céu, 136.48)
  - j. Quanto o demonio trabalhou em dous annos **desfes** *Deos* em hum instante; (Céu, 138.93)
  - l. Assim **começou** *o Grande VIEIRA* como Sol, (Barros, 7.59)
  - m. Por meio dos parentes **assoprou** *o Inferno* os ventos, (Barros, 11.93)
- (23)
- a. sabendo que por seu respeito nos **toma** *este inimigo achém* a nossa terra, (Pinto, 63.426)
  - b. respondemos nós que por pecados nossos **permitira** *Deus* vermo-nos daquela maneira: (Pinto, 103.794)
  - c. é certo que, depois que renunciou, **cresceram** *as rendas* quasi em dobro; (Sousa, 53.561)
  - d. dizer que nesse acidente natural **quis** *o Senhor* dar documento ao amo e aos criados: (Sousa, 84.971)
  - e. e ambos assentaram, que o dia seguinte **iria** *Manoel de Melo* a Moura com a sua gente (Galhegos, 78.1166)
  - f. por lá se diz que em Portugal **valem** *todas as coisas* por excessivo preço, (Galhegos, 94.1397)
  - g. Dizem mais os Prophetas, que no templo Do Messias **viveriam** *os lobos* juntos com os cordeiros, (Vieira, 179.1129)
  - h. pediram-lhe, finalmente, que pois elles não acertavam a perguntar, lhes **dissesse** *elle* quem era. (Vieira, 196.1657)
  - i. presumio, que primeiro que à Noviça lhe **falara** *o Santo* a ella; (Céu, 139.101)
  - j. entendemos que sobre os mayores **devia** *o menino* tomar uma mezinha, (Céu, 222.1149)
  - l. intimou-lhes, que em falta de outros Sacerdotes idóneos, que não havia, **deviam** *eles mesmos* visitar aquelas desamparadas Ilhas, (Barros, 74.594)
  - m. ordenou, que por votos secretos **declarasse** *cada um* o que julgava. (Barros, 179.1429)



Em relação a essas estruturas XVS(X), também atestamos diferentes tipos de constituintes em posição pré-verbal, como um sintagma preposicional (cf. (22a), (22e), (22f), (22g), (22m), (23a), (23b), (23d), (23f), (23g), (23j), (23l), (23m)), um advérbio ou um NP adverbial (cf. (22d), (22h), (22l), (23e)), uma oração encaixada (cf. 22b), (22c), (22j), (23c), (23h)) ou um objeto direto (cf. (22i)). Um outro ponto a ser destacado é que observamos também uma certa diferença entre orações matrizes e orações encaixadas no que diz respeito à frequências de orações XVS(X). No conjunto de sentenças raízes, o índice de sequências XVS(X) é relativamente próximo ao de sequências SV. No século 16, por exemplo, a estrutura XVS(X) corresponde a 16,01% dos dados com ordem V2, ao passo que a sequência SV, como já registramos, corresponde a 23,74%, isto é, uma diferença de 7,73%. No século 17, sentenças XVS(X) representam 23,33% dos dados de ordem V2, enquanto a sequência SV, como também já apontado, equivale a 27,85%, ou seja, uma diferença de 4,52%. No conjunto de sentenças encaixadas V2, por sua vez, a diferença de frequência de uso entre sequências XVS(X) e sequências SV é extremamente perceptível. No período quinhentista, do universo total de orações dependentes com o verbo finito em segunda posição, a ordem XVS(X) representa 11,11% dos dados, enquanto a ordem SV apresenta um índice de 45,28%, como já vimos. No período seiscentista, observando-se ainda o mesmo universo de dados, a ordem de palavras XVS(X) corresponde 11,17%, enquanto a sequência linear SV, como também já registrado, alcança o percentual de 58,74%. Ou seja, no âmbito das orações encaixadas com ordem V2, tanto no século 16 quanto no século 17, a diferença na frequência de uso entre estruturas XVS(X) e SV ultrapassa a casa dos 30%, o que contrasta consideravelmente com o que é observado em orações matrizes.

Apresentamos, agora, as sentenças XVXS, isto é, sentenças com ordem linear V2 que manifestam inversão românica do sujeito. Em (24), apresentamos exemplos extraídos de orações matrizes, ao passo que em (25) listamos alguns exemplos obtidos de orações dependentes completivas.

- (24) a. e em chegando eles a pouco mais de meio rio, **arremeteram** a eles *dois lagartos muito grandes*, (Pinto, 69.495)
- b. e em coisa nenhuma lhe **foi** feito *nenhum agravo*, (Pinto, 75.537)
- c. Desta conta **ficamos** fora *os religiosos*, (Sousa, 11.21)
- d. Assim **madrugou** neste minino *a inclinação às coisas da Religião e da Igreja*. (Sousa, 16.93)

- e. No princípio do mês **vieram** da cidade de Badajós *trinta castelhanos de cavalos*, (Galhegos, 26.376)
  - f. e só em Cidade Rodrigo **estão** presos *duzentos, e tantos*. (Galhegos, 31.473)
  - g. Isto supposto, **vem** a dizer *Christo*, (Vieira, 68.105)
  - h. então **hão**-de sahir *uns* absoltos, (Vieira, 71.165)
  - i. pouca honra **deue** à Babilonia *a maravilha de seus muros*, (Céu, 133.14)
  - j. Deste soberano sentimento **teue** revelação *a Madre Elena*, (Céu, 164.414)
  - l. parte delas **referirá** logo *a nossa História*. (Barros, 29.261)
  - m. Desta resolução, e vitória **formaram** juízo *os maiores políticos*, (Barros, 31.277)
- (25)
- a. confessaram que os dias atrás **viera** ali ter *uma nau do baxá* a buscar mantimentos, (Pinto, 30.158)
  - b. entendendo ambos que tanta obrigação **tem** para o fazer *um como o outro*. (Pinto, 63.431)
  - c. tinha experimentado que só no deserto da Religião **goza** vida segura e descansada *quem estima e sabe conhecer o preço da verdadeira liberdade*. (Sousa, 29.279)
  - d. duvidar que em sojeitos iguais por todas as mais partes **devia** preceder *a nobreza*, (Sousa, 37.375)
  - e. dispõe que não somente **estudem** letras *os ecclesiásticos*, (Sousa, 90.1040)
  - f. dizem que por nenhuma parte lhe **pode** entrar *socorro*. (Galhegos, 46.657)
  - g. diz pessoa digna de crédito que com a grande cópia de sangue **correra** vermelha, *a ribeira de Chança*. (Galhegos, 54.779)
  - h. Sabemos que assim **hão**-de acabar *todos os homens*, (Vieira, 62.12)
  - i. Sabemos que a esta celestial bandeira, **seguirão** repartidos em nove numerosissimos exercitos *todas as jerarchias dos anjos*, (Vieira, 62.16)
  - j. Confesso, que sendo a minha vida hum composto de desagradados de Deos, me **ficou** tanto na memoria *aquella advertencia para o respeyto com que sempre tratey a dita cella*; (Céu, 159.359)

- l. sendo que para imortal glória do Padre ANTÔNIO VIEIRA **ficam** demais  
as *fumosas imagens de quaisquer Maiores*. (Barros, 4.26)
- m. pretendendo que desta vez **chegasse** a ver as covas Cimérias *o Sol*.  
(Barros, 140.1136)

Em termos qualitativos, aqui também vemos que diferentes tipos de sintagmas aparecem em posição inicial: um sintagma preposicional (cf. (24b), (24c), (24e), (24f), (24j), (24m), (25c), (25d), (25f), (25g), (25i), (25l), (25m)), um advérbio ou NP adverbial (cf. (24d), (24h), (25a), (25e), (25h)), uma oração encaixada (cf. (24a), (24g), (25j)) e um objeto direto (cf. (24i), (24l), (25b)). Em termos quantitativos, registramos que a ordem XVXS apresenta, no âmbito das sentenças principais com ordem linear V2, o índice de 5,56% no século 16 e de 11,82% no século 17. No âmbito das orações encaixadas com ordem V2, a sequência XVXS apresenta um índice de uso de 7,97% no século 16 e de 8,50% no século 17. Tendo em vista o que já dissemos sobre as orações com ordem linear V2 que manifestam inversão germânica, observamos que a frequência de estruturas com a ordem XVXS é inferior à frequência de estruturas XVS(X), embora essa diferença não se mostre de maneira igual em orações matrizes e dependentes. Nas principais com ordem V2, a diferença entre os casos de inversão germânica e os casos de inversão românica é de 10,45% no século 16 e de 11,51% no século 17, ou seja, algo sempre em torno de 10%. Já nas subordinadas com ordem V2, a diferença de uso entre a ordem XVS(X) e XVXS é de 3,14% no século 16 e de 2,67 no século 17, ou seja, uma diferença nunca superior a 4%. Isso nos mostra que, embora a inversão germânica seja o tipo de posposição do sujeito mais empregado nos dois contextos investigados, nota-se uma preferência mais acentuada por esse tipo de inversão em orações matrizes. Cabe destacar ainda que os resultados por nós obtidos a respeito da dinâmica quantitativa de inversão do sujeito em orações com ordem V2 é similar ao observado em relação às estruturas V1. Nestas, como já apontado, a inversão germânica é sempre preferível à inversão românica, embora isso também seja mais notório no contexto de orações principais.

### 3.4.3.2 Construções V2 nos Séculos 18 e 19

No âmbito das sentenças com ordem linear V2 dos séculos 18 e 19, registramos diferenças significativas, em termos quantitativos, em relação ao que é observado para os períodos quinhentista e seiscentista. A fim de ver essas diferenças, vejamos inicial-

mente o subgrupo de sentenças com um sujeito pré-verbal, com exemplos em (26) para as sentenças matrizes e exemplos em (27) para as sentenças encaixadas.

- (26)
- a. *Os homens que melhor discursam* **são** pela maior parte Excelentes Forças, (Cavaleiro, 02.13)
  - b. *O amor sincero e verdadeiro* **inspira** certos tormentos (Cavaleiro, 02.22)
  - c. *elas* **mostram** que não foram aprendidas, (Aires, 04.27)
  - d. *A confissão da culpa* **costuma** fazer menor pena. (Aires, 07.54)
  - e. *A carta de Vossa Excelência* **traz** dobrado motivo de contentar-me, (Marquesa, 03.2)
  - f. *Eu e a mana* **lemos** há pouco tempo o poema de Tasso, (Marquesa, 04.16)
  - g. *Minha Mãe* **pertencia** a uma ilustre e numerosa família hanoveriana, (Marquês, 05.23)
  - h. *Nenhum de nós* **conheceu** os Avós, (Marquês, 05.28)
  - i. e *outros* **pescaram** até o jantar, (Ortigão, 36.17)
  - j. *O Almeida Campos* **deu**-nos ontem um jantar a mim e ao Queiroz. (Ortigão, 49.67)
- (27)
- a. Não sabeis que *o amor* **passa** em ideia (Cavaleiro, 01.3)
  - b. Cuidei eu que *Vossa Senhoria* **sabia** que a gente moça, casada, tem seus modos particulares (Cavaleiro, 09.171)
  - c. Não foi preciso que *os sucessos* **verificassem** aquele vaticínio, (Aires, 04.20)
  - d. outros dirão, que *os conceitos* não **são** justos, (Aires, 07.60)
  - e. porque me disseram que *um muito douto* **fôra** buscar as obras de Santo Agostinho, (Marquesa, 07.53)
  - f. É de pasmar que *até pessoas de algum juízo*, **cheguem** a tanta preocupação, (Marquesa, 08.59)
  - g. perusadindo-se de que *eu* **tinha** levado comigo um frade, (Marquês, 09.91)
  - h. vindo ao conhecimento de que *ele* **descendia**, em linha reta, do Rei do Congo, (Marquês, 22.301)

- i. é preciso que *a Annathilde* **empreste** o pandeiro (Ortigão, 62.209)
- j. me lembrou que *essa* **poderia** bem ser igualmente a última. (Ortigão, 63.252)

Em orações matrizes, considerando unicamente o universo de sentenças com sequência linear V2, a ordem SV alcança o índice de 59,25% no século 18 e de 59,75% no século 19, vindo a ser a ordem de palavras mais empregada no âmbito dessas sentenças V2. Note-se que, em relação aos séculos 16 e 17, temos uma dinâmica bastante distinta, já que, nesse período, a sequência SV é a segunda ordem de palavras mais empregada. Nas dependentes, por sua vez, sentenças SV continuam sendo a ordem linear mais empregada no âmbito das estruturas V2, com um índice de 74,43% no século 18 e de 79,46% no século 19. Com isso, a partir do século 18, seja qual for o contexto sintático, sentenças com um sujeito pré-verbal tornam-se a ordem de palavras predominante no âmbito das sentenças com apenas um XP em posição pré-verbal.

Destacamos agora as sentenças V2 com sujeito elíptico, isto é, as orações XV. Em (28) e (29), são apresentados alguns exemplos dessa ordem linear em orações raízes e encaixadas, respectivamente.

- (28) a. Devendo porém obedecer-vos, **farei** a pintura, (Cavaleiro, 01.8)
- b. Se algum dia chegardes a experimentá-la, **conhecereis** verdadeiramente o que é amor; (Cavaleiro, 05.81)
- c. a Vossa majestade **servem** por obrigação da lei, (Aires, 04.37)
- d. e assim **fiquei** sem poder negar a minha vaidade. (Aires, 07.53)
- e. Agora **quero** dar a razão do nome de Tancrede (Marquesa, 04.15)
- f. e no carácter de Tancrede **achamos** alguma semelhança com o do Marquês, (Marquesa, 04.17)
- g. e mais tarde **veio** a Portugal, (Marquês, 05.25)
- h. Nada **consequia**. (Marquês, 15.172)
- i. Ao romper do dia **chegávamos** à lagoa (Ortigão, 45.10)
- j. e quando vim para o almoço **tinha** empregado optimamente as minhas seis cargas. (Ortigão, 46.22)
- (29) a. Suponde que nada **disse**. (Cavaleiro, 03.33)

- b. com a diferença que neste caso não **sei** o que os brutos podem falar,  
(Cavaleiro, 15.256)
- c. verdade é que a maior parte destas Reflexões **escrevi** sem ter o  
pensamento naquela vaidade; (Aires, 07.47)
- d. Daqui vem, que as mais das vezes **devemos** os nossos acertos menos à  
vontade, (Aires, 19.264)
- e. e creio que talvez se me **prepara...** (Marquesa, 15.182)
- f. vendo que até agora não **tenho** feito cousa que mereça maior consideração  
(Marquesa, 23.314)
- g. fizeram com que, a pretexto de escoltarem o novo rei, **dessem** ao Marquês  
de Alorna o comando de um corpo de exército de doze mil homens,  
(Marquês, 42.606)
- h. meteram-lhe na cabeça que, ao anoitecer, **fosse** à praça do Rocio,  
(Marquês, 51.755)
- i. prometer que nunca mais **veria** a ópera senão nesse camarote, (Ortigão,  
89.658)
- j. Basta dizer que ainda não **fui** a um teatro senão de dia (Ortigão, 137.1188)

Em orações principais V2, sentenças XV apresentam um índice de 27,53% no século 18 e de 29,56% no século 19, passando a ser a segunda ordem mais empregada, em contraposição aos séculos 16 e 17, quando era a sequência mais utilizada no âmbito das ordens com verbo em segunda posição. Em orações encaixadas V2, sequências XV correspondem a 16,29% no século 18 e a 16,67% no século 19. Nestes dois séculos, essa continua sendo a segunda ordem mais empregada no âmbito das estruturas V2 dependentes, tal como se dava nos períodos quinhentista e seiscentista.

Apresentaremos agora as sentenças com posposição do sujeito. Inicialmente, mostraremos exemplos da ordem XVS(X), com dados de orações raízes em (30) e dados de orações dependentes em (31).

- (30)
- a. Aí **torce** a *porca* o rabo, (Cavaleiro, 15.273)
  - b. Pelas mãos da idade **recebem** os *Soberanos* a experiência de mandar.  
(Aires, 04.32)
  - c. Aos outros reis **servem** os *homens* por força do preceito; (Aires, 04.36)

- d. Aqui **chegou** *o nosso Piério* terça-feira deste mês, (Marquês, 21.295)
  - e. e, depois dos primeiros cumprimentos, **debutou** *Mister Filinto* por uma ode bonita, (Marquesa, 24.330)
  - f. No verão de 1806 **tomou** *a minha família* a casa do Conde de Lumiares, (Marquês, 19.235)
  - g. Este quadro **vi** *eu*, em Munich, (Marquês, 28.385)
  - h. mas esta noite **diz** *ela* que apanhou um ar (Ortigão, 60.191)
  - i. e em seguida **desfilaram** *todas as carruagens* a passo pelo retiro. (Ortigão, 117.862)
- (31)
- a. Parece-me que por esta razão **disseram** *todos os poetas* que há três deusas impenetráveis (Cavaleiro, 81.1140)
  - b. creia-se que à vista dos seus bons olhos **perdem** *os raios do sol* o esplendor; (Cavaleiro, 129.1789)
  - c. é regra, que em certos casos não **deve** *a regra* servir de regra, (Aires, 135.3192)
  - d. não vê que nisso mesmo **quis** *o juiz astuto*, fundar a sua grandeza própria; (Aires, 144.3409)
  - e. persuada-se de que, apesar de tudo o que sofremos, **estão** *os nossos ânimos* sossegados. (Marquesa, 43.597)
  - f. já se vê que, se não nos bolirmos, **ficarão** *as cousas* no sensabor estado (Marquesa, 47.654)
  - g. calculando que em seis dias **podia** *o mesmo exército* estar às portas de Lisboa, (Marquês, 29.413)
  - h. Acaba de informar-me o António que hoje ou amanhã **sai** *correio* para o Brasil. (Ortigão, 181.1801)

No âmbito de sentenças raízes V2, as estruturas XVS(X) representam 9,31% dos dados no século 18 e 6,76% no século 17, o que mostra um decréscimo em relação ao período dos séculos 16 e 17. Em orações dependentes com ordem linear V2, também há uma diminuição no uso de estruturas XVS(X), com os valores de 5,83% para o século 18 e 2,71% para o século 19.

Por fim, apresentamos as estruturas XVXS para o período dos séculos 18 e 19. Em (32), registramos exemplos de orações principais, ao passo que em (33) registramos exemplos de orações dependentes.

- (32)
- a. Ao amigo que prega os guardanapos grandes, **sucedeu**-lhe neste dia *uma desgraça*. (Cavaleiro, 31.539)
  - b. Às de Holofernes **cortou** a cabeça *a castidade de Judite*. (Cavaleiro, 65.961)
  - c. Sendo o termo da vida limitado, não **tem** limite *a nossa vaidade*; (Aires, 11.89)
  - d. mas nem sempre **domina** em nós *o mesmo género de vaidade*. (Aires, 26.431)
  - e. Além de todas estas, não **deixa** de ser o comum *a cousa mais insípida que é possível*. (Marquesa, 06.40)
  - f. Com isto **cessou** inteiramente *a dôr* (Marquesa, 34.477)
  - g. Nestas viagens de Mafra **aconteciam** muitas vezes *desgraças terríveis*. (Marquês, 07.59)
  - h. Assim que chegava paquete, **aparecia** em Bemfica *o seu capitão* com cartas para o Abade e para João Evangelista, (Marquês, 65.986)
  - i. Nesse mesmo dia pela manhã **tinha**-me convidado *o Doutor Simas* para um jantar (Ortigão, 49.65)
  - j. e pouco mais ou menos **disse** a mesma coisa *a Epoca e o Herald*. (Ortigão, 93.687)
- (33)
- a. Queira Deus que ainda **seja** viva em Lisboa *alguma das que me deram razão para eu dizer tudo isto*. (Cavaleiro, 28.490)
  - b. Concordaram ambos que, a pretexto de divertir o príncipe, **viessem** sucessivamente à sua câmara *todas as damas da corte*. (Cavaleiro, 76.1081)
  - c. sendo que as mais das vezes **seria** maior *a sua culpa*, (Aires, 84.1871)
  - d. dissera a Roma que em seu próprio seio se **haviam** de forjar *os seus primeiros ferros*; (Aires, 131.3075)
  - e. diz que só das almas sensíveis **pode** ser entendida *a sua linguagem*. (Marquesa, 31.434)



- f. diziam que, havia muito, **tinha** acabado *o beija-mão*. (Marquês, 24.343)
- g. É preciso que bem detestável companhia lhe **tenha** feito *Madame Prado* (Ortigão, 111.731)

Nessas estruturas de posposição, também observamos um decréscimo em relação aos séculos 16 e 17. De fato, no conjunto de sentenças V2 matrizes, a ordem XVXS apresenta um índice de uso de 3,92% no século 18 e de 3,93% no século 19. No universo de sentenças V2 dependentes, registramos para a ordem XVXS o índice de 3,45% no século 18 e de 1,16% no século 19. Tendo em vista o que já dissemos sobre as orações com ordem linear V2 que manifestam inversão germânica linear, é importante destacar que as estruturas com inversão românica passam a apresentar uma frequência muito similar, sem apresentar o contraste que foi destacado para os períodos quinhentista e seiscentista. Quando apresentados os dados referentes aos séculos 16 e 17, tínhamos mostrado que, nas principais com ordem V2, a diferença entre os casos de inversão germânica e inversão românica era algo sempre em torno de 10%. Nas encaixadas, essa diferença nunca se mostrava superior a 4%, o que apontava para uma diferença entre orações matrizes e encaixadas no que diz respeito à frequência de uso de sentenças XVS(X) e XVXS. O que se nota em relação aos dados dos séculos 18 e 19 é que se passa a ter algo mais uniforme, no sentido de que as diferenças de uso entre casos de posposição germânica e casos de posposição românica apresentam índices mais próximos. Em orações dependentes, a diferença entre as ordens lineares XVS(X) e XVXS continua sendo inferior a 4% (2,38% no século 18 e 1,55% no século 19). Em orações principais, por sua vez, a diferença é de 5,39% no século 18, o que representa um decréscimo em relação ao que foi observado para os dois períodos de séculos anteriores, e de 2,83% no século 19, o que aponta para uma dinâmica já bastante similar ao que é registrado para as orações encaixadas do mesmo período. Ou seja, os dados dos séculos 18 e 19 apontam para o estabelecimento de uma dinâmica em que, não apenas em orações dependentes, passa a ser cada vez menos perceptível a preferência por estruturas com inversão germânica do sujeito em relação a estruturas com inversão românica.

#### 3.4.4 Panorama das Construções V3

No que diz respeito às orações V3, cinco diferentes ordens de palavras serão apresentadas: i) sequências XSV, em que o sujeito precede imediatamente o verbo; ii) sequências SXV, em que o sujeito pré-verbal é o primeiro sintagma da oração; iii) sequências XXVS(X), em que o sujeito posposto segue imediatamente o verbo; iv) sequências

XXVXS, em que o sujeito posposto não aparece adjacente ao verbo finito; e v) sequências XXV, que representam as ordens V3 com o sujeito sem realização fonética. Nas tabelas 3.13 e 3.14, em relação a orações matrizes e dependentes, apresentamos os valores absolutos e percentuais dos diferentes tipos de ordem linear V3 em cada um dos textos investigados. Agrupados por séculos, os resultados das tabelas 3.13 e 3.14 são apresentados, respectivamente, nas tabelas 3.15 e 3.16. Por fim, nos gráficos 3.7 e 3.8, apresentamos também os resultados das tabelas 3.15 e 3.16.

|                  | XSV | %     | SXV | %     | XXVS(X) | %     | XXVXS | %     | XXV | %     | Total |
|------------------|-----|-------|-----|-------|---------|-------|-------|-------|-----|-------|-------|
| Pinto (1510)     | 44  | 27,16 | 42  | 25,93 | 12      | 7,41  | 2     | 1,23  | 62  | 38,27 | 162   |
| Sousa (1556)     | 26  | 15,57 | 27  | 16,17 | 21      | 12,57 | 10    | 5,99  | 83  | 49,70 | 167   |
| Galhegos (1597)  | 32  | 33,68 | 36  | 37,89 | 11      | 11,58 | 2     | 2,11  | 14  | 14,74 | 95    |
| Vieira (1608)    | 50  | 30,49 | 44  | 26,83 | 19      | 11,59 | 12    | 7,32  | 39  | 23,78 | 164   |
| Céu (1658)       | 21  | 17,21 | 31  | 25,41 | 11      | 9,02  | 10    | 8,20  | 49  | 40,16 | 122   |
| Barros (1675)    | 20  | 11,70 | 44  | 25,73 | 26      | 15,20 | 28    | 16,37 | 53  | 30,99 | 171   |
| Cavaleiro (1702) | 81  | 33,33 | 61  | 25,10 | 14      | 5,76  | 0     | 0,00  | 87  | 35,80 | 243   |
| Aires (1705)     | 281 | 36,64 | 322 | 41,98 | 39      | 5,08  | 23    | 3,00  | 102 | 13,30 | 767   |
| Marquesa (1750)  | 46  | 36,22 | 32  | 25,20 | 10      | 7,87  | 2     | 1,57  | 37  | 29,13 | 127   |
| Marquês (1802)   | 70  | 21,41 | 180 | 55,05 | 20      | 6,12  | 3     | 0,92  | 54  | 16,51 | 327   |
| Ortigão (1836)   | 74  | 44,58 | 47  | 28,31 | 4       | 2,41  | 4     | 2,41  | 37  | 22,29 | 166   |

Tabela 3.13: Tipos de ordem linear V3 no âmbito das orações matrizes de cada um dos textos investigados.

|                  | XSV | %     | SXV | %     | XXVS(X) | %     | XXVXS | %     | XXV | %     | Total |
|------------------|-----|-------|-----|-------|---------|-------|-------|-------|-----|-------|-------|
| Pinto (1510)     | 10  | 40,00 | 5   | 20,00 | 0       | 0,00  | 0     | 0,00  | 10  | 40,00 | 25    |
| Sousa (1556)     | 8   | 25,00 | 11  | 34,38 | 3       | 9,38  | 1     | 3,13  | 9   | 28,13 | 32    |
| Galhegos (1597)  | 2   | 11,76 | 12  | 70,59 | 0       | 0,00  | 1     | 5,88  | 2   | 11,76 | 17    |
| Vieira (1608)    | 13  | 38,24 | 11  | 32,35 | 2       | 5,88  | 4     | 11,76 | 4   | 11,76 | 34    |
| Céu (1658)       | 2   | 22,22 | 1   | 11,11 | 3       | 33,33 | 0     | 0,00  | 3   | 33,33 | 9     |
| Barros (1675)    | 9   | 28,13 | 14  | 43,75 | 5       | 15,63 | 0     | 0,00  | 4   | 12,50 | 32    |
| Cavaleiro (1702) | 12  | 26,67 | 24  | 53,33 | 2       | 4,44  | 2     | 4,44  | 5   | 11,11 | 45    |
| Aires (1705)     | 17  | 30,91 | 29  | 52,73 | 5       | 9,09  | 4     | 7,27  | 0   | 0,00  | 55    |
| Marquesa (1750)  | 8   | 25,81 | 18  | 58,06 | 0       | 0,00  | 0     | 0,00  | 5   | 16,13 | 31    |
| Marquês (1802)   | 5   | 16,67 | 22  | 73,33 | 1       | 3,33  | 0     | 0,00  | 2   | 6,67  | 30    |
| Ortigão (1836)   | 15  | 60,00 | 6   | 24,00 | 1       | 4,00  | 0     | 0,00  | 3   | 12,00 | 25    |

Tabela 3.14: Tipos de ordem linear V3 no âmbito das orações dependentes de cada um dos textos investigados.

|         | XSV | %     | SXV | %     | XXVS(X) | %     | XXVXS | %     | XXV | %     | Total |
|---------|-----|-------|-----|-------|---------|-------|-------|-------|-----|-------|-------|
| Séc. 16 | 102 | 24,06 | 105 | 24,76 | 44      | 10,38 | 14    | 3,30  | 159 | 37,50 | 424   |
| Séc. 17 | 91  | 19,91 | 119 | 26,04 | 56      | 12,25 | 50    | 10,94 | 141 | 30,85 | 457   |
| Séc. 18 | 408 | 35,88 | 415 | 36,50 | 63      | 5,54  | 25    | 2,20  | 226 | 19,88 | 1137  |
| Séc. 19 | 144 | 29,21 | 227 | 46,04 | 24      | 4,87  | 7     | 1,42  | 91  | 18,46 | 493   |

Tabela 3.15: Tipos de ordem linear V3 no âmbito das orações matrizes do século 16 ao 19.

|         | XSV | %     | SXV | %     | XXVS(X) | %     | XXVXS | %    | XXV | %     | Total |
|---------|-----|-------|-----|-------|---------|-------|-------|------|-----|-------|-------|
| Séc. 16 | 20  | 27,03 | 28  | 37,84 | 3       | 4,05  | 2     | 2,70 | 21  | 28,38 | 74    |
| Séc. 17 | 24  | 32,00 | 26  | 34,67 | 10      | 13,33 | 4     | 5,33 | 11  | 14,67 | 75    |
| Séc. 18 | 37  | 28,24 | 71  | 54,20 | 7       | 5,34  | 6     | 4,58 | 10  | 7,63  | 131   |
| Séc. 19 | 20  | 36,36 | 28  | 50,91 | 2       | 3,64  | 0     | 0,00 | 5   | 9,09  | 55    |

Tabela 3.16: Tipos de ordem linear V3 no âmbito das orações dependentes do século 16 ao 19.

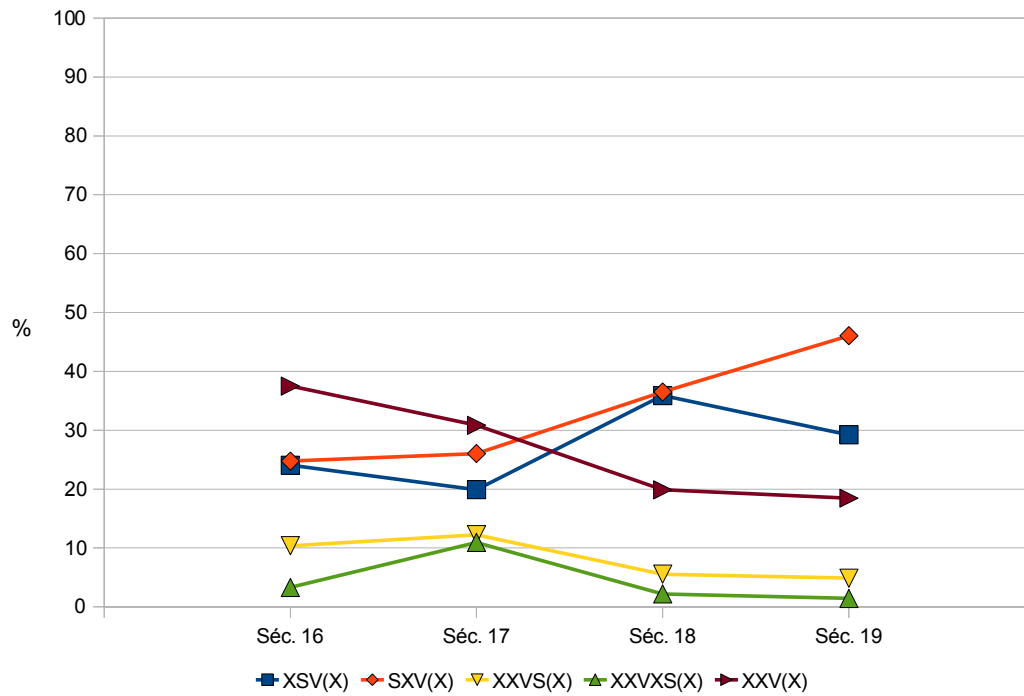


Gráfico 3.7: Tipos de ordem linear V3 no âmbito das orações matrizes do século 16 ao 19.

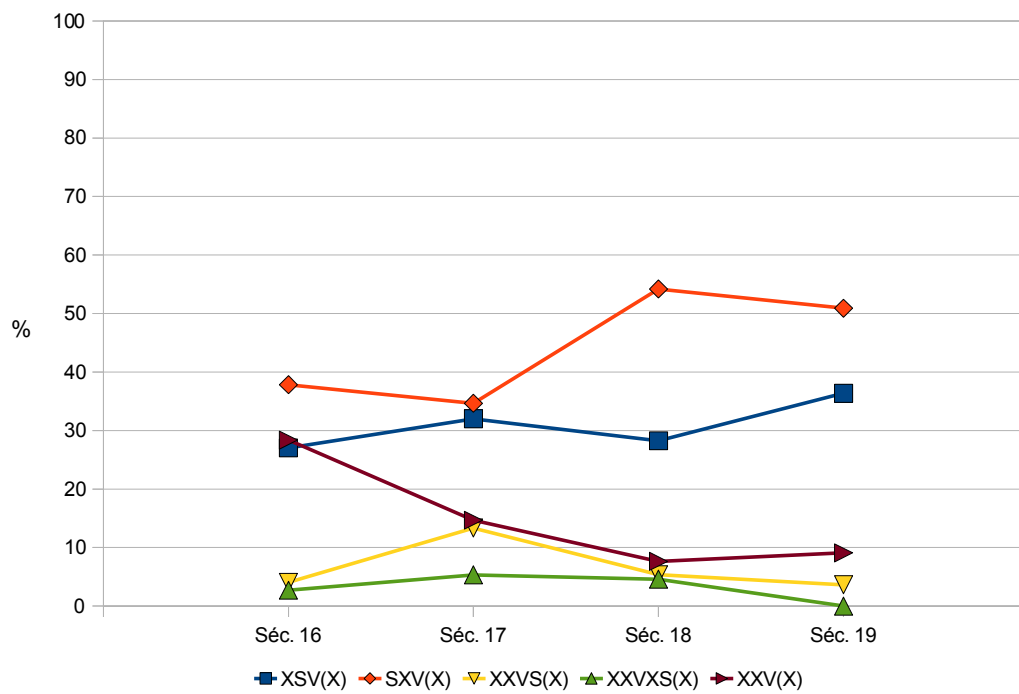


Gráfico 3.8: Tipos de ordem linear V3 no âmbito das orações dependentes do século 16 ao 19.

#### 3.4.4.1 Construções V3 nos Séculos 16 e 17

Como já sinalizado em 3.4.1, construções com ordem linear V3 representam a terceira ordem de palavras mais empregada em nossa amostra de dados referentes aos séculos 16 e 17, tanto em orações matrizes quanto em orações encaixadas. Esse grupo de dados, assim como as estruturas V1 que já documentamos, também representam um problema empírico para a hipótese de que o PM dos séculos 16 e 17 era uma língua de natureza V2. Isso porque, numa língua estritamente V2 como as do ramo germânico, ordens V3 são apresentadas sob circunstâncias muito específicas, que diferem significativamente do que pudemos documentar para o Português, como mostraremos na sequência.

Inicialmente, gostaríamos de apresentar as possibilidades de ordem V3 atestadas em nosso corpus. A primeira delas que destacaremos aqui é a sequência XXV, com exemplos de orações matrizes em (34) e exemplos de orações dependentes em (35).<sup>16</sup>

- (34) a. Mas [por outra razão] [quando vejo que do meio de todos estes perigos e trabalhos me quis Deus tirar sempre em salvo, e pôr-me em seguro], **acho** que não tenho tanta razão de me queixar (Pinto, 13.2)
- b. E [depois de haver sobre isto muitos desgostos de ambas as partes, de que não trato por encurtar razões], [enfim] **vieram** a concertar que o capitão da nossa nau lhe desse doze homens (Pinto, 30.154)
- c. E [nesta confiança] [animosamente] **soltamos** a vela. (Sousa, 11.22)
- d. e [a cada um], [com muita brandura e palavras de amor], **pedia** em particular o encomendassem a Deus, (Sousa, 55.596)
- e. e [com eles] [em cinco naus] se **veio** para este reino. (Galhegos, 55.807)
- f. e [depois de reconhecerem o campo], [vendo que ninguém lhes saía] se **retiraram** com 13 prisioneiros, (Galhegos, 65.989)
- g. e [como no mundo interior não teem onde caber], [lá] **hão**-de estalar a pedaços, (Vieira, 61.8)
- h. e [conforme o que viam n'ellas], [assim] **prognosticavam**. (Vieira, 194.1607)
- i. [assim] [nesta occasião] **diriaõ** à serva de Deos, ser a singularidade soberba, (Céu, 152.265)

---

<sup>16</sup>No caso das sentenças V3, os diferentes sintagmas pré-verbais serão colocados entre colchetes.

- j. [A quem Deos destina para amar], [também] **destina** para padecer, (Céu, 168.473)
  - l. [Hoje] [cedendo toda a sua venerável autoridade, e Metropolitano lustre à nova, e Santa Igreja Patriarcal], se **intitula** Basílica de SANTA MARIA. (Barros, 4.32)
  - m. e [a este] [entre o festivo aplauso, e cuidadosa atenção daquele abreviado modo], **entregou** o livro: (Barros, 37.337)
- (35)
- a. quis sua boa fortuna que [no cabo deles] [ao pôr-do-sol], **houveram** vista de uma vela, (Pinto, 14.16)
  - b. crê de mim que [nunca] [tal] **imaginei**, (Pinto, 57.390)
  - c. parecia-lhe que [quanto punha em si] [tanto] **tirava** aos pobres, (Sousa, 103.1194)
  - d. é de notar que, [provida a porta de nova guarda, e novo pano], [logo] **proveu** com ele outro pobre (Sousa, 106.1248)
  - e. e afirma-se que [se o mestre-de-campo Ares de Saldanha levara mais gente], [sem dúvida nenhuma] **pudera** haver obrado muito naquela cidade. (Galhegos, 90.1337)
  - f. digo que, [também], [neste conceito], vos **enganaes**. (Vieira, 73.218)
  - g. Consiste em que [no dia do Juízo], [se o mundo acaba para mim], **acaba** também para todos. (Vieira, 75.271)
  - h. prometeu-lhe o anjo principal, que [d'alli a um ano], [por aquelle mesmo tempo] **tornaria**, se Deus lhe dêsse vida, (Vieira, 176.1052)
  - i. Vio mais, que [chegando a criada de quem fallamos], [à menina], lhe **dava** de bofetadas, (Céu, 155.305)
  - j. Relatou a Marqueza de Cascaes, que [disparando-se uma espingarda, a buscar outro branco], [por desgraça de um homem], lhe **levou** toda a polpa de um braço, (Céu, 221.172)
  - l. Experimentava (...) que [buscando nelas aos Índios], [até no tempo da Quaresma] as **achava** desertas; (Barros, 145.1184)

No que diz respeito à nossa amostra de dados do PM, a ordem de palavras XXV corresponde à sequência mais empregada no âmbito das orações matrizes V3, com um

índice de 37,50% no período quinhentista e de 30,85% no período seiscentista. Em orações encaixadas, essas sentenças com sujeito nulo representam a segunda estrutura mais empregada no âmbito das estruturas V3 do século 16, com um índice de 28,38%, ao passo que, no século 17, passam a ser a terceira ordem mais empregada, representando 14,67% dos dados de ordem V3 em orações dependentes. Destacamos também que diferentes combinações de constituintes pré-verbais são atestadas, como, por exemplo, as ordens lineares “sintagma preposicional-advérbio” (cf. (34c), (34j)), “advérbio-sintagma preposicional” (cf. (34i), (35f)), “oração encaixada-advérbio” (cf. (34b), (34g), (34h), (35d)) e “advérbio-oração encaixada” (cf. (34l)), entre outras combinações.

Outra possibilidade de sequência V3 que apresentaremos é a ordem linear SXV. Em (36) e (37), são apresentados exemplos dessa ordem de palavras em orações matrizes e orações dependentes, respectivamente.

- (36) a. [*As três naus*], [depois de venderem ali bem suas fazendas], se **foram** para Goa (Pinto, 17.35)
- b. [*O capitão-mor*] [com tudo] se **abalou** para onde os inimigos estavam, (Pinto, 34.173)
- c. [*ninguém*] [mais profundamente] **ponderava** as palavras do Angélico Doutor Santo Tomás. (Sousa, 27.252)
- d. [*ninguém*] [com mais sutileza] **penetrava** o sentido delas. (Sousa, 27.253)
- e. mas [*os castelhanos*], [depois de lhes custar a batalha grande cópia de vidas], **deixaram** a presa, (Galhegos, 15.206)
- f. [*O embaixador de Catalunha, que assistiu nesta Corte*]: [agora] **está** preso em Barcelona. (Galhegos, 59.888)
- g. e [*o dia do Juízo*] [ainda] não **chegou**. (Vieira, 68.110)
- h. [*Ambos*] [por diferentes termos] **dizem** a mesma verdade. (Vieira, 74.240)
- i. [*Este Padre*] [como discreto, que era], **alcançou** os fundos que já descobria aquelle espirito, (Céu, 142.138)
- j. [*A mortificação desta serva de Deos*] [os oito mezes que lhe restarão de vida], **foy** rara; (Céu, 164.426)
- l. mas [*o seu forte espírito*] [assim] **rebatia** estes assaltos, (Barros, 11.95)
- m. e [*a mais ilustre Nobreza*] [em particulares, e públicas demonstrações], **honrava** ao Padre VIEIRA, (Barros, 52.449)

- (37)
- a. vendo o achém que [*os seus*] [de cansados e muito feridos] **começavam** a perder alguma parte do campo, (Pinto, 48.299)
  - b. vendo que [*a terra*] [ali] **era** alagadiça, (Pinto, 102.771)
  - c. acrescentava que [*o bom julgador*], [pera proceder acertadamente], **havia** de imitar o bom cirurgião, (Sousa, 67.740)
  - d. sabia que [*a melhor prevenção de todas*] [pera ter mão nos homens que não caíam em grandes vícios] **é** a palavra de Deus, (Sousa, 73.813)
  - e. fez, que [*o inimigo*] [logo] se **retirasse**, (Galhegos, 13.175)
  - f. foi, que [*um marinheiro*], [por descuido], **deixou** uma candeia acesa sobre um quarto de azeite, (Galhegos, 20.297)
  - g. conforme aquella regra, de que [*mil anos*] [para com Deus] **são** um dia. (Vieira, 65.48)
  - h. Direis que [*aquelles homens*] [pelos signaes do céu] **saberão** certamente que está perto o dia do Juizo. (Vieira, 87.527)
  - i. disse, que [*elle*] [antes] **elegeria** ficar servindo a Deus, (Vieira, 97.734)
  - j. conhecendo que [*ladraão da Vida*], [entrando para conservá-la], **fica** para diminui-la, (Céu, 145.184)
  - l. disse-lhes, que [*eles*], [como moradores dela], **conheciam**, (Barros, 107.860)

No âmbito de orações principais com ordem linear V3, estruturas SXV correspondem à segunda ordem de palavras mais utilizada, representando 24,76% dos dados no século 16 e 26,04% no século 17. Em orações dependentes, por sua vez, tais estruturas apresentam a maior frequência no âmbito de orações com dois sintagmas precedendo o verbo finito, com índices de uso de 37,84% no século 16 e de 34,67% no século 17. Um aspecto de natureza qualitativa a ser destacado é que diferentes tipos de constituintes podem aparecer entre o sujeito em posição inicial e o verbo finito, como, por exemplo, um advérbio ou NP adverbial (cf. (36c), (36f), (36g), (36j), (36l), (36b), (37e), (37i), (37m)), um sintagma preposicional (cf. (36b), (36d), (36h), (36i), (36m), (37a), (37f), (37g), (37h), (37l)) ou uma oração encaixada (cf. (36a), (36e), (37c), (37d), (37j))

Com o sujeito também em posição pré-verbal, temos as estruturas XSV. Exemplos da ordem XSV em orações matrizes são apresentados em (38), e exemplos dessa mesma ordem de palavras em orações dependentes são apresentados em (39).



- (38) a. E [depois que os feridos e doentes foram convalescidos], [*cada um*] se **foi** para onde lhe pareceu que teria o remédio mais certo, (Pinto, 15.24)
- b. E [sempre] [*os de dentro*] lhe **resistiram** com tanto ânimo, (Pinto, 79.568)
- c. e [nela] [*a sua vida*] **era** andar de altar em altar, (Sousa, 15.88)
- d. [Enfim], [*o verdadeiro obediente*] **obedece** universalmente em tudo, (Sousa, 47.487)
- e. e [dos nossos] [*ninguém*] **perigou**. (Galhegos, 04.72)
- f. [No meio da rua nova] [*um homem particular*] **fez** uma máquina de bolantes no ar, (Galhegos, 12.158)
- g. [Quando Deus veio a juízo], [*a terra*] **tremeu**, (Vieira, 82.419)
- h. [logo] [*aquelle que se empregar assim em boas obras*], **faz** certa a sua salvação. (Vieira, 96.716)
- i. [Sempre] [*o pranto do menino*], **respondeo**. (Céu, 158.350)
- j. e [por isso] [*Christo*] **disse** à Madalena, que amava muyto, (Céu, 16416)
- l. e [engolfado no Oceano, que tantas vezes tinha sulcado], [*toda a força do vento*] lhe **parecia** calma, (Barros, 67.502)
- m. [Nunca] [*desterrado algum*] **teve** tal gosto, (Barros, 79.629)
- (39) a. eu respondi, que [sem falta uma] [*tudo*] **ia** muito bem feito, (Pinto, 53.342)
- b. temerem que [se aí quisessem bulir com alguma coisa], [*nenhum deles*] **escaparia**. (Pinto, 117.929)
- c. Foi caindo que, [pera quem fugira do mundo como ele], [*o acertado*] **era** fugir também de tudo (Sousa, 21.183)
- d. Costumava dizer o Arcebispo que [em sua casa] [*só ele*] **era** estranho, (Sousa, 101.1156)
- e. diz São João, que [tambem] [*o mundo*] **passa**: (Vieira, 74.236)
- f. dizer que [em matéria de vós quem sois], [*até os anjos*] **mentem**? (Vieira, 175.1019)
- g. É certo que [nunca] [*a sua barca*] **navegou** com tão próspero vento e maré, (Vieira, 213.2066)

- h. advirtio (...) que [muytas vezes] [*os homens*] não **deixaõ** aos Pays o que he dos Pays. (Céu, 139.106)
- i. ouvio que [fallando] [*a Imagem*] lhe **dizia**: Eu auzento-me. (Céu, 208.966)
- j. trazer a notícia, de que [já] [*todo o Brasil*] **ficava** rendido à sua obediência, (Barros, 19.162)
- l. disse-lhes (...) que [como pessoas Eclesiásticas], [*o seu mesmo estado*] lhes **intimava** o exemplo; (Barros, 107.860)

No universo de sentenças V3 matrizes, estruturas XSV apresentam a frequência de 24,06% no século 16 e de 19,91% no século 17, representando, nesses dois períodos, a terceira ordem de palavras mais empregada. No conjunto de sequências V3 dependentes, a ordem XSV é a terceira mais empregada no século 16, com um índice de 27,03%, e a segunda com maior frequência no século 17, apresentando um índice de 32%. Ainda como aspecto importante, destacamos que diferentes tipos de sintagmas podem preceder o sujeito, tais como um advérbio ou NP adverbial (cf. (38b), (38d), (38h), (38i), (38m), (39e), (39g), (39h), (39j)), um sintagma preposicional (cf. (38c), (38e), (38f), (38j), (39a), (39c), (39d), (39f), (39l)) e uma oração encaixada (cf. (38a), (38g), (38l), (39b), (39i)).

Destacamos, por fim, as estruturas V3 com posposição do sujeito. Primeiramente, apresentamos aquelas que manifestam inversão germânica do sujeito, com exemplos de orações matrizes em (40) e exemplos de orações encaixadas em (41).

- (40) a. mas [ensalmourando-me com a mesma beberagem as feridas dos açoutes], [por não morrer delas], **foi a dor em mim** tão excessiva, (Pinto, 72.513)
- b. e [os mais] [por andarem bradando na água que se afogavam], **mandou Antônio de Faria** que os recolhessem, (Pinto, 111.887)
- c. [quando o mundo todo era santo], [na primitiva Igreja], **podiam os prelados** só com um bordão na mão governar reinos inteiros (Sousa, 110.1290)
- d. [Como ia a cousa] [de veras], **arreceou o Arcebispo** dar escândalo (Sousa, 150.1676)
- e. [Neste mesmo dia] [às sete horas para as oito da manhã] **morreu o capelão-mor** de febres malinas, (Galhegos, 40.568)
- f. [De trás de todos] [(com pantaleão Rodrigues Pacheco agente de El-rei Nosso Senhor em Roma, e Rodrigo Rodrigues de Lemos secretário da

embaixada)] **foi** *o bispo*, acompanhado de monsenhor eminentíssimo cardeal Biche; (Galhegos, 48.697)

- g. [Tambem] [disto] **quiz** *a Providencia Divina*, que tivessemos um signal muito claro, (Vieira, 94.674)
- h. [Só por esta ultima razão] [(quando não houvera outras)] **aconselhára** *eu* a Acab (Vieira, 193.1559)
- i. [Comunicando a magoa que sentia à que julgava fora cauza della], [achando-se Elena innocente e o Demonio culpado, que como he o pay da mentira, e esta não prevalesse muyto], **cederaõ** *os seus enganos* à prova da verdade, (Céu, 150.238)
- j. [Tambem] [aqui] lhe **disse** *o Menino*, tinha para dar-lhe huma coroa. (Céu, 160.375)
- l. mas [nesta escura cerração] [ainda] **pode** *a nossa diligência* achar socorros à memória, (Barros, 36.317)
- m. [Mais adiante] [contra a pessoa Religiosíssima do Grande VIEIRA] **dará** *esta História* com espanto outro maior argumento (Barros, 113.916)

- (41) a. É de saber que, [polos anos de Cristo de 260], [imperando em Roma Valeriano], **era** *Viana* tão célebre e reputado lugar (Sousa, 126.1429)
- b. prometeu-lhe (...) que [já] [então] **teria** *Sara* um filho: (Vieira, 176.1052)
- c. soube, que [por um braço de rio dos Tocantins], [em distância de duzentas léguas do Pará], **estava** *a Nação dos Póquis* em disposição de se descer para a Igreja. (Barros, 142.1151)

A ordem de palavras XXVS(X), no âmbito de sentenças raízes V3, apresenta, nos séculos 16 e 17, respectivamente, os índices de 10,38% e de 12,25%. No universo de sentenças encaixadas com ordem linear V3, essa mesma ordem de palavras corresponde a 4,05% no século 16 e a 13,33% no século 17.

A outra estrutura V3 com posposição do sujeito é aquela com inversão românica, isto é, sequências do tipo XXVXS. Em (42) e (43), apresentamos exemplos dessa ordem linear em orações raízes e encaixadas, respectivamente.

- (42) a. [Havendo só vinte e seis dias que eu era chegado a Malaca com esta resposta do rei dos batas de que tenho tratado], [sendo ainda neste tempo

- dom Estevão da Gama capitão da fortaleza], **chegou** a ela *um embaixador do rei de Aarù, que é nesta ilha de Samatra*, (Pinto, 62.640)
- b. [Dura jurisdição], [por não dizer tirania], **exercitam** hoje *muitos pais* sobre as condições e natureza dos filhos. (Sousa, 17.113)
- c. e [logo] [aos três dias de Setembro] **foi** celebrada *sua consagração* (Sousa, 55.587)
- d. [Quarta-feira de Cinza] [à tarde] **saiu** da cidade de Elvas *Gaspar Pinto Pestana comissário da cavalaria* com 700 cavalos; (Galhegos, 54.780)
- e. E [segundo esta sentença, e seus auctores], [ainda] **restam** de vida, ou duração ao mundo, *mais de nove mil annos*. (Vieira, 65.42)
- f. [logo] [no dia da morte] **vem** a cada um *o dia do Juizo*. (Vieira, 72.195)
- g. [Quando começou o primeiro imperio], [então] **começou** tambem *a idolatria*, (Vieira, 106.882)
- h. [ainda] [a este convento] não **havia** chegado *a noticia da sua morte*, (Céu, 180.618)
- i. [Ordinariamente] [os sucessos em que havia de padecer ou mortificação, ou trabalho], lhe **vaticinava com algum sinal** *este infernal espirito*, (Céu, 199.857)
- j. [Em termos concisos] [(como em mapa abreviado)] **lerão** aqui *os curiosos* uma temerosa alternativa da fortuna, (Barros, 2.12)
- l. [Com ele], [à instância do mesmo Vice-Rei], **embarcou** para Lisboa *o Padre ANTÓNIO VIEIRA, e o Padre Simão de Vasconcellos*, (Barros, 19.163)
- m. [Chegado a Lisboa], [em breve] **reconheceu** em VIEIRA *o Augustíssimo Rei* um proporcionado instrumento a suas altas ideias. (Barros, 21.181)
- (43) a. notando-se (...) que [no mesmo dia, três de Setembro], [em tempos antigos] **fora** consagrado *São Gregório Papa*, (Sousa, 55.587)
- b. dizem, que [já] [em todas aquelas praças] **ficava** aclamado *El-rei Nosso Senhor*. (Galhegos, 91380)
- c. é sabido que [em todas as ribeiras do Nilo e terras do Egypto], [a sete annos de fartura] **haviam** de succeder *outros sete de fome*, (Vieira, 215.2105)

Tanto em orações matrizes quanto em orações dependentes, a sequência XXVXS é sistematicamente a ordem de palavras menos empregada no conjunto de sentenças V3. Nas matrizes, considerando o total de estruturas com dois elementos precedendo o verbo finito, obtivemos para a ordem XXVXS os índices de 3,30% no século 16 e de 10,94% no século 17. Nas encaixadas, considerando também o mesmo universo de dados, a sequência linear XXVXS representa 2,70% e 5,33% dos dados nos séculos 16 e 17, respectivamente.

Tendo apresentado as diferentes possibilidades de ordem V3 em nossa amostra de dados dos séculos 16 e 17, gostaríamos de apresentar os tipos de estruturas V3 que podem ser licenciadas em línguas de natureza V2. Faremos isso a fim de que se possa ver com mais clareza em que aspectos a nossa amostra do PM se diferencia ou se aproxima de uma língua V2 prototípica. No Holandês, por exemplo, orações matrizes V3 são possíveis se um constituinte frontado é retomado por um pronome resumptivo, como ilustram os exemplos a seguir (Zwart 2005:27).

- (44) (a) Jan die **ken** ik niet  
*John RES know I not*  
 ‘John, I don’t know.’
- (b) Dat het regent dat **verbaast** me niet  
*that it rains RES amazes me not*  
 ‘That it’s raining does not amaze me.’

O mesmo é observado no Alemão, como confirma o exemplo a seguir (Laenzlinger 1998:304).

- (45) Das Buch, das **habe** ich gelesen.  
*the book RES have I read*  
 ‘The book I read.’

Outra possibilidade de construção V3 no Holandês envolve certo grupo de advérbios, tais como *echter* ‘entretanto’, que pode se interpor entre o constituinte inicial e o verbo finito, desencadeando sequências V3. Isso pode ser observado no exemplo em (46) (Zwart 2005:28).

- (46) Dit voorstel echter **is** onacceptabel  
*this proposal however is unacceptable*

Note-se que, em termos prosódicos, esse tipo de advérbio não está associado ao elemento inicial, já que pode aparecer à direita do verbo finito, como confirma o exemplo a seguir (Zwart 2005:36).

(47) Dit voorstel **is** echter onacceptabel

Em nossos dados dos séculos 16 e 17, encontramos construções V3 similares às descritas acima para o Holandês e o Alemão. Por exemplo, em (48), temos um dado de oração matriz V3 em que o constituinte imediatamente pré-verbal retoma o constituinte inicial.

(48) [Tudo quanto tenta e intenta o diabo em um poderoso], [tudo] **leva** ao cabo,  
(Vieira, 91.616)

No Português, estruturas desse tipo talvez sejam melhor representadas por orações com deslocação à esquerda clítica, ou seja, sentenças em que um elemento frontado é retomado por um pronome resumptivo clítico, como exemplificado em (49). Em nossa descrição, porém, um exemplo como (49) foi computado como um caso de ordem linear V2, já que pronomes clíticos não foram considerados para a contagem na determinação da ordem linear do verbo finito.

(49) e [a todos três]<sub>i</sub> [os]<sub>i</sub> **enforcaram**. (Galhegos, 01.16)

Também registramos casos de ordem linear V3 que podem ser equiparadas a estruturas do Holandês que admitem um advérbio como *echter* ‘entretanto’ intervindo entre um constituinte inicial e o verbo finito. Numa sentença como (50), por exemplo, o constituinte *todavia* assume um valor semântico similar ao de *echter* em Holandês.

(50) outros todavia **diziam** que eram turcos, (Pinto, 28.142)

Dada a apresentação que fizemos dos tipos de ordem V3 no Português bem como a comparação feita com os dados de ordem V3 de línguas V2, fica evidente que o Português dos séculos 16 e 17 não se encaixa dentro do padrão de línguas V2 no que diz respeito ao licenciamento de ordens V3. Embora haja casos semelhantes aos atestados para línguas V2, nossos dados do PM mostram a ocorrência de uma flexibilidade de combinações de elementos pré-verbais maior. Ou seja, os casos de ordem V3 em nossa amostra do PM não se limitam ao padrão de ordem V3 observado em línguas V2 como o Holandês.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup>A respeito de estruturas V3 na diacronia do Português, cf. Galves & Paixão de Sousa (2005, 2010).

### 3.4.4.2 Construções V3 nos Séculos 18 e 19

Para a amostra de dados dos séculos 18 e 19, observamos que as sequências V3 passam a ser mais frequentes na forma de estruturas com sujeito pré-verbal, seja em orações encaixadas, onde de fato já tínhamos essa dinâmica, seja em orações principais, onde se instaura esse novo padrão. Inicialmente, apresentamos os casos de ordem linear SXV, com exemplos de orações principais em (51) e exemplos de orações encaixadas em (52).

- (51)
- a. [*Estes corações*] [nas companhias públicas] **estão** como se estivessem sós; (Cavaleiro, 05.88)
  - b. [*A sua origem e o seu curso*] [jamais] **cessam**, conservando sempre a graça da novidade. (Cavaleiro, 07.125)
  - c. [*A vaidade*] [por ser causa de alguns males], não **deixa** de ser princípio de alguns bens: (Aires, 14.152)
  - d. [*A vaidade*] [logo] **traz** consigo o desembaraço, (Aires, 21.324)
  - e. [*As suas filhas*], [se fossem felizes], **saberiam** muito menos, (Marquesa, 54.772)
  - f. [*Dona Maria Antónia e Dona Bernarda Campos*], [mostrando-se muito minhas amigas e muito minhas interessadas], **quiseram** saber logo (Marquesa, 60.820)
  - g. e [*outros*], [educados entre religiosos], **seguiram** depois a carreira das armas. (Marquês, 11.119)
  - h. [*A Marquesa de Vianna*] [já] **faleceu**. (Marquês, 18.218)
  - i. [*O Joaquim*] [também] me **escreve** uma carta enorme (Ortigão, 49.73)
  - j. E [*Sarah Bernhardt*], [num retrato dela que me deu] **pôs** esta dedicatória, (Ortigão, 71.353)
- (52)
- a. digo-lhe que [*o caso*] [para mim] **tem** pouco de extraordinário. (Cavaleiro, 09.157)
  - b. É verdade que [*o amor ilícito*], [necessitando nas suas acções de máscara e de disfarce], **necessita** ao mesmo tempo de saber a língua do país, (Cavaleiro, 09.160)
  - c. outros dirão (...) que [*alguns*] [já] **foram** ditos; (Aires, 07.60)

- d. com a diferença de que [*esta nossa terra, ou esta terra do homem*], [naturalmente] **produz** esperança, (Aires, 78.1723)
- e. persuadia que [*o Santo*] [nela] **saberia** pouco mais de nada; (Marquesa, 07.54)
- f. Não imagine Vossa Excelência que [*eu*], [fixa no que Vossa Excelência me diz a mim], me não **ocupe** de outra cousa. (Marquesa, 12.125)
- g. acredito que [*Sua Alteza*], [apesar de ter em Mafra cem frades arrabidos à sua disposição], se **tinha** lisongeadado com a idéia (Marquês, 09.94)
- h. constar-lhe que [*Sua Majestade*] [dentro em pouco] lhe **mandaria** licença para voltar à pátria. (Marquês, 113.1783)
- i. é sorte minha que [*ninguém*] [em família] se **importa** com o que eu aconselho. (Ortigão, 129.1021)
- j. imaginando que [*eu*] [já] **teria** partido de Paris. (Ortigão, 132.1066)

Sequências SXV correspondem à ordem de palavras mais utilizada no âmbito das estruturas V3 a partir do século 18, nos dois contextos sintáticos que investigamos. Nas matrizes, considerando o total de orações com dois sintagmas precedendo o verbo finito, o índice de uso da ordem SXV é de 36,50% no século 18 e de 46,04% no século 19. Nas dependentes, registramos o valor de 54,20% no século 18 e de 50,91% no século 19.

Como segunda ordem de palavras V3 mais utilizada a partir do século 18, temos as sequências XSV. Exemplos dessa sequência linear são apresentados em (53) e (54), relativos a orações raízes e encaixadas, respectivamente.

- (53) a. [À sua curiosidade] [*nada*] **escapa**, (Cavaleiro, 04.48)
- b. [Quando a extravagância dos sentidos domina], [*o amor*] **fenece**, (Cavaleiro, 04.64)
- c. [finalmente] [*outros*] **hã**-de reparar, (Aires, 07.61)
- d. e [conhecendo todos a vaidade alheia], [*nenhum*] **conhece** a sua: (Aires, 13.131)
- e. [Das filhas do Conde de Óbidos] [*a mais velha*] **é** sumamente estimável. (Marquesa, 06.33)
- f. [Depois das provas que Vossa Excelência tem sofrido], [*eu*] **obreria** de acôrdo com os seus verdugos, (Marquesa, 45.589)



- g. e, [embora os amos quisessem], [*os bolieiros*] não **obedeciam**: (Marquês, 07.57)
  - h. [À sua entrada] [*todos*] se **levantavam**. (Marquês, 45.650)
  - i. [Enquanto se esperava pelo almoço] [*eu*] **saí** com um cão, (Ortigão, 46.18)
  - j. [Além disso] [*Sarah*] **deixa** Paris amanhã. (Ortigão, 70.331)
- (54)
- a. Não sabeis (...) que, [sendo semelhante à visão dos espíritos], [*todo o mundo*] **fala** dele, (Cavaleiro, 01.3)
  - b. Vossa Mercê sabe que [na minha terra] [*nem uma nem outra coisa*] **é** peixe podre. (Cavaleiro, 16,280)
  - c. é certo que [então] [*o aplauso*] não **procede** de justiça, (Aires, 09.84)
  - d. sempre nos inspira que [aos ousados] [*a fortuna*] **favorece**. (Aires, 49.952)
  - e. e disse a Sua Majestade, que, [vistos os dissabores que o Conde de Oyenhausen tinha experimentado na província], [*eu*] não **podia** deixar de lembrar-lhe (Marquesa, 59.811)
  - f. segurei-lhe que, [para provar a Sua majestade que a tinham enganado], [*eu*] **respondia** pela aceitação do Conde, (Marquesa, 63.855)
  - g. e receavam que, [rejeitando o nosso Governo as suas pretensões, [*os exércitos de Napoleão, que tinham ocupado e mesmo conquistado uma parte da Europa*], **invadissem** Portugal (Marquês, 25.357)
  - h. declarou que, [sem ordem positiva de El-Rei], [*os seus pupilos*] não **safam** do país. (Marquês, 62.942)
  - i. Disse-me (...) que [nunca] [*condecoração conferida a um português*] **caiu** tão bem (Ortigão, 92.684)
  - j. O que é consolador é que [afinal] [*essa justiça*] **chega**. (Ortigão, 171.1712)

Para a ordem XSV, no âmbito de orações matrizes V3, obtivemos os índices de 35,88% e de 29,21% nos séculos 18 e 19, respectivamente. No universo de sentenças dependentes V3 que analisamos, essa sequência linear representa 28,24% dos dados no século 18 e 36,36% no século 19.

Sentenças V3 com um sujeito nulo também são atestadas nesse período. A seguir, apresentamos exemplos da ordem XXV em orações matrizes (cf. (55)) e orações encaixadas (cf. (56)).

- (55) a. [Finalmente], [descendo a sua locução a certos termos que me foram mais inteligíveis], **disse** que os pés da princesa de Valáquia não pareciam pés de Viena. (Cavaleiro, 25.428)
- b. [Desta forma] [confessando que há paixões, tão arreigadas em alguns homens, que são irremediáveis], **mostram** que há outras (Cavaleiro, 37.631)
- c. e [enquanto não chega a feliz hora de vermos na mão de Vossa Majestade o Ceptro universal], [já] **vemos** que Vossa Majestade é digno dele; (Aires, 05.44)
- d. [antes] [ nas disposições de uma pompa fúnebre], **dá** ao nosso cuidado uma aplicação, (Aires, 12.108)
- e. [Uma irmã chamada Clara, que é mais velha], [também] **dizem** que os faz, (Marquesa, 06.36)
- f. mas, [apesar disso], [sempre] **faz** grande serviço aos curiosos. (Marquesa, 15.170)
- g. e [aí], [depois de grandes promessas, presentes de bonitos e muito doce], **conseguiram** despir-me o fato de viagem, (Marquês, 08.74)
- h. e [por isso], [cuidando nos nossos arranjos de fortuna], **ocupou-se** depois da nossa educação literária. (Marquês, 12.134)
- i. [Enfim] [cá] **estamos** esperando. (Ortigão, 58.163)
- j. [Ontem], [por exemplo], **fui** de tarde ao Retiro em carruagem descoberta (Ortigão, 92.675)
- (56) a. pode ser que [daqui a oito dias] [ainda] **saiba** dizer menos nesta matéria. (Cavaleiro, 08.141)
- b. prova de que, [sendo velho ou sendo menino], [também] **fui** homem. (Cavaleiro, 58.880)
- c. basta saber que, [contra a esperança de todos], [à força de método], **vou** fazendo viver uma mulher em estado perigosíssimo. (Marquesa, 13.144)
- d. Respondeu que [no conselho] [já] não **podia** dizer mais do que tinha dito, (Marquesa, 66.884)
- e. fizeram com que [de novo] [ali] **fôssemos** residir, (Marquês, 57.850)

- f. Compreendo que [em poucos anos] [(se chegasse a vivê-los)] não **poderia** cá voltar (Ortigão, 156.1517)

Em relação às orações raízes V3, a ordem de palavras XXV corresponde a 19,88% no século 18 e a 18,46% no século 19. No que diz respeito às orações encaixadas V3, a ordem XXV representa 7,63% dos dados no século 18 e 9,09% no século 19.

Para as estruturas V3 com posposição do sujeito, primeiro destacamos os casos de ordem XXVS(X), com exemplos de orações matrizes em (57) e exemplos de orações encaixadas em (58).

- (57) a. [Se Vossa Mercê se encerra na sepultura], [então] **poderá** *o contrário*,  
fácilmente e com toda a segurança, murmurar do seu valor. (Cavaleiro,  
105.1460)
- b. e [este] [se tira], **fica** *o remédio* sem virtude. (Aires, 118.2770)
- c. [se o não fosse], [apenas] **teria** *a terra* liberdade para fazer nascer, (Aires,  
171.39.22)
- d. E, [a dizer a verdade], [mais] **temia** *eu* a impertinência da contenda  
(Marquesa, 71.942)
- e. [No dia seguinte], [ao almoço], **eram** *estas notícias* o assunto da discussão  
entre minhas tias e o Abade, (Marquês, 57.857)
- f. [Em geral], [quando um país luta para sustentar a sua nacionalidade], **é** *ele*  
natural (Marquês, 73.1116)
- g. [Ontem] [com uma noite frigidíssima] **estiveram** *as ruas* cheias de povo  
(Ortigão, 81.467)
- (58) a. Tenho assentado em que [nesta matéria de favores] [tanto] **enfastia** *muita*  
*facilidade*, como desgosta a grande dificuldade. (Cavaleiro, 119.1649)
- b. persuadem, que [se há uma arte de reinar], [essa] não **podem** *os Monarcas*  
aprender, (Aires, 04.24)
- c. Muitos escreveram (...) que [indo depois Menelau ao Egipto], [lá] lhe  
**entregara** *Proteu* a Helena, (Aires, 165.3821)

Para a ordem de palavras XXVS(X), os índices de frequência obtidos em sentenças matrizes e encaixadas se mostraram bem semelhantes. No século 18, tendo em conta o

universo total de sentenças raízes V3, a ordem de palavras XXVS(X) representa 5,54% dos dados, ao passo que, no universo total de sentenças encaixadas V3, obtivemos o índice de 5,34%. No século 19, há um ligeiro decréscimo, já que registramos a frequência de 4,87% em orações matrizes e de 3,64% em orações dependentes.

Finalmente, mostramos a última ordem de palavras V3, a saber, as sentenças com inversão românica do sujeito. Exemplos da sequência XXVXS em orações raízes são apresentados em (59), ao passo que exemplos de orações encaixadas são apresentados em (60).

- (59) a. [Assim como é justa a vaidade de um Rei justo], [também] **é** iníqua *a vaidade de um tirano*: (Aires, 35.607)
- b. [como só o presente é nosso], [por isso] não nos **serve** de alívio *o bem futuro*, (Aires, 38.674)
- c. e [nestas] [ainda] **tem** lugar *a pena*; (Aires, 50.976)
- d. [Sem embargo disto], [ainda] **durou** muitos dias *a indecisão*, (Marquês, 71.943)
- e. [Na eça], [ao meio da igreja], **estava** colocada *a grande edição primitiva do Dom Quixote* (Ortigão, 114.771)
- f. [Quando leres estas linhas] [já] **terá** entrado *a revoada das borboletas azuis*. (Ortigão, 181.1789)
- (60) a. eu digo que [para a não amar] [também] não **é** necessária *outra coisa*. (Cavaleiro, 152118)
- b. presumem, que [ainda que deles não depende a existência do mundo], [contudo] **depende** deles *a ordem, e a economia das cousas*: (Aires, 32.548)

Para a ordem XXVXS, os índices de frequência são ainda mais baixos. Em orações raízes, por exemplo, considerando o total de sentenças V3, registramos que o percentual de sequências com inversão românica do sujeito corresponde a 2,20% no século 18 e a 1,42% no século 19. No universo de sentenças encaixadas V3, apenas nos textos do século 18 é que encontramos casos de ordem linear XXVXS, que representam 4,58% dos dados.

## 3.5 Sumário

Neste capítulo, em primeiro lugar, apresentamos o corpus da pesquisa, que consiste em um conjunto de textos de autores portugueses nascidos entre a primeira metade do século 16 e a primeira metade do século 19. Num segundo momento, explicitamos alguns aspectos relativos à metodologia empregada no presente trabalho para a coleta e descrição dos dados. Por fim, numa terceira parte, fizemos uma apresentação sistemática de todo o material linguístico coletado.

Com relação a essa terceira parte, sintetizamos agora alguns dos pontos apresentados. No que diz respeito à nossa amostra do PM, isto é, os textos dos séculos 16 e 17, atestamos um padrão que privilegia estruturas com inversão germânica em relação a estruturas com inversão românica, particularmente em orações matrizes. Além disso, no caso de sentenças com ordem linear V2, notamos que sequências com um sujeito pré-verbal são nitidamente a ordem de palavras preferida em orações dependentes, mas não em orações raízes. Destacamos também que, no caso de estruturas V1 e V3, o Português dos períodos quinhentista e seiscentista apresenta diferenças significativas em relação a estruturas V1 e V3 de línguas V2 prototípicas. Já no que diz respeito aos séculos 18 e 19, observamos que, em termos de posposição do sujeito, além do decréscimo geral atestado, passa a haver uma distribuição mais equilibrada de casos de inversão germânica e inversão românica, especificamente em sentenças principais. No âmbito das orações dependentes, sequências com inversão germânica e sequências com inversão românica apresentam frequências de uso muito próximas, tal como havia sido atestado para os séculos 16 e 17. Destacamos também que, no âmbito das estruturas lineares V2, a ordem de palavras SV passa a ser generalizadamente a sequência mais empregada, contrastando com o período dos dois primeiros séculos, quando, apenas em orações dependentes, tal ordem de palavras apresentava o maior índice de frequência. No próximo capítulo, retomaremos os aspectos principais da descrição feita neste capítulo, procurando apresentar uma análise que explique satisfatoriamente as diferenças do PM dos séculos 16 e 17 em relação ao Português dos séculos 18 e 19.



## Capítulo 4

# Posição do Verbo, Efeito V2 e Mudança no Português

### 4.1 Introdução

Neste capítulo, o objetivo é propor uma análise para o conjunto de dados que foram descritos no capítulo anterior. Olhando inicialmente para o Português Médio, isto é, os séculos 16 e 17, discutiremos aspectos relacionados à sintaxe da posição do verbo e ao fronteamento de XP's. A intenção é mostrar que o Português desse período pode ser caracterizado como um sistema V2, ainda que manifestando certas particularidades. Na sequência, discutiremos o Português dos séculos 18 e 19, mostrando que, nessa fase, a língua não mais apresenta características de um sistema V2.

O capítulo está estruturado da seguinte maneira. Na seção 4.2, apresentamos a nossa hipótese para a sintaxe dos textos referentes aos séculos 16 e 17. Mostraremos que, em relação à posição do verbo, o Português Médio se comporta como línguas V2 rígidas, isto é, com movimento do verbo para o sistema CP em orações matrizes, mas não em sentenças dependentes. Nessa seção, apresentaremos também uma análise para a sintaxe de fronteamento de XP's, desenvolvendo uma implementação teórica que dê conta das particularidades do Português quinhentista e seiscentista em relação a uma língua V2 prototípica. Na seção 4.3, abordamos a sintaxe dos textos dos séculos 18 e 19. Para essa fase, mostraremos que há um distanciamento em relação a sistemas gramaticais V2. Especificamente no que diz respeito à sintaxe da posição do verbo, mostraremos que o Português Europeu desse período já apresenta as características da língua contemporânea.

## 4.2 A Sintaxe do Português Médio

Como já discutido em capítulo anterior, o efeito V2 em orações declarativas matrizes é analisado tradicionalmente, ao menos em línguas assimétricas, como um fenômeno que se constrói a partir de duas operações: uma que desloca o verbo finito para o núcleo C e outra que determina o preenchimento de SpecCP por um sintagma qualquer. Ou seja, a idéia básica é que tanto o verbo finito quanto um XP são deslocados para posições distintas na periferia da sentença, resultando na ordem linear V2. Numa reformulação cartográfica dessa proposta tradicional, apresentamos o trabalho de Roberts (2004), que analisa a ordem V2 como o resultado do movimento do verbo finito para Fin, o núcleo mais baixo do CP cindido, e do preenchimento de SpecFinP por um XP qualquer. O ponto em comum entre essas duas abordagens é que ambas explicam o efeito V2 em termos de um fenômeno sintático relacionado à periferia da sentença.

Nesta seção a respeito do Português Médio (PM), abordaremos aspectos relacionados à periferia da sentença, discutindo tanto a questão da sintaxe da posição do verbo quanto a questão de frenteamento de XP's para o sistema CP. Num primeiro momento, apresentaremos evidências empíricas que sustentam a hipótese de que, com relação à propriedade de movimento do verbo, o PM se comportava de maneira semelhante a uma língua V2, em particular as de natureza assimétrica. Com isso queremos dizer que, em orações declarativas matrizes, o constituinte verbal é alçado sistematicamente para a periferia da sentença, ao passo que, no contexto de sentenças subordinadas, o movimento de V para o sistema CP é bloqueado em razão da presença de um complementizador. De fato, análises desse tipo já se encontram desenvolvidas em diferentes trabalhos sobre fases passadas do Português Europeu (cf., por exemplo, Ribeiro 1995 em relação ao Português Arcaico). Em suma, trabalhando dentro de uma perspectiva cartográfica, procuraremos apresentar novas evidências de que, nas declarativas matrizes, o verbo se move para o núcleo periférico Fin. Já nas subordinadas completivas, a concatenação de um complementizador nesse núcleo bloquearia o movimento do verbo.

Com relação à sintaxe de frenteamento, especificamente em orações matrizes, defenderemos que, no PM, a posição SpecFinP não é preenchida. Nesse sentido, haveria uma diferença em relação ao comportamento de línguas V2, para as quais assumimos aqui a obrigatoriedade de um sintagma no especificador de Fin (cf. Roberts 2004). Em termos de implementação teórica, proporemos que, no PM, tal como em línguas V2, o núcleo Fin apresenta traços  $\phi$  especificados com um EPP. Nas línguas V2 prototípicas, o EPP é satisfeito mediante a inserção de um constituinte em SpecFinP. Para o PM,



nossa idéia é que a flexão verbal seria capaz de satisfazer o EPP. Procuraremos mostrar que, dentro dessa hipótese, é possível derivar satisfatoriamente não apenas sentenças com ordem linear V2, mas também as ordens de palavras que não são típicas de uma gramática V2, como as sequências V1 e V3. Com isso teremos uma explicação para a natureza não rígida do sistema V2 manifestado pelo Português Europeu em estágios passados (cf. Ribeiro 1995; Torres Morais 1995).

## 4.2.1 A Sintaxe da Posição do verbo

### 4.2.1.1 A Posição do Verbo em Orações Matrizes

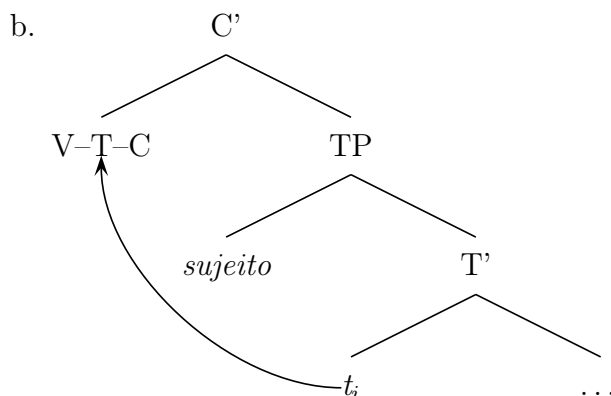
Nas orações declarativas matrizes, os textos do PM que investigamos permitiam, no que diz respeito à ordem linear, dois tipos de inversão verbo-sujeito. Uma delas é a inversão do tipo germânica, isto é, com o sujeito seguindo imediatamente o verbo finito. A outra é a inversão do tipo românica, isto é, com algum material intervindo entre o verbo e o sujeito posposto. Essa variação relacionada à posposição do sujeito foi atestada nas três principais ordens de palavras que investigamos, a saber: em orações com ordem linear V1, em orações com ordem linear V2 e em orações com ordem linear V3. Em (1) e (2), apresentamos novamente dados que ilustram casos de inversão germânica e inversão românica do sujeito, respectivamente.

- (1)
  - a. **Tinha** *Christo Senhor nosso* prégado o mesmo evangelho, (Vieira, 67.97)
  - b. Por meio dos parentes **assoprou** *o Inferno* os ventos, (Barros, 11.93)
  - c. e os mais por andarem bradando na água que se afogavam, **mandou** *Antônio de Faria* que os recolhessem, (Pinto, 111.887)
- (2)
  - a. **Notaram** isto *os religiosos*, (Sousa, 17.111)
  - b. Deste soberano sentimento **teue** revelação *a Madre Elena*, (Céu, 164.414)
  - c. Chegado a Lisboa, em breve **reconheceu** em VIEIRA *o Augustíssimo Rei* um proporcionado instrumento a suas altas ideias. (Barros, 21.181)

Usualmente, essas duas possibilidades de posposição do sujeito são analisadas como resultantes de diferentes posições ocupadas pelo verbo e o sujeito. Por exemplo, construções que manifestam o padrão de inversão do tipo germânica costumam ser interpretadas como instâncias de movimento do verbo para o núcleo periférico C

(movimento de T para C, em termos minimalistas),<sup>1</sup> com o sujeito ocupando a posição SpecTP (cf., entre muitos outros, Adams 1987; Vikner 1995; Rizzi 1996; Pesetsky & Torrego 2001). Como já discutimos no capítulo 2, essa é a análise tradicional para a derivação da ordem VS em orações declarativas matrizes de línguas V2. Em (3), a partir de um exemplo de sequência VS no Sueco, uma típica língua V2, apresentamos a representação simplificada do que temos designado de inversão germânica (Platzack 1986:28).

- (3) a. Den boken **köpte** Erik i London.  
       *that book bought Erik in London*  
       ‘That book, Erik bought it in London.’



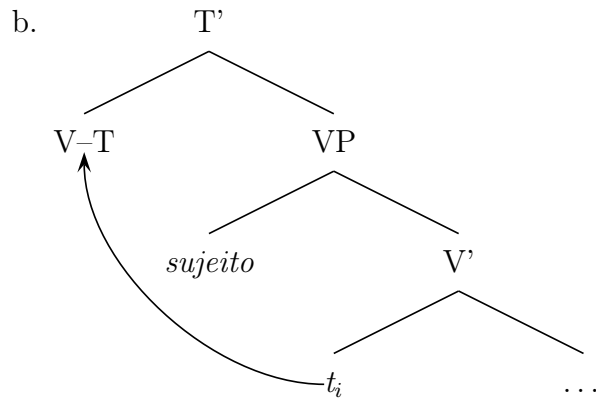
Já para construções que manifestam o padrão de inversão românica, uma proposta bastante disseminada é a de que o movimento do verbo ocorre não até a periferia da sentença, mas sim até o domínio da categoria TP, com o sujeito permanecendo numa posição mais baixa na sentença (cf., entre muitos outros, Contreras 1991; Ordóñez 1997; Belletti 2001, 2004a). A possibilidade de inserção de algum constituinte entre o verbo e o sujeito (via *scrambling*, por exemplo) derivaria a não adjacência entre esses dois constituintes, resultando na ordem linear VXS. As propostas nessa direção se fundamentam, em grande medida, na hipótese de que, internamente à categoria VP, haja uma posição base para o sujeito da sentença (cf. Kitagawa 1986; Koopman & Sportiche 1991).<sup>2</sup> Em (4), apresentamos novamente um exemplo de inversão românica

<sup>1</sup>Ao longo do capítulo, usaremos o rótulo T em substituição a Infl, em consonância com Chomsky (1995) e trabalhos minimalistas subsequentes.

<sup>2</sup>Numa terminologia minimalista, essa posição corresponderia ao especificador de *v*P. Por conveniência, entretanto, continuaremos utilizando o rótulo VP, dado que isso não comprometerá as análises que faremos.

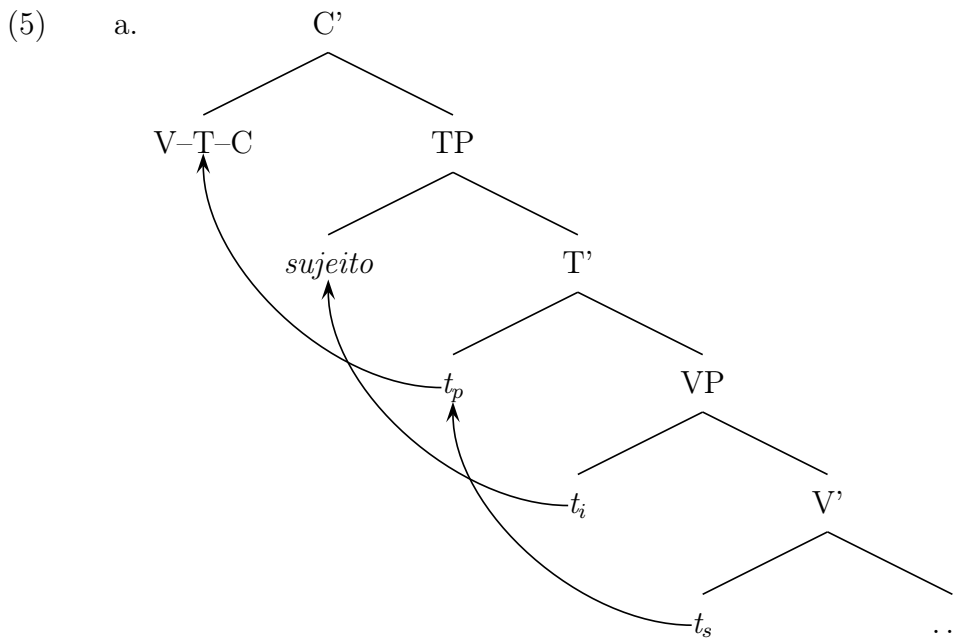
no Italiano, com uma derivação simplificada onde destacamos a posição ocupada pelo verbo e a posição ocupada pelo sujeito (Belletti 2001:62).

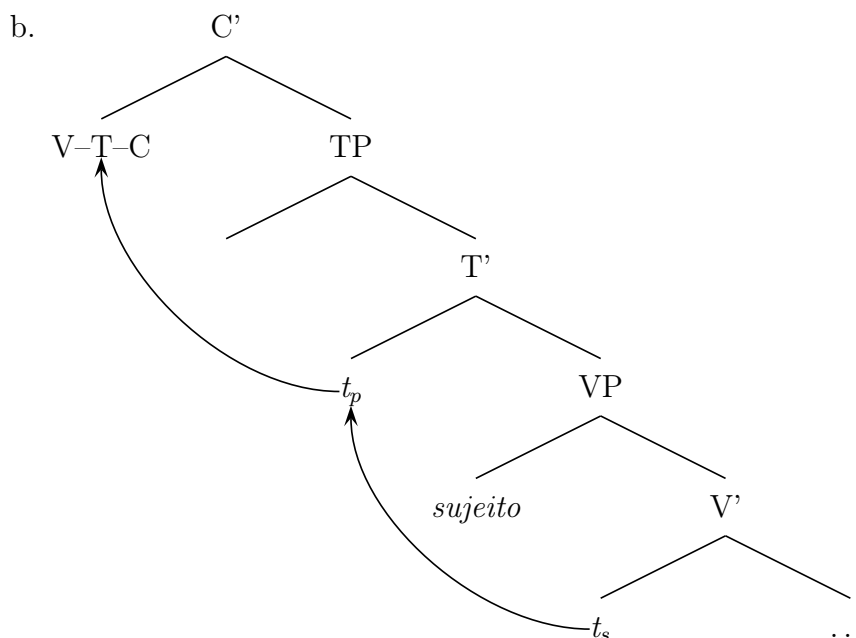
- (4) a. **ha** parlato *Gianni*  
       *has spoken Gianni*



Tendo em conta essas propostas, a questão que se coloca agora é como analisar a variação observada no PM, já que se atestam os dois tipos de inversão. Uma primeira alternativa seria defender que, na gramática do PM, pode-se ter em orações declarativas matrizes tanto movimento do verbo para C, com deslocamento do sujeito para SpecTP, o que explicaria os casos de inversão germânica linear, quanto movimento do verbo para T, com permanência do sujeito em sua posição base, o que explicaria os casos de inversão românica. Especificamente em relação à sintaxe da posição do verbo, o inconveniente dessa hipótese é que ela pressupõe uma aleatoriedade dentro de um mesmo contexto sintático, isto é, ora há movimento do verbo para C, ora há movimento do verbo apenas até T. Uma coisa totalmente distinta seria dizer que, num tipo de oração específica (sentenças interrogativas *wh*, por exemplo), o verbo se move até C, possibilitando o licenciamento de estruturas com inversão germânica, ao passo que, num outro tipo de oração específica (sentenças declarativas, por exemplo), o verbo se move apenas até T, licenciando um padrão de inversão românica. Nesse caso, não estaríamos diante de um quadro de variação, mas sim diante de uma situação na qual, em cada tipo específico de oração, há um padrão categórico, ou de movimento do verbo para C ou de movimento do verbo para T. Em nossa amostra de dados do PM, não percebemos nenhum tipo de distinção que pudéssemos usar como evidência para postular, no âmbito de orações declarativas matrizes, movimento do verbo para C apenas em certas circunstâncias e movimento do verbo até T em outras circunstâncias diferentes.

Uma forma alternativa de lidar com esse problema seria argumentar que o verbo sempre se move para a mesma posição, enquanto o sujeito seria capaz de ocupar duas posições distintas. Mais especificamente, poderíamos levantar a hipótese de que o verbo sempre se move para a periferia da sentença em declarativas matrizes. Se o sujeito é deslocado para SpecTP, teríamos como resultado a ordem de palavras com inversão germânica. Caso o sujeito permaneça em sua posição base dentro do VP, haveria a possibilidade de que outros elementos deslocados se interpusessem entre o verbo finito e o sujeito posposto, o que resultaria num padrão de inversão românica. Ou seja, dentro dessa hipótese, não há variação com relação à posição ocupada pelo verbo, já que este seria deslocado categoricamente para a periferia da oração. O que estaria em alternância seria a posição do sujeito, ou no especificador de TP, resultando em inversão germânica, ou no especificador de VP, podendo resultar em inversão românica. A seguir, apresentamos duas representações que sintetizam essa proposta, uma com o sujeito em SpecTP (cf. (5a)) e outra com o sujeito em SpecVP (cf. (5b)).





A priori, no entanto, a hipótese esquematizada em (5) também seria questionável pela mesma razão apresentada para a hipótese anterior. Poderia ser dito que ainda estamos diante de uma variação aleatória dentro de um mesmo contexto sintático, já que, ao invés de dizer que é a posição final do verbo o que está em variação, dizemos que é a posição final do sujeito o que produz a variação entre inversão germânica e inversão românica. Em outras palavras, de um ponto de vista explicativo, teria havido apenas uma mudança no *locus* da variação. Mostraremos, porém, que estar o sujeito em SpecTP ou em SpecVP não é uma variação aleatória, mas sim uma alternância que pode ser explicada por razões pragmático-discursivas. Com isso, poderemos manter a hipótese de que o verbo é alçado categoricamente para o sistema CP em orações declarativas matrizes do PM.

Antes de abordar a questão discursiva que pode explicar a presença do sujeito ou em SpecTP ou numa posição mais baixa da sentença, apresentaremos uma evidência de natureza sintática que apóia a hipótese de que sujeitos pós-verbais no PM podem ocupar duas posições estruturais distintas. Essa evidência diz respeito à questão da ordem linear de sujeitos pospostos em relação a um grupo específico de advérbios. Para o Português Europeu Moderno (PE), por exemplo, Costa (1998, 2004) argumenta que advérbios monossilábicos, tais como *bem*, marcam a fronteira da periferia à esquerda de VP. Um fato interessante observado pelo autor é que, em orações declarativas matrizes com posposição do sujeito, a presença do advérbio *bem* ocorre necessariamente entre o

verbo finito e o sujeito, como se vê em (6) (Costa 2004:28).

- (6) a. ?\***Comeu** o Paulo bem maçãs.  
b. \***Comeu** o Paulo maçãs bem.  
c. **Comeu** bem o Paulo maçãs.

Ante esses dados, a conclusão a que Costa chega é que, se o advérbio *bem* realmente for considerado um elemento que marca a fronteira à esquerda de VP, sujeitos pós-verbais no PE devem ser interpretados como constituintes que permanecem em SpecVP. Essa proposta é esquematizada em (7).

- (7) Comeu [<sub>VP</sub> bem] [<sub>VP</sub> o Paulo maçãs].

A discussão sobre a ordem linear de sujeitos pós-verbais em relação a advérbios monossilábicos no PE pode ser tomada como um parâmetro para avaliar a questão da posição de sujeitos pospostos no PM. Suponhamos que, na gramática do PM, tal como na gramática do PE, o advérbio *bem* marque de maneira semelhante a fronteira à esquerda de VP. Ante essa hipótese, podemos então fazer a seguinte previsão: se sujeitos pospostos aparecerem linearmente à direita de *bem*, a posição do sujeito pós-verbal será dentro de VP, mas, se sujeitos pospostos precederem o advérbio *bem*, a conclusão a que chegaremos é a de que sujeitos pospostos se deslocam para uma posição externa à categoria VP. Em nosso corpus do PM, encontramos exemplos que mostram o advérbio *bem* intervindo entre o verbo finito e o sujeito posposto, como ilustrado em (8), evidenciando, portanto, que o sujeito permaneceu em sua posição base.

- (8) E **quadra**-lhe bem o nome de Piemonte (Sousa, 155.1760)

Entretanto, como mostra o exemplo (9) a seguir, um sujeito posposto também pode preceder o advérbio *bem*.

- (9) E nos gasalhados e abraços **mostraram** os cardeais legados bem este contentamento; (Sousa, 159.1839)

Mantendo-se a hipótese de que a posição do advérbio *bem* é a mesma nos períodos médio e moderno do Português, os dados em (8) e (9) sugerem que, no PM, ao contrário do que ocorre no PE, sujeitos pós-verbais podem ocupar duas posições sintáticas distintas. Em (8), o sujeito teria permanecido em SpecVP, ao passo que, em (9), ele

teria sido deslocado para uma posição hierarquicamente acima de onde se encontra o advérbio *bem*, presumivelmente SpecTP. Em (10) e (11), apresentamos as respectivas representações dos exemplos (8) e (9).

(10) Quadra-lhe [<sub>VP</sub> bem] [<sub>VP</sub> *o nome de Piemonte*]

(11) Mostraram *os cardeais legados<sub>i</sub>* [<sub>VP</sub> bem] [<sub>VP</sub> *t<sub>i</sub> este contentamento*]

Mas o que explicaria o fato de sujeitos pós-verbais poderem ocorrer em duas posições estruturais diferentes? Para responder a essa pergunta, exploraremos a questão do estatuto informacional de sujeitos pospostos. Ambar (1992) mostra que, no PE, se o sujeito é o foco informacional da sentença,<sup>3</sup> sua posição na oração deve ser obrigatoriamente pós-verbal, como se vê em (12) (Ambar 1992:185).<sup>4</sup>

(12) A: Quem comeu o bolo?

B: **Comeu** *o João* .

C: # *A Joana* **comeu**.

Em (12), vemos que a resposta (B), com um sujeito pós-verbal que representa o foco informacional da sentença, é adequada à pergunta (A). Já a resposta (C), que apresenta um sujeito pré-verbal que seria o foco informacional da sentença, embora seja gramatical, já que representa um enunciado possível no Português, não constitui uma resposta adequada à pergunta (A). Um fato interessante, porém, é que, se o sujeito não é a informação nova da sentença, a sua posição na oração deve ser necessariamente pré-verbal, como se vê em (13) (Costa 2004:79).

(13) A: O que é que o Paulo partiu?

B: *O Paulo* **partiu** a janela.

C: # **Partiu** *o Paulo* a janela.

D: # **Partiu** a janela *o Paulo*.

E: # *A janela* **partiu** *o Paulo*.

---

<sup>3</sup>Num par de sentenças pergunta-resposta, o foco informacional é o sintagma que, na resposta, substitui o constituinte *wh* da pergunta (cf., entre outros, Dik 1978; Bresnan & Mchombo 1987; Rochemont & Culicover 1990).

<sup>4</sup>Sobre o valor informacional de sujeitos pós-verbais no PE, cf. também Martins (1994) e Costa (1998, 2004).

Tendo em mente que, no PE, sujeitos pós-verbais ocupam necessariamente uma posição no interior de VP,<sup>5</sup> poderíamos então estabelecer a seguinte relação: a posição do sujeito interna à categoria VP seria associada à função discursiva de foco informacional. É interessante observar que, para o Espanhol, Zubizarreta (1998) também mostra que um sujeito pós-verbal ocupando SpecVP é necessariamente associado à função discursiva de foco informacional. Uma relação semelhante também é apontada por Belletti (2001, 2004a) para o Italiano. Em relação a essa língua, a autora defende que os sujeitos pós-verbais, também sempre associados à função discursiva de foco informacional, ocupam uma posição especializada na periferia de VP para constituintes que expressam esse valor discursivo. Ou seja, a idéia de que SpecVP (ou uma posição específica na periferia de VP) seja um *locus* exclusivo para abrigar um sujeito focalizado não é uma propriedade específica do PE, mas parece ser uma característica mais geral das línguas românicas modernas.

Olhemos agora para o PM, atentando para o valor informacional de sujeitos postposos. Para isso, retomemos os exemplos com o advérbio *bem*, os quais serviram como evidência sintática para a hipótese de que, na gramática do PM, ao menos duas posições estruturais distintas encontram-se disponíveis para sujeitos pós-verbais. A idéia é verificar agora se, a cada uma delas, podemos associar um valor discursivo distinto, o que explicaria de maneira elegante o fato de sujeitos pós-verbais poderem ocorrer em duas posições estruturais diferentes. Num primeiro instante, vejamos novamente o exemplo (8), em que se tem o advérbio *bem* precedendo o sujeito pós-verbal, mas agora dentro de um contexto discursivo maior a fim de que se possa ver mais claramente qual é o valor informacional do sujeito posposto relevante.

- (14) e daqui se começa a decer pera o *Piemonte*, que foi aos romanos parte dos povos taurinos. E **quadra**-lhe bem o nome de *Piemonte* pola baixeza em que fica, comparada com os montes. (grifos nossos)

No exemplo (14), o sujeito posposto ‘o nome de *Piemonte*’ não pode ser entendido como uma mera retomada anafórica do termo ‘*Piemonte*’ empregado na frase anterior. De fato, no primeiro uso do termo ‘*Piemonte*’, a intenção é apontar para um espaço físico, isto é, uma região geográfica cujo nome é ‘*Piemonte*’. Já em ‘o nome de *Piemonte*’, a intenção não é apontar para o espaço físico em si já mencionado, mas sim introduzir uma informação relacionada ao conteúdo do nome que é atribuído à região

---

<sup>5</sup>Cf. a discussão anterior a respeito da ordem linear de sujeitos pospostos em relação ao advérbio monossilábico *bem*.



geográfica chamada de ‘*Piemonte*’. Ou seja, trata-se de uma informação que, em termos discursivos, é nova. Portanto, pode-se interpretar que o sujeito posposto ‘*o nome de Piemonte*’, que estaria ocupando a posição SpecVP, dada a sua ordem linear em relação ao advérbio *bem*, desempenha o papel discursivo de foco informacional.

Retomemos agora o exemplo (9), em que o sujeito posposto precede o advérbio ‘*bem*’. Aqui também, a ordem VS relevante será apresentada dentro de um contexto discursivo maior.

- (15) Abastará em soma dizer que o Senhor me fez muitas mercês em toda a jornada e chegada, porque, além da saúde, chegamos no mais oportuno tempo que se poderia cuidar. Estavam já, havia um mês e meio, *dous cardeais legados* e alguns bispos de Itália, té nove ou dez, esperando por prelados de Espanha e França, e desconfiados e desconsolados pola tardança. Ora chegando eu subitamente, não esperado, e divulgando-se que era chegado um arcebispo primaz dos fins de Espanha, foi grande alegria nos *legados* e bispos, e na cidade (a qual ganha muito em concílio). E nos gasalhados e abraços **mostraram os cardeais legados bem** este contentamento; (grifos nossos)

No exemplo (15), o sujeito pós-verbal ‘*os cardeais legados*’ retoma elementos que já haviam sido citados no texto (‘*dous cardeais legados*’ e ‘*legados*’). Ou seja, esse sujeito posposto que precede o advérbio *bem* funciona como uma informação anafórica, já que simplesmente retoma um conteúdo já apresentado anteriormente. Em termos discursivos, portanto, a posição pós-verbal do sujeito que precede o advérbio não estaria associada à função de foco informacional, ao contrário do que se viu para SpecVP.

Em vista dessas considerações sobre o valor discursivo dos sujeitos pospostos, algumas conclusões importantes podem ser tiradas. Em primeiro lugar, destacamos que o PM não seria diferente das línguas Românicas modernas, as quais mostram uma estreita relação entre um sujeito posposto ocupando SpecVP (ou uma posição especializada na periferia de VP) e a função discursiva de foco informacional. A segunda conclusão é que a cada uma das posições estruturais para sujeitos pós-verbais atestadas no PM estaria associado um valor discursivo específico. Ou seja, estar o sujeito em SpecVP ou numa posição mais acima, ainda que hierarquicamente abaixo do verbo, não é uma variação aleatória, mas sim uma dinâmica regulada pelo conteúdo informacional que se queira associar ao sujeito posposto. Essa segunda conclusão é particularmente interessante pois vem ao encontro da hipótese de que qualquer interpretação pragmática é derivada

a partir da estrutura sintática (cf. Rizzi 1997; López 2009). Nesse sentido, interpretações pragmáticas distintas representam a existência de posições estruturais distintas também. Uma terceira conclusão é que a diferença básica entre o PM e o PE, aquele disponibilizando duas posições pós-verbais em orações matrizes e este disponibilizando apenas uma, tem a sua raiz na questão do movimento do verbo. No PM, o verbo seria movido sistematicamente até a periferia da sentença nesse tipo de sentença, o que, em termos de hierarquia na estrutura oracional, corresponderia a uma posição mais alta não apenas do que SpecVP, mas também mais alta do que SpecTP. Ou seja, haveria ao menos duas posições pós-verbais para o sujeito, o que implica em ao menos duas interpretações pragmáticas distintas para os sujeitos pospostos. Já nas declarativas matrizes do PE, o movimento do verbo seria apenas até T, que corresponde a uma posição hierarquicamente acima apenas de SpecVP. Ou seja, haveria somente uma posição pós-verbal para o sujeito, o que implica na existência de apenas uma interpretação pragmática para os sujeitos pospostos, como de fato já discutido anteriormente.<sup>6</sup>

Em vista das evidências apresentadas até aqui, podemos concluir parcialmente o tópico relativo à posição do verbo assumindo que, em orações declarativas matrizes, a gramática do PM instancia movimento sistemático do verbo para a periferia da sentença, à semelhança de línguas V2. Essa hipótese, como apontamos anteriormente, encontra-se já desenvolvida em outros trabalhos que procuram investigar fases passadas do Português Europeu (cf., entre outros, Ribeiro 1995; Torres Morais 1995; Galves 1997). Aqui, a partir de uma perspectiva cartográfica, reinterpretemos essa hipótese seguindo a proposta de Roberts (2004) para o movimento do verbo em orações declarativas matrizes de línguas V2. A idéia é que, no PM, o verbo se desloca de maneira sistemática para o núcleo Fin nesse tipo de oração. Em nossa análise, por conta de um traço de finitude [+F] em Fin, o verbo deve obrigatoriamente se deslocar para esse núcleo. O movimento ocorreria pois, nas matrizes, não haveria um constituinte que pudesse ser concatenado diretamente em Fin para satisfazer o traço [+F], o que, a priori, seria preferível em razão do princípio *merge over move* (Chomsky 1995).

#### 4.2.1.2 A Posição do Verbo em Orações Subordinadas

Discutiremos agora a questão da posição do verbo em orações subordinadas completivas. Em relação a esse contexto específico, argumentamos que o verbo não se desloca para o núcleo periférico Fin. Em nossa proposta, orações encaixadas apresentam dois

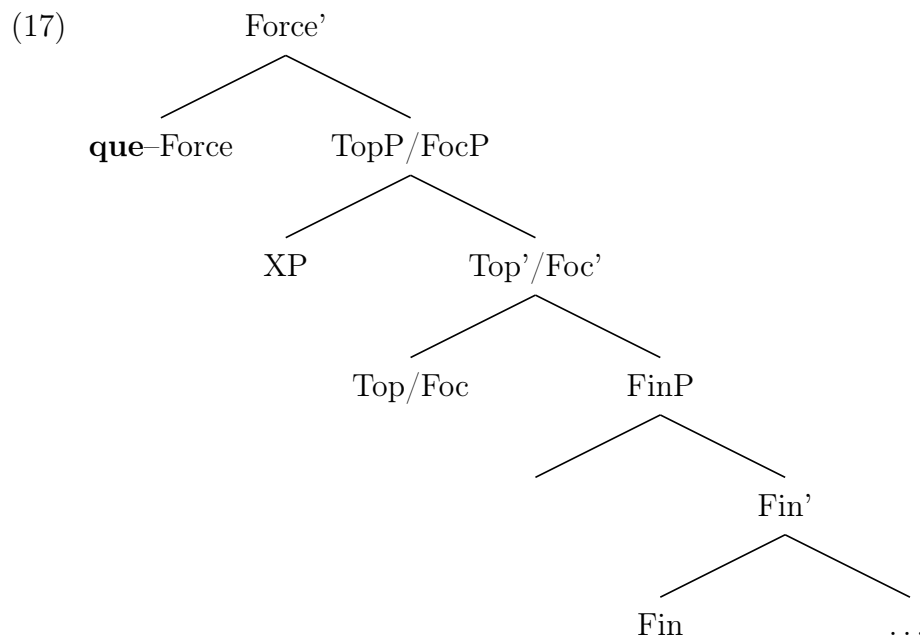
---

<sup>6</sup>A respeito da posição do verbo no PE, cf. a discussão realizada a partir da seção 4.3 deste capítulo.

complementizadores: um em Force, satisfazendo um traço relativo ao tipo de sentença, e outro em Fin, satisfazendo o traço de finitude [+F]. O complementizador *que*, responsável por introduzir orações subordinadas completivas, seria concatenado sempre em Force. Uma evidência em favor dessa hipótese pode ser extraída do fato de que elementos fronteados aparecem necessariamente à direita de *que*, como se vê em (16).

- (16) a. Aconselhára eu a Acab **que**, nas circunstancias presentes, fizesse a guerra,  
(Vieira, 193.1559)
- b. recear, **que** com a vida perdesse a alma. (Barros, 38.347)

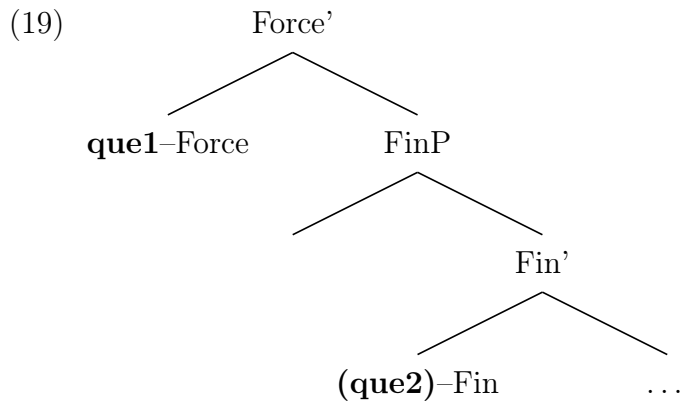
O padrão de ordem de palavras em (16) indica que o complementizador *que* se encontra hierarquicamente acima de sintagmas ocupando SpecTopP ou SpecFocP, como esquematizado em (17).



No núcleo Fin, assumimos que é concatenado um complementizador homófono ao que é inserido em Force. Essa hipótese faz sentido considerando que, em textos seiscentistas do PM, o fenômeno de recomplementação é atestado, como mostra o exemplo a seguir extraído de Ribeiro & Torres Morais (2009:64).

- (18) dizendo **q.** a mula **q.** estava com dezeios de fazer tal coisa

A diferença do complementizador ocupando Fin é que existiria a opção de ele ser ou não realizado foneticamente. Já o complementizador em Force, quando compo-  
 ndo a numeração de uma determinada derivação sintática, deve apresentar necessariamente  
 uma matriz fonética visível. Essa proposta é esquematizada em (19), onde designamos  
 o complementizador de Force como *que1* e o complementizador de Fin como *que2*.<sup>7</sup>



Apesar de não manifestar uma matriz fonológica de maneira categórica, nossa hipótese é que o complementizador em Fin está sempre presente. A consequência dessa proposta para a sintaxe da posição do verbo é que, ao contrário do que ocorre nas orações declarativas matrizes, o movimento do verbo para a periferia da sentença torna-se impossível, em razão da presença de um complementizador (visível ou não) em Fin. Cabe notar também que o complementizador teria preferência em relação ao verbo para ocupar Fin devido ao princípio de economia *merge over move*, ao qual já fizemos referência anteriormente. Destacamos ainda que, quanto ao preenchimento do núcleo Fin, a nossa proposta é a de que o PM se comporta de maneira similar a uma língua V2 assimétrica como o Alemão, já que, em orações matrizes, apresentaria movimento do verbo para Fin, ao passo que, em orações subordinadas, um complementizador é concatenado diretamente nesse núcleo, bloqueando, assim, o alçamento de V para Fin (cf. novamente a discussão no capítulo 2 sobre as línguas V2 Germânicas).

Um indício interessante de que o verbo não se move para a periferia da sentença em subordinadas com um complementizador vem da comparação desse tipo de sentença com aquelas em que os complementizadores *que1* e *que2* são completamente omitidos. No PM, como pudemos registrar em nosso corpus, o fenômeno de orações subordinadas

---

<sup>7</sup>Para uma proposta similar em relação ao Português Europeu Moderno, cf. Fernández-Rubiera (2010).

finitas sem complementizador é, em linhas gerais, muito semelhante ao atestado em outras línguas Românicas.<sup>8</sup> Basicamente, a ausência de complementizadores é possível em orações complemento que são selecionadas por diferentes tipos de verbos, dentre os quais destacam-se verbos de atitude proposicional, tais como *duvidar* e *parecer*, verbos de volição ou de desejo, tais como *querer* e *esperar*, verbos factivos e semi-factivos, tais como *prometer* e *entender*, e verbos *dicendi*, tais como *dizer*. Esse fato é ilustrado com os exemplos em (20).

- (20) a. **duvida** [ corresponderiaõ os favores de Deus taõ abundantes, (Céu, 133.11)  
 b. **parece** [ pódem competir os milagres, (Vieira, 180.1135)  
 c. ele **queria** [ se observasse: (Barros, 143.1160)  
 d. se **espera** [ lhe faça grandes mercês. (Galhegos, 94.1377)  
 e. depois **promette** [ ha-de tomar a todo genero humano, (Vieira, 101.773)  
 f. veyo a **entender** [ hauia muyto que cortar (Céu, 193,766)  
 g. **dissemos** [ tinha sempre a cabeceira. (Sousa, 60.655)

Em termos de ordem de palavras, essas orações sem complementizador apresentam padrões bastante distintos do que pudemos atestar para orações com complementizador foneticamente visível. Uma primeira diferença, por exemplo, diz respeito à ordem linear do sujeito em relação ao verbo finito. Em orações sem *que*, o sujeito é categoricamente pós-verbal, propriedade esta ilustrada com os exemplos em (21).<sup>9</sup>

- (21) a. pedia [ lhe **desse** o *Arcebispo* a praça em seu serviço. (Sousa, 70.776)  
 b. temer [ não **salte** de lá *alguma faísca*, (Sousa, 167.1934)  
 c. Nós a vimos com aquele respeito, que julgávamos [ **merecia** a *grande alma*, (Barros, 214.1724)  
 d. parece [ **quiz** *Deos* nesta demonstração reprehenderlhe o enfado, (Céu, 176.575)

---

<sup>8</sup>A respeito desse fenômeno em outras línguas Românicas, cf., por exemplo, Torrego (1983) e Brovetto (2002) para o Espanhol e Poletto (2001) e Giorgi & Pianesi (2004) para o Italiano.

<sup>9</sup>Na realidade, no âmbito dos dados que analisamos, encontramos apenas um exemplo claro de sujeito pré-verbal em sentenças sem complementizador. Como se vê em (i) a seguir, trata-se de um sujeito focalizado, como evidencia a presença da partícula focalizadora *athe*.

(i) parece [ *athe* o *titulo da caza* **quiz** mostrar o triunfo que nella havia de ter com tal descendente. (Céu, 133.115)

e. parece [ **fiou** *o Senhor* o pregaõ de seus merecimentos. (Céu, 221.1128)

Já nas orações com complementizador visível, como já mostrado no capítulo 3, embora sejam atestados sujeitos pós-verbais, a ocorrência de sujeitos pré-verbais é sempre maior. Por exemplo, se considerarmos apenas as orações com ordem linear V2 e que manifestam um sujeito realizado foneticamente, registramos que o índice de sentenças SV é de 70,35% no século 16 e de 74,92% no século 17. Ou seja, a ocorrência de sujeitos pós-verbais é sempre inferior a 30% nos dois séculos representativos do PM.

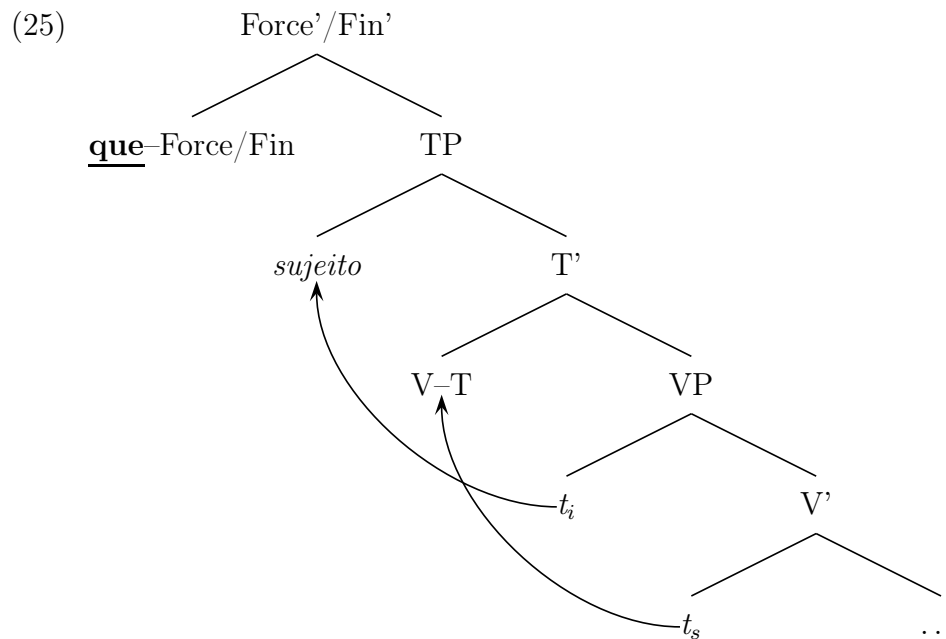
Outra diferença diz respeito ao posicionamento linear do verbo em relação a advérbios. Nas orações sem o complementizador *que*, advérbios sempre aparecem linearmente à direita do verbo finito, como exemplificado a seguir.

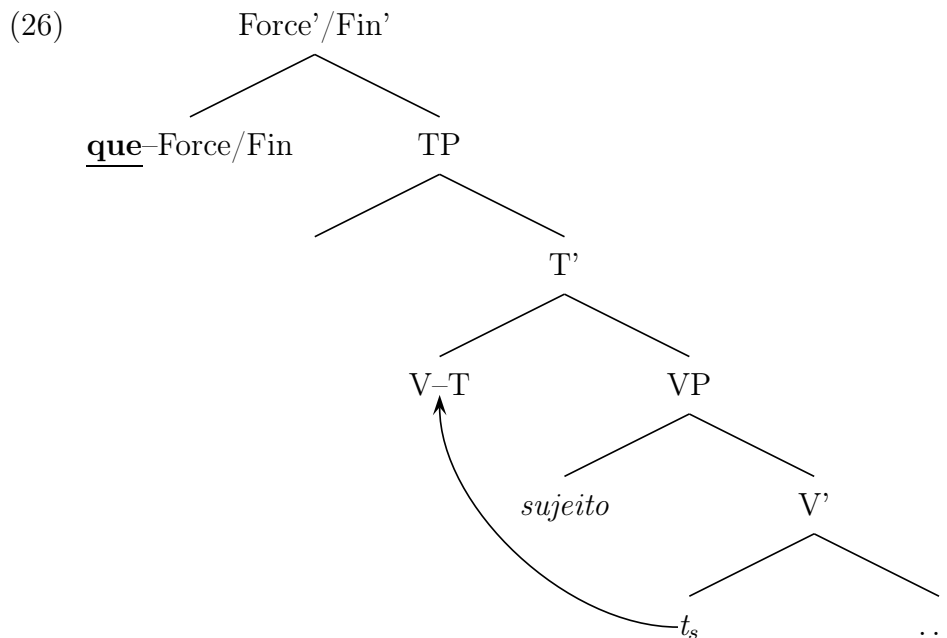
- (22) a. conseguiu do imortal, e Augusto Rei Dom João IV [ **houvesse** *também* um como tribunal, ou Junta, (Barros, 171.1384)
- b. respondeo Dom Duarte, [ **seria** *logo* obedecida, (Céu, 139.110)

Já nas orações introduzidas pelo complementizador *que*, por sua vez, observamos um padrão de variação. Isto é, os mesmos advérbios que, nas sentenças subordinadas sem *que*, aparecem à direita do verbo agora podem aparecer ou em posição pré-verbal ou em posição pós-verbal. Esse fato é exemplificado, respectivamente, em (23) e (24).

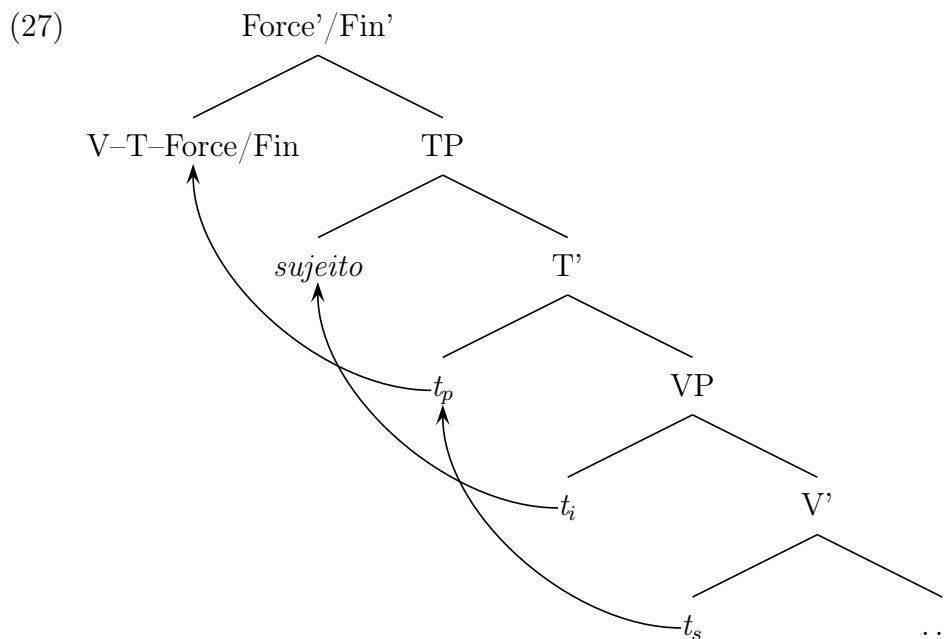
- (23) a. inspirando no coração de seus súbditos [ que também lhe **tenham** perfeita obediência. (Sousa, 46.470)
- b. Julgou (...) [ que isto também **era** da mente dos Senhores Capitulares da Bahia; (Barros, 107.864)
- c. e [ que logo **seria** fácil conhecer a razão porque não voltava. (Galhegos, 85.1261)
- d. mandandolhe [ que logo **despisse** o habito, (Céu, 152.270)
- (24) a. Consiste em [ que no dia do Juízo, se o mundo acaba para mim, **acaba** também para todos. (Vieira, 75.271)
- b. Pediu-lhe o Padre, [ que lho **trouxessem** também, (Barros, 35.314)
- c. folgaria [ que **fosse** logo, (Pinto, 67.468)
- d. aconselhava (...) [ que **começassem** logo (Sousa, 181.2150)

Essas diferenças podem ser perfeitamente explicadas se assumirmos que, em orações sem complementizador, o verbo se move para a periferia da sentença, ao passo que, em orações subordinadas que manifestam complementizador, o movimento do verbo para a periferia da sentença é bloqueado. Vejamos como essa proposta explica de maneira adequada os dados olhando, a princípio, para a questão da ordem linear do sujeito em relação ao verbo. Como registramos para as orações com o complementizador *que*, o sujeito pode tanto preceder quanto seguir o verbo flexionado, embora haja uma preferência por sujeitos pré-verbais. Vamos assumir que, nessas orações, o sujeito pode aparecer, no mínimo, em uma de duas posições, a saber: SpecTP ou SpecVP (cf. a discussão na seção 4.2.1.1 em relação às orações raízes). Assumindo também que há um complementizador em Force (*que1*) e um Fin (*que2*), é de se esperar então que o verbo suba no máximo até T. Diante desse quadro, uma sentença com sujeito pré-verbal seria derivada em razão de movimento do sujeito até SpecTP (cf. (25)), ao passo que a ordem com sujeito pós-verbal seria derivada em função da permanência do sujeito em SpecVP, isto é, uma posição hierarquicamente mais baixa do que aquela onde se encontra o verbo (cf. (26)).

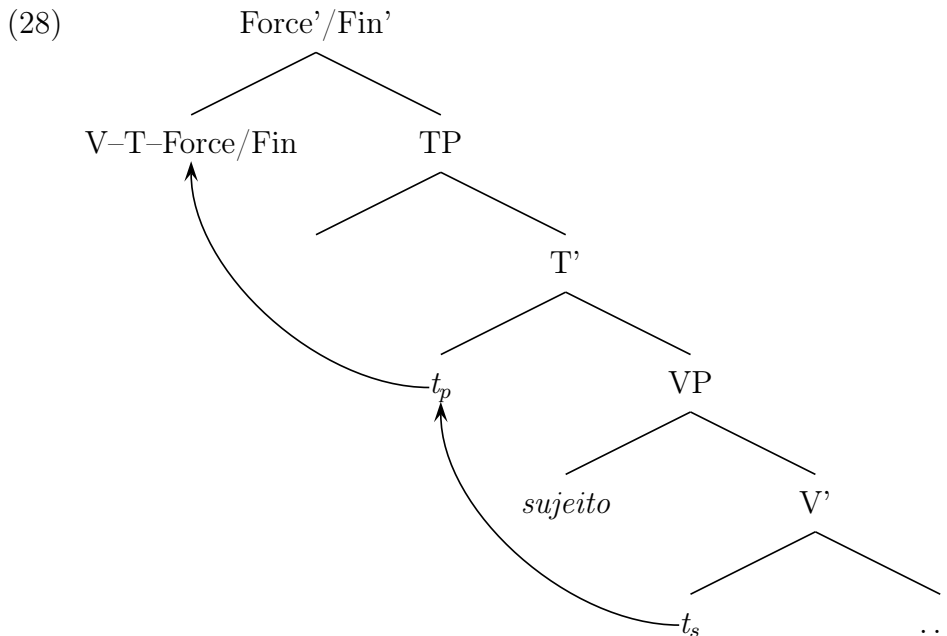




Já nas orações sem complementizador, suponhamos que o verbo se move para os núcleos Fin e Force, justamente em razão da ausência de *que1* e *que2*. Dentro dessa configuração, independentemente de estar em SpecTP (cf. (27)) ou em SpecVP (cf. (28)), a posição do sujeito será sempre hierarquicamente abaixo da que é ocupada pelo verbo, derivando, portanto, a posposição do sujeito de maneira categórica.







No que diz respeito à questão da ordem linear de advérbios em relação ao verbo, tem-se uma explicação similar. Dentro da proposta de Cinque (1999) para a estrutura oracional, considera-se que advérbios ocupam o especificador de diferentes projeções funcionais na camada de TP, cada uma correspondendo à noção semântica expressa pelo constituinte adverbial. Se aceitarmos que advérbios ocupam posições fixas, como assim argumenta Cinque, tais elementos podem ser usados então como um diagnóstico para verificar quão alto um verbo pode se mover. Nesse sentido, o fato de advérbios ocorrerem necessariamente em posição pós-verbal em sentenças sem complementizador pode ser interpretado como uma evidência de que o verbo finito se desloca para uma posição acima de TP nas construções sem *que*, a saber, os núcleos Fin/Force. A idéia é que, como o verbo se moveu para a periferia da sentença nas orações sem o complementizador, advérbios necessariamente aparecerão à direita do verbo, já que ocupam o especificador de projeções dentro do domínio de TP.

Nas orações com *que*, por sua vez, o movimento do verbo para a periferia da sentença seria bloqueado em razão da concatenação de um complementizador em Fin. Nesse caso, advérbios e o verbo finito serão linearizados dentro de um mesmo domínio funcional. Embora aqui não façamos uma cartografia detalhada do domínio de TP, apontando a posição ocupada pelo verbo em relação a diferentes elementos adverbiais, poderíamos pensar que a variação entre as ordens de palavras “verbo-advérbio” e “advérbio-verbo” ocorra devido às diferentes interpretações que podem estar associadas

a um mesmo advérbio. Isto é, se um mesmo advérbio está associado a mais de uma interpretação, consequentemente ele ocupará diferentes posições estruturais, a depender do valor semântico comunicado. Assim, se determinada interpretação determina que o advérbio ocupe uma posição abaixo da do verbo, a ordem linear “verbo-advérbio” será derivada. Porém, se o mesmo advérbio apresenta uma outra interpretação determinando que ele ocupe uma posição acima da do verbo, a ordem linear derivada será “advérbio-verbo”. Em outras palavras, a depender da interpretação associada a um certo advérbio, sua posição poderá ser acima ou abaixo da que é ocupada pelo verbo, o que poderia explicar a variação observada no âmbito das orações subordinadas introduzidas pelo complementizador *que*.<sup>10</sup>

Tendo em conta a proposta de que o verbo não se move para Fin em orações encaixadas que apresentam complementizador, duas previsões podem ser feitas. A primeira delas é que não esperamos encontrar evidências sintáticas de duas posições pós-verbais para o sujeito, já que o verbo em orações dependentes é movido apenas até T. Ou seja, a única posição pós-verbal que estaria disponível para um sujeito posposto seria SpecVP. De fato, já introduzimos essa hipótese quando discutimos as diferenças entre orações sem *que* e orações com complementizador. Agora, para confirmar essa primeira previsão, gostaríamos de olhar para a questão da ordem linear de sujeitos pós-verbais em relação ao advérbio monossilábico *bem*. Conforme discutido anteriormente, esse advérbio marca a fronteira à esquerda de VP. Assim, sujeitos pospostos que precedem *bem* podem ser interpretados como tendo se deslocado para uma posição fora de VP, ao passo que sujeitos pospostos que seguem o advérbio *bem* podem ser interpretados como tendo permanecido em SpecVP. Em nossa amostra de dados de orações complemento do PM, ao contrário do que foi atestado em orações matrizes, onde registramos as duas possibilidades de sujeito pós-verbal em relação ao advérbio, encontramos apenas casos

---

<sup>10</sup>Cinque (1999:19) cita uma variação semelhante atestada no Inglês, conforme apontada originalmente por Jackendoff (1972).

(i) John *cleverly* **has** answered their questions.

(ii) John **has** *cleverly* answered their questions.

No Inglês, uma sentença como (i) apresenta uma interpretação de orientação para o sujeito (*subject-oriented*, nos termos de Jackendoff), ao passo que (ii) pode ter essa interpretação, mas também uma de modo. Considerando que, em declarativas matrizes, um verbo auxiliar como *have* ocupa uma posição externa à categoria VP (cf. Pollock 1989), mas abaixo de CP, dado que o Inglês não é uma língua V2, a variação observada pode estar relacionada a diferentes posições estruturais ocupadas pelo advérbio dentro do domínio de TP, já que, na proposta de Cinque, cada uma dessas posições estaria associada a um valor semântico específico.

em que o sujeito posposto segue o constituinte *bem*, o que sugere a permanência do sujeito em SpecVP. Em (29), apresentamos um exemplo ilustrativo dessa ordem de palavras.

- (29) havia que **quadrava bem** com uma casa, que por todas as idades fora observantíssima, *o governo de quem era espelho de observância*. (Sousa, 30.285)

A segunda previsão tem a ver com a interpretação discursiva atribuída aos sujeitos pospostos de orações subordinadas. Como vimos para as orações raízes, SpecVP é uma posição associada a um sujeito pós-verbal com o valor discursivo de foco informacional. Se isso também se aplica no âmbito das orações encaixadas, é de se esperar que um sujeito posposto como o apresentado em (29) seja configurado como um caso de foco informacional, ou seja, um sintagma que introduz informação nova. Para verificar se essa hipótese se confirma, observemos o exemplo (29) novamente, mas agora dentro de um contexto discursivo maior a fim de que possamos ver mais claramente qual é o valor informacional do sujeito posposto relevante.

- (30) Residia em Évora o Mestre Frei Bertolameu, entendendo na lição que dava ao filho do Ifante, descuidado de nova mudança, quando foi apontado pera prior do convento de Benfica, onde foi eleito e aceitado com muita conformidade e alegria de todos os religiosos. Não desagradou a eleição ao Ifante, antes a estimulou, porque amava o aumento da Religião, e à conta dele fora fácil em cortar por seu gosto (que esta é a obrigação daqueles que Deus fez príncipes na República), quanto mais que via que só se lhe mudava o lugar e não o mestre. Aos padres mais graves da Província foi em especial aceita a eleição, entre os quais o Mestre Frei Luís de Granada, que então era Provincial, foi o que mais a festejou, que, como tão espiritual, havia que **quadrava bem** com uma casa, que por todas as idades fora observantíssima, *o governo de quem era espelho de observância*. (grifos nossos)

O excerto em (30) engloba o início do capítulo V da obra de Luis de Sousa. A leitura do trecho não permite interpretar o sujeito posposto ‘*o governo de quem era espelho de observância*’ como um sintagma que retoma algo citado anteriormente no texto, por exemplo. De fato, o sintagma em questão funciona como o introdutor de uma nova informação — no exemplo em análise, o sujeito pós-verbal introduz uma informação a respeito da direção administrativa de Frei Bertolameu. Esse fato, conseqüentemente, qualifica o sujeito posposto em questão como um foco informacional.

Considerando que esse sujeito pós-verbal aparece linearmente à direita do advérbio *bem*, é plausível, portanto, dizer que, em orações subordinadas também, a posição SpecVP encontra-se associada à interpretação discursiva de foco informacional.

Um possível problema à idéia de que o verbo não se move para Fin em orações subordinadas completivas tem a ver com o fato de que, nesse contexto, à semelhança do que se observa em orações raízes, são atestados exemplos tanto de inversão germânica do sujeito quanto de inversão românica do sujeito. Esse fato, já descrito no capítulo 3, é ilustrado novamente com exemplos em (31), onde apresentamos sentenças encaixadas em que o sujeito posposto ocorre adjacente ao verbo finito, e com exemplos em (32), onde apresentamos exemplos em que o sujeito posposto não está adjacente ao verbo finito, constituindo casos de inversão românica.

- (31) a. Pareceu a el-Rei e aos seus que lhe **acudia** *o Céu* com socorro. (Sousa, 12.33)
- b. ordenou, que por votos secretos **declarasse** *cada um* o que julgava. (Barros, 179.1429)
- c. prometeu-lhe (...) que [já] [então] **teria** *Sara* um filho: (Vieira, 176.1052)
- (32) a. signal de que **acabara** em graça *aquella ditosa predestinada*; (Céu, 180.619)
- b. entendendo ambos que tanta obrigação **tem** para o fazer *um como o outro*. (Pinto, 63.431)
- c. dizem, que [já] [em todas aquelas praças] **ficava** aclamado *El-rei Nosso Senhor*. (Galhegos, 94.1380)

A priori, como já discutimos aqui, os possíveis exemplos de inversão germânica poderiam ser tomados como uma evidência de que o verbo se move para a periferia da sentença nas subordinadas completivas, tal como sugerimos para as orações matrizes. Essa conclusão, porém, nos parece precipitada por algumas razões. Em primeiro lugar, porque o simples fato de um sujeito posposto ocorrer linearmente adjacente ao verbo finito não pode ser tomado como uma evidência conclusiva de que, hierarquicamente, o verbo se encontra em Fin e o sujeito em SpecTP. De fato, essa ordem de palavras também poderia ser derivada como uma instância de movimento do verbo apenas até T, com permanência do sujeito em SpecVP. Ou seja, estruturalmente ainda estaríamos diante de um caso de inversão românica do sujeito, fato este que seria obscurecido

em razão de não ter sido inserido nenhum elemento entre o verbo finito e o sujeito posposto.<sup>11</sup>

Além disso, gostaríamos de destacar ainda um aspecto de natureza quantitativa. Na descrição dos dados feita no capítulo 3, vimos que havia uma diferença interessante entre orações matrizes e orações subordinadas com relação à frequência de uso de estruturas com sujeito posposto que manifestavam uma ordem linear do tipo germânica e estruturas com sujeito posposto que manifestavam uma ordem linear do tipo românica. No conjunto das orações raízes, não observamos uma distribuição homogênea entre essas duas ordens de palavras. De fato, se computarmos dentro de um mesmo grupo todas as orações matrizes V1, V2 e V3 de nossa amostra do PM, os casos de inversão germânica linear representam 18,44% e 24,42% nos séculos 16 e 17, respectivamente, ao passo que os casos de inversão românica representam 8,21% no século 16 e 14,50% no século 17. Ou seja, no âmbito das orações raízes, a frequência da ordem de palavras (X)(X)VS(X) é em torno de 10% superior à frequência de uso de sequências (X)(X)VXS. No conjunto das orações subordinadas, vimos que a diferença na frequência de uso entre a ordem com inversão germânica linear e a ordem com inversão românica era menos acentuada. Se também considerarmos todas as orações encaixadas V1, V2 e V3 que analisamos, as sentenças que mostram uma inversão germânica linear representam 12,8% dos dados no século 16 e 13,97% no século 17, enquanto que os casos de inversão românica correspondem a 8,85% no século 16 e a 10,48% no século 17. Ou seja, nas subordinadas, o que se vê é que, tanto no período quinhentista quanto no período seiscentista, a frequência de uso de sentenças (X)(X)VS(X) é não mais do que 5% superior à frequência de uso de estruturas que manifestam inversão românica. Embora seja difícil atribuir uma interpretação a esses valores, talvez possamos entender a diferença de percentual menos acentuada em orações encaixadas como uma evidência de que as sequências (X)(X)VS(X) nesse contexto apresentem uma distinção estrutural em relação às sequências que apresentam a mesma ordem linear em orações raízes. Em nosso trabalho, tomaremos esse fato quantitativo como uma evidência adicional de que os casos de orações subordinadas com um sujeito posposto adjacente ao verbo finito são apenas exemplos lineares de inversão germânica, não representando, porém, em termos de estrutura oracional, instâncias em que se tem movimento do verbo para a periferia

---

<sup>11</sup>Como apresentamos no capítulo 2, essa é exatamente a proposta de Rinke (2009) para os casos de ordem XVS nas orações matrizes do Português Arcaico. Isto é, para essa autora, sentenças desse tipo instanciam movimento do verbo apenas até T, com o sujeito posposto permanecendo na posição onde foi gerado.

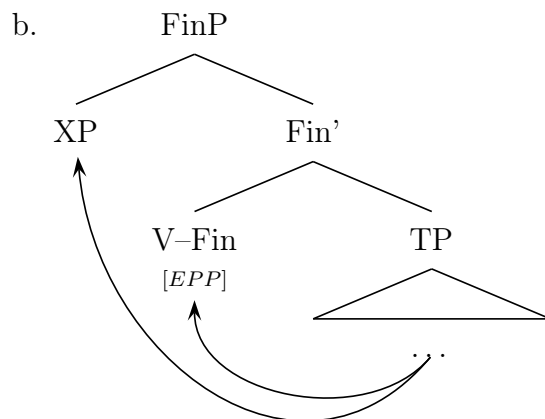
da sentença.<sup>12</sup>

## 4.2.2 EPP, Ordem Linear V2 e Violações

### 4.2.2.1 Fronteamento no PM: Violando a Ordem V2

Numa análise na linha do que Roberts (2004) propõe para as línguas V2 prototípicas, poderíamos interpretar diversos exemplos do PM como o resultado de movimento do verbo para Fin e preenchimento de SpecFinP, está última operação em razão do EPP especificado em Fin. Em (33), apresentamos um exemplo de ordem linear V2 que poderia ser explicado dessa forma.

(33) a. [<sub>XP</sub> Por meio dos parentes ] **assoprou** o Inferno os ventos, (Barros, 11.93)

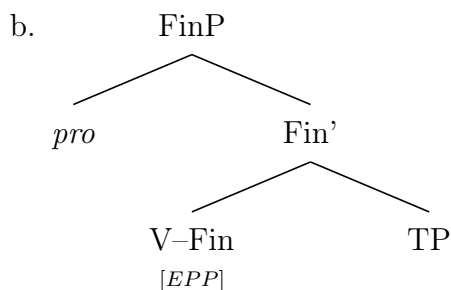


Uma análise desse tipo para o PM demanda, entretanto, uma resposta relativa aos casos de ordem V1 e V3 que são instanciados nessa língua. Começando com as sentenças verbo-iniciais, que evidências teríamos de que o requerimento determinando o preenchimento de SpecFinP é satisfeito, já que, em termos de ordem linear, não há nenhum constituinte visível precedendo o verbo finito? Especificamente em relação a sentenças V1 com sujeito nulo, poderia ser argumentado que, em tais estruturas, há um *pro* referencial nulo ocupando SpecFinP. Ou seja, tem-se uma ordem V2 estrutural,

<sup>12</sup>A priori, isso também pode se aplicar ao contexto das orações matrizes. Ou seja, as sentenças matrizes com ordem (X)(X)VS(X) também podem ser casos em que se tem inversão germânica linear, sem haver, contudo, uma configuração estrutural que de fato manifeste movimento do verbo para a periferia da sentença. Entretanto, é importante notar que, para o conjunto das orações matrizes, ao contrário do que vimos para as orações subordinadas, pudemos encontrar evidências independentes em favor da hipótese de movimento do verbo para além do núcleo de TP.

já que um elemento nulo seria o responsável por satisfazer o EPP de Fin, assumindo-se que, no PM, a posição canônica de um *pro* de sentenças com sujeito elíptico é em SpecFinP, como esquematizado em (34).<sup>13</sup>

- (34) a. [ *pro* ] **Temos** bem claro exemplo no cuidado e protecção paternal (Sousa, 9.12)



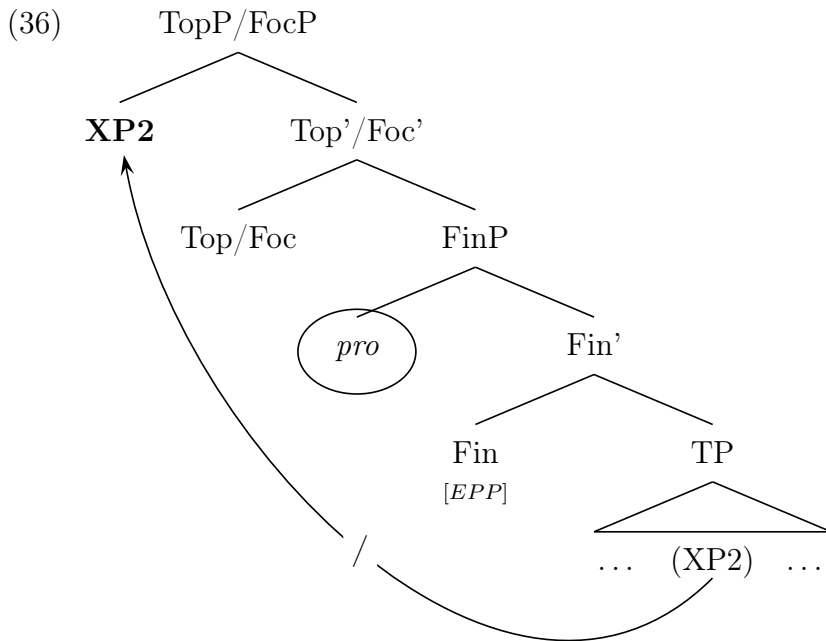
Essa proposta, porém, faz uma previsão que não se confirma quando olhamos para o nosso corpus do PM. Se sentenças com sujeito nulo apresentam um *pro* em SpecFinP, o que, por hipótese, seria suficiente para satisfazer o EPP de Fin, não esperaríamos encontrar exemplos de orações com sujeito nulo que manifestam o verbo em segunda posição linear, como exemplificado em (35).

- (35) a. [<sub>XP</sub> Muitas coisas] [ *pro* ] **sabemos** deste grande dia, (Vieira, 61.3)  
b. [<sub>XP</sub> As virtudes que exercitou Religiosa], [ *pro* ] **veneramos**; (Céu, 135.33)

Os dados em (35) seriam problemáticos pois, uma vez que o EPP de Fin é satisfeito pelo *pro* referencial, o deslocamento de qualquer outro sintagma para uma eventual posição acima de SpecFinP seria bloqueado, por questões de minimalidade relativizada, como assumimos para línguas V2 prototípicas no capítulo 2. Isso é esquematizado em (36).

---

<sup>13</sup>Essa hipótese se mantém apenas na medida em que admitimos a existência de uma categoria nula como um *pro* referencial. Se assumirmos a hipótese de que sentenças com sujeito nulo referencial têm as suas propriedades licenciadas não mediante a inserção de um elemento nulo na derivação, mas sim pela própria morfologia verbal, como propõem diferentes trabalhos (cf., entre outros, Alexiadou e Anagnostopoulou 1998; Kato 1999), não se tem mais como invocar a presença de um *pro* referencial em SpecFinP. Para uma articulação dessas propostas em relação aos dados do PM, cf. a discussão que faremos adiante em 4.2.2.2.



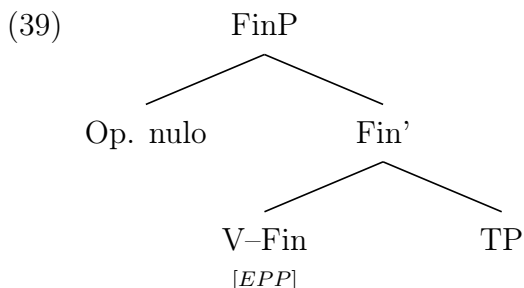
Tem-se ainda os casos de ordem V1 com sujeito visível posposto, como os exemplos em que o sujeito pós-verbal segue imediatamente o verbo finito. No que diz respeito à ordem linear, conforme já apontado em momento anterior, esse tipo de sentença se assemelha às estruturas de inversão narrativa no Alemão, como mostra a comparação entre um exemplo do PM (cf. (37)) e um exemplo do Alemão (cf. (38), extraído de Roberts & Roussou 2002:139).

(37) **Pelejou** *a armada de Holanda* com uma esquadra da armada Real de Castela,  
(Galhegos, 01.2)

(38) **Kommt** *eine Frau* herein und...  
*comes a woman in and*

Roberts (1993) assume que estruturas com inversão narrativa correspondem a casos em que, estruturalmente, um operador nulo ocupa SpecCP, precedendo o verbo finito em C. Ou seja, como o operador nulo precede o verbo finito, a restrição V2 é satisfeita, ao menos em termos estruturais. Em termos de uma proposta cartográfica, poderíamos dizer que o operador nulo ocupa SpecFinP, como esquematizado a seguir.





O problema dessa análise é que, para o PM, ela pressupõe que interpretemos os casos de sentenças verbo-iniciais com o sujeito seguindo imediatamente o verbo finito como instâncias de inversão narrativa similares ao que se tem no Alemão, por exemplo. Como já apontamos no capítulo 3, essa hipótese não se sustenta para os dados dessa fase do Português que investigamos.<sup>14</sup> Primeiro porque o que se designa de inversão narrativa é um fenômeno exclusivo de orações raízes, dada a própria natureza discursiva desse tipo de construção (cf. Cardinaletti e Roberts 2002). Como dito anteriormente, esse tipo de sentença é apropriado em início de histórias ou piadas, por exemplo. Em relação à nossa amostra de dados do PM, salientamos que, mesmo que os exemplos das orações principais venham a ser interpretados como ilustrativos de inversão narrativa, haveria ainda os casos de ordem VS(X) em orações subordinadas, os quais não encontrariam um paralelo claro em línguas V2.

Há ainda uma segunda razão, de natureza quantitativa, para não interpretar todos os casos de ordem VS(X) no PM como ilustrativos de inversão narrativa. Como apresentado no capítulo 3, vimos que, do conjunto total de sentenças V1, V2 e V3 matrizes, o percentual de orações V1 com o sujeito seguindo imediatamente o verbo representa 9,25% e 11,07% dos dados nos séculos 16 e 17, respectivamente, o que não nos parecem valores marginais. Isso contrastaria com o fato de que, em línguas V2, as construções com inversão narrativa correspondem a um padrão de estrutura pouco produtivo (cf. Kaiser 1999; Koenenman 2000). Assim, se os exemplos de ordem VS(X) no PM não são necessariamente casos de inversão narrativa, mesmo que alguns o possam ser, a hipótese de preenchimento de SpecFinP por um operador nulo para todos os casos de sequência VS(X) perde consideravelmente o seu apelo.

Uma outra alternativa para as estruturas V1 é sugerida por Ribeiro (1995). Seguindo a proposta de Watanabe (1993), a autora argumenta que movimento do verbo

<sup>14</sup>Cf. também no capítulo 2, em 2.7, a crítica que Kaiser (1999) faz a esse tipo de análise para o Português Arcaico.

para a periferia da sentença e topicalização de um constituinte talvez possam ser operações independentes, resultando nas quatro possibilidades paramétricas apresentadas em (40).

- (40) a. +TOP +V  
 b. -TOP +V  
 c. +TOP -V  
 d. -TOP -V

O que nos interessa aqui são as possibilidades paramétricas em que V é alçado para a periferia da sentença, isto é, (40a) e (40b). Na primeira, além de movimento do verbo, haveria a especificação de fronteamento de um XP. Essa seria a fixação paramétrica de línguas V2 como o Alemão. Em (40b), a escolha paramétrica determina movimento do verbo para a periferia da sentença, entretanto, ao contrário de línguas V2 prototípicas, não haveria uma fixação paramétrica determinando o fronteamento de um XP para a posição pré-verbal. Nesse caso, seriam derivadas as sentenças verbo-iniciais. Embora Ribeiro apenas sugira esse tipo de análise, fica implícito em seu trabalho que uma proposta nessa direção pode explicar o comportamento do Português Arcaico, que apresenta uma alta produtividade de sentenças V1. De maneira análoga, essa também poderia ser a explicação para os casos de V1 no PM. No entanto, uma análise nessa direção é problemática pois, para explicar de maneira completa todas as possibilidades de ordem de palavras no PM, é necessário pressupor que a escolha (40b) seja opcional. Dizemos isso pois, ainda que sentenças V1 sejam muito produtivas, gramáticas como a do PM licenciam sequências lineares em que, por exemplo, um XP precede o verbo. Para esses casos, seria necessário dizer que a escolha paramétrica foi (40a), e não (40b). Uma opcionalidade dessa natureza, evidentemente, é extremamente problemática para qualquer modelo formal baseado em categorias discretas, como é o caso da teoria gerativa em suas diferentes versões.

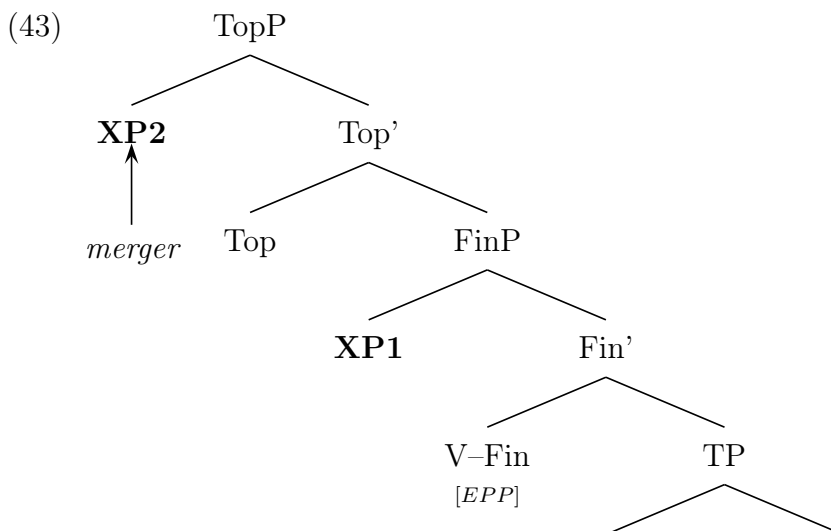
Além das dificuldades teóricas levantadas pelas sentenças V1, o PM também apresenta o problema das sequências V3 em orações matrizes. O desafio óbvio imposto por essa ordem de palavras é que mais de um constituinte precede o verbo finito, o que, ante a hipótese de que o EPP de Fin determina o preenchimento de SpecFinP por apenas um constituinte, é problemático. A seguir, apresentamos novamente alguns exemplos de ordem V3 em orações matrizes do PM.

- (41) a. [Dura jurisdição], [por não dizer tirania], exercitam hoje muitos pais sobre as condições e natureza dos filhos. (Sousa, 17.113)
- b. e [a este] [entre o festivo aplauso, e cuidadosa atenção daquele abreviado modo], **entregou** o livro: (Barros, 37.337)

Como já vimos, o Alemão, embora seja uma língua V2 prototípica, também licencia construções com o verbo finito em terceira posição linear. Mais especificamente, isso ocorre quando o constituinte em posição inicial é seguido por um elemento pronominal que o retoma, como apresentado novamente em (42) (Laenzlinger 1998:304).

- (42) Das Buch, das **habe** ich gelesen.  
*the book RES have I read*  
 ‘The book I read.’

Roberts (2004) explica a gramaticalidade de exemplos como o que apresentamos em (42) assumindo que o pronome resumptivo imediatamente pré-verbal é quem checa o traço EPP de Fin. No caso do elemento em posição inicial, este seria gerado diretamente numa posição acima de SpecFinP. Ou seja, nessa análise, elemento algum cruza SpecFinP. Portanto, não haveria violação de minimalidade relativizada, o que explicaria a possibilidade de sentenças V3 desse tipo (cf. também Haegeman 1996). Esquemáticamente, a proposta de Roberts para as sentenças V3 em línguas V2 pode ser representada da seguinte maneira.

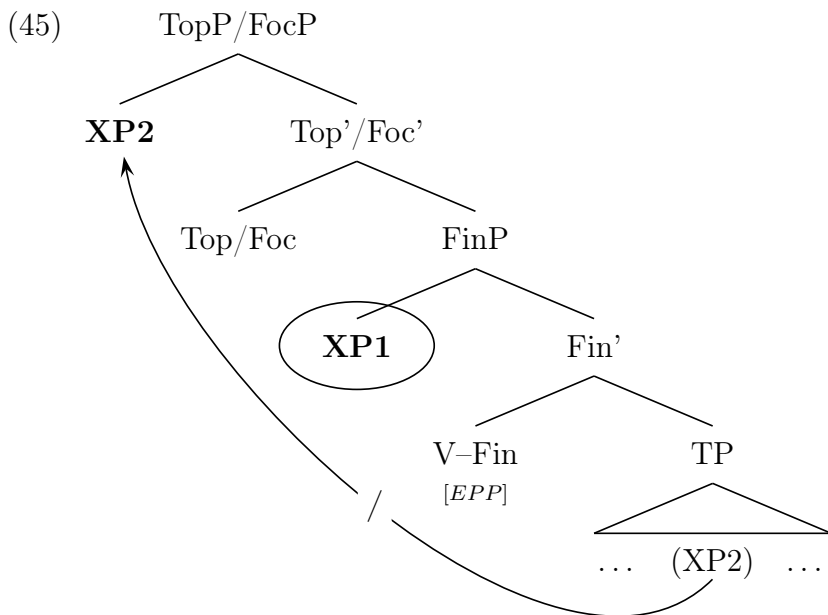


No caso do PM, alguns exemplos de ordem V3, como o apresentado em (44), poderiam receber uma análise nessa direção, já que o constituinte em primeira posição

é retomado por uma espécie de DP resumptivo imediatamente pré-verbal.

- (44) [Tudo quanto tenta e intenta o diabo em um poderoso]<sub>i</sub>, [tudo]<sub>i</sub> **leva** ao cabo,  
(Vieira, 91.616)

Mas os dados de ordem V3 em (41) são casos em que o elemento em primeira posição linear não é retomado pelo constituinte imediatamente pré-verbal. Nesses exemplos, a hipótese mais natural seria assumir que o sintagma precedendo imediatamente o verbo finito ocupa SpecFinP, satisfazendo o EPP de Fin. Se esse é o caso, como explicar então o movimento do elemento em posição inicial, já que este teria que se deslocar cruzando SpecFinP? Dentro dos pressupostos da análise de Roberts (2004), exemplos como os apresentados em (41) deveriam ser agramaticais, já que seriam casos de violação de minimalidade relativizada. Em outras palavras, por conta do EPP de Fin, a presença de um constituinte em SpecFinP deveria bloquear o movimento de qualquer outro elemento para uma eventual posição de especificador localizada mais acima na estrutura oracional, como esquematizado em (45). Neste caso, temos o mesmo tipo de problema que foi levantado para as sentenças com sujeito nulo que manifestam a ordem V2, ante a hipótese de que haveria um *pro* em SpecFinP.



Em vista do que discutimos até agora, podemos concluir dizendo que, no PM, o EPP de Fin em orações declarativas matrizes não pode ser satisfeito mediante a presença de um XP em SpecFinP, como é proposto para as línguas V2 prototípicas. Na

sequência, articularemos um caminho diferente. Argumentaremos que, nas sentenças matrizes, o movimento do verbo para Fin também satisfaz o EPP desse núcleo. Como veremos, uma análise nessa direção permitirá que expliquemos não apenas os casos de ordem linear V2, mas também os dados mais problemáticos, como as sentenças V1 e V3.

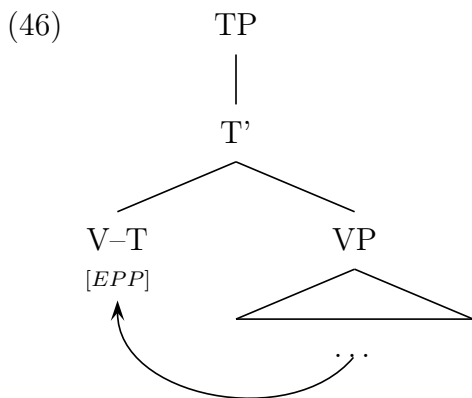
#### 4.2.2.2 Reanalizando a Sintaxe de Fronteamento no PM

No capítulo 2, argumentamos que o EPP no núcleo Fin e o EPP tradicional no núcleo T são manifestações estruturais de traços  $\phi$ . Nos dois casos, há a necessidade de preenchimento de um especificador por um XP apropriado. A diferença básica, seguindo Roberts (2004), é que Fin, ao contrário de T, não precisaria ter seu EPP checado necessariamente por um DP, já que qualquer tipo de XP pode ocupar SpecFinP. Isso ocorreria porque, diferentemente de T, Fin não é um elemento D. Agora, gostaríamos de apresentar uma maneira alternativa de como o EPP de T é licenciado, procurando estender as implicações dessa proposta para a periferia da sentença e analisando como esse novo caminho pode explicar adequadamente os diferentes padrões de ordem de palavras no PM.

Investigando línguas de sujeito nulo como o Espanhol, o Italiano e o Grego, Alexiadou & Anagnostopoulou (1998) propõem que, nesse tipo de língua, o EPP de T é satisfeito via movimento do verbo. Assumindo que o EPP é desencadeado pela presença de um traço categorial D em T, a idéia das autoras é que a morfologia verbal de línguas de sujeito nulo apresentaria esse traço categorial, dispensando, desse modo, a presença de um DP em SpecTP. Essa análise, na visão de Alexiadou & Anagnostopoulou, tem duas implicações imediatas. Uma delas é que não seria mais necessário assumir que um *pro* satisfaz o EPP de T em línguas de sujeito nulo, como é proposto, por exemplo, em Rizzi (1982). De fato, uma das únicas motivações teóricas por trás de uma categoria vazia como *pro* é permitir que línguas de sujeito nulo manifestem um paralelo estrutural com línguas que satisfazem o EPP através de um DP visível, como é o caso do Inglês. Outra implicação da análise de Alexiadou & Anagnostopoulou é que SpecTP deixa de ser projetado em línguas de sujeito nulo, tendo em vista que o verbo alçado para T já teria checado o EPP desse núcleo. Em (46), apresentamos a representação dessa proposta.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup>Propostas similares às de Alexiadou & Anagnostopoulou são desenvolvidas em Barbosa (1995, 2000) e Kato (1999).



Em termos de como o EPP é satisfeito em T, a análise de Alexiadou & Anagnostopoulou estabelece a seguinte parametrização para as línguas naturais: i) aquelas que checam o EPP de T através do preenchimento de SpecTP com um DP visível, como seria o caso do Inglês; e ii) aquelas que, por conta de sua morfologia verbal, checam o EPP de T através de movimento do verbo, como seria o caso das línguas de sujeito nulo.<sup>16</sup>

Aqui, assumiremos na íntegra a análise de Alexiadou & Anagnostopoulou, fazendo apenas uma modificação. Ao invés de seguir a proposta das autoras de que o EPP é motivado por conta da presença de um traço categorial D em T, continuaremos assumindo, como já apresentado no capítulo 2, que o EPP é a manifestação estrutural de traços  $\phi$ .

Tendo isso em mente, propomos agora uma outra possibilidade de checagem do EPP em Fin, além da maneira prototípica observada em línguas V2, em que se tem o preenchimento de SpecFinP. Nossa idéia é que haja a possibilidade paramétrica de o núcleo Fin ter o seu EPP licenciado mediante movimento do verbo, à semelhança do que Alexiadou & Anagnostopoulou propõem para a checagem do EPP no domínio de TP em línguas de sujeito nulo como o Italiano, o Espanhol e o Grego. Ou seja, nossa hipótese é que haja um paralelo a respeito de como o EPP pode ser checado no domínio de flexão e no domínio periférico. Em outras palavras, tanto no âmbito de TP quanto no âmbito de FinP o EPP pode ser licenciado de duas formas distintas, a depender de uma fixação paramétrica: ou através da concatenação de um XP numa posição de especificador (SpecTP ou SpecFinP) ou através de movimento do verbo para o núcleo

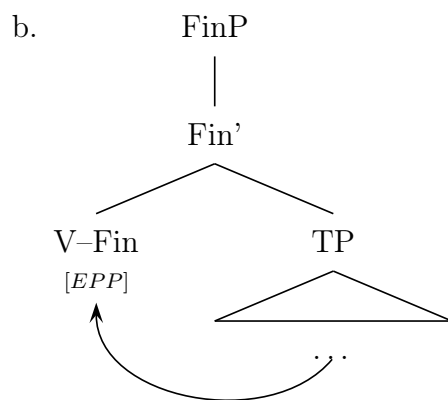
<sup>16</sup>Para Alexiadou & Anagnostopoulou, nas línguas em que o EPP de T é satisfeito via movimento do verbo, eventuais sujeitos pré-verbais ocupariam uma posição periférica na estrutura oracional, e não SpecTP.

onde o EPP é especificado (T ou Fin). Essa proposta de paralelismo entre a forma como o EPP é checado no domínio de TP e a forma como é checado no domínio de FinP é plausível na medida em que tanto o EPP de T quanto o EPP de Fin são motivados pela presença de traços  $\phi$ .

Em vista dessa hipótese de parametrização do EPP associado aos traços  $\phi$ , nossa idéia é que o PM seja uma língua em que o EPP de Fin é checado mediante movimento do verbo. Isso é plausível considerando que, em todo o seu desenvolvimento histórico, o Português Europeu sempre se caracterizou como uma língua de sujeito nulo que manifesta uma morfologia verbal rica. Aceito esse pressuposto, vejamos a partir de agora como se daria a implementação das ordens de palavras em orações matrizes V1, V2 e V3 no PM.

Numa sentença V1, o verbo se deslocaria para a periferia da sentença a fim de satisfazer o traço de finitude [+F] de Fin. Uma vez em Fin, o verbo também checaria o EPP associado aos traços  $\phi$  desse núcleo, dispensando, assim, a inserção de um XP em SpecFinP. Em nossa proposta, por não ser necessário o preenchimento de SpecFinP, não haveria a necessidade de ser projetado tal especificador, à semelhança do que Alexiadou & Anagnostopoulou sugerem em relação ao especificador de TP nos casos em que o EPP de T é satisfeito via movimento do verbo. A representação de uma sentença V1 como (47a) é esquematizada em (47b).

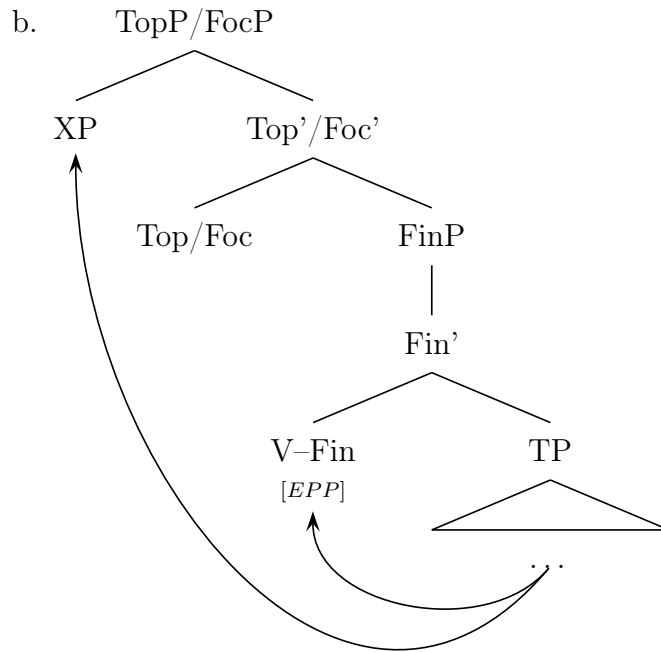
- (47) a. **Tinha** ele conquistado naquela Quaresma principalmente as almas dos Portugueses; (Barros, 137.1115)



Com relação às sentenças com ordem linear V2, a idéia básica é a de que o XP pré-verbal ocuparia um especificador acima de FinP — ou o especificador de uma categoria TopP ou o especificador de FocP, a depender do traço discursivo motivando

o seu alçamento para a periferia da sentença. Em nossa análise, o XP pré-verbal não se move através de SpecFinP, dado que esse especificador não é projetado. Em (48), apresentamos novamente um exemplo de oração matriz com ordem linear V2, acompanhado de sua respectiva representação.

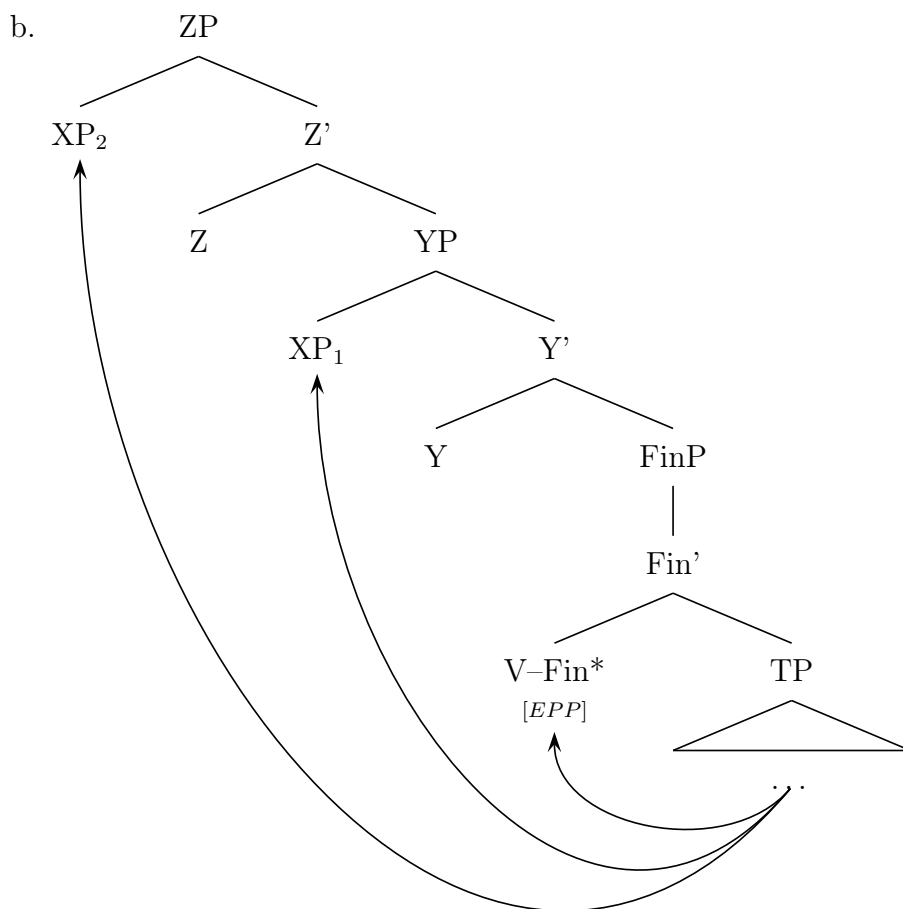
(48) a. [<sub>XP</sub> Por meio dos parentes ] **assoprou** o Inferno os ventos, (Barros, 11.93)



Quanto às orações com ordem linear V3, os constituintes pré-verbais também ocupariam posições acima do domínio de FinP, sem a necessidade de se deslocarem através de SpecFinP. Em (49a), apresentamos novamente um exemplo de ordem linear com múltiplos fronteamentos, agora acompanhado de sua representação conforme a nossa proposta (cf. 49b)).

(49) a. [<sub>XP2</sub> Dura jurisdição], [<sub>XP1</sub> por não dizer tirania], exercitam hoje muitos pais sobre as condições e natureza dos filhos. (Sousa, 17.113)





Cabe aqui um comentário sobre a derivação das ordens lineares V2 e V3. Na proposta de Roberts (2004), por questões de minimalidade relativizada, o EPP é o responsável por bloquear o movimento de mais de um XP para a periferia da sentença em línguas V2. A idéia é que, como o movimento do XP é desencadeado unicamente pelo EPP, tal sintagma não pertenceria a nenhuma classe de potenciais barreiras, o que bloquearia o fronteamento de qualquer outro XP. Em vista das reformulações que fizemos para a maneira como o EPP de Fin pode ser licenciado, essa propriedade teoricamente deveria funcionar como uma barreira independentemente de ser satisfeita por um XP ou por movimento do verbo. Se esse é o caso, esperaríamos encontrar no PM apenas sentenças matrizes V1, já que, com o movimento do verbo para Fin também satisfazendo o EPP associado aos traços  $\phi$ , o deslocamento de qualquer sintagma para a periferia da sentença seria bloqueado pelo verbo finito. O dado concreto, entretanto, é que isso não ocorre no PM, como atestam as sentenças com ordem linear V2 e V3. Ou seja, a gramática do Português desse período apresenta uma diferença fundamental

em relação a línguas V2 prototípicas. Nestas, o XP que licencia o EPP de Fin funciona como uma barreira. No caso do PM, o verbo finito licenciando o EPP de Fin não impede o deslocamento de um ou mais constituintes para posições mais acima no sistema CP. Aqui, não apresentaremos uma resposta específica para essa diferença. Apenas apontamos que, ao contrário do XP pré-verbal em línguas V2 estritas, o movimento do verbo para a periferia da sentença no PM é desencadeado por razões independentes do EPP associado aos traços  $\phi$  de Fin. Na realidade, poderíamos dizer que o alçamento de V ocorre, em princípio, por conta do traço [+F] em Fin. A capacidade de licenciar o EPP via movimento do verbo, ao invés de um gatilho *per se*, seria apenas uma estratégia de economia derivacional resultante das propriedades morfológicas de V, já que isso dispensaria o deslocamento de um outro constituinte para ocupar SpecFinP. Deixando para trabalhos futuros a elaboração de uma solução para esse problema, continuaremos assumindo nesta tese que o movimento do verbo para Fin, enquanto uma das possibilidades para satisfazer o EPP associado aos traços  $\phi$  de Fin, não funciona como uma barreira.

#### 4.2.2.3 Algumas Previsões

Uma primeira previsão que a nossa proposta faz é a de que os constituintes pré-verbais no PM se deslocam por razões puramente pragmático-discursivas. Dizemos isso pois os elementos seriam fronteados ou para satisfazer um traço de tópico em TopP ou um traço de foco em FocP, considerando que o EPP de Fin é satisfeito via movimento do verbo finito. Embora não tenhamos abordado nesta tese a questão do estatuto informacional dos elementos que podem preceder o verbo no PM, nossa previsão vai ao encontro de uma série de trabalhos sobre as línguas românicas em estágios passados, os quais argumentam que a restrição V2 nessas línguas determinava que o elemento pré-verbal tivesse algum tipo de função pragmática (cf., por exemplo, Salvi 2001; Benincà 2006; Cruschina & Sitaridou 2009). Em nossa análise, essa observação é esperada ante o fato de que os sintagmas se movem para a periferia da sentença motivados unicamente por questões pragmático-discursivas.<sup>17</sup> Note-se que, numa língua V2 em que Fin tem o seu traço EPP checado por meio de um XP, o elemento pré-verbal não necessita estar associado às funções discursivas de tópico ou foco, como bem ilustra o exemplo a seguir do Alemão, que admite um expletivo precedendo o verbo finito (Roberts & Roussou

---

<sup>17</sup>Para um estudo a respeito da natureza informacional dos elementos pré-verbais no PM, cf. Gibrail (2010).

2002:128).

- (50) Es **wurde** getrunken.  
it was drunk  
'People were drinking.'

Nossa análise também prevê que, em termos de ordem básica de palavras, o PM seja uma língua essencialmente VS. Dizemos isso pois, de acordo com a proposta aqui defendida, apenas o verbo se moveria para a periferia da sentença independentemente de razões discursivas (o traço [+F] de Fin). Já com relação ao sujeito, para ocorrer em posição pré-verbal, haveria a necessidade de um traço de tópico ou foco motivando o deslocamento para o sistema CP, o que, por essa razão, representaria uma ordem de palavras discursivamente marcada. De fato, como já mostramos anteriormente, no âmbito de sentenças raízes V1, V2 e V3 com sujeito realizado foneticamente, vimos que, em nossa amostra de dados, a ordem com sujeito posposto é sempre superior à frequência da ordem de palavras com sujeito pré-verbal. No século 16, tem-se a seguinte distribuição: sequências com sujeito pós-verbal correspondem a 60,64%, enquanto que sequências com o sujeito precedendo o verbo correspondem a 39,36%. No século 17, orações com sujeito posposto apresentam a frequência de 66,41%, ao passo que orações com sujeito pré-verbal apresentam a frequência de 33,59%. Ou seja, nesses dois séculos do PM por nós investigados, a frequência de sentenças com sujeito pós-verbal é sempre mais de 20% superior à frequência de orações com sujeito pré-verbal (a diferença é de 21,28% no século 16 e de 32,82% no século 17). Em termos quantitativos, esses valores podem ser interpretados como uma confirmação da previsão de que a ordem linear com sujeito pós-verbal é a sequência de palavras básica no PM.

Apresentaremos agora uma questão relacionada a orações interrogativas *wh*. Em línguas V2 prototípicas, observa-se um paralelo entre orações declarativas matrizes e orações interrogativas *wh* matrizes no que diz respeito ao padrão de ordem de palavras. De fato, o mesmo paradigma de ordem V2 é observado nesses dois contextos sintáticos. Isso é exemplificado em (51) e (52) com dados do Alemão e do Dinamarquês, respectivamente (Vikner 1995:39).

- (51) a. Dieses Buch **hat** Peter gelesen  
this book has Peter read  
b. Welches Buch **hat** Peter gelesen?  
which book has Peter read

- (52) a. Denne bog **har** Peter læst  
           *this book has Peter read*
- b. Hvilken bog **har** Peter læst?  
           *which book has Peter read*

As sentenças em (51) do Alemão mostram que o mesmo tipo de inversão do sujeito que se tem em orações declarativas matrizes também é observado em interrogativas *wh*. No Dinamarquês, como mostram as sentenças em (52), tem-se também um padrão semelhante de inversão verbo-sujeito nos dois contextos sintáticos. Outro fato a ser destacado é que o constituinte *wh* deve aparecer adjacente ao verbo finito, funcionando como o XP inicial de orações declarativas matrizes V2. Esse segundo fato é exemplificado em (53) com dados do Alemão (Roberts & Roussou 2002:138).

- (53) a. Was **hast** du gelesen?  
           *what have you read*
- b. \*Was du **hast** gelesen?  
           *what you have read*

Tendo em conta que, nas línguas que manifestam o efeito V2 em orações declarativas matrizes, observa-se o mesmo padrão de ordem de palavras em interrogativas *wh*, poderíamos fazer uma previsão a respeito da sintaxe do PM. Nossa hipótese é que, nas declarativas matrizes dessa fase do Português, estão em operação os mesmos requerimentos das declarativas matrizes de línguas V2. Isto é, o núcleo Fin apresenta tanto um traço [+F] quanto traços  $\phi$  associados ao EPP. Em línguas V2 típicas e no PM, o traço [+F] é satisfeito de forma similar, a saber, mediante movimento do verbo finito para Fin. Já com relação ao EPP associado aos traços  $\phi$  de Fin, haveria uma diferença. Numa língua V2 como o Alemão, o EPP é licenciado através da presença de um XP qualquer em SpecFinP. Já no PM, nossa proposta é que, além de satisfazer o traço [+F], o verbo finito também licenciaria o EPP. Ou seja, em termos de especificação de traços, o PM é similar a uma língua V2. A diferença está na maneira como uma dessas especificações é licenciada. Assim, considerando a natureza V2 do PM, ainda que particular no modo como um dos requerimentos relevantes é satisfeito, somos levados a esperar que, nesse estágio do Português Europeu, haja um paralelismo entre orações declarativas matrizes e orações interrogativas *wh*.

Em trabalho anterior, realizamos uma investigação a respeito das propriedades de orações interrogativas *wh* matrizes num conjunto de textos dos séculos 16 e 17 (cf.

Antonelli 2008). Embora nem todas as obras consultadas tenham sido as mesmas que analisamos nesta tese, o fato relevante é que, como se trata do mesmo período de tempo, parece plausível supor que também estamos diante de textos representativos da gramática do PM. Nesse estudo sobre sentenças interrogativas, registramos ocorrências de exemplos em que o constituinte *wh* não aparece adjacente ao verbo finito, como exemplificado em (54) (Antonelli 2008:6).

(54) e se estas ali achariam piedade, *¿ como* [àquelas] se lhes não **fará** bom lugar ali?  
(século 17)

Em (54), observa-se que, além dos clíticos e do elemento de negação *não*, que também se comporta como um clítico (cf. Namiuti 2008), há entre o verbo finito e a expressão *wh* um dos argumentos internos do verbo *fazer*. Nesse exemplo, o sujeito da sentença passiva com *se*, isto é, o sintagma *bom lugar*, aparece imediatamente após o verbo. Assumindo a hipótese de que, nas interrogativas desse período, o verbo se move para a periferia da sentença (cf. Lopes-Rossi 1996), como explicar a presença de um XP exatamente entre a expressão *wh* e o verbo finito, ao contrário do que se vê em línguas V2 típicas? Em nossa análise, a resposta a tal indagação decorre do paralelismo entre orações declarativas matrizes e orações interrogativas *wh*. Suponhamos que, tal como nas declarativas matrizes, as sentenças interrogativas também apresentem o núcleo Fin especificado com traços  $\phi$  associados à propriedade EPP. No caso de uma língua V2 típica, o EPP nas interrogativas seria satisfeito pelo elemento *wh*, ainda que este elemento se desloque posteriormente para uma posição mais alta.<sup>18</sup> No caso do PM, o EPP das interrogativas seria satisfeito pelo verbo finito, tal como nas declarativas matrizes. Nessa configuração, a expressão *wh* não precisaria passar por SpecFinP para licenciar o EPP. Além disso, como o EPP é satisfeito por um núcleo, a presença de mais de um XP em ordem linear pré-verbal não é bloqueada, como discutimos anteriormente. Consequentemente, temos uma explicação para o exemplo (54), em que o sintagma *wh* e um XP argumento precedem o verbo finito.

#### 4.2.2.4 Uma Comparação Trans-linguística

Em vista da discussão sobre a natureza V2 particular do PM, é natural nos perguntarmos se existem evidências trans-linguísticas de sistemas gramaticais que se comportam de modo similar. Em outras palavras, haveria outras línguas que, à semelhança do PM,

---

<sup>18</sup>Rizzi (1997) defende que expressões interrogativas ocupam SpecFocP.

também manifestam movimento sistemático do verbo para Fin em orações declarativas matrizes, com o mesmo padrão de fronteamento de XP's? A partir de dados do Árabe padrão e do Chalcatongo Mixtec, que pertencem a troncos linguísticos não românicos, mostraremos que a resposta a essa pergunta é positiva.

Começaremos essa apresentação discutindo dados do Árabe. Inicialmente, apresentaremos algumas evidências de que esta língua, em orações matrizes, manifesta movimento sistemático do verbo para a periferia da sentença. Uma dessas evidências pode ser observada a partir de construções existenciais, como indica Benmamoun (1999). Esse autor mostra que, à semelhança do que ocorre no Inglês, construções existenciais no Árabe envolvem a presença de um locativo, equivalente a *there* em Inglês, e a presença de um NP marcado com Caso nominativo, tal como exemplificado em (55) (Benmamoun 1999:115).

- (55) kaana hunaaka Taalib-un fii l-fiadiiqati  
*was there student-NOM in the-garden*  
 'There was a student in the garden.'

Um fato interessante a respeito dessas construções é que o expletivo aparece necessariamente à direita do verbo auxiliar. Isso pode ser observado comparando-se o dado (55) com o exemplo (56) a seguir (Benmamoun 1999:115).

- (56) \*hunaaka kaana Taalib-un fii l-fiadiiqati  
*there was student-NOM in the-garden*

Benmamoun assume que, em construções existenciais, o expletivo se encontra em SpecIP (isto é, SpecTP na terminologia aqui assumida), ao passo que o NP marcado com Caso nominativo permanece em sua posição lexical dentro da projeção VP, à semelhança do que ocorre no Inglês. Consequentemente, conforme argumenta o autor, pelo fato de se ter o verbo finito sempre precedendo o expletivo, é necessário assumir que o verbo tenha sido alçado para a periferia da sentença.

Outro argumento que parece favorecer a hipótese de movimento do verbo para o sistema CP em orações matrizes vem de uma comparação com a ordem de palavras em orações encaixadas. Em orações matrizes, sentenças com ordem VS são perfeitamente aceitáveis, sendo, na realidade, a ordem de palavras não marcada, como mostra o exemplo a seguir de Shlonsky (1997:7).

- (57) **katabat** Mona risaalatan.  
*wrote Mona letter*  
 'Mona wrote a letter.'

Em orações encaixadas introduzidas pelo complementizador *?anna*, por outro lado, a ordem VS é agramatical, como mostra o contraste em (58) (cf. Mohammad 2000).

- (58) a. \**hasiba ?ahmadu ?anna ?akala ?aliyyan attuffāhata*  
*thought Ahmed that ate Ali the-apple*  
 ‘Ahmed thought that Ali ate the apple.’
- b. *hasiba ?ahmadu ?anna ?aliyyan ?akala attuffāhata*  
*thought Ahmed that Ali ate the-apple*

O mesmo pode ser dito a respeito das orações encaixadas introduzidas pelo complementizador *?inna*, que também não admitem a posposição do sujeito.<sup>19</sup> Como se vê, em (59a) o sujeito da oração encaixada é pós-verbal, o que resulta na agramaticalidade da sentença. Em (59b), por sua vez, o sujeito é pré-verbal, o que resulta numa sentença perfeitamente gramatical.

- (59) a. \**qāla ?ahmadu ?inna ?akala ?aliyyan attuffāhata*  
*said Ahmed that ate Ali the-apple*  
 ‘Ahmed said that Ali ate the apple.’
- b. *qāla ?ahmadu ?inna ?aliyyan ?akala attuffāhata*  
*said Ahmed that Ali ate the-apple*

Essa assimetria entre orações matrizes e orações encaixadas é esperada caso se adote uma análise que postule movimento do verbo para o sistema CP. Nas matrizes, tal movimento produziria a inversão verbo-sujeito que se atesta em (57). Já nas orações encaixadas, em razão da presença do complementizador na periferia da sentença, o alçamento do verbo para o sistema CP é bloqueado, tornando dessa forma impossível a ordem VS, como comprovam (58a) e (59a).

A partir dessas evidências a favor da hipótese de movimento de V para a periferia da sentença, poderíamos dizer que, à semelhança das línguas V2, o Árabe também apresenta, em orações matrizes, alçamento do verbo finito para Fin, o núcleo mais baixo da periferia cartográfica. Entretanto, embora se assemelhe às línguas V2 no que diz respeito à sintaxe da posição do verbo, o Árabe se diferencia de uma língua como o Alemão por não manifestar a restrição de ordem linear determinando que o verbo apareça obrigatoriamente em segunda posição numa sentença matriz. De fato, embora seja possível o licenciamento de orações com ordem linear V2 (cf. (60)), o Árabe também

<sup>19</sup>A escolha entre um ou outro complementizador é determinada pelo verbo da oração matriz.

admite tanto seqüências com mais de um constituinte em posição pré-verbal (cf. (61)) quanto seqüências com o verbo em primeira posição absoluta (cf. (57) novamente).<sup>20</sup>

- (60) Naadya **jeef** Kariim mbeerih.  
*Nadia saw Karim yesterday*  
 ‘Nadia, Karim saw yesterday.’

- (61) Nəkte Naadya **χabbaruw-a**.  
*joke Nadia told.3P-her*  
 ‘A joke, Nadia, they told her.’

Vejamos agora alguns fatos relacionados ao Chalcatongo Mixtec,<sup>21</sup> tal como descritos em Macaulay (2005). Nessa língua, cuja ordem básica de palavras é a sequência VS, há evidências de duas posições distintas para sujeitos pós-verbais. Por exemplo, sujeitos clíticos, que se assumem serem XP’s, ocorrem em posição pós-verbal tanto adjacentes ao verbo quanto separados deste por um advérbio, como mostra o par de sentenças em (62) (Macaulay 2005:352 e 359).

- (62) a. čaà=rí      šĩã      žáʔa  
*come=subj.1S tomorrow here*  
 ‘I’ll come here tomorrow.’
- b. nižéé šãã=rí      staà  
*eat much=subj.1S tortilla*  
 ‘I ate excessively.’

Uma forma de explicar esses fatos seria assumir que, em (62a), o sujeito clítico *rí* se move para SpecTP a partir de sua posição base em SpecVP, cruzando, portanto, o advérbio. Em (62b), por sua vez, o sujeito permanece em SpecVP, como evidencia o fato de não ter cruzado o advérbio. Se, em (62a), o sujeito posposto realmente está em SpecTP, consequentemente o verbo em posição inicial estará numa posição da periferia da sentença.

Um argumento similar pode ser obtido olhando-se para construções com um sujeito plural. No Chalcatongo Mixtec, a noção de pluralidade pode ser indicada através do morfema livre *xináʔa*, como mostra o exemplo (63) (Macaulay 2005:360).

<sup>20</sup>Os dados em (60) e (61) foram extraídos de Aoun e Benmamoun (1998:572 e 584).

<sup>21</sup>Essa língua pertence à família Otomaguean, falada na região montanhosa do estado de Oaxaca, México.



- (63) s-kitáʔã      žũnũ    žáʔa    xínaʔa=Ø  
          CAUS-meet   wood   this   plural=3  
          ‘Put these pieces of wood together.’

Como a sentença a seguir mostra, um sujeito clítico pós-verbal pode ser separado do marcador de pluralidade. No exemplo em questão, essa intervenção é feita por um adjunto locativo (Macaulay 2005:361).

- (64) kúžaa=ri      núndua    xináʔa=ri  
          live=subj.1S   Oaxaca   plural=1  
          ‘We will live in Oaxaca.’

Uma maneira possível de explicar a separação entre o sujeito e a marca de plural seria assumindo que aquele se move por sobre o adjunto locativo, ao passo que este permanece numa posição mais baixa da sentença. Localizando essas posições dentro da estrutura oracional, isso equivaleria a dizer que o sujeito se moveu para SpecTP, com o morfema de pluralidade tendo permanecido em SpecVP. No que diz respeito à sintaxe da posição do verbo, esse exemplo também assinala que o verbo deve estar numa posição mais alta do que SpecTP, em razão de preceder o sujeito, sugerindo, portanto, movimento do verbo para a periferia da sentença.

Lembrando a discussão sobre os dados do Árabe, poderíamos igualmente argumentar que o Chalcatongo Mixtec também apresenta um requerimento determinando movimento do verbo para Fin, à semelhança de línguas V2. Note-se, porém, que, tal como no Árabe, mas diferentemente de línguas V2 prototípicas, não há restrição quanto ao número de sintagmas em posição pré-verbal. Por exemplo, a ordem de palavras básica no Chalcatongo Mixtec é a sequência VS, como já exemplificado em alguns dados anteriores e ilustrado novamente a seguir (Macaulay 2005:342).<sup>22</sup>

- (65) **nìnaa inì**      čáá    ndoʔò.  
          lose    insides   man   basket  
          ‘The man forgot his basket.’

Além da ordem básica com verbo em posição inicial, tem-se também sentenças matrizes em que o verbo aparece precedido por um XP, como mostra o exemplo (66) (Macaulay 2005:348).

<sup>22</sup>No exemplo (65), o verbo *esquecer* é uma unidade complexa formada pelo verbo *nìnaa* ‘perder’ mais o elemento *inì*, que corresponde a um termo identificador de parte do corpo.

- (66) statilá **nisaʔa** Miguel  
*bread made Miguel*  
 ‘Miguel made the bread.’

Pode-se ainda ter sentenças com mais de um XP precedendo o verbo. Em (67), por exemplo, o verbo segue linearmente dois sintagmas (Macaulay 2005:349).

- (67) kaxá wáã tènana **ñúʔũ**.  
*caja the tomato contain*  
 ‘The box contains tomatoes.’

No Chalcatongo Mixtec, o que vemos também é que, embora se assemelhe a línguas V2 no que diz respeito à propriedade de movimento do verbo, seu comportamento se diferencia em relação às possibilidades de fronteamento. Considerando também o Árabe, poderíamos dizer que essas duas línguas apresentadas manifestam os mesmos requerimentos observados no PM. Ou seja, nas orações declarativas matrizes, o núcleo Fin estaria especificado com um traço de finitude [+F], o que demandaria movimento do verbo para o sistema CP. Além disso, Fin também manifestaria traços  $\phi$  associados ao EPP. Como no PM, mas diferentemente do que ocorre nas línguas V2 típicas, o verbo finito também licenciaria o EPP no Árabe e no Chalcatongo Mixtec. Nesse sentido então, tais línguas seriam diferentes dos sistemas V2 típicos unicamente em relação ao modo como o EPP dos traços  $\phi$  de Fin é satisfeito. Ao invés de preenchimento de SpecFinP por um XP qualquer, o verbo finito se deslocaria para Fin. Essa hipótese de que o verbo checa o EPP associado aos traços  $\phi$  de Fin parece plausível dado que, tanto no Árabe quanto no Chalcatongo Mixtec, observa-se um sistema de concordância rico o suficiente para licenciar, por exemplo, sujeitos nulos (cf. Shlonsky 1997 em relação ao Árabe e Haspelmath *et al.* em relação ao Chalcatongo Mixtec). Tais fatos se tornam mais interessantes na medida em que, conforme assinala Roberts (2004), a manifestação do efeito V2 típico é um traço distintivo de línguas que apresentam um sistema de concordância empobrecido. Essa correlação parece mostrar então que, realmente, propriedades da morfologia verbal têm um papel crucial na maneira como se dá a variação no preenchimento da periferia da sentença, tal como argumentamos aqui.

Embora tenhamos trazido como evidência trans-linguística apenas o caso do Árabe e do Chalcatongo Mixtec, há indícios de que mais línguas apresentam um comportamento semelhante ao do PM. Por exemplo, Carnie, Harley e Pyatt (2000) mostram que, no Irlandês Antigo, há um requerimento determinando o preenchimento do núcleo

C na periferia da sentença, que pode ser satisfeito inclusive via movimento do verbo, sem que haja um XP em posição pré-verbal. Um ponto importante a ser destacado é que, nessa fase, o Irlandês apresentava um sistema de concordância consideravelmente enriquecido. Situação similar é observada no Alto Alemão Antigo, que, enquanto uma língua que manifestava sujeitos nulos referenciais, também se caracteriza por apresentar movimento obrigatório do verbo para a periferia da sentença, sem, contudo, manifestar necessariamente um XP em posição pré-verbal (cf. Axel 2007). Além disso, poderíamos citar o caso de todas as línguas românicas antigas a respeito das quais tem sido debatido se eram ou não realmente línguas V2 (cf., por exemplo, Adams 1987 e Kaiser 2002 em relação ao Francês Antigo e Ribeiro 1995 e Rinke 2009 em relação ao Português Arcaico). Embora manifestassem ordens de palavras V2, tais línguas também apresentavam tanto sequências lineares V1 quanto sentenças V3, ordens de palavras estas nem sempre compatíveis com um sistema estritamente V2 do tipo do Alemão. Ou seja, se de fato essas línguas românicas antigas eram gramáticas V2, trata-se de um sistema muito mais flexível do que aquele observado nas línguas V2 prototípicas. Tendo em conta que a propriedade de sujeito nulo é um traço distintivo de todas as línguas românicas antigas, poderíamos levantar a hipótese de que todas elas manifestavam os mesmos requerimentos de línguas V2, mas, tal como o PM, licenciavam o EPP associado aos traços  $\phi$  de Fin mediante movimento do verbo. Dentro da proposta desenvolvida nesta tese, isso abriria uma possibilidade teórica para explicar não apenas a ordem linear V2, mas também o licenciamento de todas as outras sequências de palavras que não apresentam um paralelo claro em gramáticas V2 prototípicas. Aqui apenas sugerimos essa linha de investigação, deixando para pesquisas futuras verificar até que ponto essa hipótese pode ser estendida para outras línguas românicas em fases passadas.

### 4.3 A Sintaxe do Português dos Séculos 18 e 19

Nesta seção, olharemos para a sintaxe do Português dos séculos 18 e 19, considerados aqui como os dois séculos iniciais da gramática do Português Europeu Moderno (PE). A idéia é investigar em que medida a gramática do PE, especificamente em relação à sintaxe da posição do verbo, é diferente ou não da gramática do PM.

Ao longo desse capítulo, já deixamos subentendido em alguns momentos que, em orações declarativas matrizes do PE falado atualmente, ocorre movimento do verbo

apenas até o domínio de TP. De fato, mostraremos a partir de agora que, desde o seu momento inicial no século 18, a gramática do PE já se diferencia da gramática do PM por não instanciar movimento do verbo para a periferia da sentença nas orações matrizes. Antes, porém, de abordarmos os séculos 18 e 19, faremos uma discussão a respeito da posição do verbo no PE atual, conforme registrado na literatura, ampliando assim as evidências de que, na fase atual do Português Europeu, de fato o verbo permanece no domínio de TP.

### 4.3.1 A Posição do Verbo no PE Atual

Para discutir a questão da posição do verbo no PE atual, faremos em mais detalhes uma apresentação do tópico relacionado à posição de sujeitos pré-verbais. Um intenso debate a respeito da sintaxe do PE diz respeito justamente à questão da posição de sujeitos pré-verbais. Alguns autores argumentam que uma posição no domínio de flexão, SpecTP na terminologia aqui assumida, é o *locus* canônico de sujeitos pré-verbais (cf. Duarte 1987; Costa 1998, 2004; Costa & Galves 2002). Porém, uma outra hipótese é a de que sujeitos pré-verbais ocupam necessariamente uma posição de tópico, o que seria uma propriedade mais geral das línguas românicas de sujeito nulo (cf., em particular, Barbosa 1995, 2000, 2006). Essa questão da posição dos sujeitos pré-verbais tem um papel importante na tarefa de determinar a posição do verbo. Dizemos isso pois, por um lado, se aceitarmos que o sujeito pré-verbal se encontra em SpecTP, não se pode assumir que o verbo se deslocou para a periferia da sentença, já que, para ser derivada a ordem SV, o verbo deve estar numa posição abaixo da que é ocupada pelo sujeito. Por outro lado, se o sujeito pré-verbal ocupa uma posição de tópico, hipoteticamente SpecTopP na periferia da sentença, a ordem SV ainda pode ser um caso de movimento do verbo para o sistema CP. No que se segue, apresentaremos esse debate a respeito da posição do sujeito pré-verbal, para, a partir disso, determinar a questão da posição do verbo em orações matrizes.

Inicialmente, apresentaremos a hipótese de que sujeitos pré-verbais ocupam uma posição de tópico. Barbosa (1995, 2000, 2006) assume que a posição argumental ocupada pelo sujeito em sentenças neutras do PE, bem como nas outras línguas de sujeito nulo como o Italiano e o Espanhol, é a posição pós-verbal em SpecVP, como esquematizado em (68) para o PE.

(68) telefonou [<sub>VP</sub> o João

Para a autora, os sujeitos pré-verbais das línguas de sujeito nulo ocupam uma posição A-barra. Barbosa argumenta que sentenças SV em que o sujeito não é um sintagma quantificacional ou um sujeito definido focalizado contrastivamente são derivadas da seguinte maneira: o sujeito pré-verbal é gerado numa posição de adjunção à categoria IP, sendo indexado a um *pro* elíptico localizado no interior de IP, construção esta que é denominada de *clitic left dislocation*. O elemento nulo no interior de IP seria o verdadeiro sujeito argumental que recebe o papel temático assinalado pelo verbo. O esquema dessa representação é apresentado em (69).

(69) [IP o João<sub>i</sub> [IP telefonou *pro*<sub>i</sub> ]]

Para sustentar a sua hipótese de que sujeitos pré-verbais não estão em SpecIP, mas sim numa posição de adjunção, funcionando como tópicos, Barbosa discute o padrão de colocação de clíticos no PE. Nesta língua, a ênclise é obrigatória ou em construções verbo-iniciais (cf. (70a)) ou em construções nas quais, precedendo o verbo, encontra-se um tópico (cf. (70b)) ou um sujeito pré-verbal referencial (cf. 70c)) (Barbosa 2000:35).<sup>23</sup>

- (70) a. **Viu-o** o João / \***O viu** o João  
 b. Esses livros, **dei-os** à Maria / \*Esses livros, **os dei** à Maria  
 c. A Maria **viu-o** / \*A Maria **o viu**

A próclise, por sua vez, é obrigatória nos seguintes casos: i) em orações negativas (cf. (73a)); ii) em orações encaixadas (cf. (71b)); iii) em sentenças cujo XP pré-verbal é um quantificador (cf. (71c)), um sintagma *-wh* (cf. (71d)), um constituinte focalizado (cf. (71e)) ou certos tipos de advérbios (cf. (71f)) (Barbosa 2000:36).

- (71) a. O João não **a viu** / \*O João não **viu-a**  
 b. Eu duvido que ele **a visse** / \*Eu duvido que ele **visse-a**  
 c. Alguém **o viu** / \*Alguém **viu-o**  
 d. Quem **o viu?** / \*Quem **viu-o?**  
 e. Só o Pedro **o viu** / \*Só o Pedro **viu-o**  
 f. O Pedro já **o viu** / \*O Pedro já **viu-o**

---

<sup>23</sup>Cf. também a apresentação feita no capítulo 2, seção 2.6.

Para Barbosa, os casos de ênclise no PE apresentam o verbo em primeira posição e derivam da aplicação da lei de Tobler-Mussafia. De acordo com esta lei, palavras não-acentuadas são proibidas de ocuparem uma posição inicial. Consequentemente, sendo o clítico um elemento átono, ele não pode ocupar uma posição inicial na oração. Barbosa reinterpreta a lei de Tobler-Mussafia argumentando que, no PE, aplica-se o seguinte filtro prosódico:  $*[_{\text{IntP}} \text{cl V}]$ , no qual IntP corresponde a um *Intonational Phrase*. Ou seja, um sintagma entoacional não pode ser iniciado por um clítico.

Dentro dessa proposta, as construções enclíticas apresentadas em (70) obedeceriam à restrição prosódica do filtro acima, como esquematizado em (72).

- (72) a.  $[_{\text{IntP}} \textbf{Viu-o}$  o João /  $*[_{\text{IntP}} \textbf{o viu}$  o João  
 b. Esses livros,  $[_{\text{IntP}} \textbf{dei-os}$  à Maria /  $*\text{Esses livros, } [_{\text{IntP}} \textbf{os dei}$  à Maria  
 c. A Maria  $[_{\text{IntP}} \textbf{viu-o}$  /  $*\text{A Maria } [_{\text{IntP}} \textbf{o viu}$

A autora defende que a posição ocupada pelo clítico em (72c) constitui uma evidência de que sujeitos pré-verbais no PE ocupam uma posição A-barra similar à ocupada por tópicos deslocados. Na proposta de Barbosa, sujeitos pré-verbais na posição A-barra são mapeados em um sintagma entoacional diferente daquele em que é mapeado o predicado verbal, assim como o tópico *esses livros* em (72b). Ou seja, tanto em (72b) quanto em (72c), o clítico não pode preceder o verbo pois, se isso acontecer, um elemento átono estará em posição inicial dentro de um sintagma entoacional, o que não seria lícito.

No caso das construções proclíticas, haveria material fonológico precedendo o clítico na fronteira inicial de IntP, como esquematizado a seguir para os exemplos apresentados em (71).

- (73) a. O João  $[_{\text{IntP}} \underline{\text{não}} \textbf{a viu}$   
 b. ...  $[_{\text{IntP}} \underline{\text{que}} \textbf{ele a visse}$   
 c.  $[_{\text{IntP}} \underline{\text{Alguém}} \textbf{o viu}$   
 d.  $[_{\text{IntP}} \underline{\text{Quem}} \textbf{o viu}$   
 e.  $[_{\text{IntP}} \underline{\text{Só o Pedro}} \textbf{o viu}$   
 f. O Pedro  $[_{\text{IntP}} \underline{\text{já}} \textbf{o viu}$

Nessa análise de Barbosa, note-se que sujeitos focalizados (cf. (73e)), quantificadores (cf. (73c)) e elementos *wh* (cf. (73d)) são mapeados no mesmo sintagma entoacional

do predicado verbal, o que licenciaria a colocação proclítica, já que o clítico, enquanto elemento átono, não estaria numa posição inicial de IntP.<sup>24</sup>

A priori, na proposta de Barbosa, isto é, a de que o sujeito pré-verbal se encontra topicalizado (ocupando uma posição A-barra), o verbo não está localizado na periferia da sentença, já que se assume que o sujeito pré-verbal é gerado numa posição de adjunção à categoria IP. Entretanto, caso reinterpretemos essa posição de adjunção como sendo o especificador de TopP na periferia da sentença, nada impede então que também tenhamos movimento do verbo para algum núcleo no sistema CP, desde que abaixo de SpecTopP.

Costa (1998, 2004), por sua vez, assume que sujeitos pré-verbais no PE ocupam SpecIP, isto é, uma posição A. Por exemplo, o autor mostra que, quando dois complementos de um verbo são deslocados à esquerda, sua ordem relativa não é rígida, como se vê em (74) (Costa 2004:13).

- (74) a. Aos alunos, sobre sintaxe, o Rui falou.  
b. Sobre sintaxe, aos alunos, o Rui falou.

Costa argumenta que, caso se assuma que o sujeito ocupa uma posição de tópico, é de se esperar que a ordem relativa entre um complemento deslocado e o sujeito não seja rígida. Essa previsão, porém, não se confirma, como mostra o par de sentenças em (75) (Costa 2004:13).

- (75) a. Esse bolo, o Paulo comeu-o.  
b. ??O Paulo, esse bolo, comeu-o.

Por outro lado, conforme argumenta Costa, se o sujeito ocupa SpecIP, é de se esperar que sua posição em relação a constituintes fronteados na oração seja rígida, como mostra o contraste entre (75a) e (75b).

Uma outra evidência de que sujeitos pré-verbais ocupam uma posição A, e não uma posição de tópico, tem a ver com a idéia de neutralidade da ordem de palavras SV. Como argumenta Costa, umas das formas de detectar a ordem de palavras básica de

---

<sup>24</sup>Fernandes (2007) assinala que, de uma perspectiva prosódica, a análise de Barbosa apresenta problemas de fundamentação empírica. Por exemplo, a idéia de que o sujeito pré-verbal é mapeado num sintagma entoacional diferente daquele em que é mapeado o predicado verbal carece de evidências que mostrem haver algum tipo de pausa, alongamento de duração segmental ou presença de tom de fronteira na curva entoacional após o sujeito, o que indicaria de fato uma possível fronteira entoacional separando o sujeito do predicado verbal.

uma língua é olhando para a resposta de perguntas do tipo ‘O que é que aconteceu?’. Esse contexto é considerado não marcado pois, de um ponto de vista discursivo, todos os elementos representam informação nova. Em orações transitivas do PE, o autor mostra que a ordem básica a uma pergunta desse tipo é a sequência S(ujeito)-V(erbo)-O(bjeto) (Costa 2004:16).

- (76) A: O que é que aconteceu?  
B: O Pedro partiu o braço.  
C: #Partiu o Pedro o braço.  
D: #O braço, o Pedro partiu-o.

Costa argumenta que, para a análise de que sujeitos pré-verbais estão deslocados, a emergência da ordem SVO é problemática por ao menos uma razão. Como se vê em (76D), um objeto topicalizado é inapropriado nesse contexto, o que torna difícil explicar por que, enquanto resposta a uma pergunta como (76A), sujeitos pré-verbais poderiam ser topicalizados se outros elementos deslocados não o podem.

Mais uma evidência de que o sujeito pré-verbal ocupa uma posição A e não uma posição A-barra pode ser extraída do fenômeno de duplicação do sujeito. No PE, numa resposta a uma pergunta *wh* múltipla, Costa mostra os seguintes dados (Costa 2004:18).

- (77) A: Quem leu o quê?  
B: O João, ele leu o livro.  
C: O João leu o livro

Como o exemplo (77B) indica, o sujeito pré-verbal no PE pode ser duplicado por um pronome, embora isso não seja obrigatório. Costa aponta que a possibilidade de duplicação pronominal do sujeito seria um indício de que, de fato, o sujeito é gerado numa posição A-barra, sendo co-indexado a um elemento pronominal, nulo ou não, no interior de IP. Ou seja, aparentemente então estaríamos diante de uma evidência em favor da análise dos trabalhos de Barbosa (1995, 2000, 2006). Entretanto, como Costa indica, há contextos em que a duplicação do sujeito é agramatical. Por exemplo, se toda a sentença é focalizada, o fenômeno de duplicação é, na melhor das hipóteses, marginal, como confirmam os dados em (78).



- (78) A: O que é que aconteceu?  
 B: O João leu o livro.  
 C: ??\*O João, ele leu o livro.

Costa argumenta que, se assumirmos uma análise de que sujeitos pré-verbais estão sempre numa posição periférica à esquerda, como o faz Barbosa, a previsão que se faz é que a duplicação pronominal de um sujeito será sempre possível. Essa previsão, porém, não se confirma, dada a marginalidade de uma sentença como (78C). Por outro lado, se, num contexto como o de (78), o sujeito pré-verbal está em SpecIP, a agramaticalidade de duplicação pronominal se explica, já que, em (78C), o sujeito lexical e o sujeito pronominal estariam concorrendo pela mesma posição. Considerando esse e os demais argumentos de que, no PE, o sujeito pré-verbal não ocupa uma posição A-barra, assumiremos, junto com Costa, que o *locus* canônico para sujeitos que precedem o verbo é uma posição no domínio de flexão, posição esta que associaremos aqui ao especificador de TP.<sup>25</sup>

Dentro da hipótese de que SpecTP é a posição dos sujeitos pré-verbais, pode-se dizer que o verbo não se desloca para a periferia da sentença, como, a priori, admitia a análise de que o sujeito pré-verbal ocupa uma posição de tópico. Assumir que o sujeito não se move para a periferia da sentença ainda assim nos deixa com ao menos duas possibilidades de posição para o verbo, a saber, uma no domínio de VP e outra no domínio de TP. Isso porque, permanecendo o verbo dentro de VP ou tendo se deslocado para T, nos dois casos é possível ainda derivar a ordem SV, já que SpecTP é, em termos estruturais, uma posição localizada mais acima tanto de T quanto da posição interna à projeção VP. Por exemplo, a escolha entre essas duas opções está no cerne da discussão que Pollock (1989) faz em relação ao Inglês e ao Francês. O contraste em (79) mostra que, no Inglês, o verbo de orações matrizes é precedido pelo advérbio *often* ‘frequentemente’. Já em (80), dados equivalentes a (79) no Inglês mostram que, no Francês, o verbo precede o advérbio *souvent* ‘frequentemente’.

- (79) a. \*John **kisses** often Mary.  
 b. John often **kisses** Mary.

---

<sup>25</sup>Não assumir a análise de Barbosa no tocante à posição de sujeitos pré-verbais pode significar um problema para explicar os padrões de colocação de clíticos no PE, em particular os casos de ênclise com sujeitos pré-verbais. Aqui, não discutiremos essa questão, mas, para uma análise que derive os fatos relacionados à ênclise sem assumir que, no PE, sujeitos pré-verbais ocupam uma posição de tópico, cf. Galves & Sandalo (2004).

- (80) a. Jean **embrasse** souvent Mary.  
 b. \*Jean souvent **embrasse** Mary.

Ante a hipótese de que, nas duas línguas, advérbios do tipo *often/souvent* ocupam a mesma posição, Pollock argumenta que, no Inglês, o verbo permanece em sua posição base no interior de VP, ao passo que, no Francês, o verbo cruza o advérbio indo se hospedar num núcleo externo à categoria VP. Costa (1996) aplica em relação ao PE o mesmo teste de Pollock e nota que o verbo pode tanto preceder o advérbio *frequentemente* quanto segui-lo, como mostram as sentenças em (81).

- (81) a. O João **beija** frequentemente a Maria.  
 b. O João frequentemente **beija** a Maria.

Tendo em conta os dados em (81), poderíamos pensar que, no PE, o movimento do verbo para T é opcional. Nesse sentido, portanto, a ordem *verbo-advérbio* seria uma instância de movimento do verbo para o domínio de TP, enquanto que a ordem *advérbio-verbo* indicaria a permanência do verbo no interior de VP.

Entretanto, uma análise desse tipo encontra problemas quando são levados em consideração advérbios baixos, tais como *bem* e *atentamente*. Costa e Galves (2002) mostram que, em relação a esses advérbios, o verbo deve necessariamente precedê-los, como se vê em (82).

- (82) a. O Pedro **leu** bem/atentamente o livro.  
 b. \*O Pedro bem/atentamente **leu** o livro.

Ou seja, se o movimento do verbo para T fosse opcional, esperaríamos encontrar os advérbios *bem/atentamente* tanto em posição pós quanto em posição pré-verbal. O fato de ser licenciada apenas a ordem de palavras em que o verbo finito precede o advérbio sugere que houve movimento do verbo para fora de VP. Com isso, temos uma evidência de que, no PE, o verbo se desloca de modo categórico, e não opcional, para o núcleo da categoria TP.

#### 4.3.2 A Posição do Verbo no PE dos Séculos 18 e 19

A partir de agora, discutiremos a questão da sintaxe da posição do verbo no Português dos séculos 18 e 19. A questão central aqui é investigar se o PE nesses momentos iniciais

ainda se comporta como o PM. Em particular, olharemos se o PE desses dois séculos apresenta a propriedade V2 relacionada ao movimento do verbo para o sistema CP em orações matrizes. Na sequência, apresentaremos argumentos de que o PE dos séculos 18 e 19 já não mas instancia alçamento de V para Fin, comportando-se, assim, como a língua atual.

Para iniciar essa discussão, apresentaremos a questão dos sujeitos pós-verbais em orações matrizes. Como os exemplos a seguir mostram, tal como no PM, o PE dos séculos 18 e 19 admitia sentenças com um sujeito pós-verbal, tanto com um padrão de inversão germânica linear (cf. (83)) quanto com um padrão de inversão românica (cf. (84)).

- (83) a. **Sente** *a razão* o que a vaidade sente, (Aires, 18,262)
- b. No verão de 1806 **tomou** *a minha família* a casa do Conde de Lumiares, (Marquês, 19.235)
- c. O outro dia quando contei a dita história em uma assembléia, de feias, se **levantaram** *todas* nos bicos dos pés em defesa da formosura do país. (Cavaleiro, 16.287)
- (84) a. **Precede** este prato *uma sopa* (Ortigão, 143.1311)
- b. Às de Holofernes **cortou** a cabeça *a castidade de Judite*. (Cavaleiro, 65.961)
- c. Sem embargo disto, ainda **durou** muitos dias *a indecisão*, (Marquês, 71.943)

Um ponto que naturalmente se coloca diz respeito à posição desses sujeitos pós-verbais. Mais especificamente, poderíamos nos perguntar se, à semelhança do que ocorre nas matrizes do PM, encontramos também evidências sintáticas de duas posições distintas para sujeitos pós-verbais. A resposta a essa questão apresenta implicações claras para a questão da posição do verbo, já que, havendo duas posições, poderíamos assumir movimento do verbo para a periferia da sentença, ao passo que, havendo apenas uma, teríamos uma evidência de que o verbo não precisaria se deslocar para além de TP.<sup>26</sup> Por conta disso, vejamos então o comportamento de sujeitos pós-verbais em relação ao advérbio *bem*, que temos considerado aqui como um elemento que marca a fronteira à esquerda de VP. Em nossa amostra do PE dos séculos 18 e 19, é atestada

---

<sup>26</sup>Cf. essa mesma discussão em diferentes momentos de nossa análise para o PM.

apenas a ordem em que o sujeito pós-verbal é precedido pelo advérbio, como se vê em (85).

(85) **Repare** bem *Vossa Alteza Real* que daqui se não sai, (Marquesa, 99.1253)

No exemplo em (85), o sujeito pós-verbal pode ser interpretado como tendo permanecido em SpecVP. Dada a ausência de dados que mostrem haver o sujeito pós-verbal ter cruzado advérbios como *bem*, o que seria uma indicação de que o sujeito posposto se moveu para SpecTP, consequentemente então deixamos de ter uma evidência que eventualmente sinalizaria o movimento do verbo para o sistema CP em orações matrizes.

Uma contra-evidência à hipótese de que, nas declarativas matrizes dos séculos 18 e 19, o verbo não se move para Fin tem a ver com o estatuto informacional de sujeitos pós-verbais. Por exemplo, nesse contexto sintático, são atestados dados em que o sujeito pós-verbal pode ser interpretado como um foco informacional, como se vê em (86).

(86) **Precede** este prato *uma sopa* (Ortigão, 143.1311)

O fato de o sujeito posposto ser indefinido indica que se trata de uma informação ainda não apresentada no discurso. Em vista disso, nada mais natural do que interpretá-lo como um foco informacional.

Entretanto, são encontrados também exemplos de sujeitos pospostos que não correspondem a um foco informacional. Para exemplificar esse ponto, vejamos o excerto em (87) a fim de interpretar o valor discursivo do sujeito pós-verbal *eles*.

(87) Rompia o préstito um velho escudeiro montado num cavalo de picaria, vestido à corte, de veludo, e levando aos lados dois volantes elegantemente vestidos.

Segundo os meus cálculos, **tinha** *ele* mais de noventa anos, (Marquês, 104.1623)  
(grifos nossos)

Em (87), o sujeito “*ele*”, que aparece posposto ao verbo “*tinha*”, retoma um sintagma introduzido no período anterior, a saber “*um velho escudeiro*”. Por conta disso, esse sujeito posposto evidentemente não é uma informação nova. Em outras palavras, não podemos caracterizá-lo como um foco informacional.

Ao discutir dados do PM semelhantes aos apresentados em (86) e (87), argumentamos que, nas declarativas matrizes, haveria duas posições pós-verbais, cada uma associada a um valor discursivo específico. A posição SpecVP abrigaria sujeitos que representam um foco informacional, isto é, informação nova. Já SpecTP seria a posição

para onde se deslocam os sujeitos pospostos que não são foco informacional. Considerando que, nos dois casos, o sujeito é posposto, nossa hipótese é que, no contexto sintático das declarativas matrizes, o verbo se moveu para Fin. Pensando nos dados dos séculos 18 e 19 que apresentam um comportamento similar ao que se vê no PM, poderíamos dizer que não há nenhuma mudança na sintaxe da posição do verbo. Isto é, no PE dos séculos 18 e 19, o verbo continuaria sendo alçado para Fin em orações matrizes, licenciando em posição pós-verbal tanto sujeitos em SpecTP, os quais não transmitiriam informação nova, quanto sujeitos em SpecVP, os quais apresentariam o valor discursivo de foco informacional.

Considerando as evidências favoráveis e contrárias de que ocorre uma mudança na sintaxe da posição do verbo já a partir do século 18, especificamente em relação às orações declarativas matrizes, é natural nos perguntarmos como solucionar esse impasse. Para resolver essa questão, invocaremos o conceito de competição de gramáticas, tal como desenvolvido em Kroch (1989, 1994, 2000) e já apresentado no capítulo 1, em 1.3.1. Como vimos na ocasião em que discutimos esse conceito, Kroch trabalha com a idéia de que, embora na mente do falante a fixação paramétrica que resulta em mudança linguística seja um processo abrupto (cf. Lightfoot 1991, 1999, 2006), a mudança tal como vista superficialmente nos textos ao longo do tempo reflete um processo gradual. O autor reconcilia a idéia de fixação abrupta com um processo gradual argumentando que, uma vez fixado o parâmetro de uma nova gramática, as crianças em processo de aquisição podem também instanciar a gramática antiga (devido a questões normativas, por exemplo). Nesse sentido, os falantes poderiam ser considerados indivíduos bilíngues em razão do fato de terem internalizado em sua mente os parâmetros de duas gramáticas distintas, embora, na maioria dos casos, muito parecidas entre si superficialmente. Assim, a mudança gradual que usualmente se vê nos textos é um subproduto de um processo de competição de gramáticas que pode acontecer na mente do falante, processo este que, à medida que o tempo passa, tende a substituir a gramática antiga até o seu completo desaparecimento.

Seguindo então a idéia de competição de gramáticas de Kroch, podemos argumentar que, no PE dos séculos 18 e 19, já está instanciada uma gramática que não mais licencia movimento do verbo para a periferia da sentença em orações declarativas matrizes. Os casos que eventualmente possam ser tratados como *outputs* de uma gramática semelhante à do PM devem ser entendidos como ilustrativos de um processo de competição de gramáticas. Ou seja, já no processo de aquisição da linguagem, os falantes dos séculos 18 e 19 fixariam os parâmetros da GU compatíveis com a gramática do

PE atual. Mais especificamente, em relação à questão da sintaxe da posição do verbo em orações matrizes, as gerações dos séculos 18 e 19 já teriam uma gramática similar à da geração contemporânea de portugueses. Entretanto, é legítimo pensar também, na linha das idéias de Kroch, que estes mesmos falantes dos séculos 18 e 19 sejam capazes de produzir enunciados da gramática anterior, já que, por hipótese, estariam sujeitos a pressões sociolinguísticas que forçariam a implementação da gramática antiga. Nesse sentido, tais falantes fariam parte de um processo de competição de gramáticas. Assim, por exemplo, o fato de escritores nascidos nos séculos 18 e 19 produzirem sentenças em que o sujeito posposto não comunica uma informação nova pode ser tomado como um indício de que, em relação à sintaxe da posição do verbo, estamos diante de um processo de competição entre a gramática do PM e a gramática nova instanciada a partir do século 18.

Alguns dados quantitativos podem ser interpretados como evidência desse processo de competição de gramáticas. Como já discutimos, ordens de palavras que manifestam, em termos lineares, inversão germânica do sujeito podem ser tomadas como um indício, embora não conclusivo, de que o verbo se move para a periferia da sentença. No capítulo 3, vimos que, no âmbito de orações matrizes V1, por exemplo, percebe-se um decréscimo da ordem de palavras VS(X) a partir do século 18, o que pode ser tomado como um indício de perda de movimento do verbo para Fin. Entretanto, esse decréscimo é mais claramente observado apenas no século 19. De fato, considerando apenas as sentenças V1, a frequência da ordem linear VS(X) é de 21,07% no século 18 e de 9,78% no século 19. Tendo em mente que os valores referentes aos séculos 16 e 17 para a mesma ordem de palavras são, respectivamente, de 23,88% e de 29,81%, vemos que o século 18 se assemelha mais ao PM do que ao século 19 no que concerne à frequência de sequências VS(X). No entanto, se assumirmos um processo de competição de gramáticas, o século 18 passa a ser visto então como um período em que era mais intensa a competição entre o PM e o PE no que diz respeito à sintaxe da posição do verbo.

Vejamos ainda o caso das sentenças matrizes com ordem linear V2. Nesse tipo de oração, observa-se também a partir do século 18 um decréscimo em relação ao uso de sentenças com inversão germânica linear. Do conjunto total de matrizes com ordem linear V2, a sequência XVS(X) apresenta um índice de 9,31% no século 18 e de 6,76% no século 19. Comparativamente, nos séculos 16 e 17 atestam-se, respectivamente, os índices de 16,01% e de 23,33%. No âmbito dessas sentenças com ordem linear V2, o que se vê é que, ao contrário do que foi atestado para as sentenças matrizes verbo-

iniciais, o padrão de frequência de orações com inversão germânica linear no século 18 se assemelha mais ao padrão do século 19, e não ao padrão do PM. Nesse sentido então, poderíamos pensar que, tanto em orações verbo-iniciais quanto em orações com ordem linear V2, há um processo de competição de gramáticas, do século 18 em diante, com relação à sintaxe da posição do verbo, mas que, por alguma razão, se mostra mais intenso no âmbito de sentenças matrizes verbo-iniciais. O ponto a ser destacado, porém, é que os casos passíveis de serem interpretados como movimento do verbo para Fin não resultam de requerimentos da gramática do PE dos séculos 18 e 19. Na realidade, tais casos seriam resquícios da gramática do PM, os quais ainda seriam produzidos em razão de um processo de competição de gramáticas.

Com relação às subordinadas, assumimos que o verbo não se desloca para a periferia da sentença. Tal como proposto para o PM, defendemos que, nas orações subordinadas completivas do PE, dois complementizadores são concatenados no sistema CP: um em Force, que chamamos de *que1*, e outro em Fin, que chamamos de *que2* (cf. Fernández-Rubiera 2010). Isso se justifica, por exemplo, considerando que o PE também manifesta construções com duplo complementizador visível, como vemos em (88) (Mascarenhas 2007:2).

(88) O João disse **que** a Maria **que** vai chegar atrasada.

Em nossa análise, o complementizador em Fin é sempre concatenado em orações subordinadas, ainda que possa não manifestar uma realização fonética. Esse seria exatamente o caso das sentenças que manifestam apenas um *que*, como exemplificado em (89) com dados do nosso corpus. A idéia é que o complementizador introduzindo a sentença encaixada foi concatenado em Force, ao passo que em Fin encontra-se concatenado uma matriz fonológica não visível do complementizador *que2*.

(89) meteram-lhe na cabeça **que**, ao anoitecer, fosse à praça do Rocio, (Marquês, 51.755)

Ou seja, o PE dos séculos 18 e 19 apresentaria uma configuração semelhante à que ocorre em subordinadas do PM: a presença de um complementizador em Fin, visível ou não, seria capaz de bloquear um eventual alçamento do verbo para a periferia da sentença. Isso significa que, com relação à sintaxe da posição do verbo, a diferença estrutural entre o PM e o PE dos séculos 18 e 19 ocorre apenas nas orações declarativas. Nestas, o PM instanciaria movimento do verbo para Fin, ao passo que, do século 18

em diante, é instanciado movimento do verbo apenas até T. Já no contexto de orações subordinadas, considerando a estabilidade do uso de complementizadores na história do Português Europeu, o verbo se moveria até T tanto no PM quanto no PE dos séculos 18 e 19.

### 4.3.3 Algumas Previsões

A hipótese defendida neste trabalho é que, para a gramática dos séculos 18 e 19, há uma simetria entre orações matrizes e orações subordinadas no que diz respeito à posição estrutural do verbo. Tanto nas matrizes quanto nas subordinadas o verbo seria alçado apenas até o núcleo T. Nesse sentido, a diferença fundamental em relação ao PM ocorreria apenas no contexto de orações raízes, já que, nas subordinadas, também não há movimento do verbo para a periferia da sentença. Em vista dessa comparação, vamos apresentar duas previsões que nossa análise faz, procurando verificar se elas de fato podem ser atestadas nos nossos dados.

Ao discutir a sintaxe da posição do verbo em orações raízes do PM, mostramos que a ordem básica de palavras nesse período do Português é a sequência linear VS. Como destacamos, o único elemento a se deslocar para a periferia da sentença independentemente de razões discursivas é o verbo finito. De fato, o verbo se desloca para Fin e satisfaz tanto o traço [+F] quanto o EPP associado aos traços  $\phi$ . Uma vez que a propriedade EPP é licenciada pelo verbo, não haveria nenhum requerimento puramente estrutural determinando o movimento de um constituinte qualquer para SpecFinP. Ou seja, o sujeito se deslocaria para o sistema CP apenas por razões discursivas. De fato, mostramos que, nas matrizes, a ordem básica do sujeito nos textos dos séculos 16 e 17 é a ordem linear pós-verbal. Entretanto, como há duas posições pós-verbais para o sujeito, é legítimo nos perguntarmos qual delas seria a posição discursivamente neutra: SpecTP ou SpecVP. Tendo em vista toda a discussão realizada em 4.2.1.1, assumiremos que a posição discursivamente neutra nas orações matrizes do PM é SpecTP, já que a posição SpecVP, como foi mostrado, está associada ao valor discursivo de foco informacional.

Se assumirmos que, no PE dos séculos 18 e 19, a posição discursivamente neutra para o sujeito em orações matrizes também é SpecTP, fazemos a previsão de que, nesse contexto, a ordem básica de palavras é a sequência linear SV. Dizemos isso pois, como nessa fase do Português o verbo se move apenas até T, a posição não marcada para o sujeito estará hierarquicamente acima da posição onde se encontra o verbo. De fato,



os nossos dados apontam exatamente para essa dinâmica. Por exemplo, no âmbito das orações raízes com ordem linear V2, a frequência de sentenças SV é de 59,25% no século 18 e de 59,75% no século 19. Esse padrão contrasta claramente com o que se vê nos séculos 16 e 17. No período quinhentista, a frequência de orações SV no âmbito de sentenças com ordem linear V2 é de 23,74%. No período seiscentista, a frequência de sentenças SV é de 27,85%. Ou seja, nos séculos 18 e 19, tem-se mais do que o dobro de sequências SV em relação aos séculos 16 e 17. Na nossa análise, isso decorre do fato de que, a partir do século 18, o verbo não mais se move para Fin em orações raízes, de modo que, ao ser linearizado em sua posição discursivamente neutra, o sujeito aparecerá em posição pré-verbal.<sup>27</sup>

A idéia de que a ordem SV se torna a sequência linear não marcada no PE é interessante pois vai ao encontro de trabalhos anteriores que já se debruçaram sobre a evolução da posição do sujeito em amostras de dados mais delimitadas. Por exemplo, Paixão de Sousa (2004) e Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) investigam a questão da posição do sujeito em sentenças matrizes finitas com um clítico. Nesses dois trabalhos, um dos resultados mais impressionantes é que, a partir do século 18, a ordem linear com sujeitos pré-verbais passa a ser a opção preferencial, diferentemente do padrão de séculos anteriores. O resultado do nosso trabalho confirma, portanto, essa descoberta e mostra que a preferência por sujeitos pré-verbais não se aplica apenas a sentenças com clíticos, mas representa uma dinâmica mais geral da gramática instanciada do século 18 em diante, já que, no nosso estudo, não nos restringimos a orações com um clítico. O que estamos mostrando aqui é que essa alteração de padrões em sentenças matrizes, seja naquelas com clítico, seja naquelas sem clítico, está relacionada a uma mudança na sintaxe da posição do verbo.

A segunda previsão diz respeito à ordem básica de palavras em orações subordinadas. Como já dito, assumimos neste trabalho que não há nenhuma diferença entre a gramática do PM e a gramática do PE dos séculos 18 e 19 no que diz respeito à posição do verbo em sentenças dependentes. Nas duas fases, o alçamento do verbo

---

<sup>27</sup>Em nossa análise, tanto em relação ao PM quanto em relação ao PE, o movimento do sujeito para SpecTP não ocorre para satisfazer um traço EPP de T. Na realidade, como são duas fases gramaticais que manifestam uma morfologia verbal rica, cabe ao verbo finito checar o EPP associado a eventuais traços  $\phi$  de T, e não o DP sujeito, em consonância com o que propõem Alexiadou & Anagnostopoulou (1998) para as línguas de sujeito nulo. Como estamos assumindo que SpecTP é o *locus* discursivamente neutro para o sujeito, o movimento para essa posição poderia ser interpretado como uma operação de último recurso nos casos em que o sujeito não pode estar associado à função discursiva de foco informacional, o que demandaria a sua permanência em SpecVP, ou a algum traço discursivo da periferia da sentença, o que desencadearia o deslocamento do sujeito para o sistema CP.

ocorre apenas até T. Se aceitarmos que, nas subordinadas, a posição discursivamente neutra para os sujeitos também é SpecTP, a previsão que podemos fazer é que, tanto no PM quanto no PE, a ordem de palavras básica em orações subordinadas é a sequência SV. Isso ocorreria pois, ao ser linearizado em sua posição não marcada, o sujeito de orações subordinadas estará necessariamente em uma posição hierárquica acima da que é ocupada pelo verbo. De fato, essa previsão também se confirma. Por exemplo, no âmbito de sentenças subordinadas com ordem linear V2, os textos dos séculos 16 e 17 apresentam, respectivamente, uma frequência de orações SV de 45,28% e de 58,74%. Nesses dois séculos, trata-se da sequência linear mais empregada. Na amostra dos dois séculos iniciais do PE, também considerando apenas as sequências com ordem linear V2, a frequência da ordem de palavras SV é de 74,43% no século 18 e de 79,46% no século 19. Aqui também, a sequência com sujeito pré-verbal é a ordem mais empregada.

Poderia ser apontado que as frequências da ordem linear SV nas subordinadas dos séculos 16 e 17 não são similares às frequências dos séculos 18 e 19, especialmente se compararmos o índice do século 16 em relação aos índices do PE. De fato, no século 16, a frequência da ordem linear SV é inferior a 50%, ao passo que, nos séculos 18 e 19, a frequência é sempre superior a 70%. Ou seja, embora tanto no PM quanto no PE a sequência SV seja a mais empregada em orações subordinadas com ordem linear V2, o fato é que, aparentemente, as dinâmicas não são similares. Entretanto, essas diferenças se devem, em grande medida, a grandes flutuações na frequência de sentenças com sujeito nulo. No século 16, quando se tem a menor frequência de sentenças SV em subordinadas com ordem linear V2, o índice de sequências com um sujeito nulo (isto é, orações XV) é de 35%. Já no século 19, quando se tem a maior frequência de sentenças SV, o índice de orações com sujeito nulo é de 16,67%. O que se vê é uma flutuação de 18,67% em relação à frequência de sentenças XV. Caso essa diferença fosse acrescentada ao percentual de sentenças SV no século 16, o índice passaria de 45,28% para 64,25%, tornando muito mais similar o comportamento dos autores do século 16 em relação aos autores dos séculos 18 e 19.

## 4.4 Sumário

Neste capítulo, investigamos se, em seu percurso diacrônico, particularmente do século 16 ao 19, o Português em algum momento se caracterizou como um sistema gramatical V2. Com relação ao período do PM, vimos que, em orações matrizes, o verbo se desloca

para Fin, ao passo que, nas subordinadas introduzidas pelo complementizador *que*, o movimento de V para Fin é bloqueado. Quanto a esse aspecto, concluímos que o PM se comporta de maneira similar a línguas V2. A particularidade do PM em relação a línguas como o Alemão decorre principalmente da sintaxe de fronteamento. No PM, ao contrário do que vemos nas orações matrizes de línguas V2 típicas, há uma maior flexibilidade no que diz respeito à presença de XP's em posição pré-verbal. Em nossa análise, essa diferença se deve à maneira como o EPP associado aos traços  $\phi$  de Fin é licenciado. Em línguas V2 estritas, o EPP demandaria obrigatoriamente a presença de um XP em posição pré-verbal. Esse XP também bloquearia o movimento de outros constituintes para posições mais acima na estrutura oracional. No caso do PM, o EPP é satisfeito mediante movimento do verbo. Dentro dessa hipótese, não haveria um requerimento determinando a presença de um XP precedendo o verbo finito, o que explicaria a produtividade de sentenças matrizes V1. Entretanto, unicamente por razões discursivas, um ou mais XP's poderiam ser deslocados para o sistema CP. Particularmente em relação ao fronteamento de múltiplos XP's, essa diferença em relação a línguas V2 típicas ocorreria pois, no PM, o verbo satisfazendo o EPP em Fin não bloquearia o preenchimento de mais de um especificador na periferia da sentença.

Para o Português dos séculos 18 e 19, pudemos detectar indícios de mudança no que diz respeito à posição do verbo. Nas orações declarativas matrizes, nossa hipótese é que o verbo finito não mais se desloca para a periferia da sentença, ao contrário do que ocorre no PM. Eventuais argumentos de que, nesse contexto, a gramática dos séculos 18 e 19 ainda era idêntica à do PM foram tratados como resultantes de um processo de competição de gramáticas. Ou seja, de 1700 em diante, o que estaríamos vendo é, na realidade, um processo de competição entre a gramática do PM e a gramática já do PE atual. Nas subordinadas, por sua vez, não é detectado nenhum traço de mudança, em razão da estabilidade do uso de complementizadores na história do Português Europeu. Nossa proposta é que, em todo o período investigado, a presença de um complementizador em Fin (que designamos de *que2*) sempre bloqueou sistematicamente eventuais requerimentos determinando o deslocamento do verbo para o sistema CP.



# CONCLUSÃO

Nesta tese, o objetivo central foi investigar se o Português Europeu, ao longo do seu desenvolvimento, se caracterizou como um sistema gramatical V2, focalizando em particular o período de tempo que se estende do século 16 ao 19. No que diz respeito à propriedade de movimento do verbo, vimos que o Português dos séculos 16 e 17 se comporta de modo idêntico a línguas V2 prototípicas tais como o Alemão. Isto é, em orações declarativas matrizes, o Português desse período manifesta movimento do verbo para o núcleo periférico Fin. Nas subordinadas, a presença de um complementizador em Fin bloquearia o movimento do verbo. Em relação à propriedade de fronteamento de XP's no contexto de orações matrizes, documentamos que a gramática do Português quinhentista e seiscentista se diferencia de sistemas V2. Em termos de implementação teórica, defendemos que, no Português dessa época, a morfologia verbal é quem satisfaz o EPP associado aos traços  $\phi$  de Fin. Mostramos ainda que, mesmo satisfazendo o EPP, o verbo finito não bloqueia o alçamento de múltiplos constituintes para a periferia da sentença. Já no caso de línguas V2 estritas, o EPP associado aos traços  $\phi$  de Fin é licenciado mediante a presença categórica de um XP em SpecFinP. Tal XP impede o deslocamento de qualquer outro sintagma para posições mais acima na estrutura oracional, o que explicaria a obrigatoriedade da ordem linear V2 em sentenças matrizes de línguas como o Alemão. Para o período gramatical que se inicia a partir do século 18, mostramos que o Português não mais instancia o movimento do verbo para Fin em sentenças raízes. Ou seja, desse momento em diante, perde-se a propriedade que realmente aproximava o Português de sistemas gramaticais V2 prototípicos.

Para trabalhos futuros, considerando os resultados alcançados nesta tese, gostaríamos de apontar duas questões que merecem uma atenção especial. A primeira delas diz respeito ao fenômeno da colocação de clíticos, que é seguramente um dos aspectos mais estudados da diacronia do Português (cf., entre muitos outros, Torres Morais 1993, 1995; Galves 1997, 2000; Paixão de Sousa 2004; Galves, Brito & Paixão de Sousa 2005; Galves & Paixão de Sousa 2005, 2010). Especialmente em relação à alternância ênclise

próclise atestada em fases passadas, alguns trabalhos procuram explicar esse fato em termos de diferentes posições ocupadas pelo verbo finito. Por exemplo, Torres Morais (1993, 1995) argumenta que, nas ordens de palavras com ênclise, o verbo se move para o núcleo de CP. Nessa configuração, a posição de *spell-out* do clítico seria num núcleo abaixo de C (Agr2 na terminologia de Torres Morais). Nas ordens de palavras com próclise, a autora assume que o verbo não se move para C, permanecendo no núcleo onde se encontra o clítico. Nesses casos, o clítico é adjungido à esquerda do verbo finito.<sup>1</sup> Em nossa análise, porém, foi proposto que, nas declarativas matrizes, o verbo se desloca de maneira generalizada para uma mesma posição na periferia da sentença, a saber, o núcleo Fin, independentemente da ordem linear do clítico em relação ao verbo. Caso a nossa proposta realmente esteja no caminho correto, é importante pensar então numa forma diferente que procure explicar o fenômeno da colocação de clíticos não apenas em termos de movimentos sintáticos. Uma maneira alternativa, e que pode ir ao encontro do que propusemos aqui, é a hipótese de que requerimentos prosódicos tenham um papel relevante na determinação das colocações enclíticas e proclíticas, sem a necessidade de invocarmos movimento do verbo para distintas posições, a depender da ordem que o clítico deve apresentar em relação ao verbo (cf. Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005, 2010).

Outra questão não desenvolvida nesta tese diz respeito ao porquê da perda do efeito V2 na história do Português, mais especificamente a perda de movimento do verbo para Fin em orações matrizes. Nosso trabalho confirma investigações anteriores que já mostraram que a passagem do século 17 para o 18 é o divisor temporal entre o Português Médio e o Português Europeu Moderno (cf., entre outros, Paixão de Sousa 2004; Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005; Namiuti 2008). Especificamente em relação à perda do efeito V2, resta saber então o que teria levado os falantes do século 18 a fixarem parâmetros diferentes daqueles que eram fixados pelas gerações anteriores de falantes da gramática do Português Médio, de tal modo que a propriedade V2 não mais seja instanciada. Uma das possibilidades de resposta a essa indagação é levantada por Paixão de Sousa (2004). Em sua tese, a autora argumenta que a mudança ocorre na medida em que há um movimento da sociedade portuguesa em se distanciar da influência espanhola. No plano linguístico, isso equivale a cultivar uma linguagem que se diferencie do Espanhol, que é a língua de maior prestígio na Península Ibérica até o fim do século 17 e que manifesta muitas propriedades sintáticas semelhantes ao do Português Médio,

---

<sup>1</sup>Cf. também Fontana 1993 em relação à alternância ênclise/próclise atestada no Espanhol Antigo.

procurando estabelecer um padrão que aponte para a unicidade do Português em relação ao Espanhol. Pinto & Antonelli (2011) sugerem uma explicação alternativa, embora em sua análise o Espanhol também tenha uma participação importante. Para os autores, o Espanhol teria perdido a sua propriedade V2 entre os séculos 15 e 16 (cf. Pinto 2011). No caso do Português, tal como defendido aqui, é argumentado que o sistema V2 deixa de ser instanciado na passagem do século 17 para o 18. Ou seja, em termos temporais, nota-se um espaço de 100 anos entre a mudança linguística no Espanhol e a mudança linguística no Português. Durante o século 17, dada a influência do Espanhol na vida diária dos portugueses e o modelo linguístico dos escritores dos *Siglos de Oro*, os falantes do Português passam a ser influenciados por uma língua que não era mais um sistema V2. É de se esperar então que o contato entre o Espanhol (sistema não V2) e o Português Médio (sistema V2) leve a geração de portugueses do século 18 a se deparar com dados que não eram robustos o suficiente para que essa geração de falantes fixasse uma gramática plenamente V2. Ou seja, na análise de Pinto & Antonelli, a mudança ocorre não como uma resposta à tentativa de se diferenciar do Espanhol, mas sim como um resultado da influência linguística que o Espanhol ainda exercia sobre o Português.

Com esta tese, esperamos ter contribuído para uma melhor compreensão do desenvolvimento sintático do Português, em particular apresentando novos dados e idéias para o debate sobre a propriedade V2 dessa língua em fases passadas. Embora algumas questões importantes não tenham sido respondidas, como procuramos destacar aqui, acreditamos que o presente trabalho oferece subsídios que poderão ser utilizados por investigações futuras que se proponham a documentar a diacronia do Português.





## Referências Bibliográficas

- Abney, S. (1987). *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. Tese de Doutorado, MIT.
- Aboh, E. (2004). *The Morphosyntax of Complement-Head Sequences*. New York: Oxford University Press.
- Adams, M. (1987). *Old French, Null Subjects, and Verb Second Phenomena*. Tese de Doutorado, UCLA.
- Alexiadou, A. & Anagnostopoulou, E. (1998). “Parameterizing Agr: Word Order, Verb-movement and EPP-checking.” *Natural Language and Linguistic Theory* 16, 491-539.
- Ambar, M. (1992). *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito-verbo em Português*. Lisboa: Edições Colibri.
- Andrade, A. de (2010). *A Subida de Clíticos em Português: um Estudo sobre a Variedade Europeia dos Séculos XVI a XIX*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- Anscombe, G. E. M. (1967). “On the Grammar of ‘enjoy’.” *Journal of Philosophy* 64(19), 607-614.
- Antonelli, A. (2007). *O Clítico ‘Se’ e a Variação Ênclise/Próclise do Português Médio ao Português Europeu Moderno*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.
- Antonelli, A. (2008). “A Posição do Verbo em Interrogativas QU- Diretas do Português Europeu.” *Caderno de Resumos do XV Congresso de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina*, Montevideo, 1-13.
- Aoun, J. & Benmamoun, E. (1998). “Minimality, Reconstruction, and PF Movement.” *Linguistic Inquiry* 29, 569-597.
- Axel, K. (2007). *Studies on Old High German Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

- Barbosa, P. (1995). *Null Subjects*. Tese de Doutorado, MIT.
- Barbosa, P. (2000). “Clitics: a Window into the Null Subject Property.” In J. Costa (org.), *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. New York: Oxford University Press, 31-93.
- Barbosa, P. (2006). “Ainda a Questão dos Sujeitos Pré-verbais em PE: uma Resposta a Costa (2001).” *D.E.L.T.A* 22, 345-402.
- Bailey, C. (1973). *Variation and Linguistic Theory*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics.
- Belletti, A. (2001). “‘Inversion’ as Focalization.” In A. Hulk & J.-Y. Pollock (orgs.), *Subject Inversion in Romance and the Theory of Universal Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 60-90.
- Belletti, A. (2004a). “Aspects of the Low IP Area.” In L. Rizzi (org.), *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures, vol. 2*. New York: Oxford University Press, 16-51.
- Belletti, A. (2004b) (org.). *Structures and Beyond. The Cartography of Syntactic Structures, vol. 3*. New York: Oxford University Press.
- Benincà, P. (2001). “The Position of Topic and Focus in the Left Periphery.” In G. Cinque & G. Salvi (orgs.), *Current Studies in Italian Syntax: Essays offered to Lorenzo Renzi*. Amsterdam: Elsevier, 39-64.
- Benincà, P. (2006). “A Detailed Map of the Left Periphery of Medieval Romance.” In R. Zanuttini, H. Campos, E. Herburger & P. Portner (orgs.), *Crosslinguistic Research in Syntax and Semantics. Negation, Tense, and Clausal Architecture*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 53-86.
- Benincà, P. & Poletto, C. (2004). “Topic, Focus and V2: Defining the CP sublayers.” In L. Rizzi (org.), *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures, vol. 2*. New York: Oxford University Press, 52-75.
- Benmamoun, E. (1999). “Spec-head Agreement and Overt Case in Arabic.” In D. Adger, S. Pintzuk, B. Plunkett, & G. Tsoulas (orgs.), *Specifiers: Minimalist Approaches*. Oxford: Oxford University Press, 110-125.
- Branigan, P. (2011). *Provocative Syntax*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Bresnan, J. (1970). “On Complementizers: Toward a Syntactic Theory of Complement Types.” *Foundations of Language* 6, 297-321.

- Bresnan, J. & Mchombo, S. (1987). "Topic, Pronoun and Agreement in Chichewa." *Language* 63, 741-82.
- Brovetto, C. (2002). "Spanish Clauses without Complementizers." In T. Satterfield, C. Tortora & D. Cresti (orgs.), *Current Issues in Romance Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 33-46.
- Cardinaletti, A. & Roberts, I. (2002). "Clause Structure and X-Second." In G. Cinque (org.), *Functional Structures in DP and IP: the Cartography of Syntactic Structures, vol. 1*. New York: Oxford University Press, 123-166.
- Carnie, A. Harley, H., & Pyatt, E. (2000). "VSO Order as Raising out of IP? Some Evidence from Old Irish." In A. Carnie & E. Guilfoyle (orgs.), *The Syntax of Verb Initial Languages*. Oxford: Oxford University Press, 39-59.
- Carstens, V. (2003). "Rethinking Complementizer Agreement: Agree with a Case-Checked Goal." *Linguistic Inquiry* 34(3), 393-412.
- Cavalcante, S. (2006). *O Uso de SE com Infinitivo na História do Português: do Português Clássico ao Português Europeu e Brasileiro Modernos*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- Chomsky, N. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, N. (1982). *Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Chomsky, N. (1986a). *Barriers*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Chomsky, N. (1986b). *Knowledge of Language. Its Nature, Acquisition and Use*. New York: Praeger.
- Chomsky, N. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Chomsky, N. (2000). "Minimalist Inquiries: The Framework." In R. Martin, D. Michaels & J. Uriagereka (orgs.), *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: The MIT Press, 89-155.
- Chomsky, N. (2001). "Derivation by Phase." In M. Kenstowicz (org.), *Ken Hale: a Life in Language*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1-52.
- Chomsky, N. (2004). "Beyond Explanatory Adequacy." In A. Belletti (org.), *Structures and Beyond. The Cartography of Syntactic Structures, vol. 3*. New York: Oxford University Press, 104-131.

- Cinque, G. (1999). *Adverbs and Functional Heads*. New York: Oxford University Press.
- Cinque, G. (2002) (org.). *Functional Structure in DP and IP. The Cartography of Syntactic Structures, vol. 1*. New York: Oxford University Press.
- Cinque, G. (2006) (org.). *Restructuring and Functional Heads. The Cartography of Syntactic Structures, vol. 4*. New York: Oxford University Press.
- Cinque, G. & Rizzi, L. (2008). “The Cartography of Syntactic Structures.” *CISCL Working Papers* 2, 42-58.
- Contreras, H. (1991). “On the Position of Subjects.” In S. Rothstein (org.), *Perspectives on Phrase Structure: Heads and Licensing* (Syntax and Semantics 25). San Diego: Academic Press, 63-79.
- Costa, J. (1996). “Word Order and Constraint Interaction.” In J. Baptista & P. Barbosa (orgs.), *Seminários de Linguística*. Universidade do Algarve, 65-102.
- Costa, J. (1998). *Word Order Variation. A Constraint-based Approach*. Tese de Doutorado, Leiden University.
- Costa, J. (2004). *Subject Positions and Interfaces: the Case of European Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Costa, J. & Galves, C. (2002). “External Subjects in Two Varieties of Portuguese: Evidence for a non-unified Analysis.” In: C. Beyssade, C. Bok-Bennema, R. Dijkoningen & F. Monachesi (orgs.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2000*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 109-125.
- Cruschina, S. & Sitaridou, I. (2009). “From Modern to Old Romance: the Interaction between Information Structure and Word Order.” Comunicação apresentada no *XI Diachronic Generative Syntax*, Campinas, 2009.
- de Haan, G. & Weerman, F. (1986). “Finiteness and Verb Fronting in Frisian.” In H. Haider & M. Prinzhorn (orgs.), *Verb Second Phenomena in Germanic Languages*. Dordrecht: Foris Publications, 111-135.
- den Besten, H. (1983). “On the Interaction of Root Transformations and Lexical Deletive Rules.” In W. Abraham (org.), *On the Formal Syntax of the Westgermania*. Amsterdam: John Benjamins, 47-131.
- Diesing, M. (1990). “Verb Movement and the Subject Position in Yiddish.” *Natural Language and Linguistic Theory* 8(1), 41-79.

- Dik, S. (1978). *Functional Grammar*. Amsterdam: North-Holland.
- Duarte, I. (1987). *A Construção de Topicalização na Gramática do Português*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa.
- Duarte, I. & Matos, G. (2000). "Romance Clitics and the Minimalist Program." In J. Costa (org.), *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. New York: Oxford University Press, 116-142.
- Fernandes, F. R. (2007). *Ordem, Focalização e Preenchimento em Português: Sintaxe e Prosódia*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- Fernández-Rubiera, F. J. (2010). "Force<sup>0</sup>, Finiteness<sup>0</sup> and the Placement of Clitics in Western Iberian Romance Languages." *Estudos de Lingüística Galega* 2, 75-95.
- Floripi, S. (2008). *Estudo da Variação do Determinante em Sintagmas Nominais Possessivos na História do Português*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- Fontana, J. (1993). *Phrase Structure and the Syntax of Clitics in the History of Spanish*. Tese de Doutorado, University of Pennsylvania.
- Galves, C. (1996) "Clitic-placement and Parametric Change in Portuguese." In C. Paradis, C. Quicoli, M. Saltarelli & M. L. Zubizarreta (orgs.), *Aspects of Romance Linguistics: Selected Papers from the Linguistic Symposium on Romance Languages XXIV*. Washington D.C.: Georgetown University Press, 227-240.
- Galves, C. (1997). "Do Português Clássico ao Português Europeu Moderno: uma Análise Minimalista." *Estudos Linguísticos e Literários* 19, 105-128.
- Galves, C. (2000). "Agreement, Predication, and Pronouns in the History of Portuguese." In J. Costa (org.), *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. New York: Oxford University Press, 143-168.
- Galves, C. (2003). "Sintaxe e Estilo: a Colocação de Clíticos nos Sermões do Padre Vieira." In E. Albano, M. I. H. Coudry, S. Possenti & T. Alckmin (orgs.), *Saudades da Língua*. Campinas: Mercado de Letras, 245-260.
- Galves, C. & Sandalo, F. (2004). "Clitic Placement in Modern and Classical European Portuguese." *MIT Working Papers in Linguistics* 47, 115-128.
- Galves, C., Britto, H. & Paixão de Sousa, M., C. (2005). "The Change in Clitic Placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus." *Journal of Portuguese Linguistics* 4(1), 39-67.

- Galves, C. & Paixão de Sousa, M. C. (2005). "Clitic Placement and the Position of Subjects in the History of European Portuguese." In T. Geerts, I. van Ginneken & H. Jacobs (orgs.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2003*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 97-113.
- Galves, C. & Paixão de Sousa, M. C. (2010). "The Loss of Verb-second in the History of Portuguese: Subject Position, Clitic Placement and Prosody." Manuscrito, UNICAMP e USP.
- Galves, C., Namiuti, C. & Paixão de Sousa, M. C. (2006). "Novas Perspectivas para Antigas Questões: Revisitando a Periodização da Língua Portuguesa." In A. Endruschat, R. Kemmler & B. Schafer-Priet (orgs.), *Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch*. Tübingen: Calepinus Verlag, 45-74.
- Gibrail, A. (2010). *Contextos de Formação de Estruturas de Tópico e Foco no Português Clássico*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- Giorgi, A. & F. Pianesi (2004). "Complementizer Deletion in Italian." In L. Rizzi (org.), *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures, vol. 2*. New York: Oxford University Press, 190-210.
- Haegeman, L. (1996). "Verb Second, the Split CP and Initial Null Subjects in Early Dutch Finite Clauses." *Geneva Generative Papers* 4, 133-175.
- Haider, H. (1986). "V-Second in German." In H. Haider & M. Prinzhorn (orgs.), *Verb Second Phenomena in Germanic Languages*. Dordrecht: Foris, 49-75.
- Harbert, W. (2007). *The Germanic Languages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Haspelmath, M., Dryer, M., Gil, D. & Comrie, B. (2005). *World Atlas of Language Structures*. Oxford: Oxford University Press.
- Holmberg, A. (1986). *Word Order and Syntactic Features in the Scandinavian Languages and English*. Tese de Doutorado, University of Stockholm.
- Holmberg, A. & Platzack, C. (1995). *The Role of Inflection in Scandinavian Syntax*. New York: Oxford University Press.
- Huber, J. (1986). *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Gulbenkian.
- Iatridou, S. & Kroch, A. (1992). "The Licensing of CP-recursion and its Relevance to the Germanic Verb-Second Phenomenon." *Working Papers in Scandinavian Syntax* 50, 1-24.

- Jackendoff, R. (1972). *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Jackendoff, R. (1977). *X-Bar Syntax: A Study of Phrase Structure*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Kaiser, G. (1999). "A Ordem das Palavras e a Posição do Verbo Finito no Português Antigo." In P. Ferenc (org.), *Actas do Congresso Internacional por Motivo dos Vinte Anos do Português no Ensino Superior*. Budapest: Departamento de Língua e Literatura Portuguesas da Faculdade de Letras da Universidade Eötvös Loránd de Budapeste, 248-261.
- Kaiser, G. (2002). *Verbstellung und Verbstellungswandel in den romanischen Sprachen*. Tübingen: Niemeyer.
- Kajita, M. (1967). *A Generative-Transformational Study of Semi-Auxiliaries in Present-Day American English*. Tokyo: Sanseido.
- Kato, M. (1999). "Strong Pronouns, Weak pronominals and the Null Subject Parameter." *Probus* 11, 1-37.
- Kayne, R. (1994). *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Kitagawa, Y. (1986). *Subject in Japanese and English*. Tese de Doutorado, University of Massachusetts, Amherst.
- Koenenman, O. (2000). *The Flexible Nature of Verb Movement*. Tese de Doutorado, Universiteit Utrecht.
- Koopman, H. & Sportiche, D. (1991). "The position of subjects." *Lingua* 85, 211-258.
- Kroch, A. (1989). "Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change." *Language Variation and Change* 1, 199-244.
- Kroch, A. (1994). "Morphosyntactic Variation." In K. Beals, R. Knippen, L. Melnar, H. Suzuki & E. Zeinfeld (orgs.), *Proceedings of the 30th Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society, vol. 2*. Chicago: University of Chicago Press, 180-201.
- Kroch, A. (2000). "Syntactic Change." In M. Baltin & C. Collins (orgs.), *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Oxford: Blackwell, 699-729.
- Laenzlinger, C. (1998). *Comparative Studies in Word Order Variation. Adverbs, Pronouns, and Clause Structure in Romance and Germanic*. Amsterdam: John Benjamins.

- Ledgeway, A. (2008). "Satisfying V2 in Early Romance: Merge vs. Move." *Journal of Linguistics* 44, 437-470.
- Lightfoot, D. (1991). *How to Set Parameters: Arguments from Language Change*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Lightfoot, D. (1999). *The Development of Language*. Oxford: Blackwell.
- Lightfoot, D. (2006) *How New Languages Emerge*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lopes-Rossi, M. A. (1996). *A Sintaxe Diacrônica das Interrogativas-Q do Português*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- López, L. (2009). *A Derivational Syntax for Information Structure*. New York: Oxford University Press.
- Macaulay, M. (2005). "The Syntax of Chalcatongo Mixtec: Preverbal and Postverbal." In A. Carnie, H. Harley & S. Dooley (orgs.), *Verb First: on the Syntax of Verb Initial Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 341-366.
- Martins, A. M. (1994). *Os Clíticos na História do Português*. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa.
- Martins, A. M. (2002). "The Loss of IP-scrambling in Portuguese: Clause Structure, Word Order Variation and Change." In D. Lightfoot (org.), *Syntactic Effects of Morphological Change*. New York: Oxford University Press, 232-248.
- Mascarenhas, S. (2007). "Complementizer Doubling in European Portuguese." Manuscrito, Universidade de Lisboa.
- Mattos e Silva, R. V. (1989). *Estruturas Trecentistas: Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Mattos e Silva, R. V. (1991). *O Português Arcaico: Fonologia*. São Paulo: Editora Contexto.
- Mioto, C. (1992). *Negação Sentencial no Português Brasileiro e Teoria da Gramática*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- Mohammad, M. A. (2000). *Word Order, Agreement, and Pronominalization in Standard and Palestinian Arabic*. Philadelphia: John Benjamins.
- Mohr, S. (2004). *Clausal Architecture and Subject Positions: Impersonal Constructions in the Germanic Languages*. Tese de Doutorado, Universität Stuttgart.



- Namiuti, C. (2008). *Aspectos da História Gramatical do Português: Interpolação, Negação e Mudança*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- Nunes, J. (2004). *Linearization of Chains and Sideward Movement*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Ordóñez, F. (1997). *Word Order and Clause Structure in Spanish and Other Romance Languages*. Tese de Doutorado, The City University of New York.
- Ouali, H. (2008). “On C-to-T  $\varphi$ -feature Transfer: the Nature of Agreement and Anti-Agreement in Berber.” In R. D’Alessandro, G. Hrafnbjargarson & S. Fischer (orgs.), *Agreement Restrictions*. Berlin: Mouton de Gruyter 159-80.
- Paixão de Sousa, M. C. (2004). *Língua Barroca: Sintaxe e História do Português nos 1600*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- Parcero, L. (1999). *Fronteamentos de Constituintes no Português dos Séculos XV, XVI e XVII*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia.
- Pesetsky, D. & Torrego, E. (2001). “T-to-C Movement: Causes and Consequences.” In M. Kenstowicz (org.), *Ken Hale: a Life in Language*. Cambridge, MA: The MIT Press, 355-426.
- Pinto, C. F. (2011). *Ordem de Palavras, Movimento do Verbo e Efeito V2 na História do Espanhol*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- Pinto, C. F. & Antonelli, A. (2011). “A Perda do Efeito V2 na História do Espanhol e Português Europeus.” Manuscrito, UNICAMP.
- Platzack, C. (1983). “Existential Sentences in English, German, Icelandic and Swedish.” In F. Karlsson (org.), *Papers from the Seventh Scandinavian Conference of Linguistics*. Department of Linguistics, University of Helsinki, 80-100.
- Platzack, C. (1986). “The Position of the Finite Verb in Swedish.” In H. Haider & M. Prinzhorn (orgs.), *Verb Second Phenomena in Germanic Languages*. Dordrecht: Foris Publications, 27-47.
- Poletto, C. (2001). “Complementizer Deletion and Verb Movement in Standard Italian.” In G. Cinque & G. Salvi (orgs.), *Current Studies in Italian Syntax. Essays Offered to Lorenzo Renzi*. Amsterdam: Elsevier, 265-286.
- Poletto, C. (2002). “The Left-periphery of V2-Rhaetoromance dialects: a new View on V2 and V3.” In S. Barbiers, L. Cornips & S. van der Kleij (orgs.), *Syntactic Mi-*

- crovariation*, 214-242. Publicação eletrônica: meertens.nl/books/synmic. Data de acesso:
- Pollock, J.-Y. (1989). "Verb Movement, UG and the Structure of IP." *Linguistic Inquiry* 20, 365-424.
- Raposo, E. (2000). "Clitic Positions and Verb Movement." In J. Costa (org.), *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. New York: Oxford University Press, 266-297.
- Raposo, E. & Uriagereka, J. (2005). "Clitic Placement in Western Iberian." In G. Cinque & R. Kayne (orgs.), *The Oxford Handbook of Comparative Syntax*. New York: Oxford University Press, 639-697.
- Ribeiro, I. (1995). *A Sintaxe da Ordem no Português Arcaico: o Efeito V2*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- Ribeiro, I. & Torres Morais, M. A. (2009). "Doubling-*que* Embedded Constructions in Old Portuguese: a Diachronic Perspective." Handout apresentado no *XI Diachronic Generative Syntax*, Campinas, 2009.
- Rinke, E. (2009). "Verb Placement in Old Portuguese." In A. Dufter & D. Jacob (orgs.), *Focus and Background in Romance Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 309-332.
- Rinke, E. & Meisel, J. (2009). "Subject-inversion in Old French: Syntax and Information Structure." In G. Kaiser & E. Remberger (orgs.), *Proceedings of the Workshop "Null-subjects, Expletives, and Locatives in Romance"*. Arbeitspapier 123, Fachbereich Sprachwissenschaft, Universität Konstanz, 93-130.
- Rizzi, L. (1982). *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris.
- Rizzi, L. (1990). *Relativized Minimality*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Rizzi, L. (1996). "Residual Verb Second and the Wh-criterion." In A. Belletti & L. Rizzi (orgs.), *Parameters and Functional Heads*. New York: Oxford University Press, 63-90.
- Rizzi, L. (1997). "The Fine Structure of the Left Periphery." In L. Haegeman (org.), *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 281-337.
- Rizzi, L. (2000). "Relativized Minimality Effects." In M. Baltin & C. Collins (orgs.), *Handbook of Syntactic Theory*. Oxford: Blackwell, 89-110.

- Rizzi, L. (2001). "On the Position 'Int(errogative)' in the Left Periphery of the Clause." In G. Cinque & G. Salvi (orgs.), *Current Studies in Italian Syntax: Essays offered to Lorenzo Renzi*. Amsterdam: Elsevier, 287-296.
- Rizzi, L. (2004) (org.). *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures, vol. 2*. New York: Oxford University Press.
- Roberts, I. (1993). *Verbs and Diachronic Syntax*. Dordrecht: Kluwer.
- Roberts, I. (2004). "The C-System in Brythonic Celtic Languages, V2 and the EPP." In L. Rizzi (org.), *The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures, vol. 2*. New York: Oxford University Press, 297-328.
- Roberts, I. & Roussou, A. (2002). "The Extended Projection Principle as a Condition on the Tense Dependency." In P. Svenonius (org.), *Subjects, Expletives, and the EPP*. New York: Oxford University Press, 125-155.
- Rochemont, M. & Culicover, P. (1990). *English Focus Construction and the Theory of Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rögnvaldsson, E. & Thráinsson, H. (1990). "On Icelandic Word Order Once More." In J. Maling (org.), *Syntax and Semantics. Modern Icelandic Syntax, vol. 24*. San Diego: Academic Press, 3-40.
- Rosenbaum, P. (1967). *The Grammar of English Predicate Complement Constructions*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Salvi, G. (2001). "The Two Sentence Structures of Early Romance." In G. Cinque & G. Salvi (orgs.), *Current Studies in Italian Syntax: Essays Offered to Lorenzo Renzi*. Amsterdam: Elsevier, 297-312.
- Santorini, B. (1992). "Variation and Change in Yiddish Subordinate Clause Word Order." *Natural Language and Linguistic Theory* 10(4), 595-640.
- Santorini, B. (1995). "Two Types of Verb Second in the History of Yiddish." In A. Battye & I. Roberts (orgs.), *Clause Structure and Language Change*. New York: Oxford University Press, 53-79.
- Shlonsky, U. (1997). *Clause Structure and Word Order in Hebrew and Arabic*. New York: Oxford University Press.
- Taraldsen, K. (1986). "On Verb Second and the Functional Content of Syntactic Categories." In H. Haider & M. Prinzhorn (orgs.), *Verb Second Phenomena in Germanic Languages*. Dordrecht: Foris Publications, 7-25.

- Teyssier, P. (1982). *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- Thiersch, C. (1978). *Topics in German Syntax*. Tese de Soutorado, MIT.
- Thráinsson, H. (1986). "V1, V2, V3 in Icelandic." In H. Haider & M. Prinzhorn (orgs.), *Verb Second Phenomena in Germanic Languages*. Dordrecht: Foris Publications, 169-194.
- Tomaselli, A. (1989). *La Sintassi del Verbo Finito nelle Lingue Germaniche*. Tese de Doutorado, Università di Pavia.
- Torrego, E. (1983). "More Effects of Successive Cyclic Movement." *Linguistic Inquiry* 14, 561-565.
- Torres Morais, M. A. (1993). "Aspectos Diacrônicos do Movimento do Verbo, Estrutura da Frase e Caso Nominativo no Português do Brasil." In I. Roberts & M. Kato (orgs.), *Português Brasileiro. Uma Viagem Diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 263-306.
- Torres Morais, M. A. (1995). *Do Português Clássico ao Português Moderno: um Estudo da Cliticização e do Movimento do Verbo*. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- Trannin, J. (2010). *Aspectos Sintáticos do Infinitivo com Verbos Causativos no Português Europeu: uma Abordagem Diacrônica*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP.
- Vance, B. (1989). *Null Subjects and Syntactic Change in Medieval French..* Tese de Doutorado, Cornell University.
- Vikner, S. (1991). "Relative *der* and other C<sup>0</sup> Elements in Danish." *Lingua* 84, 109-136.
- Vikner, S. (1995). *Verb Movement and Expletive Subjects in the Germanic Languages*. New York: Oxford University Press.
- Vincent, N. (1993). "Head- versus Dependent-Marking." In G. Corbett, N. Fraser & S. McGlashan (orgs.), *Heads in Grammatical Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 140-163.
- Watanabe, A. (1993). *AGR-based Case Theory and its Interaction with the A-bar System*. Tese de Doutorado, MIT.
- Weinreich, U., Labov, W., & Herzog, M. I. (1968). "Empirical Foundations for a Theory of Language Change." In W. P. Lehmann (org.), *Directions for Historical Linguistics: a Symposium*. Austin: University of Texas Press, 95-195.

- Wilklund, A.-L., Bentzen, K., Hrafnbjargarson, G. & Hróarsdóttir, Þ. (2009). “On the Distribution and Illocution of V2 in Scandinavian *that*-clauses.” *Lingua* 119, 1914-1938.
- Zaenen, A. (1980). *Extraction Rules in Icelandic*. Tese de Doutorado, Harvard University.
- Zubizarreta, M. L. (1998). *Word Order, Prosody, and Focus*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Zwart, J.-W. (1997). *Morphosyntax of Verb Movement. A Minimalist Approach to the Syntax of Dutch*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Zwart, J.-W. (2005). “Verb Second as a Function of Merge.” In M. den Dikken & C. M. Tortora (orgs.), *The Function of Function Words and Functional Categories*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 11-40.



## Apêndice

# Buscas Sintáticas

Neste apêndice, apresentaremos as duas buscas sintáticas básicas realizadas no corpus de pesquisa através da ferramenta computacional *CorpusSearch*. O propósito desse apêndice não é explicar como são realizadas ou construídas essas buscas sintáticas. Tal informação é facilmente recuperada no endereço eletrônico da ferramenta *CorpusSearch*.<sup>1</sup> O significado das etiquetas morfológicas presentes nas buscas também é de fácil acesso, encontrando-se disponível no endereço eletrônico do *Corpus Tycho Brahe*.<sup>2</sup> Na realidade, o objetivo aqui é simplesmente oferecer ao leitor interessado o caminho para recuperar os dados investigados nesta tese.

## I Orações Matrizes

Inicialmente, apresentamos a busca sintática por nós utilizada para encontrar todas as orações declarativas matrizes finitas.

node: IP-MAT\*

query: ((IP-MAT\* iDominates SR-P|SR-SP|SR-D|SR-RA|SR-SD|SR-R|HV-P|HV-SP|HV-D|HV-RA|HV-SD|HV-R|ET-P|ET-SP|ET-D|ET-RA|ET-SD|ET-R|TR-P|TR-SP|TR-D|TR-RA|TR-SD|TR-R|VB-P|VB-SP|VB-D|VB-RA|VB-SD|VB-R) AND (IP-MAT\* iDominates NP-SBJ\*) AND (NP-SBJ\* iDominates N|N-P|NPR|NPR-P|CP-FRL\*|Q\*|DEM\*|D\*|OUTRO\*|NP\*|VB\*|ADJ\*|ADV\*|PRO\*|pro\*))

---

<sup>1</sup>Cf. <http://corpussearch.sourceforge.net/>.

<sup>2</sup>Cf. [www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/index.html](http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/index.html).

## II Orações Subordinadas Completivas Finitas

A seguir, apresentamos a busca sintática utilizada para encontrar todas as orações subordinadas completivas finitas que são introduzidas pelo complementizador *que*.

node: CP-THT\*

query: ((CP-THT\* iDominates C) AND (CP-THT\* iDominates IP-SUB\*) AND (C iDominates que|Que) AND (IP-SUB\* iDomsMod IP-SUB\* SR-P|SR-SP|SR-D|SR-RA|SR-SD|SR-R|HV-P|HV-SP|HV-D|HV-RA|HV-SD|HV-R|ET-P|ET-SP|ET-D|ET-RA|ET-SD|ET-R|TR-P|TR-SP|TR-D|TR-RA|TR-SD|TR-R|VB-P|VB-SP|VB-D|VB-RA|VB-SD|VB-R) AND (IP-SUB\* iDomsMod IP-SUB\* NP-SBJ\*) AND (NP-SBJ\* iDominates N|N-P|NPR|NPR-P|CP-FRL\*|Q\*|DEM\*|D\*|OUTRO\*|NP\*|VB\*|ADJ\*|ADV\*|PRO\*|\*pro\*))